

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA


**VALORES DOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS
FINALISTAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO
E RESPECTIVOS PROGENITORES**

Teresa Paula de Oliveira Marques

Professor Orientador: Professor Doutor Eurico Figueiredo

Mestrado em Psicopatologia e Psicologia Clínica

Lisboa, Janeiro de 2003

	C.
<small>ISPA Instituto Superior de Psicologia Aplicada</small>	
<small>Comunidade Doutoranda</small>	
<small>Registo:</small>	<u>45681</u>
<small>Data:</small>	<u>04/04/03</u>
<small>Tel: 21 801 17 50 • ispa@ispa.pt</small>	

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA

**VALORES DOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS
FINALISTAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO
E RESPECTIVOS PROGENITORES**

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

BIBLIOTECA

Teresa Paula de Oliveira Marques
Licenciada em Psicologia Clínica
pelo Instituto Superior de Psicologia Aplicada

Dissertação apresentada para obtenção do Grau de Mestre
em Psicopatologia e Psicologia Clínica

Professor Orientador: Professor Doutor Eurico Figueiredo

Lisboa, Janeiro de 2003

Agradeço...

Ao Professor Doutor Eurico Figueiredo, por me ter conseguido transmitir o interesse por este tema e a energia necessária para concluir o trabalho.

À Dra. Dr.^a Ana Maria Porto e à Professora Doutora Luisa Ferreira da Silva, pelos contactos na Universidade do Porto.

A disponibilidade demonstrada pelos Professores da Universidade do Porto (Faculdade. Medicina - Dr. Leushner Fernandes; Faculdade. de Engenharia - Dr. José Inácio Martins, Dra. Anabela Carneiro, Professor Engenheiro Couto Marques, Professor Engenheiro Marques dos Santos, Professor Engenheiro Borges Gouveia, Professor Engenheiro Silva Matos, Professor Engenheiro Barbedo Magalhães, Faculdade de Letras - Dr. Carlos Gonçalves, Dr. João Teixeira Lopes, Dr. José Azevedo)

À Secretária D^a Cristina Bastos e à Dra. Nazareth Rego pelo fornecimento dos dados estatísticos sobre a Universidade, sem os quais não teria sido possível a realização do trabalho.

Ao ISPA, o apoio financeiro para uma parte do trabalho (fornecimento de envelopes e selos para a recolha da amostra de progenitores).

Ao Professor Doutor Ernesto Figueiredo e ao Eng^o Cunha Machado, pelo tratamento de dados relativos à amostra nacional.

Ao Dr. Hélder Pacheco, pela prontidão com que respondeu ao meu apelo relativo aos dados sociológicos sobre as gentes do Porto.

Aos alunos e progenitores da Universidade do Porto, por terem acedido responder aos questionários.

À Dr.^a Maria Paula Pereira, agradeço a compreensão e o apoio incondicionais.

Ao Mário Afonso, meu amigo, agradeço os preciosos conselhos de informática e à Sandra, ao Tiago, à Mónica, à Ana João, à Maria dos Anjos, à Isabel, à Lília, ao Victor, ao Rufino (meu querido primo), o carinho e o apoio. Às minhas colegas (e também amigas), Cristina Formosinho, Mariana Câmara, Emília Fraga e Paula Almeida, as sugestões e críticas.

Quero também dizer que, durante este longo processo, algumas pessoas deixaram de pertencer, ainda que fisicamente, a este mundo. Recordo com saudade a Dr.^a Maria João Roquete, que foi a responsável pelo tratamento estatístico dos dados da amostra regional e também o Dr. João Alberto Faria, meu patrão, que tantas facilidades me concedeu no meu trabalho. Por fim, mas não menos importante, recordo o meu avô, que tanta força me deu para continuar e concluir a tese .Para os três, um “até sempre...”

À minha querida mãe,

Resumo

Este trabalho teve como objectivo identificar e comparar os valores sociais defendidos pelos estudantes finalistas da universidade do Porto e pelos respectivos progenitores. Para além disso, Compararam-se os valores destes jovens e destes progenitores, com os valores da amostra nacional. Foi seleccionada uma amostra representativa de jovens universitários, finalistas, pediu-se-lhes que entregassem aos pais um envelope selado contendo dois questionários (mãe e pai). O inquérito foi aplicado aos jovens durante as aulas, com a autorização dos professores. A nossa amostra era constituída por 482 jovens (343 rapazes e 139 raparigas) e 372 progenitores (174 pais e 198 mães).

A análise dos resultados permitiu detectar alguns focos de tensão entre os jovens estudantes universitários e os respectivos progenitores, nomeadamente ao nível dos valores da família (sexualidade pré-matrimonial, trabalho feminino, casamento, divórcio). Além disso, constatamos que os jovens estão mais próximos dos valores pós-materialistas que os progenitores.

INDICE

INDICE DE GRÁFICOS.....	13
INDICE DE QUADROS	17
CAPITULO 1 - INTRODUÇÃO.....	20
CAPITULO 2 - REVISÃO DA LITERATURA	22
2.1 VALORES	23
2.1.1 Definições de valor	22
2.1.2 Transmissão e interiorização de valores	31
2.1.3 Estudos sobre valores	41
2.2 OS JOVENS E A AQUISIÇÃO DE AUTONOMIA.....	62
2.3. RELAÇÃO ENTRE GERAÇÕES	73
2.4. PORTO	88
2.4.1 Mudanças em Portugal e, em particular, a Norte do país.....	87
2.4.2 Caracterização geral do Grande Porto.....	93
2.4.2.1 Caracterização socio-demográfica.....	96
2.4.2.2 Caracterização geral da cidade.....	97
2.4.2.3 Os Nortenhos (vistos pelos próprios).....	102
CAPITULO 3- MÉTODOS E MATERIAIS.....	112
3.1 Objectivos e hipóteses	111
3.1.1 Definição do problema	111
3.1.2 Variáveis/operacionalização	113
3.1.3 Trabalho de campo/técnica de recolha de dados	114
3.1.4 População-alvo	115
3.1.5 Amostra	117
3.1.5.1 Caracterização da amostra.....	118
3.1.5.1.1 Idade e sexo.....	118
3.1.5.1.2 Cursos e Faculdades.....	119

3.1.5.1.3 Estado civil.....	120
3.1.5.1.4 Distrito de nascimento.....	120
3.5.1.5 Religião.....	121
3.2 Participação em Movimentos Associativos.....	122
3.3 Interesses.....	123
3.3.1 Actividades praticadas há menos de uma semana.....	123
3.3.2 Secções que mais interessam na imprensa.....	124
3.3.3 Actividades desportivas.....	124
3.3.4 Utilização de novas tecnologias.....	126
3.4 Características socioprofissionais.....	126
3.5 Com quem viveu na infância.....	128
3.6 Instrumento.....	129
3.7 Tratamento estatístico.....	134
CAPTITULO 4 - RESULTADOS.....	139
4.1 PROGRESSO E CIVILIZAÇÃO.....	142
4.1.1 Causas por que vale a pena sacrifícios.....	142
4.1.1.2 Resultados da amostra regional.....	142
4.1.1.3. Comparação entre resultados regionais e nacionais.....	144
4.1.2 Progresso do país.....	145
4.1.2.1 Resultados da amostra regional.....	145
4.1.2.2 Comparação entre resultados de autóctones e não autóctones	146
4.1.2.3 Comparação entre resultados regionais e nacionais.....	147
4.1.3 Objectivos para o ano 2010.....	148
4.1.3.1 Resultados da amostra regional.....	148
4.1.3.2 Comparação entre resultados de autóctones e não autóctones	150
4.1.3.3 Comparação entre resultados regionais e nacionais.....	150
4.1.4 Crise da civilização.....	151

4.1.4.1 Resultados da amostra regional.....	152
4.1.4.2 Comparação entre resultados de autóctones e não autóctones	153
4.1.4.3 Comparação entre resultados regionais e nacionais.....	154
4.1.5. Felicidade no ano 2010.....	155
4.1.5.1 Resultados da amostra regional.....	155
4.1.5.2 Comparação entre resultados de autóctones e não autóctones	156
4.1.5.3 Comparação entre resultados regionais e nacionais.....	157
4.1.6 Você pode influenciar o progresso	158
4.1.6.1 Resultados da amostra regional.....	158
4.1.6.2 Comparação entre resultados de autóctones e não autóctones	159
4.1.6.3 Comparação entre resultados regionais e nacionais.....	159
4.1.7 Visão mais realista do mundo.....	160
4.1.7.1 Resultados da amostra regional.....	160
4.1.7.2 Comparação entre resultados de autóctones e não autóctones	162
4.1.7.3 Comparação entre resultados regionais e nacionais.....	163
4.1.8 A Europa	164
4.1.8.1 Resultados da amostra regional.....	164
4.1.8.2 Comparação entre resultados de autóctones e não autóctones	166
4.1.8.3 Comparação entre resultados regionais e nacionais.....	168
4.2 CENTROS DE INTERESSE	170
4.2.1 Resultados da amostra regional.....	170
4.2.2 Comparação entre resultados de autóctones e não autóctones...	172
4.2.3 Comparação entre resultados regionais e nacionais.....	173
4.3 INSTITUIÇÕES, PROBLEMAS SOCIAIS E RELIGIÃO	175
4.3.1 Ensino.....	175
4.3.1.1 Resultados de amostra regional	175
4.3.1.2 Comparação entre resultados de autóctones e não autóctones	176

4.3.1.3 Comparação entre resultados regionais e nacionais.....	177
4.3.2 Tribunais.....	178
4.3.2.1 Resultados da amostra regional.....	178
4.3.2.2 Comparação entre resultados de autóctones e não autóctones	179
4.3.2.3 Comparação entre resultados regionais e nacionais.....	180
4.3.3 Polícia.....	181
4.3.3.1 Resultados da amostra regional.....	181
4.3.3.2 Comparação entre resultados de autóctones e não autóctones	182
4.3.3.3 Comparação entre resultados regionais e nacionais.....	182
4.3.4 Sistema prisional	183
4.3.4.1 Resultados da amostra regional.....	184
4.3.4.2 Comparação entre resultados de autóctones e não autóctones	184
4.3.4.3 Comparação entre resultados regionais e nacionais.....	185
4.3.5 Marginalidade	186
4.3.5.1 Criminalidade	186
4.3.5.1.1 Resultados da amostra regional.....	186
4.3.5.1.3 Comparação entre resultados regionais e nacionais.....	188
4.3.5.2 Alcoolismo	189
4.3.5.2.1 Resultados da amostra regional.....	189
4.3.5.2.2 Comparação entre result. de autóctones e não autóctones	190
4.3.5.2.3 Comparação entre resultados regionais e nacionais.....	191
4.3.5.3 Droga	192
4.3.5.3.1 Resultados da amostra regional.....	192
4.3.5.3.2 Comparação entre result. de autóctones e não autóctones	193
4.3.5.3.3 Comparação entre resultados regionais e nacionais.....	194

4.3.5.4 Prostituição	195
4.3.5.4.1 Resultados da amostra regional.....	195
4.3.5.4.2 Comparação entre result. de autóctones e não autóctones	196
4.3.5.4.3 Comparação entre resultados regionais e nacionais.....	197
4.3.5.3 Liberalização do consumo de drogas	197
4.3.5.5.1 Resultados da amostra regional.....	198
4.3.5.5.2 Comparação entre result. de autóctones e não autóctones	199
4.3.5.5.2 Comparação entre resultados regionais e nacionais.....	200
4.3.6 RELIGIÃO	202
4.3.6.1 Atitude religiosa.....	202
4.3.6.1.1 Resultados da amostra regional.....	202
4.3.6.1.2 Resultados de autóctones e não autóctones	203
4.3.6.1.3 Comparação entre resultados nacionais e regionais.....	203
4.3.6.2 O que procura na religião?	204
4.3.6.2.1 Resultados da amostra regional.....	204
4.3.6.2.2 Comparação entre result. de autóctones e não autóctones	205
4.3.6.2.3 Comparação entre resultados nacionais e regionais.....	206
4.3.7 POLÍTICA	208
4.3.7.1 Posição política e proximidade com um partido político.....	208
4.3.7.1.1 Resultados da amostra regional.....	208
4.3.7.1.2 Comparação entre result. de autóctones e não autóctones...	210
4.3.7.1.3 Comparação entre resultados regionais e nacionais.....	212
4.3.7.2 Democracia.....	214
4.3.7.2.1 Resultados da amostra regional.....	214
4.3.7.2.2.Comparação entre result. de autóctones e não autóctones...	215
4.3.7.2.3 Comparação entre resultados regionais e nacionais.....	215

4.3.7.3	Revolução/ evolução.....	216
4.3.7.3.1	Resultados da amostra regional.....	216
4.3.7.3.2	Comparação entre result. de autóctones e não autóctones ...	217
4.3.7.3.3	Comparação entre resultados regionais e nacionais.....	218
4.4	SEXUALIDADE, CASAMENTO E FAMÍLIA	220
4.4.1	Vida sexual pré-matrimonial.....	220
4.4.1.1	Resultados da amostra regional.....	220
4.4.1.2	Comparação entre resultados de autóctones e não autóctones	222
4.4.1.3	Comparação entre resultados regionais e nacionais.....	224
4.4.2	O que é mais importante na vida	225
4.4.2.1	Resultados da amostra regional.....	225
4.4.2.2	Comparação entre resultados de autóctones e não autóctones	227
4.4.2.3	Comparação entre resultados regionais e nacionais.....	227
4.4.3	Fins do casamento	228
4.4.3.1	Resultados da amostra regional.....	228
4.4.3.2	Comparação entre resultados de autóctones e não autóctones	229
4.4.3.3	Comparação entre resultados regionais e nacionais.....	230
4.4.4	Divórcio	231
4.4.4.1	Resultados da amostra regional.....	231
4.4.4.2	Comparação entre resultados de autóctones e não autóctones	233
4.4.4.3	Comparação entre resultados regionais e nacionais.....	234
4.4.5	Trabalho feminino	235
4.4.5.1	Resultados da amostra regional.....	235
4.4.5.2	Comparação entre resultados de autóctones e não autóctones	237
4.4.5.3	Comparação entre resultados nacionais e regionais.....	238
4.5.6	Planeamento familiar.....	239
4.5.6.1	Resultados da amostra regional.....	240

4.5.6.2	Comparação entre resultados de autóctones e não autóctones	241
4.5.6.3	Comparação entre resultados nacionais e regionais.....	242
4.5.7	Número ideal de filhos.....	243
4.5.7.1	Resultados da amostra regional.....	243
4.5.7.2	Resultados de autóctones e não autóctones	244
4.5.7.3	Comparação entre regionais e nacionais	246
4.5.8	Educação pré-escolar	247
4.5.8.1	Resultados da amostra regional.....	247
4.5.8.2	Resultados de autóctones e não autóctones	248
4.5.8.3	Comparação entre resultados regionais e nacionais.....	249
CAPÍTULO 5	- DISCUSSÃO E CONCLUSÕES	251
5.1	Valores dos jovens finalistas da Universidade do Porto.....	251
5.2	Impacto do género nos valores.....	254
5.3	Diferenças entre os valores dos jovens autóctones e não autóctones.....	256
5.4	Continuidade ou descontinuidade geracional?.....	257
5.4.1	Impacto do género e geração.....	268
5.4	Impacto da região Norte nos valores sociais defendidos pelos jovens.	272
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	279
	ANEXOS	

INDICE DE GRÁFICOS

fig. 1 - Idade e sexo dos jovens.....	118
fig. 2 - Idade e sexo dos progenitores.....	119
fig. 3 - Estado civil.....	120
fig. 4 - Participação em Movimentos Associativos.....	122
fig. 5 - Actividades praticadas há menos de uma semana.....	123
fig. 6 - «Causas por que vale a pena sacrifícios» - regionais.....	143
fig. 7 - «Causas por que vale a pena sacrifícios» - autóctones e não autóctones.....	144
fig. 8 - «Causas por que vale a pena sacrifícios» - regionais e nacionais.....	145
fig. 9 - «Progresso do País» - regionais.....	146
fig. 10 - «Progresso do País» - autóctones e não autóctones.....	147
fig. 11 - «Progresso do País» - regionais e nacionais.....	147
fig. 12 - «Objectivos para o ano 2010 » - regionais.....	149
fig. 13 - «Objectivos para o ano 2010 » - autóctones e não autóctones.....	150
fig. 14 - «Objectivos para o ano 2010 » - regionais e nacionais.....	151
fig.15 - «Crise da Civilização» - regionais.....	152
fig.16 - «Crise da Civilização» - autóctones e não autóctones.....	153
fig.17 - «Crise da Civilização» - regionais e nacionais.....	154
fig.18 - «Felicidade no ano 2010 » - regionais.....	155
fig.19 - «Felicidade no ano 2010 » - autóctones e não autóctones.....	156
fig.20 - «Felicidade no ano 2010 » - regionais e nacionais.....	157
fig.21 - «Você pode influenciar o progresso ? » - regionais.....	158
fig. 22 - «Você pode influenciar o progresso ? » - autóctones e n/ autóctones.....	159
fig. 23 - «Você pode influenciar o progresso ? » - resultados regionais e nacionais.....	160
fig. 24 - «Visão mais realista do Mundo» - regionais.....	161
fig. 25 -«Visão mais realista do Mundo» - autóctones e não autóctones.....	162
fig. 26-« Visão mais realista do Mundo» - regionais e nacionais.....	163
fig. 27- « Que sentiria se a ideia da UE fosse abandonada ? » - regionais.....	165
fig. 28 - «Organização da União Europeia» - regionais.....	166

fig. 29- « Que sentiria se a ideia da UE fosse abandonada ? » - autóctones e não autóctones.....	167
fig. 30 - «Organização da União Europeia» - autóctones e não autóctones.....	168
fig. 31- «Que sentiria se a ideia da UE fosse abandonada ? » - regionais e nacionais ..	168
fig. 32- «Organização da União Europeia » - regionais e nacionais	169
fig. 33 - «Aspectos da vida que lhe interessam» - regionais.....	171
fig. 34 - «Aspectos da vida que lhe interessam» - autóctones e não autóctones	172
fig. 35 - «Aspectos da vida que lhe interessam» - regionais e nacionais	173
fig. 36 - «Educação escolar» - regionais.....	176
fig. 37 - «Educação escolar» - autóctones e não autóctones.....	177
fig. 38 - «Educação escolar» - regionais e nacionais.....	177
fig . 39 - «Os tribunais e as leis» - regionais.....	178
fig . 40- «Os tribunais e as leis» - autóctones e não autóctones.....	179
fig. 41 - «Os tribunais e as leis» - regionais e nacionais.....	180
fig. 42 - «Polícia » - regionais.....	181
fig. 43 - «Polícia » - autóctones e não autóctones.....	182
fig. 44 - «Polícia » - regionais e nacionais.....	183
fig. 45 - «Sistema prisional » - regionais.....	184
fig. 46 - «Sistema prisional » - autóctones e não autóctones.....	185
fig. 47 - «Sistema prisional » - regionais e nacionais.....	186
fig. 48 - «atitude face à criminalidade» - regionais	187
fig. 49 - «Atitude face à criminalidade» - autóctones e não autóctones	188
fig. 50 - «Atitude face à criminalidade» - regionais e nacionais	189
fig. 51- «Atitude face ao alcoolismo» - regionais.....	190
fig. 52 - «Atitude face ao alcoolismo» - autóctones e não autóctones	191
fig. 53 - «Atitude face ao alcoolismo» - regionais e nacionais	192
fig. 54 - «Atitude face à droga» - regionais.....	193
fig. 55 - «Atitude face à droga» - autóctones e não autóctones.....	194
fig. 56 - «Atitude face à droga» - regionais e nacionais.....	195
fig. 57 - «Atitude face à prostituição» - regionais.....	196

fig. 58 - «Atitude face à prostituição» - autóctones e não autóctones.....	196
fig. 59 - «Atitude face à prostituição» - regionais e nacionais.....	197
fig. 60 - «Liberalização do consumo de drogas» - regionais.....	198
fig. 61 - «Liberalização do consumo de drogas» - autóctones e não autóctones.....	200
fig. 62 - «Liberalização do consumo de drogas» - regionais e nacionais.....	201
fig. 63 - «Atitude religiosa» - regionais.....	202
fig. 64 - «Atitude religiosa» - autóctones e não autóctones.....	203
fig. 65 - «Atitude religiosa» - regionais e nacionais.....	204
fig. 66 - «O que procura na religião ? » - regionais.....	205
fig. 67 - «O que procura na religião ? » - autóctones e não autóctones.....	206
fig. 68 - «O que procura na religião ? » - regionais e nacionais.....	207
fig. 69 - «Posição política» - regionais.....	209
fig. 70 - «Proximidade de partido político» - regionais.....	210
fig. 71 - «Posição política» - autóctones e não autóctones.....	210
fig. 72- «Proximidade de partido político» - autóctones e não autóctones.....	211
fig. 73 - «Posição política» - regionais e nacionais.....	212
fig. 74 - «Proximidade de partido político» - regionais e nacionais.....	213
fig. 75 - «Democracia» - regionais.....	214
fig. 76 - «Democracia» - autóctones e não autóctones.....	215
fig. 77 - «Democracia» - regionais e nacionais.....	216
fig. 78 - revolução/ evolução - regionais.....	217
fig. 79 - evolução /evolução - autóctones e não autóctones.....	218
fig. 80 - revolução / evolução - regionais e nacionais.....	218
fig. 82 - «Vida sexual pré-matrimonial das raparigas» - regionais.....	221
fig. 85 - «Vida sexual pré-matrimonial dos rapazes » - regionais e nacionais.....	224
figs. 86 - «Vida sexual pré-matrimonial das raparigas » - regionais e nacionais.....	225
fig. 87 - «O que é mais importante na vida » - regionais.....	226
fig. 88- «O que é mais importante na vida » - autóctones e não autóctones.....	227
fig. 89- «O que é mais importante na vida » - regionais e nacionais.....	228
fig. 90 - «Fins do casamento» - regionais.....	229

fig. 91 - «Fins do casamento » - autóctones e não autóctones.....	230
fig. 92 - «Fins do casamento » - regionais e nacionais.....	231
fig. 93 - «divórcio» - regionais.....	232
fig. 94 - «divórcio» - autóctones e não autóctones.....	233
fig. 95 - « divórcio » - regionais e nacionais.....	234
fig. 96 - «Trabalho feminino» - regionais	236
fig. 97 - «Trabalho feminino» - autóctones e não autóctones.....	238
fig. 98 - «Trabalho feminino» - regionais e nacionais.....	239
fig. 99 - «Planeamento familiar » - regionais.....	240
fig. 100 - «Planeamento familiar » - autóctones e não autóctones.....	241
fig. 101- «Planeamento familiar » - regionais e nacionais.....	242
fig. 102 - «Número ideal de filhos » - regionais.....	244
fig. 103 - «Número ideal de filhos» - autóctones e não autóctones.....	245
fig. 104 - «Número ideal de filhos » - regionais e nacionais.....	246
fig. 105 - «Educação pré-escolar» - regionais	247
fig. 106 - «Educação pré-escolar» - autóctones e não autóctones.....	248
fig. 107 - «Educação pré-escolar» - regionais e nacionais	250

INDICE DE QUADROS

[QUADRO Nº 1 - Idade e sexo dos alunos - questões 10 e 11].....	118
[QUADRO Nº 2- Idade e sexo dos progenitores - questão 10].....	119
[QUADRO Nº 3- Faculdades e Cursos - questão 14].....	119
[QUADRO Nº 4 - Estatuto conjugal - questão 17].....	120
[QUADRO Nº 5 - Distrito de nascimento - questão 13].....	120
[QUADRO Nº 6- Religião - questão 16].....	121
[QUADRO Nº 7 - Movimentos associativos - questão 18].....	122
[QUADRO Nº 8 - Actividades que praticou há menos de uma semana - questão 37] ..	123
[QUADRO Nº 9 - Secções que mais interessam - questão 35].....	124
[QUADRO Nº 10 - Actividades desportivas - questão 19].....	125
[QUADRO Nº 11 - Novas tecnologias - questão 36]	126
[QUADRO Nº 12 - Nível de instrução dos progenitores - questão 2]	127
[QUADRO Nº 13 - Profissão dos progenitores - questão 27].....	128
[QUADRO Nº 14 - Fontes de rendimento dos progenitores - questão 29]	128
[QUADRO Nº 15 - Conforto do alojamento dos progenitores - questão 30].....	128
[QUADRO Nº 16 - amostra regional - questão 27].....	142
[QUADRO Nº 17 - amostra de autóctones e n/ autóctones - questão 27].....	143
[QUADRO Nº 18 - amostra nacional - questão 27]	144
[QUADRO Nº 19 - amostra regional - questão 22].....	145
[QUADRO Nº 20 - amostra de autóctones e n/ autóctones - questão 22].....	146
[QUADRO Nº 21 - amostra nacional - questão 22]	147
[QUADRO Nº 22 - amostra regional - questão 41].....	149
[QUADRO Nº 23 - amostra de autóctones e n/ autóctones - questão 41].....	150
[QUADRO Nº 24 - amostra nacional - questão 41].....	151
[QUADRO Nº 25 - amostra regional - questão 26].....	152
[QUADRO Nº 26 - amostra de autóctones e n/ autóctones - questão 26].....	153
[QUADRO Nº 27 - amostra nacional - questão 26].....	154
[QUADRO Nº 28 - amostra regional - questão 43].....	155
[QUADRO Nº 29 - amostra de autóctones e n/ autóctones - questão 43].....	156
[QUADRO Nº 30 - amostra nacional - questão 43].....	157
[QUADRO Nº 31 - amostra regional - questão 42].....	158
[QUADRO Nº 32 - amostra de autóctones e n/ autóctones - questão 42].....	159
[QUADRO Nº 33 - amostra nacional - questão 42]	160
[QUADRO Nº 34 - amostra regional - questão 46].....	161
[QUADRO Nº 35 - amostra de autóctones e n/ autóctones - questão 46].....	162

[QUADRO Nº 36 - amostra nacional - questão 46]	163
[QUADRO Nº 37 - amostra regional - questão 24]	165
[QUADRO Nº 38 - amostra regional - questão 40]	166
[QUADRO Nº 39 - amostra de autóctones e n/ autóctones - questão 24]	167
[QUADRO Nº 40 - amostra de autóctones e n/ autóctones - questão 40]	167
[QUADRO Nº 41 - amostra nacional - questão 24]	168
[QUADRO Nº 42 - amostra nacional - questão 40]	169
[QUADRO Nº 43 - amostra regional - questão 44]	170
[QUADRO Nº 44 - amostra de autóctones e n/ autóctones - questão 44]	172
[QUADRO Nº 45 - amostra nacional - questão 44]	173
[QUADRO Nº 46 - amostra regional - questão 1]	175
[QUADRO Nº 47 - amostra de autóctones e n/ autóctones - questão 1]	176
[QUADRO Nº 48 - amostra nacional - questão 1]	177
[QUADRO Nº 49 - amostra regional - questão 17]	178
[QUADRO Nº 50 - amostra de autóctones e n/ autóctones - questão 17]	179
[QUADRO Nº 51 - amostra nacional - questão 17]	180
[QUADRO Nº 52 - amostra regional - questão 18]	181
[QUADRO Nº 53 - amostra de autóctones e n/ autóctones - questão 18]	182
[QUADRO Nº 54 - amostra nacional - questão 18]	183
[QUADRO Nº 55 - amostra regional - questão 19]	184
[QUADRO Nº 56 - amostra de autóctones e n/ autóctones - questão 19]	185
[QUADRO Nº 57 - amostra nacional - questão 19]	185
[QUADRO Nº 58 - amostra regional - questão 20]	187
[QUADRO Nº 59 - amostra de autóctones e n/ autóctones - questão 20]	188
[QUADRO Nº 60 - amostra nacional - questão 20]	189
[QUADRO Nº 61 - amostra regional - questão 20]	189
[QUADRO Nº 62 - amostra de autóctones e n/ autóctones - questão 20]	191
[QUADRO Nº 63 - amostra nacional - questão 20]	191
[QUADRO Nº 64 - amostra regional - questão 20]	192
[QUADRO Nº 65 - amostra de autóctones e n/ autóctones - questão 20]	193
[QUADRO Nº 66 - amostra nacional - questão 20]	194
[QUADRO Nº 67 - amostra regional - questão 20]	195
[QUADRO Nº 68 - amostra de autóctones e n/ autóctones - questão 20]	196
[QUADRO Nº 69 - amostra nacional - questão 20]	197
[QUADRO Nº 70 - amostra regional - questão 21]	198
[QUADRO Nº 71 - amostra de autóctones e n/ autóctones - questão 21]	200
[QUADRO Nº 72 - amostra nacional - questão 21]	201
[QUADRO Nº 73 - amostra regional - questão 32]	202

[QUADRO Nº 74 - autóctones e não autóctones - questão 32]	203
[QUADRO Nº 75 - amostra nacional - questão 32]	203
[QUADRO Nº 76 - amostra regional - questão 33]	204
[QUADRO Nº 77 - amostra de autóctones e não autóctones - questão 33]	205
[QUADRO Nº 78 - amostra nacional - questão 33]	206
[QUADRO Nº 79 - amostra regional - questão 38]	208
[QUADRO Nº 80- amostra regional - questão 39]	209
[QUADRO Nº 81 - amostra de autóctones e n/ autóctones - questão 38]	210
[QUADRO Nº 82 - amostra de autóctones e não autóctones - questão 39]	211
[QUADRO Nº 83 - amostra nacional - questão 38]	212
[QUADRO Nº 84 - amostra nacional questão 39]	213
[QUADRO Nº 85 - amostra regional - questão 45]	214
[QUADRO Nº 86 - amostra de autóctones e n/ autóctones - questão 45]	215
[QUADRO Nº 87 - amostra nacional - questão 45]	216
[QUADRO Nº 88 - amostra regional - questão 23]	217
[QUADRO Nº 89 - amostra de autóctones e n/ autóctones - questão 23]	217
[QUADRO Nº 90 - amostra nacional - questão 23]	218
[QUADRO Nº 91 - amostra regional - questão 10 - no caso dos rapazes]	220
[QUADRO Nº 92 - amostra regional - questão 11 - no caso das raparigas]	221
[QUADRO Nº 93 - amostra de autóctones e n/ autóctones - questão 10 - no caso do rapaz]	222
[QUADRO Nº94 - amostra de autóctones e n/ autóctones - questão 11 - no caso da rapariga]	223
[QUADRO Nº 95 - amostra nacional - questão 10 - no caso do rapaz]	224
[QUADRO Nº 96 - amostra nacional - questão 11 - no caso da rapariga]	224
[QUADRO Nº 97 - amostra regional - questão 3]	226
[QUADRO Nº 98 - amostra de autóctones e n/ autóctones - questão 3]	227
[QUADRO Nº 99 - amostra nacional - questão 3]	228
[QUADRO Nº 100 - amostra regional - questão 8]	229
[QUADRO Nº 101 - amostra de autóctones e n/ autóctones - questão 8]	230
[QUADRO Nº 102 - amostra nacional - questão]	230
[QUADRO Nº 103 - amostra regional - questão 9]	232
[QUADRO Nº 104 - amostra de autóctones e n/ autóctones - questão 9]	233
[QUADRO Nº 105 - amostra nacional - questão 9]	234
[QUADRO Nº 106 - amostra regional - questão 6]	235
[QUADRO Nº 107 - amostra de autóctones e n/ autóctones - questão 6]	238
[QUADRO Nº 108 - amostra nacional - questão 6]	239
[QUADRO Nº 109 - amostra regional - questão 13]	240

[QUADRO Nº 110 - amostra de autóctones e n/autóctones - questão 13].....	241
[QUADRO Nº 111 - amostra nacional - questão 13]	242
[QUADRO Nº 112 - amostra regional - questão 12].....	243
[QUADRO Nº 113- amostra de autóctones e n/autóctones - questão12].....	245
[QUADRO Nº 114 - amostra nacional - questão 12]	246
[QUADRO Nº 115 - amostra regional - questão 2].....	247
[QUADRO Nº 116- amostra de autóctones e n/autóctones - questão 2].....	248
[QUADRO Nº 117 - amostra nacional - questão 2]	249

“O ser humano é capaz de viver e até de morrer pelos seus ideais e valores”

Victor Frankl

CAPITULO I

INTRODUÇÃO

Um dos maiores desafios que se colocam ao psicólogo, tem a ver com a possibilidade de compreender o mundo do cliente tal e qual ele o percebe. Os seres humanos, como ocorreu em outras épocas, passam por momentos de grande mudança nos seus valores éticos, morais e até mesmo religiosos mas, ao que tudo indica, as pessoas vivenciam agora essas mudanças mais rapidamente, talvez fruto das novas tecnologias que nos tornaram cidadãos de uma enorme aldeia global. Assim, enquanto psicólogos e psicoterapeutas, de forma a compreendermos melhor essa pessoa que está perante nós, temos de estar atentos às mudanças que determinam a construção desse «novo sujeito». Que mundo é este onde vive hoje o nosso cliente? Que valores resistem às mudanças provocadas pela mistura de hábitos e de culturas dessa nossa aldeia global? Será que perante as mudanças de valores que funcionam como matéria-prima na construção do homem actual, as antigas teorias psicoterápicas continuam a dar conta dos conflitos e necessidades dos nossos clientes, ou será que a súbita proliferação de técnicas milagrosas, vêm ocupar um espaço que não está a ser preenchido pela Psicologia? Estas e outras questões fazem com que o nosso estudo tenha alguma pertinência para a Psicologia Clínica. Importa estudar os valores que os jovens hoje adoptam, para que sirvam de base à nossa intervenção, enquanto psicólogos e psicoterapeutas.

O interesse por este tema não é novidade. Já em 1964, a Juventude Universitária Católica (JUC) tinha realizado o II Inquérito Geral à Universidade, no qual foram recolhidos importantes dados sobre os valores da geração de 60. Em 1986, este mesmo tema é retomado, tendo sido feito um inquérito aos

alunos e aos respectivos progenitores. Este trabalho (coordenado pelo Prof. Doutor Eurico Figueiredo) é a base de partida desta investigação. Passada uma década, à beira da viragem do século, quisemos replicar este estudo, de modo a analisarmos as diferenças entretanto operadas. Pretende-se investigar a problemática da relação entre gerações, numa perspectiva de desenvolvimento psicológico.

Reformulámos um pouco o inquérito de 1986 e acrescentámos algumas perguntas, mas no geral a estrutura manteve-se a mesma porque só deste modo se tornaria possível a comparação dos dados com rigor.

Um grupo de dez mestrandos trabalhou em conjunto, de forma a abarcar o país inteiro, dividido por regiões, chegando assim a resultados que definem o perfil da amostra nacional.

O nosso trabalho versou a área Metropolitana do Porto. Ao longo deste estudo comparamos os resultados dos jovens universitários com os dos progenitores, os resultados do sexo masculino e feminino em cada geração e inter gerações, os resultados de autóctones e não autóctones, e também comparamos os resultados obtidos na nossa amostra regional com os da amostra nacional.

No segundo capítulo, encontramos o enquadramento conceptual, cujo objectivo é passar em revista os posicionamentos dos diversos autores sobre a temática abordada. Ainda neste capítulo, fazemos a contextualização do trabalho, incluindo um breve apontamento sobre a região do Porto. No terceiro capítulo, encontramos os dados referentes a «Métodos e materiais», ou seja, a definição do problema, os objectivos e hipóteses em estudo. No quarto capítulo surge-nos a metodologia, no quinto os resultados e, por último as conclusões e as referências bibliográficas.

“O ser humano é capaz de viver e até de morrer pelos seus ideais e valores”

Victor Frankl

CAPITULO 2

REVISÃO DA LITERATURA

2.1 VALORES

Diz-se cada vez mais que estamos em plena crise, que já não há valores. Ainda assim, durante todo o século XX e enquanto se discutiam estas questões, milhões de pessoas deram a vida por crenças, ideologias e valores. Mas, afinal, o que são valores? Como podemos transmiti-los às crianças? Será que cabe aos pais essa responsabilidade ou agora os *media* funcionam como principal agente de transmissão de valores? Ao longo deste capítulo abordaremos estas questões, começando pelas diferentes concepções de valor, avançadas por diversos autores.

2.1.1 Definições de valor

Alguns autores têm dado o seu contributo para esta matéria, ainda que não seja tarefa fácil. Quase todos são unânimes ao afirmar que se trata de um conceito difícil de definir. Hessen (1953, citado por Caldas Abreu, 1998), vai mais longe ao afirmar que não é possível defini-lo, já que é fruto de uma experiência, de uma vivência e, por isso mesmo, é «um *quid* que satisfaz uma necessidade, pelo que valor será tudo o que satisfaz uma necessidade» (p. 24)

Em linguagem vulgar, *valores* significam bens de distinta natureza que são percebidos como valiosos, mas podemos também defini-los como parte integrante de cultura normativa, e então passarão a ser entendidos como

normas relacionadas com a consciência (ideais, directrizes, fundamentos). Se fizermos uso da linguagem filosófica, os valores distinguem-se do portador de valor (bem), assim como o valor se distingue da norma. Assim, *valores*, no sentido do Empirismo filosófico, são propriedades gerais (qualidades, atributos), adstritas aos portadores de valores (Brezinka, 1992). Para os adeptos do Idealismo, o termo valor refere-se aos critérios de valorar os objectos e ideais, no sentido de ideias platónicas de «verdade», «bem», «belo».

Rockeach é uma referência fundamental quando se fala em valores. Para este autor, valores constituem «crenças duradouras acerca de um modo específico de conduta ou de estados finais de existência, que são pessoalmente e socialmente preferíveis a modos de conduta ou estados de existência opostos» (Rockeach, 1973, p.5). Esta concepção de valor, baseia-se no conceito de *desejável*, imposta por Kluckhohn isto é, na preferência por um determinado modo de conduta em detrimento de outro, considerado menos desejável. Segundo o mesmo autor, os valores são duradouros, de forma a permitirem a identidade e a continuidade de uma única personalidade socializada, mas estão sujeitos a mutações resultantes da socialização e/ou da própria experiência pessoal. Rockeach, considera que existe um sistema de valores, «uma organização duradoura de crenças acerca de modos de acção preferíveis ou estados finais de existência preferíveis, posicionadas ao longo de um contínuo de importância relativa» (Rockeach, 1973, p. 5). Existe, assim, uma hierarquia que pode a todo o momento sofrer reordenações, fruto das mudanças que entretanto se operarem ao nível, quer da sociedade, quer da cultura e, inclusive, que sejam motivadas pelas experiências pessoais. Digamos que o sistema é relativamente estável, mas podem existir algumas mudanças a nível interno.

A concepção de valores sugerida por Rockeach foi muito bem aceite pelos outros autores, por ser inovadora, por encarar os valores como constructos que ultrapassam situações específicas e que são pessoalmente e socialmente desejáveis e, finalmente, porque o autor conseguiu distinguir claramente valores, atitudes, normas, necessidades, traços e interesses (Braithwaite et al., 1985).

Outros autores tentaram caracterizar os valores. Menezes e tal. (1989), considera que os valores se caracterizam segundo o seu objectivo, interesse e conteúdo. Por sua vez, os objectivos distinguem-se dos meios e podem representar comportamentos, ou estados existenciais, desejáveis. Em termos de interesse, os valores podem corresponder a interesses individuais, colectivos ou a ambos. No que respeita o conteúdo, para este autor, os valores estão associados a diferentes domínios motivacionais, que se definem com base em necessidades biológicas, sociais ou institucionais de cada sujeito. Schwartz (1990), concorda com esta caracterização e acrescenta que, com base no que foi dito, podemos considerar os valores como fenómenos sócio-históricos, contextualmente determinados, que podem ser criados e destruídos pelos próprios indivíduos cujo comportamento depende unicamente deles. Assim, uma mudança histórica nos valores, implicaria também uma mudança nas instituições sociais que integram esses valores isto é, a alteração dos valores individuais pode contribuir para a transformação das instituições sociais e dos valores por elas aceites, o que teria repercussões em toda a estrutura social.

Schwartz (1992-a), retoma ainda a noção de sistema, e propõe-se estudar a sua estrutura, enquanto que Rockeach se tinha limitado a enunciá-lo. Schwartz é de opinião que os valores estabelecem uma relação dinâmica entre si e constituem metas, objectivos de carácter geral, que permanecem estáveis em situações distintas, orientando o comportamento dos seres humanos.

Formalmente, são crenças ordenadas segundo a sua importância relativa, dizem respeito a estados finais ou a comportamentos desejáveis e que, transcendendo situações específicas, guiam a selecção e avaliação de comportamentos e acontecimentos (Schwartz, 1992, citado por Silva Freire, 1998). Em termos de conteúdo, os valores constituem representações cognitivas de objectivos, objectivos esses que são gerados a partir de estados motivacionais, ou tipos motivacionais, que derivam de três necessidades universais do ser humano: como organismo biológico, no que respeita às interacções sociais, de sobrevivência e de bem-estar, do grupo e com o grupo. O autor refere onze tipos motivacionais básicos: poder social, hedonismo, auto-direccionamento, estimulação, segurança, maturidade, conformidade restritiva, realização, manutenção da tradição e pró-social. A estrutura do sistema tem a ver com as relações de conflito, ou de compatibilidade, que se estabelecem entre os diferentes valores.

Para Machado Pais (1993), valor é algo que «remete para o universo de atitudes, imagens, informações, que governam as condutas e orientam as relações inter individuais» (p.3). Este autor, refere-se à estabilidade dos valores quando comparado com as atitudes, facto que não impede que persistam confusões entre valores e crenças, ideologias, representações sociais, normas e opiniões. Não é que estas unidades semânticas não tenham algo em comum com os valores, visto que «todas são produções mentais, sociais, formas de conhecimento socialmente elaboradas e compartilhadas, representações que instauram versões da realidade socialmente construídos e compartilhadas» (p. 3), mas o autor acentua que não são a mesma coisa.

Já Rockeach (1973) também defendia que não deveria existir confusões entre valores e atitudes, porque não estávamos a falar da mesma coisa, ainda que as atitudes possam expressar valores. As atitudes exprimem opiniões,

valorizações, enquanto que, como o autor sugere, os valores são estáveis. Andrade (1992), acrescenta que esta confusão entre valor e atitude, pode ter um efeito perverso se se encararem como sinónimos. Os valores, para este autor, existem muito para além das atitudes, podendo não ser conscientes mas, ainda assim, condicionam e dirigem a acção humana. Os valores distinguem-se das atitudes, porque estas são «uma mistura de crenças e sentimentos relacionados com um objecto, pessoa, situação ou acção e manifestam uma disposição habitual de um indivíduo ou mesmo de um grupo, mais ou menos homogéneo, de indivíduos» (p.49). Os valores têm uma natureza racional.

Mendez (1995, citado por Caldas Abreu, 1998), encara os valores como comportamentos que dão sentido à vida humana, já que são um objectivo definido de como devemos agir. O mesmo autor, descreve quatro estratos, ou âmbitos, de valores: os valores económicos - o útil; os valores estéticos - o belo; os valores éticos - o bom; os valores religiosos - o santo. De todos, destaca os valores éticos, pois se estes forem violados ou omitidos, existe sempre um dono perante o qual temos de nos justificar. Azpitarte (1995), concorda com Mendez e destaca também os valores éticos, no entanto o seu trabalho centra-se mais no estabelecimento da distinção entre ética e moral, o mesmo é dizer, entre valores éticos e valores morais. A ética consiste, para o autor, em dar através dos nossos actos, uma "arrumação" no mundo desorganizado em que vivemos. Cabe então à moral a tarefa de encontrar um caminho, um meio de existir com alguma coerência nesse mundo. A importância dada à ética, tem a ver com o facto de ser este o tipo de valores que mais nos afectam, pois determinam a bondade, ou a malícia, de qualquer conduta.

Andrade (1992), recorre à definição de princípio e de norma, para clarificar a noção de valor. Os valores, funcionam como o meio termo entre os princípios e as normas. Servem para actualizar os princípios e relativizar as normas. Podem

estar mais próximos das normas, quando são mais prescritivos, ou mais próximos dos princípios, se forem mais vagos. Existe, ainda uma distinção básica entre valores pessoais e valores sociais, ou básicos. Os valores pessoais são os que cada sujeito utiliza para justificar as suas acções, mas não pensa que todos os devem respeitar. Os valores sociais (ex: justiça, liberdade, responsabilidade), são aqueles que a sociedade encara como essenciais, reflectem a orientação da sociedade e são aceites por todos. Esta distinção é equivalente à que outros autores fazem entre moral e ética. Os valores sociais, de certo modo, estão mais próximos das normas, por serem aplicados a um grupo específico de pessoas, no entanto são também semelhantes aos princípios porque podem ser universalizáveis. No mesmo sentido, Sousa (1999) afirma que valores são padrões defendidos individualmente ou por grupos sociais (eventualmente pela própria sociedade), constituindo fontes de dever.

Allison e Beggan (1994), consideram que os valores sociais são preferências estáveis por certos padrões de comportamento e, para compreendermos como funcionam, temos que ter em conta três aspectos: primeiro que tudo, quando uma pessoa avalia comportamentos funciona segundo o princípio do hedonismo, depois as relações sociais influenciam sempre o modo como determinado comportamento é avaliado e, por fim, cada indivíduo comporta-se perante os outros, sempre de forma a obter deles o que deseja. Posto isto, para os autores atrás referidos, os valores sociais mais comuns são: a cooperação, a competição e o individualismo. No valor da cooperação, o sujeito fica mais satisfeito com comportamentos que maximizam o trabalho conjunto. Na competição, o sujeito satisfaz-se com os seus ganhos, enquanto que no individualismo, a satisfação é obtida através de comportamentos que maximizem o seu próprio ganho. Além destes, existem outros como sejam, o

altruísmo, o egoísmo. O comportamento social é assim, directamente influenciado pelas suas preferências em termos de valores.

Mais recentemente, Tierno (2000), propõe que se possam definir valores como «elementos desejáveis, objectivos, matizados pela experiência individual, reais, racionais e assimiláveis» (p.197). Acrescenta aos valores individuais e sociais, os valores transcendentais, (que têm que ver com a relação do sujeito com o Divino) e os valores técnicos ou utilitários (que afectam as relações com as coisas). Para este autor, apesar da sua importância variar de época para época, fruto da do sistema permitir diversos pontos de vista, os valores são permanentes, fixos e universais.

A imutabilidade dos valores é um ponto que gera alguma polémica. Já Cembranos e Bartolomé (1981) não concordam com a imutabilidade dos valores até porque, segundo estes autores, estes podem mudar ao longo da vida sendo que, na passagem da infância para a adolescência se observa uma marcante transformação deixando os valores de ser universais para se «converterem em próprios e particulares, servindo para um determinado tempo e lugar e, podendo seguidamente ser substituídos por outros». (p 43)

Simões et al. (1986), consideram que, se os valores reflectem as condições de vida e os interesses dos homens que formam uma sociedade, então podem modificar-se à medida que a sociedade se altera. Qualquer sociedade é capaz de criar, desenvolver e diversificar valores. Caldas Abreu (1998) é de opinião que em cada época, a sociedade cria, altera e constrói os seus valores. Por exemplo, «os Romanos consideravam digno e meritório pôr a ferros os chefes dos exércitos derrotados, arrastá-los e depois destruí-los. Na nossa sociedade, consideramos um acto inútil, cruel e mesquinho» (Alberoni, 1995, p.10).

Neste mesmo sentido, alguns autores têm tentado realçar o facto de certos acontecimentos, como uma Guerra, operarem mutações a muitos níveis e,

inclusivamente, nos valores. Inglehart (1990), avança com dois tipos de valores que, segundo o autor, teriam sido influência da II Guerra Mundial. Assim, antes da II Guerra Mundial a sociedade seria caracterizada por valores materialistas mas, com o fim da guerra, teríamos passado para uma época de valores pós-materialistas. Os valores materialistas, estariam ligados à satisfação das necessidades elementares, como o bem-estar material e a segurança física enquanto que, os valores pós-materialistas privilegiariam a qualidade de vida e os aspectos sociais. Citando Ferreira (1998), os valores materialistas «traduzem-se em objectivos de vida que dão primazia ao crescimento e à segurança económica, à ordem pública e à estabilidade social, à integridade física e à defesa contra o risco de guerra», enquanto que os valores pós-materialistas «se manifestam em preocupações com as dimensões estética, intelectual, ambiental e humanista da vida, em prioridades de realização, expressão e liberdade pessoal, em esforços no sentido de promover a tolerância e a solidariedade social» (p. 182).

Para Inglehart (1990), a inovação tecnológica do pós-guerra, permitiu uma maior mobilidade geográfica, diferentes meios de comunicação e revigorou a economia, favorecendo o surgimento de valores pós-materialistas. Os valores materialistas, continuarão a existir mas sem a primazia de até então. A tese de Inglehart, segundo Ferreira (1998), aplica-se à sociedade Portuguesa, visto que o 25 de Abril constitui um ponto de viragem, que poderá ter repercussões também ao nível dos valores. O autor efectuou um estudo onde incluiu duas questões especialmente construídas para avaliar o pós-materialismo: uma relativa aos objectivos políticos considerados prioritários pelos portugueses e outra, sobre os problemas sociais que mais os afligem. Os resultados apontam para que os valores pós-materialistas ainda não sejam muito salientes na nossa sociedade, ainda que já se esbocem alguns indícios.

Num estudo recente, Machado Pais (1998), encontra também nos jovens alguma orientação para os valores do pós-materialismo, no que respeita as preocupações ligadas ao ambiente, desarmamento nuclear e qualidade de vida, mas estes valores não são totalmente partilhados pelos mais velhos, o que pode conduzir a algumas descontinuidades intergeracionais.

A diminuição da taxa de fecundidade e o aumento da esperança de vida, são responsáveis pelo facto de actualmente coexistirem três ou mais gerações. Esta coexistência tem repercussões ao nível do sistema de valores sendo que, na opinião de Machado Pais (1998), assistimos nos jovens ao progressivo abandono dos valores tradicionais que persistem nos mais velhos. Nesta fase de mudança, acontecem «transformações metamórficas», que só se tornam notórias quando se começam a colocar em causa as instituições sociais e os valores tradicionalmente defendidos. No entanto, as gerações mais velhas tendem a repor o que está a ser abalado, socorrendo-se de uma atitude moralista ou alarmista. O autor considera, que estamos a ultrapassar uma fase desse tipo e que só assim se justificam as crescentes críticas que os mais velhos tecem à geração mais nova. Ainda assim, os estudos sobre valores na sociedade portuguesa, não confirmam esta visão negativa dos valores dos jovens. Os valores dos jovens coincidem basicamente com os dos progenitores, sendo que o que difere é modo como os jovens os vivem.

2.1.2 Transmissão e interiorização dos valores

Duas das questões que mais tem interessado aos psicólogos e sociólogos, têm a ver com o modo como os valores se transmitem de geração em geração e como são interiorizados. Para os adeptos das teorias psicanalíticas, o factor afectivo é fundamental, sendo que tudo roda em torno da família e do complexo de Édipo. Os teóricos da aprendizagem social, consideram que é através do reforço que tudo se processa enquanto que as teorias do desenvolvimento cognitivo, encaram a aquisição de valores como parte integrante do próprio desenvolvimento cognitivo. (Gouveia Pereira et al., 1985). Ainda que exista uma divergência de opiniões entre as três correntes teóricas, autores como Brown (citado por Gouveia Pereira et al., 1985), são de opinião que a resposta à questão, só pode ser dada com recurso a uma abordagem ecléctica, ou seja, justapondo os três pontos de vista.

Uma coisa é certa, as teorias divergem na forma como encaram a aquisição dos valores morais, mas têm em comum, segundo os autores, a «ideia de que os valores morais não são inatos mas aprendidos e que é aí que também se situa o conflito entre o indivíduo e a sociedade» (Gouveia Pereira et al., 1985, p. 47).

Nas tribos indígenas os valores tal como os conhecimentos, são transmitidos aos jovens pelos mais velhos. A partir dos sete anos, as crianças aprendem a história da sua tribo com o pajé, e aos doze anos dá-se a entrada no mundo adulto, através de um ritual onde têm que demonstrar habilidades e capacidades para enfrentar o que o futuro lhe reserva (Naime, 2002). Segundo a mesma autora, a desmontagem do ritual de passagem em sociedades não tribais, contribuiu decisivamente para que o menos aptos não sobrevivam, caíam nas malhas da droga ou na violência, e para que os valores

sejam deslocados para a busca do prazer imediato. O adolescente procura afirmar-se perante os pais e a sociedade e «conflito nasce justamente do fato da natureza se manifestar sem consultar a conveniência de sistemas familiares, sem levar em consideração o momento de indefinição, a crise de valores, a dependência económica. O adolescente entra em conflito com o que sente, o que se espera dele, e o que a sociedade impõe» (Naime, 2002, p.2).

Como já referimos anteriormente, a aquisição de valores está intimamente associada ao desenvolvimento moral, sendo que este desenvolvimento não é estável e consciente, pelo que deve ser estimulado (Lourenço, 1998) mas os veículos de promoção moral, não são consensuais nas várias perspectivas.

Freud (citado por Lourenço, 1998-a), fazia depender o nível de desenvolvimento moral do sujeito da menor ou maior identificação com os valores morais dos seus progenitores. Na opinião deste psicanalista, quanto maior fosse a identificação com os valores da geração anterior, mais eficaz seria a sua interiorização, o que permitiria ao sujeito uma maior capacidade de resistir ao princípio do prazer e reger-se pelo princípio da realidade. Segundo esta perspectiva, e devido ao complexo de Édipo, supostamente seriam os rapazes que interiorizavam mais fortemente os valores parentais. Esta ideia não foi até hoje confirmada, nem pelo método de Kohlberg, nem pelo de James Rest, portanto nada leva a concluir que exista uma superioridade moral do sexo masculino em relação ao sexo feminino. No que concerne a estas teorias, Lourenço (1998-a), chama a atenção para o pessimismo que as caracteriza, já que encaram a moralidade como um processo irracional, mas limitam a sua evolução ao considerarem que tudo se define nos primeiros seis anos de vida.

Ainda que a maior parte dos autores seja de opinião que o desenvolvimento moral e a aquisição de valores, se processa num determinado

contexto social, não há consenso no que respeita aos factores que medeiam essa influência. Com o objectivo de aprofundar esta questão, numa já clássica experiência, Bandura e McDonald (citados por Lourenço, 1998), formaram dois grupos de crianças com idades compreendidas entre os cinco e os onze anos, em que um grupo fazia avaliações morais por responsabilidade objectiva¹ e outro por responsabilidade subjectiva². Os dois grupos observavam depois um modelo adulto que reforçava uma orientação moral oposta à que tinham expressado no pré-teste. Verificou-se, então, que as crianças mudavam a sua orientação moral sob influência deste modelo, o que testemunha o peso que a aprendizagem social tem no desenvolvimento moral (contrariando a opinião veiculada pela perspectiva estruturalista).

É notório que assistimos a um processo de transformação e de adaptação da família a uma sociedade em mutação. Na primeira metade do século XX, o sistema ainda é patriarcal, sendo que o homem faz as leis e tudo funciona com base numa hierarquia, em que os valores são estáveis e transmitidos às crianças pelos progenitores. Na segunda metade do século XX, vive-se o «choque do futuro» ou seja, uma sociedade racional dá lugar a uma sociedade efervescente. Procuram-se novos caminhos, dão-se largas ao afecto e a liberdade sexual vai colocar em causa todo o sistema patriarcal. Cai a autoridade moral dos pais sobre os filhos, a vida íntima dos casal rege-se por novos valores que entram em choque com os antigos - paternidade, procriação e tudo isto é objecto de conflito (D'Orey da Cunha, 1997). Sublinharam-se nos direitos da criança e a família encabeçou a lista. Constituiu-se um novo modelo de família, regulamentado e organizado segundo os direitos dos indivíduos. Estes factos transformaram a família conjugal característica da sociedade

¹ «Crianças que julgavam a gravidade de uma transgressão pelas consequências produzidas». (Lourenço, O., 1998, p. 145)

industrial em família sentimental, própria da sociedade pós-industrial. Como consequência, segundo o autor já citado, os antigos valores familiares que giravam em torno de conceitos como a dedicação, o sacrifício, a submissão e o respeito, passam a dar prioridade às demonstrações de carinho e à felicidade partilhada. Digamos que a família passou a ter um outro papel na educação e formação das suas crianças, mas isso não significa que se desvirtualizou, muito pelo contrário.

A família é ainda apontada por muitos autores, como primeiro agente socializador dos valores que depois serão adquiridos pelos seus membros. O contexto familiar possui qualidades que o distinguem dos demais porque, é um ambiente de proximidade, comunicação, afecto e colaboração, factores estes que permitem e facilitam a aprendizagem dos valores (Hernández, Rodríguez & Zamora, 1998, citados por Barata, 2001). Na opinião destes autores, a família terá de cumprir algumas tarefas de maneira a possibilitar à criança a construção eficaz das suas representações acerca do funcionamento da realidade social, como sejam as representações dos próprios pais, os modelos de interacção familiar e as expectativas que os pais têm acerca deles. Cabe também aos pais, determinarem quais os objectivos compatíveis entre si, através da estruturação do ambiente educativo, distribuindo os recursos materiais, criando um clima afectivo e impondo regras. Uma outra tarefa, diz respeito à antecipação de soluções desejáveis, no caso de surgirem conflitos de valores, de forma a serem compatíveis com as expectativas sociais promovidas pela família.

Macfarlane e McPherson (2001) referem que, para que a transmissão se processe eficazmente, os pais têm eles próprios de possuir valores claros, porque só assim os conseguem transmitir. É igualmente importante que os

² «Crianças que atendiam às intenções com que tinha sido praticada tal transgressão». (idem, p.145)

discutam e na vida diária, para que sejam adoptados pelos mais novos. Com o objectivo de avaliar se haviam diferenças entre os valores dos jovens e das respectivas mães, Perron (citado por Meyer, 1971) propôs a sujeitos com idades compreendidas entre os oito e os 14 anos, assim como às suas mães, que categorizassem uma lista de 15 atributos pessoais (por exemplo: ser franco, ser honesto, ser trabalhador). Os resultados mostraram que, a ordenação dos valores era semelhante nos dois grupos.

Meyer (1988), refere também que as crianças entre os três e os cinco anos, possuem os mesmos valores que os seus pais, visto que constroem um sistema limitado a um referencial concreto e de consonância moral com os mesmos. Os valores impõem-se à criança e esta, pouco a pouco interioriza-os (utilizando-os como se se tratassem de critérios próprios) sendo que, em todo esse processo, os estilos educativos familiares, jogam um papel muito importante. Assim, algumas vezes os valores que os pais tentam transmitir, não são adquiridos pelos filhos. Hernandez, considera que esse facto é resultado de haver da parte destes uma interpretação errónea dos valores dos pais, fruto do modelo educacional que os pais utilizam. Assim, os pais democráticos, que valorizam o diálogo, facilitam bastante mais o esclarecimento dos valores e, por conseguinte, promovem a sua adopção por parte dos filhos. Mas, por si só, o estilo educativo, não explica o processo de interiorização dos valores. A legibilidade da mensagem transmitida pelos pais, a intencionalidade que lhe é atribuída pelos filhos, têm de ser temperadas com elevadas doses de coerência por parte dos progenitores. A família e a escola jogam papéis complementares, uma vez que a família transmite valores de desenvolvimento pessoal e a escola especializa-se em tudo o que tenha a ver com o sucesso.

O mesmo autor, reforça o papel da família como quadro de referência, durante um período quantitativamente e qualitativamente alargado. A família constitui o principal contexto de aprendizagem de regras sociais e, por isso mesmo, é o primeiro agente socializador dos valores, e acentua a ideia que esta aprendizagem só se revela eficaz, quando é criado um ambiente de proximidade, afecto e cooperação. É no seio da família que se estabelecem objectivos e metas, compatíveis com os valores, sendo também esta que mostra aos seus membros o que é esperado de cada um, sempre sob os condicionalismos inerentes ao ecossistema (valores culturais, crenças,...) e pelo exossistema (família alargada, amigos, colegas). Por seu turno, os filhos desempenham um papel activo no que respeita a assumpção dos valores que lhes são transmitidos pelos pais, o que faz que (segundo o autor), dificilmente se encontre uma correspondência exacta, entre os valores da geração de mais velhos e os valores dos jovens. Cada filho vai interpretar a conduta dos pais e acrescentar-lhe o resultado das suas próprias experiências. Além disso, fruto das interacções pais-filhos e das exigências de adaptabilidade às diferenças fases do ciclo familiar, também surgem modificações no sistema de valores dos próprios pais. Os conflitos intra familiares são, no ponto de vista de Hernandez (1998), imprescindíveis para o desenvolvimento dos valores e para o fortalecimento das escolhas de cada sujeito. Graças aos conflitos, cada um pode escolher adoptar um determinado valor, ou abandoná-lo. O autor lembra que, nas famílias actuais, os avós são muitas vezes chamados a ajudar directa ou indirectamente na educação dos netos. A partir dessa disponibilidade para passearem com os netos, participar em actividades conjuntas, socorrer em situações de emergência e contar histórias, vão proporcionando aos netos a construção de valores em situações espaço-temporais diferentes das dos pais, gerando-se estruturas de valores mais ricas por serem também elaboradas no

contacto com diferentes gerações (Desfilis, Pérez-Blasco & Gonzalez, 1998 citados por Barata, M., 2001). Existem no entanto, alguns factores que podem prejudicar a eficácia da transmissão de valores entre avós e netos : idades muito avançadas, saúde debilitada, sexo (as avós parecem estar mais envolvidas na educação dos netos que os avós), a frequência dos contactos, a distancia (emocional ou física). Obviamente que existirão conflitos e, até nesse sentido, se revelam importantes os valores da lealdade, tolerância, como forma de os ultrapassar (Hernandez, 1998).

Os pais desejam que os filhos adquiram uma estrutura de valores que lhe permita adaptarem-se ao mundo exterior, ao meio laboral e escolar, assim como saibam relacionar-se socialmente de forma harmoniosa. Nesse sentido, segundo Serrano (1991), Musitu e Molpeceres (1992), Orizo (1996) e Garcia (1995), citados por Hernandez (1998), os pais veiculam valores ligados ao desenvolvimento pessoal como a independência, autonomia, liberdade, auto-realização. Ligados às relações com os outros: cortesia, respeito pelos outros, honradez e tolerância, e ainda valores ligados ao aproveitamento escolar e laboral, como sejam o gosto pelo trabalho e a perseverança. O modo como cada sujeito constrói o seu sistema, depende de factores como a cultura, o nível socio-económico dos pais, idade e sexo dos pais e nível académico.

Allison e Beggan (1994), concordam com Hernandez, no aspecto em que o valor da cooperação seja transmitido pela família, mas são de opinião que o meio escolar vá acentuá-lo. São outros aspectos da vida real que encorajam a competição, não a escola. Como exemplo, referem-se a estudos em que se observa que as crianças muito pequenas tendem a ser individualistas, mas, a partir dos 6-7 anos, os valores de cooperação começam a manifestar-se, fruto dos processos de socialização. Esta é hipótese sustentada por numerosos estudos transculturais.

O meio exterior funciona como agente modelador dos valores durante a infância. Segundo Perron (1971), as obrigações e sanções impostas pelo meio constituem o eixo do sistema de valores. No decorrer da infância, para além das interdições existem outras influências que modelam os valores, decorrentes da diversificação do outro e dos processos cada vez mais complexos de socialização. A criança vai sendo impelida a aceitar novos valores, que surgem não só do grupo de pares mas também emergem do mundo dos adultos (através da escola, dos pais, livros, jornais, publicidade, cinema, etc.).

Kohlberg foi, sem dúvida, um dos autores que mais contribuiu para o estudo da educação para os valores e para o conhecimento dos processos que envolvem o desenvolvimento moral. A moralidade não é para Kohlberg, apenas um conjunto de valores adquiridos, pressupõe também a forma como as pessoas raciocinam quando a questão está em escolher determinado valor. Mais importante que o respeito pelas normas, sociais ou morais, são as relações humanas, para que o sujeito possa agir em justiça (Kohlberg, 1981). O autor defende os princípios universais, sendo que o primeiro valor é a justiça e a pessoa constitui um fim. A pessoa e os seus direitos fundamentais, devem constituir um valor inultrapassável.

Outros autores como Ferreira da Silva (citado por Lourenço, 1998), chamam a atenção que, quando se fala num paralelismo entre desenvolvimento moral e desenvolvimento cognitivo, devemos encará-lo de um ponto de vista estrutural «não tanto da quantidade de coisas que a pessoa sabe ou conhece, mas do modo como as sabe ou conhece» (p.150). Nesse sentido, Walker (também citado por Lourenço, 1998), acrescenta que é perfeitamente aceitável este paralelismo pois, se tivermos presentes as teorias de Piaget, podemos constatar que é provável que «o Estádio 1 (i.e. heteronomia), ande em paralelismo com as pré-operações; o Estádio 2 (i.e. troca), em paralelismo com

as operações concretas; o Estádio 3 (i.e. expectativas sociais), em paralelismo com as operações formais emergentes; o estágio 4 (i.e. consciência e sistema social), em paralelismo com as operações formais básicas; e o Estádio 5 (i.e. contrato social e direitos fundamentais), em paralelismo com as operações formais consolidadas» (p.153)

Tierno (2000), concorda que o raciocínio moral e a aquisição de valores, dependem directamente do desenvolvimento cognitivo, mas estabelece uma classificação por etapas um pouco distinta da que tinha sido referida por Kohlberg, a respeito do raciocínio moral. Para este autor, numa primeira fase, a criança vai adquirindo as concepções mais gerais do bem e do mal. Passa, na fase seguinte, de uma moral de obrigação para uma moral de cooperação. Na terceira fase, age segundo normas de justiça social ou pessoal para, na última fase, adquirir normas baseadas no senso comum e no respeito.

Tanto Kohlberg, como Walker, como ainda Tierno, são de opinião que, para que aquisição e sua interiorização de valores seja possível, é preciso haver todo um percurso que conduz à maturidade cognitiva. Ainda assim, o desenvolvimento cognitivo é condição necessária não suficiente, já que têm de estar presentes outros factores como sejam o envolvimento da família e dos agentes educativos no geral, como é o caso da escola. A construção de valores, na perspectiva de Kohlberg (1981), tem como elemento central o professor, o qual deve assumir o papel de educador moral, seja qual for a disciplina que leccione. O professor deve, igualmente, estimular a discussão sobre valores, para que eles sejam correctamente explicitados e adquiridos.

A opinião de Kohlberg não é partilhada por Trindade Santos (1998), já que, segundo o autor, ninguém adquire valores através da educação, porque o Estado é demasiado abstracto e abrangente para poder transmitir valores que respeitem a diversidade, mas também não são os pais os responsáveis, já que

estes pertencem a uma geração que já não tem pontos de contacto com os mais novos. Para este autor, a tarefa é desempenhada pelos amigos, companheiros e colegas, cabendo a cada indivíduo saber optar por este ou aquele valor, de um modo puramente emocional.

Existem, porém, outros meios de transmissão de valores, para além da família e da escola. Caldas Abreu (1998), destaca os contos maravilhosos pois, como é sabido, todas estas histórias encerram uma mensagem latente importante para o desenvolvimento afectivo das crianças assim, no final de cada história, os mais pequenos percebem que vale a pena ser leal, solidário, benevolente, corajoso e que o mal não compensa.

Outros veículos podem ser utilizados, por exemplo na década de 40, os filmes clássicos portugueses (Aldeia da Roupa Branca; Pai Tirano; Pátio das Cantigas), debaixo de uma forte comicidade bem conseguida, constituíam um importante veículo de transmissão de valores nacionalistas propagados pelo Estado Novo. A família era um valor proeminente e «funciona como o lugar microcosmo que é reflexo do lugar maior e macroscópico – Portugal» (Gonçalves de Sousa, 1993, p. 247). A mulher aparece no seu papel de dona de casa, garantia de paz de harmonia, enquanto os homens sustentam a família. Uma outra temática, segundo a autora, diz respeito à noção de progresso que se materializa na necessidade de limpeza do país e também no carácter ordeiro das suas gentes. Nos filmes valoriza-se o trabalho, mas também os valores nacionalistas como é o caso do fado e do vinho. Os alcoólicos são retratados como simpáticos, afáveis e pândegos, havendo uma desculpabilização do acto de beber. Ao mesmo tempo, durante o regime Salazarista, foram criados outros modos de transmissão de valores, pois «embora os jovens fossem considerados um campo de investimento político, sempre os esforços se concentraram na sua socialização, de forma ideologizada e estadualizada, para melhor os enquadrar»

(Machado Pais, 1996, p.197). Assistimos assim, em 1936 à criação da Mocidade Portuguesa, cujo objectivo era transmitir aos jovens «os valores de amor à Pátria, ao Império, à Família e a Salazar» (Machado Pais, 1996, p.197).

Para Inglehart (1990), os valores são transmitidos pelos mais velhos, de geração a geração. As mudanças operam-se gradualmente e segundo uma escala intergeracional. à medida que os mais velhos vão sendo substituídos pelos mais novos. Para o autor citado, «para que as mudanças nos sistemas de valores e de atitudes possam ser detectadas, é necessário focar-se em determinados domínios que estejam a sofrer grandes alterações, fazer medições regulares ao longo de um período de vários anos e estar atento a mudanças no meio socio-económico envolvente, só deste modo se conseguem distinguir entre as verdadeiras mudanças intergeracionais e as mudanças que estão relacionadas com o normal processo de ciclo de vida» (citado por Silva Freire, 1998).

Marques (1998), revela a sua preocupação ao considerar que actualmente assistimos a grandes mudanças no que respeita aos processos de transmissão de valores. A família tem vindo a perder influência enquanto sistema de socialização e transmissão de valores, sendo progressivamente substituída pelos *media* como é o caso dos Cd-rooms e da Internet. Machado Pais (1998) revela-se mais optimista, pois, segundo o autor, não está em causa uma substituição mas sim uma partilha. Os jovens são hoje uma referência para os mais velhos, transmitindo-lhes os gostos juvenis, na área da informática, da música e do vídeo. Este intercâmbio, esbate a possibilidade de existência de conflito intergeracional.

2.1.3 Estudos sobre valores

Ao longo dos últimos cinquenta anos, assistimos a uma mudança nas sociedades ocidentais, que deu lugar aquilo que autores como Fukuyama (2000) chamam *Sociedade de Informação*, *Era da Informação* ou *Era Pós-industrial*. Esta mudança tem repercussões a variadíssimos níveis, desde a economia, ao trabalho, passando pelos hábitos das pessoas, sexualidade, conjugalidade, etc. É comum associarmos estas mudanças, ao surgimento e implantação da Internet, mas o autor atrás referido, lembra que tudo começou muito antes, nos anos 60, em que progressivamente fomos assistindo a uma deterioração das condições sociais na maior parte do mundo desenvolvido. Subiu a criminalidade, desceu a fertilidade, aumentou o número de divórcios e a confiança nas instituições foi seriamente abalada. Para Fukuyama, estas mudanças representam uma *Grande Ruptura* com os valores sociais da sociedade da Era industrial do século XIX. Uma economia baseada fundamentalmente na informação, trouxe consigo alguns aspectos negativos ligados à vida social e moral das sociedades mas, as «mais dramáticas das alterações de normas sociais que constituíram a *Grande Ruptura* foram as relacionadas com a reprodução, a família e as relações entre os sexos » (p.63)

É sabido que as transformações económicas, tecnológicas e socio-políticas, provocam alterações culturais ao nível dos valores nas suas mais diversas áreas, que podem ir desde a política, a família, a religião e até à sexualidade (Inglehart, 1990). Morin e Prigogine (1980) discordam em parte com Inglehart, pois segundo estes autores, no essencial os valores morais mantêm-se, o que se passa é que vão assumindo significados sociais diferentes, ocupam hierarquias variáveis e as prioridades deslocam-se. Ainda assim, segundo os autores, existirão áreas em que se assistem a verdadeiras mudanças «aquilo que era

considerado um dever estrito (a vingança, a virgindade, o patriotismo) pode deixar de ser um imperativo. O que foi uma ignomínia (o suicídio, o aborto, os prazeres eróticos) já não é vituperado»(p.30)

À semelhança do que Fukuyama refere, também no nosso país, na década 60, se assistiram a mudanças. Surgiram movimentos universitários que reivindicavam uma reforma geral, fruto de novas necessidades económicas, sociais, culturais e políticas. Lutavam «indirectamente contra as gerações mais velhas e directamente contra um poder e um regime político que não facilitava a participação dos jovens a nível institucional» (Machado Pais, 1996, p.198). Neste contexto, a Igreja Católica manifesta alguma preocupação e cria a necessidade de se proceder à elaboração de um Inquérito à Juventude Universitária Católica (JUC). Tratando-se de uma época de grandes convulsões sociais e políticas, este estudo tem algumas limitações. Foram estudados apenas os valores ligados à família e à religião, porque era difícil abordar outras áreas, «sobretudo suspeitando-se de uma eventual ligação com o mundo da política» (Figueiredo, 2001, p.22).

Os resultados de 1964, revelavam que a grande maioria dos jovens (80%) se consideravam pessoas religiosas, sendo que a procura da religião consistia uma «forma de amar e servir Deus» (30,8%), de «satisfazer uma necessidade própria do todos os jovens (24%) ou de procurar a «salvação da alma » (21%). No que respeita a sexualidade, os jovens de então, consideravam repreensíveis as relações sexuais pré-matrimoniais (53,4%), no caso das raparigas, e tratando-se de rapazes: «perigosas» (26,5%), «por vezes úteis» (32,2%) ou «repreensíveis» (28,3%) (JUC, 1967). O casamento era encarado pelos jovens, como um meio de «realização entre os cônjuges» (22,7%), cujo objectivo era «procriação e educação dos filhos» (22,7%) ou «auxílio mútuo entre os esposos» (11,1%). O controlo da natalidade traduzia o «egoísmo social» (18,6%), sendo quatro o número ideal de

filhos (40% das respostas dos jovens). Quando colocados perante a opção de divórcio, os jovens da geração de 60, dividiam-se: (49%) concordavam e (48%) discordavam. A mulher tinha então poucas possibilidades de construir uma carreira profissional, já que uma grande parte dos inquiridos (46,5%) eram de opinião que uma mulher casada só deveria manter o emprego «se conseguir arranjar um horário de trabalho compatível com as exigências da vida familiar» e 36,5% consideravam que uma mulher casada só deveria trabalhar «em casos de extrema necessidade».

Entretanto, a guerra colonial vem aumentar a oposição dos jovens ao regime de Salazar, oposição essa que atinge o seu auge com o 25 de Abril de 1974. É com o 25 de Abril que se assistem a profundas mudanças em Portugal, que não se restringem apenas a nível político mas também a nível social. Na opinião de Machado Pais (1996), os jovens dos anos 70 estão marcados pelos problemas do emprego e entrada na vida activa. O difícil acesso a um emprego estava, por sua vez, intimamente ligado a um acréscimo significativo das classes médias, e à emergência de uma juventude urbana. Esta nova problemática vem contrastar com os finais dos anos 60 em que a juventude se define como «protagonista de uma crise de valores e de um conflito de gerações, essencialmente situado sobre o terreno dos comportamentos éticos, políticos e culturais» (Machado Pais, 1996, p. 199).

Nos anos 80, a juventude torna-se objecto de crescente interesse científico, dando origem a debates constantes. Em 1983, o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento (IED) utilizou a Escala de Valores Finais de Rockeach no Inquérito “Valores e Atitudes dos Jovens”, numa amostra nacional de jovens com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos. Os resultados foram analisados por Correia Jesuíno (1983) e, posteriormente por Vala (1985). À época, os jovens valorizavam antes de mais, a «felicidade», a «dignidade», a «paz»

e a «liberdade». Depois destes valores, aparece a «igualdade», a «luta pela justiça» e a «solidariedade». Conclui-se também que a maior preocupação dos jovens de 1983 era o «desemprego» e, a segunda, a «guerra e a paz», a que seguiam o «futuro», o «ensino» e o «dinheiro». Quanto à posição política, os sujeitos cujas opções políticas são de Esquerda, valorizavam mais a «dignidade» e menos a «felicidade». O «mundo de paz» é mais valorizado pelo Centro-Direita e Direita, a «harmonia interior» é mais pontuado pelo Centro-Esquerda e a «segurança familiar», pela Direita. Por seu turno, os Católicos não praticantes, valorizavam menos a «felicidade» e a «dignidade» e mais o «verdadeiro amor», a «igualdade», a «luta pela justiça», a «verdadeira amizade» e a «harmonia interior». A «salvação da alma» era mais importante para Católicos praticantes e de outras religiões.

Os jovens de então, globalmente, orientavam-se mais para os valores pessoais que para os valores sociais. Segundo os autores deste estudo, os resultados confirmavam a constância e a predominância do individualismo, como traço português detectável a partir de diferentes abordagens (Jesuino, citado por I.E.D.) Estava-se perante uma possível mudança nos sistemas de valores da juventude portuguesa, em que a maior evolução teria que ver com uma vincada preferência pelo «bem-estar pessoal» e para o «hedonismo». A predominância do valor «felicidade» e a distância que o separa dos restantes valores, parecia ser o valor privilegiado da juventude, quaisquer que fossem as habilitações, o habitat e as opções políticas e religiosas. Convergente com esta interpretação é a evolução que se verifica no valor «igualdade». Com base nestes resultados, os autores concluíram que a juventude portuguesa da década de 80, tenderia a ser tradicional, o que vinha contrastar com os resultados obtidos num estudo efectuado em nove países europeus (Bélgica, Dinamarca, Espanha,

França, Irlanda, Holanda e R.F.A.), que caracterizava a juventude como extrema, radical e inconformista (Stoetzel, 1983, citado por I.E.D.).

Figueiredo (1988) referindo-se ao estudo do I.E.D., considerou que o desejo de paz e acesso ao trabalho, (assumidamente dois pontos de extrema importância para a juventude), confirmavam a existência de uma angústia ecológica, que poderia conduzir a uma agudização da problemática do conflito de gerações. Os jovens manifestavam «preocupações mais pacifistas, de direito ao trabalho e com a herança social e natural colectiva», sendo que este tipo de ideologias ecológicas traduzem preocupações ligadas à destruição da herança das gerações do poder.

A discrepância mais evidente neste estudo, em relação a outros anteriores, diz respeito à posição assumida pelos valores pessoais perante os outros conjuntos de valores considerados. A categorização de valores pessoais surge em primeiro lugar, com resultados mais elevados que os valores relacionais, valores de realização pessoal e valores sociais. O aumento da importância dos valores pessoais surgia, assim, como uma característica que se acentuava à medida que nos aproximávamos dos anos 90. Neste sentido Vala (1986), vem afirmar a emergência de um neo-individualismo na sociedade portuguesa.

Um pouco mais tarde, Schwartz (1992), procura com os seus trabalhos avaliar a universalidade do modelo de Rockeach, tendo para isso analisado os dados recolhidos em 40 países diferentes, com respectivas culturas, religiões e línguas. Este autor considera que «os aspectos universais da condição social humana conduzem a consequências psicológicas, práticas e sociais transculturais. Estas consequências dão, por sua vez, origem à experiência quase universal de conflitos e compatibilidades no sistema de valores» (Schwartz, citado por Silva Freire, 1998). Existiam, assim, consensos mas também conflitos entre os valores e os domínios motivacionais, o que o levou a

concluir que existe uma estrutura universal nos valores (ainda que não seja ainda possível generalizarem-se os resultados para todas as culturas). O autor desenvolveu uma escala, constituída por uma listagem de valores finais e de valores instrumentais num total de 56 (23 dos quais faziam parte da escala de Rockeach). Os inquiridos posicionavam-se numa escala de (-1) a (7), de acordo com o grau de concordância/discordância com o valor sugerido. Esta escala foi utilizada em Portugal por Menezes et al. (1989), com vista a investigar o carácter universal dos valores. Estes autores, aplicaram a escala a uma amostra de 163 estudantes universitários da cidade do Porto, que frequentavam o último ano de cinco faculdades (Engenharia, Psicologia e Ciências da Educação, Economia, Ciências e Direito), sendo apenas a faculdade de Direito, uma instituição privada. A categoria «maturidade», (engloba valores pessoais), surge em primeiro lugar, mas em segundo lugar vem a categoria «valores sociais», com resultados mais elevados que as categorias «valores relacionais» e «valores pessoais». Para os autores, estes resultados contradizem os resultados obtidos por estudos anteriores, já que todos os outros estudos davam conta de uma supremacia dos valores pessoais e relacionais, resultados que tinham levando Correia Jesuíno (citado por Menezes et al., 1989), a referir-se ao povo português como individualista. Menezes et al. (1989), consideram que as discrepâncias nos resultados, poderão, em parte, ser atribuídas à categorização dos valores ser diferente nos diferentes autores. Na revisão que Vala (1985) efectua do inquérito do I.E.D., os valores pessoais, hedonistas, são prioritários, enquanto que no estudo de Menezes (1989) tal não acontece (surtem em quarta posição). Este resultado poder-se-á explicar «devido à elevada proporção de sujeitos do sexo feminino nesta amostra, já que Vala havia verificado resultados mais elevados nos homens, para valores pessoais hedonistas» (Menezes et al., 1989, p. 65).

Vala (1985) efectuou uma tipologia um pouco diferente da que tinha sido adoptada por Schwartz. Assim sendo, os valores da escala de Rockeach poderiam, segundo o autor, ser agrupados em três dimensões: valores de dimensão pessoal (categorizados em «hedonistas», ligados ao desenvolvimento, expressão e afirmação do eu), valores de dimensão relacional e valores de dimensão social. Numa análise mais fina, poderemos constatar que os valores designados por Vala, como «pessoais hedonistas», aproximam-se dos itens considerados por Schwartz. Na categoria «hedonismo», os valores de desenvolvimento, expressão e afirmação do Eu, encontram correspondência na categoria «maturidade». Os valores de dimensão relacional e social, aproximam-se das categorias relacional e social, embora a «manutenção da tradição» também inclua valores de dimensão social. Por fim, a categoria «sucesso conformista» poder-se-á constituir num valor misto, tanto pessoal de desenvolvimento, expressão de afirmação do Eu, como num valor social. No que respeita à categorização feita por Figueiredo (1988), o autor posiciona os valores «instrumentais» (ser aberto, ser honesto) como valores pessoais enquanto que, na classificação de Schwartz, os mesmos valores surgem como valores sociais.

Figueiredo (1988), desenvolve posteriormente, um estudo transversal em duas gerações, numa amostra de estudantes do ensino secundário e universitários e respectivos pais, residentes no concelho de Matosinhos. O inquérito foi aplicado a 402 jovens com idades compreendidas entre os 22 e os 25 anos, solteiros (88%), com ambos os pais vivos (92%) e vivendo juntos (87%). Cerca de 56,9% eram do sexo feminino e 43,1% do sexo masculino. Quanto aos progenitores, a maior parte (75%) situava-se na faixa etária dos 45-55 anos, (35,9%) possuíam o ensino primário, e pertenciam ao sexo feminino (56,6%). Para efectuar a análise da Escala de Valores Finais de Rockeach também aplicada à amostra, o autor recorreu à classificação de Vala (1986). Verificou

então que as duas gerações escolhiam para primeiro e terceiro lugares, os valores «dignidade» e «felicidade», valores relacionados com o amor-próprio. Os jovens colocavam em segundo lugar a «harmonia interior» (dimensão mais pessoal) e os mais velhos optavam pela «segurança familiar» (dimensão mais relacional). Quanto aos valores instrumentais, as opções recaíam na honestidade, responsabilidade e afectuosidade (para os jovens), enquanto que para os progenitores, a honestidade continuava a ocupar o primeiro lugar, mas depois invertiam as prioridades reveladas pelos jovens. Com base nestes resultados, o autor concluiu que os valores que os jovens veiculavam, eram consensuais com os dos pais, ainda que a geração ascendente optasse em primeiro lugar pelos valores de dimensão marcadamente pessoal e, em segundo, de dimensão mais relacional, enquanto que os progenitores veiculavam mais os valores sociais.

O estudo de Figueiredo foi mais além e avaliou outras áreas, através de um instrumento de recolha de dados construído a partir do já referido Inquérito Geral às Universidades promovido pela Juventude Universitária Católica (JUC). O autor incluiu-lhe algumas questões que à data não existiam (sobretudo na área da Política). Deste modo tornava-se possível, por um lado, efectuar comparações entre as gerações e detectar zonas de tensão, por outro, comparar os resultados da década de 80 com os da década de 60.

Figueiredo (1988) constatou que existiam áreas em que os valores sociais defendidos pela geração dos jovens e pela geração dos progenitores eram consensuais mas haviam também áreas de tensão. Além disso, verificou que de 1964 para 1986, se tinha operado na sociedade Portuguesa alguma evolução em termos de valores.

Passamos seguidamente a enumerar os resultados mais importantes, visto que, como foi anteriormente referido, o presente estudo utiliza basicamente o

mesmo instrumento de análise e tem como objectivo dar continuidade às pesquisas iniciadas por este autor. Torna-se pertinente referir desde já, que são nas áreas da sexualidade, casamento e família, que se encontram maiores divergências entre os valores expressos pelas duas gerações. Na geração dos progenitores, predomina uma postura discriminatória relativamente às relações sexuais pré-matrimoniais nas raparigas, em comparação com a dos rapazes. A sexualidade pré-matrimonial das raparigas é considerada «repreensível», ou mesmo «perigosa», enquanto que, tratando-se de um rapaz, passa a «útil» ou «sem gravidade». De notar que as duas gerações são consensuais apenas em relação à sexualidade masculina. Existe uma enorme mudança nos valores dos universitários, havendo uma maior permissividade e aceitação das relações pré-matrimoniais das raparigas. Estes resultados revelam que seria nesta diferença de atitudes entre os pais e os jovens face às relações pré-matrimoniais da mulher, «que se passaria o mais importante conflito de valores entre as duas gerações em análise. Mais despreconceituosa, a nova geração, mais conservadora, a dos progenitores» (Figueiredo, 2001, p. 30).

Em relação ao casamento, 61,2% dos jovens e 43,2% dos progenitores, consideram que o fim mais importante é a «realização humana», seguindo-se-lhe o «auxílio mútuo entre esposos» (23,4 % dos jovens, 26,1 % dos progenitores). Colocando-se a hipótese de divórcio, a maior parte dos jovens (42,0 %) aceita a ideia, por considerá-lo um meio de expressar a liberdade humana e de permitir o verdadeiro amor. Existe também um claro consenso entre as duas gerações, no que respeita à limitação da natalidade e ao desejo de menor número de filhos. Os universitários conferem uma menor importância à família no que concerne a educação dos filhos, considerando que as crianças até se desenvolvem melhor se forem muito cedo para a instituição pré-escolar (26,4% dos jovens são desta opinião, em contraste com os 16,4% dos

progenitores). Estes dados são para Figueiredo (2001), reveladores de uma juventude mais liberal, mais atenta aos problemas da desigualdade entre os sexos e menos sujeita a pressões sociais, aspectos que os levaria a desvalorizar os aspectos formais da vida familiar.

No que respeita as opções políticas, o estudo mostrou que ambas as gerações optavam pelo Centro (38% dos jovens; 44% dos progenitores), sendo que a maioria eram «simpatizantes» de um partido político. O objectivo Comunidade Europeia, é algo importante para as duas gerações, ao mesmo tempo que, sobretudo a geração dos mais novos, era veiculada a adesão a uma democracia pluripartidária, aos direitos e liberdades no quadro civilizacional Europeu. Mais que os pais, os jovens consideravam o regime democrático pluripartidário como instrumento formal indispensável para a resolução dos objectivos mais importantes a alcançar na passagem para o século XXI» (Figueiredo, 2001, p. 31). Ultrapassar as desigualdades sociais (79,9% para os jovens; 69,3% para os progenitores), a fome e a pobreza (26,8% para os jovens; 29,3 % para os progenitores), eram as prioridades apontadas.

Ao nível das Instituições (Escola, Tribunais, Polícia, Prisões), os resultados são os seguintes: o prolongamento da escolaridade obrigatória é valorizado em ambas as gerações, contudo os jovens revelam uma atitude marcadamente mais crítica em relação à qualidade do ensino. A respeito dos Tribunais, as opiniões são consensuais. Ambas as gerações consideram que «nunca se justifica que se faça justiça por mãos próprias» mas, quando questionados acerca da eficiência dos Tribunais e da Polícia, as opiniões divergiram. Os progenitores são de opinião que, tanto a Polícia como os Tribunais, «fazem o melhor que podem» (52,0%), enquanto que os jovens consideram que «funcionam mal por desleixo» (55,1%).

Face aos grandes problemas sociais (alcoolismo; crime; droga; prostituição), as duas gerações concordam que a melhor atitude é a de prevenção. Os progenitores dão mais relevo ao tratamento, no caso do alcoolismo (43,6%), e à repressão (25,6%), no caso do crime.

Questionados em relação às «Causas por que vale a pena sacrifícios», os jovens «estão mais dispostos a sacrificarem-se pelos direitos do homem, enquanto que os pais sacrificar-se-iam mais por objectivos sociais, a paz e a luta contra a miséria» (Figueiredo, 1988, p.20).

No que respeita a pergunta sobre se pensavam que a crise da civilização podia, ou não, ser vencida, os jovens revelavam-se mais cépticos que os progenitores. As duas gerações são de opinião que a crise só poderá ultrapassar-se com recurso a uma «renovação espiritual e moral», sendo que a geração ascendente (embora se revele mais céptica), é mais confiante nas suas capacidades de influenciar o curso dos acontecimentos.

Quanto à religiosidade, a maioria dos inquiridos na década de 80, consideram-se religiosos, ainda que os pais o sejam mais que os filhos (89% e 65%) no entanto, a procura da religião dá-se nas duas gerações, por motivos diferentes. Para os jovens consiste numa «satisfação de necessidade espiritual», enquanto que para os mais velhos é «uma forma de amar e servir a Deus».

Os centros de interesse, são consensuais nas duas gerações. Em primeiro lugar surgem os «grandes problemas da sociedade» (mais pontuado pelos progenitores), segue-se-lhe «a ciência e tecnologia» e o «meio ambiente» (mais pontuado pelos jovens).

É interessante verificar que, em algumas áreas, as respostas obtidas no Inquérito da JUC (1964), são semelhantes às respostas que são dadas pela geração de pais neste estudo. Nos anos 80, em relação aos anos 60, as grandes

modificações ao nível dos valores, foram ao nível de áreas como: família, estatuto da mulher e sexualidade.

Na década de 90, emergiram novas problemáticas que passaram a constituir o objectivo central das investigações sociológicas. Os investigadores encontravam-se bastante centrados nos «processos de formação das culturas juvenis e suas principais manifestações com relevância das condutas de risco, nomeadamente a toxicodependência» (Machado Pais, 1996, pág. 201).

Casanova (1993), inquiriu cerca de 2500 estudantes universitários, pertencentes a 21 cursos superiores que cobriam a totalidade geográfica do nosso país. O autor pretendia traçar o perfil destes estudantes, avaliar as representações sobre «as licenciaturas que frequentam, bem como os valores, orientações, pertenças e expectativas que reclamam (p. 41). Os resultados do estudo, mostram que existe uma grande convergência de valores, identidades e expectativas. Os jovens universitários dão particular importância à vida social, tal como à família e aos amigos. Revelam confiança no futuro científico, tecnológico e político do país e não se mostram envolvidos em questões de ordem política nem religiosa. Para o autor, estas convergências testemunham uma socialização de tipo interclassista que contribui para a homogeneização ideológico-simbólica do estudante do ensino superior.

Também Conde (1988), efectuou um estudo onde pretendia traçar o perfil da juventude portuguesa, no que respeitava os valores e as representações. Para isso, pediu aos jovens que referissem as diferenças entre si mesmos e as gerações mais velhas. Com base nas respostas, concluiu que os jovens «rejeitam uma imagem estruturada em função de valores estritamente hedonistas e distanciados de uma ética de trabalho e de responsabilidade social» (p.196). Ao mesmo tempo, constatou que os jovens valorizam o trabalho enquanto meio de realização pessoal, assim como a carreira profissional. Paralelamente conferem

grande importância aos tempos livres, discordam com a existência de um menor sentido de disciplina, de responsabilidade e um menor investimento escolar. As maiores clivagens surgem no domínio das práticas e estilos culturais (vestuário e preferências musicais), assim como na maior importância atribuída pelos jovens, à vida sexual e aos tempos livres. Neste estudo, os jovens manifestam o interesse pela política. O estudo de Conde (1988), introduz uma nova leitura da juventude, revelando uma distância bastante acentuada entre o modo como eles próprios se encaram e a imagem que a sociedade construiu (possuidores de valores estritamente hedonistas, cuja minimização dos valores tradicionais é uma constante). Posto isto e com base nos resultados deste autor, os jovens definem-se muito mais como *jovens* e menos como *juventude*, isto é, identificam clivagens internas à juventude. A identidade geracional é captada por via de clivagens internas à própria juventude, concluindo-se pela «existência cada vez mais de jovens e menos de juventude» (Conde, 1988, pág.197) A chamada *cultura juvenil* possui domínios comuns assim como, nesses próprios domínios emergem expressões que conduzem à distinção entre gerações.

Vala, tendo por base os resultados do seu estudo de 1986, concorda com Conde no sentido de que existem grupos de jovens e modelos culturais juvenis distintos, não se podendo encarar a juventude como algo homogêneo.

Num estudo recente, coordenado por Villaverde Cabral e Machado Pais (1998), foi efectuado um inquérito a nível nacional a jovens de idades compreendidas entre os 15 e os 29 anos. Os autores pretenderam «captar as visões do mundo e as representações sociais que os jovens portugueses constroem, face às diversas questões da vida social, como as atitudes perante a política, a cidadania, a escola, o trabalho, ou ainda, a conjugalidade, a vida amorosa e sexual » (Villaverde Cabral, M. ; Machado Pais, J. et alt., 1998, p. X).

Todas estas áreas foram analisadas em separado por diversos colaboradores. Assim, a respeito do trabalho feminino detectam-se algumas mudanças nos jovens da década de 90 que se manifestam, sobretudo, pelo acentuado aumento das habilitações escolares da geração dos progenitores para a geração dos jovens e, o valor percentual das jovens que trabalham em detrimento das domésticas. Os resultados, apontam para que «valor percentual das domésticas baixou significativamente dentro do grupo das casadas, fenómeno que atravessará todas as classes sociais» (Sedas Nunes, 1998, p.15) assim, o modelo de mulher activa está actualmente a impor-se ao da mulher doméstica. Este facto terá, segundo o mesmo autor, eventualmente a ver com a estimulação cultural e as exigências da economia familiar. Contudo, este envolvimento não implicaria uma desvinculação das tarefas domésticas como sejam o cuidar dos filhos e da casa.

Os jovens mantêm também uma regularidade tradicional que se manifesta pelo facto de nos seus planos existir invariavelmente uma linha condutora, que consiste em arranjar emprego, simultaneamente casar e sair de casa e, por fim, ter filhos (Sedas Nunes, 1998). Este plano existente para uma maioria dos jovens vem, segundo este autor, colocar em causa a tese da dissolução do valor da família. Assistiríamos assim, a um alongamento do processo, fruto do prolongamento das trajectórias escolares em grupos sociais que outrora não investiam tanto ao nível da cultura.

As elevadas aspirações académicas ou as exigências próprias de uma sociedade que se caracteriza pelo consumismo, levariam os jovens à inserção, muitas vezes precoce, no mercado de trabalho (Alves, 1998). Para os jovens, o emprego tende a apresentar-se como um bem cada vez mais escasso, levando-os a aceitarem a primeira proposta que lhes é feita, mesmo que a remuneração seja baixa. Ao mesmo tempo, Alves (1998), encontra duas atitudes distintas

perante a escola: uns abandonam-na precocemente e ingressam no mercado de trabalho, outros preferem traçar longas trajectórias, em comum existe o facto de a educação que se faz em Portugal ter uma imagem francamente positiva entre os jovens inquiridos.

No que diz respeito à conjugalidade, Vasconcelos (1998) refere que os jovens portugueses estão muito propensos para o matrimónio, uma vez que a grande maioria deseja viver com alguém ou mesmo casar. O laço formal poderá perder um pouco dos seus contornos tradicionais quando constatamos que, a grande maioria dos inquiridos, colocam a hipótese de divórcio sendo a infidelidade apontada como motivo de ruptura. Ao mesmo tempo, este autor constatou a aceitação abstracta (total ou parcial) da coabitação informal o que o levou a concluir pela existência de «alguma linearidade dos modelos de transição para a idade adulta - ainda existe, grosso modo, um ciclo de vida (familiar), padrão, embora se saiba que, hoje em dia, a entrada na idade adulta se dê mais tardiamente do que anteriormente» (Vasconcelos, 1998, p. 302). Os jovens saem da sua família de origem com o objectivo de construir a sua própria família considerando que esta construção assenta no princípio da reversibilidade, numa ética de experimentação, particularmente no domínio da sexualidade, como o refere Machado Pais (1994). Este autor, nos estudos que desenvolveu, constatou que, quer homens, quer mulheres, mantêm actualmente uma sexualidade activa antes da maioridade legal, embora existam diferenças substanciais entre os sexos (os homens são mais activos) e entre classes sociais.

Já no seu estudo de 1993, Machado Pais, tinha questionado os jovens da Grande Lisboa, a respeito das questões ligadas ao namoro e às formas de conjugalidade, sendo que 90% dos inquiridos, eram de opinião que as pessoas se casavam «por amor» e, simultaneamente, «por interesse» mas, quando

questionados acerca das suas próprias motivações, referiam que o casamento estaria nos seus planos, apenas se constituísse o final desejável de uma relação de amor.

No que respeita a sexualidade, a perda de virgindade das raparigas, tinha deixado de ser tão condenada sendo até tolerada quando a família conhecia o namorado, o que levou o autor a afirmar que os pais actualmente «demonstram uma atitude complacente relativamente à vida sexual dos filhos, o que não acontecia em gerações anteriores» (Machado Pais, 1993, p. 285).

Mais recentemente, Nodin (2001), efectuou um estudo da saúde sexual e reprodutiva, numa amostra nacional de jovens de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos. O autor concluiu que, no que respeita a actividade sexual, a maior parte dos jovens nesta idade já iniciaram a vida sexual, sobretudo os rapazes do Sul do país. Os jovens do Alentejo são os que afirmam possuir uma maior experiência sexual (85,7%), segue-se os jovens do Algarve (81,4%), depois o Norte (79,3%) e, por último, vem Lisboa e Vale do Tejo (68%). Os indivíduos com maior escolaridade são os que mais cedo iniciam a vida sexual e que têm menor número de parceiros. É no Norte que as pessoas são mais conservadoras isto é, têm maior percentagem de parceiros fixos (76,6%) e menos parceiros ocasionais (15,5%). Apesar de serem as raparigas que apresentam maior número de parceiros fixos (85,7% contra 54% dos rapazes), são também elas que em maior número já contraíram DST (4,8% contra 1,9% dos rapazes), com maior frequência em Lisboa e Vale do Tejo (5%), o Norte com 4,2%, o Alentejo (2,5) e, por fim, o Algarve (1,9).

Voltando ao estudo de Machado Pais (1993), o autor concluiu que tradição do casamento religioso mantém-se em parte porque nas classes mais elevadas constitui um acontecimento social relevante. Viver junto é um modelo mais adoptado pelas classes médias, envolvendo «na maior parte dos casos, jovens

divididos entre o amor como expressão de um sentimento espontâneo [...] e a imagem de uma relação conjugal implicando um compromisso firmemente estabelecido e permanente que encarna obrigações que transcendem os sentimentos ou desejos imediatos» (p. 287). Os jovens de classe média, revelam-se também mais permissivos em relação à sexualidade e ao desenvolvimento de novas formas de vida.

No que respeita a procriação, os jovens dos anos 90 (sobretudo os rapazes) tendem a adiar esse projecto, fruto de questões como as dificuldades na inserção da vida activa, a divulgação do planeamento familiar e a crescente integração das mulheres no mercado de trabalho.

Para Vasconcelos (1998) estamos perante um «duplo padrão de género» e também um «duplo padrão social» que faz com que «quanto mais se avança num eixo socialmente desfavorecido para um eixo socialmente favorecido, mais se avança igualmente de posições e atitudes tradicionais para posições e atitudes modernistas» (p.304) Machado Pais (1993), é da mesma opinião que Vasconcelos : é entre os jovens de classes médias que se encontra um maior descomprometimento em relação a éticas morais tradicionais, sendo que muitos defendem o modelo de «amor experimental», que se traduz em episódios de curte, ou *affaires*.

No que concerne a política, Fernandes (1998) concluiu que os jovens, ao serem confrontados com a hipótese de uma centralização do poder a nível Europeu, manifestam-se maioritariamente defensores da soberania nacional, revelando assim que o simbolismo da identidade nacional se sobrepõe aos aspectos instrumentais (diversidade cultural, Democracia e liberdade, desenvolvimento e bem-estar) atribuídos à Europa. A mesma autora refere a existência de três subgrupos. Dentro do subgrupo nacionalistas, pode-se efectuar uma divisão entre aqueles para os quais «os valores nacionais têm uma

conotação meramente simbólica, provavelmente herdada das gerações mais velhas, a Europa não tem representação e não sabem de que consta a integração europeia» (Fernandes, 1998, p. 356). Existe, depois, um segundo grupo representante de um quarto dos inquiridos, que «apresentam elevadas competências escolares, pertencem às classes médias, conhecem a Europa, atribuem-lhe qualidades, mas afirmam-se contra um Governo Europeu responsável perante o parlamento europeu» e o terceiro mais representado pelas «classes médias e alta, discutem frequentemente política, consideram a integração europeia prejudicial para os estados membro manifestam-se contra a possibilidade de um governo europeu» (Fernandes, 1998, p. 356). O terceiro grupo - os Europeístas - são em número menor e têm uma representação sociológica diversa. Caracterizam-se por uma «posição partilhada de atribuição de responsabilidade política à União Europeia nos domínios económico, social, ambiental, cultural e desportivo» (Fernandes, 1998, p. 356). A adesão a este grupo, manifesta no que concerne a União Europeia será, na opinião da autora, fruto de mensagens veiculadas pelas representações sociais dos emigrantes portugueses.

Para Braga da Cruz (1992), o sentido de pertença regional e o fraco sentido europeísta que os portugueses revelam (mesmo após a assinatura do tratado de adesão às Comunidades) estaria favorecido pela «baixa instrução, baixa posição social, restrita dimensão do habitat, elevada idade e posições políticas e sociais mais conservadoras (Braga da Cruz, 1992, p. 848). À semelhança do que está a suceder em toda a Europa, também o sentido europeísta está a ter cada vez mais adeptos no nosso país, segundo o mesmo autor. Assim, passou da indiferença majoritária (65% em 1981) a um apoio maioritário (82% em 1990). Esta favorável opinião, poderá ser explicada pelo facto de «ter também crescido espectacularmente a opinião favorável sobre os benefícios da adesão»(Braga da

Cruz, 1992, p. 849). Contudo, os portugueses continuam a mostrar-se bastante ciosos das competências do governo, manifestando-se receosos em relação à ideia de uma transferência de soberania, de um nível estritamente nacional para um nível cada vez mais europeu.

No que respeita ao envolvimento político, Villaverde Cabral (1998) conclui no seu trabalho que a grande maioria dos jovens não possui qualquer simpatia partidária. Uma boa parte dos jovens «partidariamente identificados, mantém com a política uma relação de débil empenhamento» (Villaverde Cabral, 1998, p. 375).

2.2 Os jovens e a aquisição de autonomia

Ao falarmos em adolescência, surge-nos de imediato a dificuldade de a limitarmos no tempo. Alguns autores estabelecem os doze anos como limite inferior, mas não referem o limite superior pois consideram que o início da idade adulta se dá no momento em que o jovem se vê confrontado com exigências psicológicas, relacionadas com a realidade dos adultos (Bendit, 1994; Rivto, 1995, citados por Silva Freire, 1998).

Blos (1962/1985), para marcar o início da adolescência recorre a critérios puramente biológicos, enquanto que para definir o final, se vai socorrer de critérios psicológicos. Segundo o autor, a puberdade marca o início sendo que a adolescência só acabará quando se der a consolidação de alguns aspectos psicológicos que favorecem a integração social, a auto-estima e a delimitação dos interesses.

Tendo em conta que actualmente os jovens saem mais tarde da casa dos pais, visto que assistimos a um prolongamento dos processos de escolarização, a entrada na adultícia é cada vez mais retardada. Neste contexto, a aquisição da autonomia torna-se um processo bastante complexo. Apesar disso, para Fleming (1992), o desejo de autonomia surge logo no início da adolescência. Quando por volta dos 12 anos os jovens começam a desejar criar o seu próprio espaço, decorando o quarto, adoptando o estilo de vestuário que mais gostam, mas para muitos só no final da adolescência é que lhes é permitido escolher o seu próprio estilo de vestir e de orientar a vida segundo os seus próprios ideais. Para a mesma autora, a autonomia pressupõe que o jovem adolescente sinta que tem um vínculo seguro que a liga aos pais mas, ao mesmo tempo, consiga opor-se a eles, o que nem sempre acontece. No seu estudo, a autora verificou que o padrão de submissão, em jovens dos 12/13 anos e 18/19 anos era muito

comum, ainda que haja uma tendência para diminuir à medida que a idade avança.

Também Figueiredo (1985-a), encontrou nos seus estudos indícios que apontam para que o desejo de autonomia se revele cedo, mas que só se concretize mais tarde. O autor efectuou um estudo numa amostra de jovens de idades compreendidas entre os 10 e os 19 anos e concluiu que primeiro surge o desejo de autonomia, depois a capacidade de desobediência e, só por último a capacidade de desidealizar as figuras parentais. O mesmo estudo foi repetido, desta vez com uma amostra de jovens entre os 12 e os 23 anos. As conclusões foram semelhantes, ou seja, à medida que a idade avança, vai aumentando a percentagem de jovens que pretendem ser autónomos, assim como as capacidades de desobediência e desidealização (Figueiredo, 1988). Existem, ainda assim, algumas diferenças entre os sexos, sendo que os rapazes a partir dos 16 anos já denotam alguma tendência para a desobediência e, um pouco mais tarde, aos 18/19 anos, começam a desidealizar as figuras paternas. Nas raparigas, é tudo um pouco mais tardio, sendo que a desidealização se dá por volta dos 22/23 anos. O processo de desidealização passa pela descoberta da imperfeição dos pais ou seja, o jovem percebe que, entre os progenitores interiorizados e os progenitores reais, existe uma grande diferença. Para Figueiredo (1985), a decepção face à imagem dos pais, é um dos factores que faz o jovem procurar «objectos identificatórios e de amor fora da família» (p.94)

Alguns autores, sobretudo os que advogam as teorias psicanalíticas clássicas, consideram que as capacidades de desobediência e de desidealização, necessárias para que o jovem se autonomize, passam necessariamente por um período de ruptura, ou de conflito, com as figuras parentais (Fleming, 1983). Figueiredo (1985-a), prefere chamar-lhes «zonas de tensão», em vez de conflitos, sendo que o autor considera que a desobediência às regras e o colocar em

causa valores parentais, vai lesar os progenitores no que respeita o exercício do poder e da autoridade, sendo esse o motivo principal para o surgimento das tensões. O processo de autonomia, para o autor, só se desenvolve por via de um confronto directo com os adultos mais significativos.

Fleming (1983), chama a atenção para o facto de o desejo de autonomia se inserir em todo um contexto familiar de mutação. Uma família com um filho adolescente, encontra-se numa fase do seu ciclo de vida, em que a própria identidade do casal se encontra em crise, necessitando de sofrer novas redefinições e organizações do plano familiar (Erikson, 1968). Para o adolescente, as capacidades intelectuais e as pulsões sexuais encontram-se em crescimento, enquanto que para os pais, estão em declínio, sendo que todo o processo é vivenciado com dificuldades quer por uns, quer por outros (Figueiredo, 1985). O fim do processo adolescente dos filhos, é sentido pelos pais como uma perda. O facto de os filhos estarem a iniciar uma fase que poderá culminar com a saída de casa, implica por si só, ajustamentos familiares que poderão ser complexos. O modo como os progenitores vivem esta separação, influenciará positiva ou negativamente o crescimento e a autonomia dos filhos.

Certo é que os pais vivem frequentemente de uma forma ambivalente todas as etapas deste processo. Se por um lado, desejam que o filho cresça e se emancipe, por outro, têm receio das consequências da independência, sobretudo da independência sexual, sendo que todo este receio assume maiores proporções quando o adolescente é do sexo feminino. Por sua vez, os filhos também sentem esta fase de uma forma ambivalente, oscilando entre a sedução que envolve a ideia da independência e o atingir da idade adulta e o medo de se afastarem da família e de virem a tomar as suas próprias decisões, deixando o estatuto de crianças que até aí possuíam.

Fleming (1993) e Sampaio (1994), são de opinião que esta independência é frequentemente vivida de um modo intimidatório e assustador, sendo que estes sentimentos serão tão mais fortes, quanto menor for a estimulação de que sejam alvo por parte dos pais, no sentido de se tornarem independentes e autónomos. Esta ambivalência poderá conduzir à rebeldia e ao não conformismo que, segundo os psicanalistas é a principal característica desta fase do desenvolvimento (Blos, 1962/1985).

Actualmente, a maturidade física é atingida mais precocemente mas isso não implica que o jovem saia cedo de casa dos pais. Fleming (1992), considera este ponto como o mais contraditório deste ciclo de vida, pois já existe da parte dos jovens um desejo de autonomia, são estimulados nesse sentido pelos pais, e todo um leque de factores favorecem esta atitude, (como é o exemplo de os próprios jovens defenderem valores ligados à independência, liberdade, autonomia...) , mas assistimos à crescente tendência para o prolongamento dos estudos e especializações, à dificuldade na obtenção de empregos estáveis, o que impossibilita a tão desejada independência económica.

O desenvolvimento normal passa por períodos de crise de entre os quais se destaca a adolescência. Erickson (1968), para não correr o risco de patologizar a adolescência, encara-a como uma crise normativa, isto é, um período no qual o jovem se procura organizar, estruturar, de forma diferente. Aberastury (1983) considera que as modificações psicológicas são as responsáveis pelas mudanças na relação com os pais e com o mundo. O adolescente precisa de se tornar independente do grupo familiar, com o objectivo de atingir a idade adulta. A adolescência marca a intensificação do processo de separação/individuação, onde o vínculo de dependência com os pais da infância passa a ser questionado.

O processo de autonomia na adolescência é algo importante de ser analisado, visto ter por base o processo de individuação e de separação dos progenitores e, deste modo, um maior direcionamento para grupo de pares. O adolescente tem, assim, que se relacionar ao mesmo tempo com o grupo de pares e com a família. Estudos têm demonstrado que se os adolescentes se identificam unicamente com a família, ou unicamente com o grupo de pares, obtêm apenas ajuda, apoio emocional e instrumental desse mesmo grupo, mas não do outro (Palmonari et al., 1991, Kirchler, 1919 ; Pomberi et al. , 1990 , citados por Gouveia Pereira).

Fend (1990, citado por Gouveia Pereira) é de opinião que o declínio da força do Ego, está relacionado com o aumento da distância social em relação a pais e filhos. A relação entre progenitores e filhos, constitui um factor de extrema importância na formação e fortalecimento do Ego, muito mais que as relações com os pares, contudo as duas relações são complementares. O facto de os adolescentes passarem a conviver com os seus pares e esse encontro ser de extrema importância para o desenvolvimento destes, não conduz necessariamente a uma rejeição do grupo familiar. Os pares e os progenitores, são duas entidades complementares que constituem importantes suportes no desenvolvimento do adolescente. Para que esta etapa se realize de um modo plenamente saudável, é necessário um bom movimento das relações intrafamiliares, de modo a que este permita o desenvolvimento das relações extrafamiliares. Além do mais, o grupo pode não constituir uma fonte de socialização negativa, sendo que vai tendo uma importância cada vez mais acentuada, no que respeita a transmissão de valores e de modelos de comportamento (Devereux, 1970). É no seio do grupo que os jovens desenvolvem os aspectos ligados à afectividade. As amigas são fundamentais para o equilíbrio psicológico das jovens adolescentes, enquanto que para os

rapazes, os seus pares são camaradas, parceiros em jogos e em conquistas, permitem que o adolescente desenvolva o sentimento de pertença, tenha novas experiências, modele os seus gostos, tenha todo um leque de possibilidades que não consegue encontrar no seio da família. Igualmente ao nível da identidade, desempenha um papel fortíssimo, no sentido de permitir uma maior definição do adolescente (Fleming, 1993). O grupo surge então, no momento em que o jovem sente necessidade de procurar ser autónomo. A individuação constitui um processo indispensável para que se faça a transição da infância para a idade adulta e algo indispensável para a construção da identidade do adolescente.

Outro aspecto importante, diz respeito ao modo como os filhos vêm e sentem os pais e, nesse sentido, Fleming (1992) é de opinião que os pais percebidos pelos filhos como figuras encorajadoras e facilitadoras da autonomia, serão aqueles que mais funcionam como modelos válidos de identificação. Esta visão é partilhada por Baumrind (1968), sendo que este autor considera que existe uma estreita relação entre a capacidade do adolescente se autonomizar e a capacidade dos pais estimularem/facilitarem o processo de separação e, ao mesmo tempo a autonomia é também fomentada pela definição clara dos limites e regras para o comportamento, associada a uma relação marcada pelo afecto e pela aceitação.

Para Moore (1987), a separação da família e a conseqüente saída de casa, constituem etapas de grande importância para o processo de autonomia mas, em regra, só estão concluídas no final da adolescência. Este autor, considera que o modo como os jovens encaram a saída de casa e a separação dos pais, vai condicionar todo o processo e também, quer o tipo de relação que futuramente terão com os progenitores, quer o seu desenvolvimento psicossocial. Moore debruçou-se sobre esta problemática em jovens na faixa etária dos 18 aos 21

anos e constatou que a separação dos pais é construída segundo dimensões que incluem o auto governo (sentir-se maduro, sentir-se como adulto) e a desvinculação emocional, (caracterizada pela desvinculação da família, não estar em contacto com os parentes). O auto governo foi a dimensão mais valorizada pelos jovens, mas o autor não encontrou qualquer correlação entre esta dimensão e a desvinculação emocional o que, segundo Moore, indica que os jovens querem sair de casa mas manterem laços de proximidade e de afecto com os progenitores. Ao mesmo tempo, os adolescentes com idades compreendidas entre os 18 e os 20 anos e que constroem a separação decorrente de um processo de auto governo, eram os que demonstravam possuir maior auto-estima e sentiam menos solidão. Por sua vez, quando a separação se dava com desvinculação emocional, a auto-estima era mais baixa, a identidade do Ego mais fraca e as dificuldades na autonomia eram superiores.

Mas, afinal, o que significa para os jovens a saída de casa ? De forma a auscultar o que os jovens sentem, Fleming e Aguiar (1992), elaboraram um estudo com jovens dos 18 aos 25 anos. A tarefa consistia em imaginarem uma história cujo protagonista era um jovem (de idade semelhante à dos inquiridos) e que se separa dos pais para ir viver para outro sítio. Era-lhes pedido também que apresentassem razões para essa saída e o modo como anteviam o futuro da personagem. Paralelamente, as autoras pretendiam estudar de que forma as representações dos filhos acerca desta problemática, estariam associadas às expectativas dos pais face à saída dos filhos, pelo que efectuaram um inquérito à geração mais velha.

Os resultados mostram que alguns os jovens (40%) posicionam a saída de casa num contexto relacional sem conflitos, sendo que a maioria (56,4), descrevem um cenário onde está presente o conflito. Quanto às motivações, surge em primeiro lugar o «desejo de autonomia» (62%), seguindo-se-lhe a

«rejeição do meio familiar» (35%). Relativamente aos tipos de conflito mais evocados pelos jovens, salientam-se o «desentendimento com os pais», «o mau ambiente em casa» e o «conflito de gerações». Quanto às expectativas dos pais, predominam quer no grupo das mães, quer no dos pais, expectativas positivas face à saída de casa por parte dos filhos. Os resultados descritos, segundo as autoras, remetem para a existência de uma fantasia de conflito, por parte dos jovens, que serve de suporte à ideia de separação. Ao representarem a saída de casa num cenário de grande conflitualidade, o processo facilita-se, já que o adolescente vive esse momento com menos culpa, porque o encara como uma reacção ao meio familiar.

Fleming e Aguiar (1992) compararam estes resultados com os resultados obtidos num estudo de 1986, com jovens de idades mais reduzidas (12-19 anos) e observaram que, a maior parte dos jovens do secundário representa a saída de casa num cenário de conflito, enquanto que os jovens estudantes universitários, encaram esse facto como representativo de um desejo de autonomia. Além disso, os mais novos antevêm para si próprio um futuro negro, o que contrasta fortemente com a visão dos universitários. As autoras encontram uma explicação para estes resultados, baseando-se no facto de, para os universitários, existir um optimismo face ao futuro, visto considerarem que lhes é possível garantir a sua subsistência sem o apoio financeiro da família. Assim, o mais valorizado para os universitários na separação dos pais, é muito mais o que ganham (o auto governo, na perspectiva de Moore, a autonomia segundo Fleming e Aguiar) do que o que perdem. A separação dos pais e a saída de casa, não implica para os jovens universitários a desvinculação emocional aliás, muito pelo contrário. Estudos mostram que os universitários manifestam um acréscimo de afecto, comunicação satisfação e independência em relação aos pais (Sullivan, 1980, citado por Fleming, 1993).

Ao longo da procura de autonomia, podem estar presentes factores que facilitem este processo, ou que o dificultem. Fleming (1992, 1993,) procurou estudar dois aspectos distintos: de que modo as práticas educativas operavam no sentido de facilitarem/dificultarem o processo de autonomia e como é que os jovens adolescentes percepcionavam o amor, a hostilidade, a autonomia e o controlo, com base nas atitudes dos pais. Inquiriu três grupos de estudantes com idades distintas: 12/13 anos, 14/16 anos e 17/19 anos. O estudo mostrou, a existência de uma correlação positiva entre a autonomia do adolescente e as atitudes encorajadoras dos progenitores, e uma correlação negativa, entre a autonomia dos jovens e o exercício do poder de forma autoritária. Os jovens adolescentes de faixas etárias intermédias e terminais (14/16 e 17/19 anos) revelam sentir maiores dificuldades em autonomizar-se, quando os pais exercem o poder de forma autoritária. O afecto dos pais percepcionado pelos jovens, começa por ser um entrave à autonomia para as raparigas na pré-adolescência (12/13 anos) ou na adolescência média (14/16 anos), passando depois, nas fases finais, a constituir um elemento favorecedor para os dois sexos.

Devereux (1970) e Etxebarria (1992), sublinham o papel que as práticas educativas desempenham em todo o processo. Para provar a sua tese, Devereux aplicou um questionário a adolescentes de idades compreendidas entre os 15 e os 16 anos. Ao longo desse questionário, os jovens eram convidados a avaliar as práticas educativas de seus pais. Aplicou também uma escala aos professores e orientadores escolares, como forma de obter algumas informações acerca das famílias dos jovens inquiridos. Os resultados apontam para que os jovens em cujas casas existe pouco controlo e autoridade, mas em que está presente um clima de afecto e uma relação entre gerações caracterizada pela proximidade, se tornem mais imaturos, irresponsáveis e resistentes à autoridade dos

professores, ainda que sejam populares e espontâneos entre os seus pares. Outros estudos efectuados pelo autor levaram a iguais conclusões, pelo que Devereux (1970) é de opinião que um desenvolvimento psicossocial saudável em termos de desenvolvimento moral, só é conseguido se os educadores conseguirem encontrar o equilíbrio entre o afecto, o apoio, a disciplina e o controlo.

Por sua vez, Etxebarria (1992), avaliou de que modo é que as práticas educativas facilitavam ou dificultavam a adesão a novos valores, favoreciam ou limitavam o acesso à autonomia e, se os sentimentos de culpa experienciados pelos jovens estavam correlacionados com as práticas educativas dos progenitores. A amostra era constituída por jovens adolescentes terminais, isto é, de idades compreendidas entre os 16 e os 19 anos. Foi aplicado um questionário que abordava quatro áreas: culpa, valores (dos jovens, dos amigos e dos progenitores), práticas educativas e ambiente familiar. O autor concluiu que o facto de o jovem ter contacto ou se identificar com valores distintos daqueles que são defendidos pelos pais, pode ser gerador de fortes sentimentos de culpa. Tendo em conta que nas sociedades ocidentais as práticas educativas são distintas quer se trate de uma rapariga ou de um rapaz, e que a educação das raparigas é feita de um modo facilmente gerador de sentimentos de culpa (sobretudo no que respeita à sexualidade), este facto pode constituir um entrave para a aquisição de autonomia. Além disso, para o autor, os sentimentos de culpa são directamente proporcionais à distância que existir entre os valores defendidos pelos pais e os valores que os jovens contactam. Através do seu estudo, Etxebarria vem mostrar claramente a forte influência das práticas educativas no processo de autonomia dos adolescentes. Assim, a prática «autoritária» (que usa o medo ou a culpa como instrumentos) constitui um entrave a que os jovens consigam tornar-se seguros e equilibrados. Por sua vez,

o estilo «democrático» (que tem por base o diálogo, a troca de ideias) torna-se um instrumento favorável, quer ao processo de autonomia, quer à adoção de novos valores.

Figueiredo (1988) também é de opinião que as práticas educativas podem favorecer, ou dificultar, o processo de autonomia. Para este autor, o objectivo fundamental da adolescência conduz à capacidade do adolescente atingir a sua autonomia, constituir família e realizar-se a nível profissional. As motivações decorrem das mudanças biológicas próprias da adolescência, da maturação sexual e das bases biológicas, para essa mudança. Contudo, existem mudanças psicológicas que permitem o acesso ao estado de adulto. Nestas mudanças psicológicas, persiste uma sobreposição entre o desejo de independência e o desejo de ficar fixado à própria família. Além das modificações corporais, existem também alterações no superego. A organização do conflito Edipiano pode levar a uma extensão das proibições Edipianas em relação às mães, a uma proibição da sexualidade que, segundo Figueiredo (1988), poderá estar na base de muitas dificuldades neuróticas dos jovens e a uma culpabilização da autonomia. A autonomização do adolescente implica então, segundo Amaral Dias (1988, citado por Fleming, 1993), que «o jovem tenha capacidade para «atacar»³o sistema familiar real e fantasmado» (p.314). Esta atitude pode ser sentida pelos pais como uma agressão, o que conduz a atitudes ambivalentes, ora de aceitação, ora de rejeição.

³ Aspás colocadas por Fleming, M. (1993)

2.3. Relação entre gerações

Os anos 60 os hippies vieram revolucionar o modo como os jovens viviam e pensavam, abrindo caminho para o que se veio a chamar «conflito de gerações». A cultura dos jovens dessa época, baseava-se no slogan «é proibido proibir», pelo que lutavam até ao fim pelos seus ideais. Os hippies deixaram pouco a pouco de se fazerem notar, mas as suas marcas ficaram para sempre, sobretudo em áreas como a sexualidade e os direitos das mulheres.

O movimento feminista dos anos 70, veio consolidar ainda mais os ideais e valores que se começaram a defender na década anterior. Com o surgimento da pílula anticoncepcional, a mulher passou a ter uma liberdade sexual que até aí lhe fora completamente vedada. Chegados aos anos 80, tudo leva uma reviravolta com o surgimento da SIDA e, por uma questão de sobrevivência, o romantismo e a fidelidade foram retomados (Duncan, s.d.).

A juventude, na opinião de Machado Pais (1993), tem de ser encarada como um fenómeno no qual coexistem a unidade e a diversidade. Assim, as diferentes juventudes e o modo como as olhamos, correspondem a diferentes teorias que, na opinião do autor, em dois tipos de correntes: corrente geracional e corrente classista. Para a corrente geracional, a juventude é uma fase da vida, que se desenvolve numa sociedade onde coexistem várias culturas que por sua vez se desenvolvem num quadro dominante de valores. Para esta corrente, os conflitos intergeracionais são encarados como disfunções que ocorrem nos processos de socialização, o que vai contribuir para a formação da juventude, enquanto geração social. Existe então uma cultura juvenil, que se vai opor à cultura das gerações mais velhas, sendo que esta oposição assume a forma de descontinuidades intergeracionais, gerando conflitos entre gerações, ou uma socialização contínua. No caso de originar uma socialização contínua, a

juventude será apenas uma fase transitória, que conduzirá sem grandes convulsões à idade adulta, o que pressupõe todo um processo de construção da identidade e da autonomia. Os conflitos surgem quando há descontinuidades intergeracionais fruto da partilha de experiências entre indivíduos dessa mesma geração, e não pelo facto de os jovens fazerem parte de classes sociais distintas (como advogam os autores da corrente classista).

O activismo dos jovens dos anos 60 e a aparente passividade dos jovens dos anos 80, é encarada pelos teóricos das descontinuidades intergeracionais, como reflexo de todo um processo de segregação geracional isto é, nos anos 60 os jovens teriam adoptado os sistemas de valores negados pelos pais, o que os conduziu à formação de «autarquias existenciais» tipo hippies ou, (no caso dos jovens universitários) ao desejo de formação de uma sociedade contra-revolucionária (Machado Pais, 1993). Esta resposta tão marcada, foi encarada pelos mais velhos como um comportamento desviante, pois opunham-se às regras impostas pela geração mais antiga.

Certo é que, em cada geração podemos encontrar a tendência para receber o vivido (ideias, valores, instituições, etc.) da geração antecedente, ao mesmo tempo, os jovens desejam dar largas à sua espontaneidade ou seja, na opinião de Dolto (1989) em cada geração, a adolescência vem apelar e dar vida a valores que são verdadeiramente os do ser humano, tais como a generosidade, a liberdade e a fraternidade.

Nas gerações cumulativas, persistirá uma sã convivência entre os valores herdados e os valores adquiridos, mas quando surge uma forte heterogeneidade dá-se o conflito. Os jovens possuem por assim dizer, uma cultura juvenil, cujo sistema de valores é independente do meio social em que estão inseridos. No entanto, o modo como os valores são vividos pelos jovens, varia segundo «os meios sociais e as trajectórias de classe em que os jovens se inscrevem»

(Machado Pais, 1993, p. 55). Os conflitos intergeracionais são um produto dessa cultura juvenil.

Já na década de 60, Coleman (citado por Gouveia Pereira, 1995), se referiu a uma «subcultura juvenil com as suas próprias normas e valores, isolada do mundo dos adultos» mas, mais tarde vem a reformular esta ideia ao afirmar que «o conflito de gerações e uma hipotética subcultura adolescente, estão integrados num Mito, que é resultado de um estereótipo social», acrescentando ainda que, as relações entre pais e filhos não têm de ser necessariamente conflituosas, nem os valores são necessariamente opostos aos dos pais.

O que todos os autores concordam, é que o grupo constitui uma das características mais notórias dos jovens. Para Deutsch (citado por Figueiredo et. Al, 1983), os adolescentes tentam alcançar o maior grau possível de conformidade com milhares de companheiros adolescentes, por isso se agrupam. Machado Pais (1993), acentua as ideias de Deutsch, pois para este autor «os amigos são o espelho da sua própria identidade, um meio através do qual fixam similitudes e diferenças em relação a outros» (p. 94). Na opinião de Machado Pais, a formação do grupo não se faz com o objectivo de colocar em causa os valores parentais, mas sim como forma de proteger aos jovens do que o autor chamou «assaltos socializantes», preservando a sua identidade individual. De forma a aprofundar um pouco esta questão, Machado Pais (1993), efectuou um estudo na área da Grande Lisboa, onde pretendia analisar as formas de transição para a vida adulta. Com esse objectivo, entrevistou 64 jovens de idades compreendidas entre os 13 e os 29 anos, em zonas socialmente diferentes: Rio Cinza (classes operárias e populares), Dorninha (classes médias) e Coutada (classes médias/altas). O autor encontrou muitos tipos de grupos (os bétinhos, os corriqueiros, os pinguins (ou surfistas), os do rugby, os mafiosos, os agarradinhos e os vanguardistas) sendo que, se dentro

do grupo a individualidade é respeitada, persiste a aceitação tácita dos hábitos grupais, de forma a garantir a coesão. Os hábitos prendem-se os gostos musicais, gostar de estar com os amigos, divertirem-se ou, simplesmente, não fazer nada. O vestuário surge neste contexto, como um importante instrumento de integração grupal, um meio de afirmação e diferenciação de *status*. Através do modo como se vestem, os jovens afirmam um estilo de vida, que é coadjuvado por outros aspectos como sejam o penteado, a linguagem, a postura e os gestos, de entre outros

Deutsch faz uma leitura um pouco diferente de Machado Pais, no que respeita à necessidade do grupo. Para Deutsch (citado por Figueiredo et. al., 1983), a adesão a um grupo por parte dos jovens é fruto da relação com os pais, sobretudo da desidealização da figura paterna, processo esse que pode ter um efeito muito traumático para o Ego. Para este autor, a autonomia e conflito de gerações, estão intimamente ligadas a mutações ao nível dos ideais. Estas mutações do Ideal do Ego estão também na base do acesso aos problemas da cultura, da ideologia. O Ideal do Eu do jovem é um ideal feito de ilusão, uma vez que é fruto da interiorização de uma realidade externa que o jovem, quando criança, efectuou como identificação e se transformou em aspiração. Posteriormente, o adolescente é colocado perante a discrepância entre a realidade e os ideais interiorizados. Para Figueiredo (1988), é neste ponto que se encontra a base do conflito de gerações. O jovem necessita de se sentir diferente, com maiores capacidades, para que lhe seja possível vencer as dificuldades do mundo adulto.

A relação entre os adolescentes e a família pode não ser conflituosa, se a família funcionar como uma fonte de apoio para o jovem adolescente, no sentido de lhe permitir encontrar o equilíbrio emocional que necessita nesta importante fase do desenvolvimento (Petersen, 1988, Coleman e Henri, 1990,

Palmonari et al, 1991, Pomberi et alt., 1990, Kirschler, 1991, citados por Gouveia Pereira, 1995). Para estes autores, a ligação à família é indispensável ao desenvolvimento do adolescente, para a aquisição de papéis e ao desenvolvimento da identidade contudo e simultaneamente, a família necessita de constituir um estímulo para a diferenciação e autonomia do adolescente, para a aquisição de papéis e no desenvolvimento da sua identidade.

Para que o adolescente inicie um processo de construção da sua própria escala de valores, é necessário que exista uma quebra da simbiose até então mantida com o seu grupo familiar e que assuma uma posição perante o mundo. Muitos adolescentes, durante a luta pela emancipação, renunciam aos seus pais como modelo. A habilidade recém-adquirida - inteligência abstracta - faz com que entre numa espécie de "síndrome cartesiana", ou seja, que coloque em questão muito do que vê e sente à sua volta. Por isso se envolve apaixonadamente em discussões que se referem a ideias como liberdade, individualidade, Deus, igualdade, etc. Extremamente crítico, o adolescente passa a colocar em causa os valores familiares, apoiando-se no grupo através do qual ele procura sentir-se seguro. O grupo fornece uma espécie de identidade colectiva que serve de amparo para a constituição de uma nova identidade. É igualmente no seio do grupo que os jovens aprendem a respeitar regras, a respeitar os outros, a dar a sua opinião, desenvolvendo-se pessoal e socialmente. Kirchler, Palmonari & Pomberi (1991, citados por Simões, C., 1997), debruçaram-se sobre as consequências do grupo assumir valores opostos aos instituídos. Assim, problemas como a delinquência, toxicodpendência, marginalidade, de entre outros, são originados não só pela inexistência de relações estáveis com os seus pares, mas também com situações de isolamento social, solidão, falta de valores e de sentido para a vida

e ainda, com frequência, por problemas de ordem sócio-institucional (na escola ou em casa).

Há algumas décadas, transmitiam-se os valores de geração em geração, do mesmo modo como se transmitem bens e tradições (Jeannière, 1980, citada por Gammer, 1999). Actualmente, a grande família hierarquizada deu lugar a um modelo de família completamente diferente. Hoje, além de muitos outros tipos de estrutura familiar, o casal e os filhos formam a família nuclear. Passou-se dos laços de sangue aos laços de amor, mudança esta que parece ser menos eficaz em termos de manutenção da unidade familiar, a avaliar pelo número crescente de divórcios. Segundo Gammer (1999), o que está na base da instabilidade da sociedade moderna são os novos valores da família. Na nossa sociedade, a passagem para o estatuto de adulto não possui regras bem definidas. Esta ambiguidade é, segundo Rocheblave-Spléné (1980, citado por Gammer, 1999), reforçada pela ruptura de papéis desempenhados nos diferentes estádios de desenvolvimento: infância, adolescência e idade adulta. A criança assume um papel passivo, dependente e assexuado, o adulto é completamente o oposto e o adolescente tanto é comparado à criança como ao adulto. Philippe Ariés (1973, citado por Gammer, 1999), considera que o século XVII foi o do homem jovem, o século XIX, o da criança e o século XX, o do adolescente. De facto, o conceito de adolescência como hoje a conhecemos é algo muito recente, data de meados do século XIX. Com a proibição do trabalho infantil e a obrigatoriedade da escola, a passagem da infância para a idade adulta passou a ser um processo descontínuo, surgindo a adolescência.

No ciclo existencial da família, a fase da adolescência começa com a entrada do mais velho e termina com a saída do mais novo. Abruptamente, a estabilidade familiar é colocada em causa, cabendo à família o papel de delimitar novas fronteiras, o que vai permitir que o adolescente possa partir e

voltar. Quando as condições são favoráveis, já se notam importantes avanços no sentido da independência, mesmo durante a pré-adolescência, tais como conseguir emprego onde consigam ganhar para os seus gastos. Os adolescentes têm como missão corrigir os erros dos pais velhos e inovar, enquanto que os pais têm que redefinir a sua identidade e de se separar dos filhos. É uma fase dolorosa porque acarreta muitas dúvidas, balanços e modificações (Gammer, 1999). Por estes motivos devemos atender mais às mudanças que se operam a nível familiar durante a adolescência, do que propriamente aos conflitos, pois estes podem existir, ou não, enquanto que a necessidade de haver uma reorganização familiar é um dado adquirido. A ansiedade dos pais em relação aos problemas que os filhos adolescentes enfrentam, intensifica-se quando os próprios pais têm conflitos que não foram resolvidos (Gammer, 1999). O fantasma do envelhecimento paira sobre as gerações mais velhas, pelo que muitos pais sentem que estão a chegar ao fim da sua missão e deprimem. Outros optam por reagir e aproveitam a adolescência dos filhos para voltarem a estudar, ou entregam-se a trabalhos em associações de beneficência. Essas ocupações aborrecem os adolescentes porque, se por um lado anseiam pela liberdade total, por outro sentem que já não têm a mãe dedicada inteiramente a eles.

O próprio casal precisa reordenar as suas vidas, uma vez que os filhos deixam de constituir o centro da sua existência. Alguns conseguem superar esta fase, enquanto que para outros constituiu o passo decisivo para o divórcio. São também postas em causa as relações com as famílias de origem. A geração de pais velhos começa a adoecer e necessita de cuidados especiais. Assiste-se ao renascer de velhos conflitos entre pais e avós sendo que, o modo como se estabelecem as relações entre as duas gerações de pais velhos constitui o modelo base da relação entre as gerações mais novas - «um indivíduo entra em

relação com os seus filhos da mesma maneira que com os seus pais» (Ackerman, 1980, citado por Gammer, 1999). Muitos pais tentam racionalizar o seu comportamento, afirmando que não desejam repetir os erros dos mais velhos. O resultado mais comum é então que a terceira geração fique parecida com a primeira, isto é com os avós. O adolescente pode «colocar-se num plano de paridade com o avô, aliando-se ou competindo com ele: adolescente e avô estão de acordo na aprovação ou na crítica ao progenitor; podem aliar-se contra ele, ou tentar, cada um por seu lado, chamar a sua atenção» (Gammer, 1999).

Robin e Foster (1989) concordam que, num certo grau, o conflito entre gerações é inevitável, mais que não seja porque todas as crianças e jovens procuram manipular um dos pais ou até os avós, colocando-os por vezes um contra o outro, por forma a conseguirem o que querem. Para estes autores, um pai que não discipline o filho adolescente que cometa actos antissociais, só contribui para uma escalada de comportamentos antissociais. O que frequentemente acontece é que se forma uma ligação entre mãe-adolescente, pai-adolescente ou mãe-pai, que gera uma triangulação e, conseqüentemente, mais conflito.

Esse já quase clássico conflito, está neste momento a ser colocado em causa por alguns autores. Já Conde, em 1990, tinha verificado da parte dos jovens, uma enorme abertura para a convivência pacífica com as gerações mais velhas. Os únicos pontos de divergência situavam-se ao nível dos hábitos, gostos, modos de vestir, música, importância conferida ao lazer e atitudes face à sexualidade. Mais tarde, um estudo coordenado por Machado Pais, Calvão Borges (1998), vem confirmar os dados recolhidos pela autora.

O estudo de Calvão Borges, abarcou jovens do país inteiro (as regiões Norte e de Lisboa e Vale do Tejo são as mais fortemente representadas), com idades superiores a 15 anos. Os dados apontam para que estejamos perante uma

sociedade aparentemente satisfeita, optimista e feliz. Valoriza-se a saúde, o relacionamento familiar, o dinheiro e a harmonia na vida conjugal. Eticamente condenamos actos que se oponham ao «civismo público», como «passagem de cheques sem cobertura, aceitação de subornos, a fuga aos impostos a ao pagamento de bilhete nos transportes públicos» (Ferreira, 1998, p. 141). O consumo de droga, o aborto e a eutanásia, são também aspectos fortemente condenados. Globalmente o consumo de drogas (quer se tratem de drogas leves ou drogas duras) é condenado, no entanto os jovens de idades mais precoces são mais condescendentes quanto ao consumo de drogas leves sendo que 20% não o reprovam (Ferreira, 1998-b). No que respeita as razões que conduzem ao consumo de drogas, os jovens consideram que é sobretudo o «prazer de experimentar sensações novas» (35%) mas também porque as drogas podem «tornar mais fácil estabelecer relações ou ‘curtir’ com os amigos» (10,4%). Como forma de testar a aplicação de normas morais em relação a comportamentos de forte envolvimento pessoal, o autor perguntou aos jovens quais seriam as práticas que condenariam nos amigos, a ponto de os levar a quebrar uma relação de amizade. Os jovens fizeram a seguinte ordenação: traficar droga (81,5%); roubar auto-rádios (76,4%); estar envolvido com grupos neo-nazis (59,1%); dedicar-se à prostituição (53,8%); ser homossexual (53,4%); ser lésbica (53,4%); ser toxicodependente (40,9%); ser racista (30,5%). Nesta ordenação, a droga é o aspecto central da preocupação dos jovens portugueses, mas surgem igualmente questões que remetem claramente para aspectos da «moral sexual». A religião surge como factor que condiciona fortemente a opinião dos inquiridos, sendo que os católicos praticantes e os crentes de outras religiões, são menos tolerantes e permissivos e os católicos não praticantes e ateus, são mais permissivos, tolerantes e hedonistas.

Os jovens de hoje, não aceitam passivamente os valores que lhes são transmitidos, por isso permanece essa descontinuidade, no entanto os valores entre gerações são semelhantes, manifestam-se é de maneira diferente. Ambas as gerações revelam uma abertura a valores individualistas, mas os jovens actuam segundo um *individualismo expressivo* isto é, preocupam-se com o corpo, a sexualidade e o hedonismo. Os mais velhos, seguem um individualismo mais moral que, segundo o autor, se traduz na tendência para poupar e pensar no futuro em termos económicos.

No mesmo estudo, conclui-se que os jovens dos anos 90 tendem a adaptar-se a gerir as dificuldades de inserção social (sobretudo ao nível do emprego e de bem-estar material), na base de «escolhas decisivas e decisões individuais, concomitantes a uma atitude de forte cepticismo diante das grandes estruturas, aparelhos e ideologias tradicionais» (p. 241), ao mesmo tempo que procuram a realização plena em todos os domínios da sua vida. Para o autor, estamos perante uma negociação entre atitudes de natureza materialista e pós-materialista, reveladoras de um pós-materialismo defensivo ou seja, coexistem valores tipicamente materialistas, com outros tradicionalmente pós-materialistas. A manutenção dos valores materialistas é adoptada como estratégia de defesa num contexto em que está em risco a segurança, quer financeira, quer profissional. O estudo mostra que valores contemporâneos ligados à preservação do ambiente, tolerância e multiculturalismo, são agora comuns às duas gerações.

A grande maioria dos portugueses encara a escola como um local de preparação para a vida profissional (Calvão Borges et al., 1998), sendo que para os mais jovens a vertente relacional do ambiente escolar, surge mais valorizada que os aspectos instrumentais. Quanto ao trabalho, os jovens dão relevância

aos aspectos do prazer, enquanto que na geração precedente domina o sentido de dever, associado ao empenho e orgulho nas actividades profissionais.

Ao nível da «vida familiar», Vasconcelos (1998) é de opinião que a década de 90 está marcada por profundas mudanças o que, para o autor, se encontra de acordo com a definição de cultura pós-materialista dada por Inglehart. Apesar de tudo, como já tinha referido Ferreira (1998-b), estamos num período de transição entre duas posturas, pelo que existem áreas em que os valores materialistas se sobrepõem. A família continua a constituir um valor central nas representações dos portugueses, só que para os mais novos, esta instituição é hoje encarada de um modo completamente diferente.

É na área da sexualidade que se encontram maiores clivagens (Machado Pais, 1998). Estamos perante uma geração de transição, situada entre a geração de Abril e a geração da Grande Guerra, com vivências da sexualidade completamente distintas. A geração de Abril age dentro de uma lógica de desejo, inicia precocemente a vida sexual (geralmente com a/o namorado/a), usa preservativo e encaram a SIDA como uma doença real. Por sua vez, a geração da Grande Guerra, inicia-se sexualmente com prostitutas (ou com desconhecidas) ou chega virgem ao casamento, não usa preservativo nem encara a SIDA como uma doença que os pode afectar também. Os mais novos aceitam a pornografia e consideram que esta pode até contribuir para que tenham uma melhor vida sexual, rejeitando que crie vícios ou tenha de ser proibida. Os jovens são também mais tolerantes que os adultos, no que respeita a homossexualidade e a masturbação. Os dados do inquérito revelam que os jovens valorizam a dimensão erótico-hedonista da sexualidade, sem que esta visão colida com a importância que atribuem à afectividade. O autor conclui que para os mais velhos «o ideário de *colectivismo societal* dá cobertura a uma *ética sexual conservadora*, defensora do matrimónio institucional, da estrutura familiar

tradicional, das ligações duradouras, de um puritanismo sexual», enquanto que para os mais jovens, «o ideário do *individualismo societal* estaria mais conectado com uma ética *sexual experimentalista e fragmentada* onde há lugar para ligações fugazes e românticas; experiências pré-matrimoniais e coabitacionais; iniciações sexuais precoces e relações heterogâmicas» (Machado Pais, 1988, p. 463), havendo também uma maior tolerância em relação a outras formas de sexualidade, como a homossexualidade. Esta ética de experimentação, encontra-se mesclada por dois traços que têm sido associados a uma personalidade do tipo narcísico: a *identidade proteica* e o *desejo desfocado* (Machado Pais, 1998). Assim, o homem proteico, «obedeceria ao imperativo de mudança contínua, à valorização social por dispersão» (p.46). Quanto ao desejo desfocado, materializar-se-ia pela «difusa incapacidade de sentir ou fixar os próprios sentimentos, de uma maneira durável, em objectos externos» (Béjar, 1990, citada por Machado Pais, 1998).

O foco de tensão entre gerações continua a situar-se ao nível da sexualidade, mas não se pode dizer que isso se traduza num grande conflito intergeracional, pois se assim fosse, os jovens não se manteriam até tão tarde coabitando com os pais.

Para Machado Pais (1998) os resultados do seu estudo mostram que a sociedade portuguesa se afasta da cultura post-figurativa, no sentido das tradicionais categorias propostas por Margaret Mead. As atitudes dos jovens são, no geral, significativamente diferentes das dos pais o que, segundo o responsável pelo estudo, significa que estamos perante uma cultura configurativa que apela para as descontinuidades intergeracionais, mas estas descontinuidades não produzem rupturas, devido à cultura pré-figurativa que parece estar a influenciar a relação entre gerações no nosso país. Para Mead (citada por Machado Pais, 1998), a cultura configurativa é que produz conflitos

intergeracionais, mas como as descontinuidades intergeracionais podem ser de natureza pré-figurativa ou post-figurativa. Como na sociedade actual, prevalece a cultura pré-figurativa, as descontinuidades intergeracionais não provocam conflitos nem rupturas, desde que exista alguma permeabilidade por parte dos mais velhos, de forma a facilitar a transmissão de saberes de uma geração para a outra.

Segundo Calvão Borges (1998), as grandes diferenças são no sentido de que até aqui eram as gerações mais velhas que socializavam as mais novas, mas agora assiste-se a uma socialização nos dois sentidos, o que constitui algo de inovador na história das sociedades.

Tapscott (s.d) concorda inteiramente com esta ideia e reforça-a ao afirmar que «hoje, pela primeira vez na história, as crianças têm mais saber e conhecimento, são mais letradas e sentem-se mais confortáveis do que seus pais em relação a uma inovação central na sociedade» (p. 3). Os mais novos constituem hoje uma referência em áreas como a música e informática. Este autor, compara a Geração dos anos 60 com a Geração Net⁴ e encontra grandes diferenças. A Geração dos anos 60 era adolescente na altura em que a televisão surgiu, o que operou grandes modificações na sociedade em geral. Actualmente, para os adolescentes a TV já não constitui novidade, a não ser que seja interactiva e a Net ganha cada vez mais adeptos. Encontramo-nos em plena Era da comunicação interactiva pelo que, a «mudança da radiodifusão para a interacção é o ponto central da Geração Net» (p.4) A Geração Net quer opinar sobre os assuntos, recusa a «cultura da radiodifusão» na qual existe uma hierarquia (a TV dita, não dialoga) e opta pela Net, onde pode exercer algum

poder. A Net surge-nos então como «o primeiro meio interactivo de transmissão social desde os tempos de contador de histórias pelas aldeias e vilas» (p.4). Este choque de duas culturas (TV e Net) pode ser o responsável não por um conflito intergeracional, mas sim pelo surgimento de uma clivagem entre dois mundos ou seja, deixaremos de falar em «generation gap» e passaremos a falar em «generation lap» (Tapscott, s.d), com repercussões a vários níveis, especialmente na dinâmica intrafamiliar, onde tudo pode ficar mais aberto e consensual. Já Dolto (1989) e Duncan (s.d) eram de opinião que os conflitos entre pais e filhos se resolviam pelo diálogo, pois só assim se poderiam estabelecer acordos de compromisso, ao mesmo tempo que, se os pais mostrarem que respeitam a opinião os filhos, os mais novos iriam imitar esse comportamento e respeitar também os mais velhos.

Certo é que, cada vez mais se fala numa geração que surgiu sob influência da Internet – Geração Net⁵ que, segundo Tapscott (s.d.) cujo perfil se pode caracterizar por dez aspectos: são jovens independentes e autónomos, no sentido em que pesquisam activamente informação; são abertos intelectualmente e pessoalmente, ainda que optem frequentemente pelo anonimato; gostam da proximidade que os leva a procurar o contacto com pessoas de todos os lugares; são firmes nas suas convicções e gostam de se expressar; são inovadores e criativos; são mais maduros do que os outros jovens, o que é resultado dos contactos com pessoas de todas as idades; gostam de possuir a informação no momento; são sensíveis e altamente críticos em relação aos interesses empresariais que os tentam explorar; têm necessidade de estruturar a confiança com base numa autenticação.

5 «miúdos que nasceram, grosso modo, a partir de 1977» (Tapscott, s.d., p.2). O autor distingue-os da Geração X porque, no seu entender, a Geração X está «ensanduichada entre duas gerações maiores – a dos anos 60 e a da Net» (p.2)

Esta interacção entre gerações, pode ser este um dos factores que levou Machado Pais a concluir que, «nunca como hoje, as relações intergeracionais terão sido tão pacíficas. A existência de conflitos é de natureza mais esporádica que permanente» sendo os motivos «pequenas ninharias quotidianas» (p.40), que se ultrapassam com facilidade. Esta ausência de conflito, assenta num modelo educacional do tipo democrático o que, segundo o autor, provoca um esbatimento das descontinuidades intergeracionais do ponto de vista dos valores. Os pais mostram-se mais permeáveis à mudança e aceitam mais pacificamente os hábitos dos mais novos (alguns chegam até a aderir plenamente a eles). Uma outra explicação para este facto, diz respeito ao aumento das classes médias que se tem observado na nossa sociedade, sendo que nesta camada «a consciência de classe» não se exprime de um modo tão marcado como nos extremos da estratificação social.

Segundo Machado Pais (1998), a classe média possui uma ideologia própria, forte e estruturada. Ainda assim, os jovens de classe média que vivem o presente de forma hedonista, correm mais riscos de criar um conflito com as classes mais velhas, na opinião de Machado Pais (1993). Estes jovens criam rupturas com todos aqueles que representam o «êxito social», já que para eles a vida tem por base o presente e não o futuro. O seu quotidiano faz-se em torno de um grupo de amigos fixo, com os quais partilham os ideais e os modos de vida. Por seu turno, os jovens vocacionados para o êxito social, mostram-se mais ecléticos em termos de convivialidade e partilham as amizades com a família. Deste modo não há lugar para conflitos intergeracionais.

2.4. Porto

2.4.1 Mudanças em Portugal e, em especial, a Norte do país

Tendo em conta que no nosso inquérito incluímos uma questão relativa à proibição/liberalização do consumo de drogas, importa referir que em Portugal o debate sobre esta questão foi na época da elaboração do presente estudo, relançado na sociedade portuguesa. Na questão sobre o problema da droga, encontramos adeptos do proibicionismo e defensores da liberalização. Os primeiros defendem a continuação da ilegalidade da produção, comercialização e consumo de drogas, pois só assim se poderão eliminar os traficantes e tratar os consumidores. Os segundos, defendem a legalização da produção, comercialização e consumo, como forma de controlar o problema da droga.

Os defensores das teorias proibicionistas consideram que o Estado tem a obrigação de combater o consumo de drogas e não o incentivar. Temem também que este seja o primeiro passo para a abertura de uma escalada despenalizadora que atinja as drogas duras. São também de opinião, que esta atitude vai incitar ao tráfico e, sendo a droga um mal em si, nenhuma lei o deverá branquear. Dão exemplos de experiências europeias em que a despenalização veio contribuir para o aumento do consumo e criaram problemas de tal ordem que os governos equacionam agora o modo como devem actuar de forma a inverter o processo. Invocam também a tese da epidemia que assimila a toxicod dependência a uma doença contagiosa cuja origem é preciso debelar. A despenalização do consumo de drogas é então, uma questão de valores, não uma questão técnica.

Despenalizar é algo distinto de descriminar. Descriminalizar significa deixar de considerar criminosa uma conduta que antes o era, enquanto que

despenalizar se traduz na redução da moldura penal prevista para um crime. Foi nos EUA que a tese da descriminalização total de drogas foi pela primeira vez apresentada. Os tempos mudaram e trouxeram uma inflexão radical de propostas que conduziu à tese de criminalização total. Em Portugal, começou-se a falar neste tema em 1976, quando o Dr. Figueiredo Dias defendeu a não incriminação do uso de estupefacientes. Considerava que se deveria prevenir e aplicar medidas terapêuticas e de assistência social e não criminalizar. Limitando-se a intervenção da lei a assegurar o monopólio da venda dos produtos por farmacêuticos. Em 1990, o assunto volta a ser apresentado na Assembleia da República, mas não foi sequer agendado para discussão. Posteriormente, é o próprio Presidente da Assembleia da República que retoma o tema.

Para os defensores da despenalização, a proibição das drogas é um mau caminho. Clarificam que ser a favor da legalização das drogas não é ser a favor das drogas. Defendem que é uma utopia a existência de uma sociedade sem drogas, pelo que a sua liberalização contribuiria para a redução do crime e dos perigos associados ao consumo de substâncias muitas vezes alvitradas. A prevenção tem de ser encarada como um instrumento favorecedor da desmotivação para o uso, estimulando a sociedade a responder negativamente aos apelos que surjam nesse sentido. No entanto, todo este projecto deve ser alargado à escala planetária.

Certo é que o Parlamento aprovou a liberalização do consumo de drogas. A nova lei decreta a abolição do delito penal e substitui pelo tratamento, tratando-se de toxicodependentes, ou de multas, para os consumidores ocasionais. A lei estabelece que as organizações civis de combate à droga estipulem, mediante uma tabela de referência, o limite entre consumo e tráfico.

Ao longo da década de 90 (altura em que o presente estudo se efectuou), outras mudanças se operaram no nosso país.

No que respeita a taxa de natalidade, segundo dados do INE (2001), a década de 90 foi marcada por duas tendências opostas. Assim, nos primeiros cinco anos, registou-se uma queda (em 1995 o valor era de 10,7% e em 1991 de 11,7%), mas no segundo quinquénio houve uma retoma, sendo que as pontuações no final da década de 90 voltavam a ser de 11,7%. À semelhança do que se passa com os outros países da União Europeia, também em Portugal assistimos a um fenómeno de envelhecimento da população. No início da década de 90 a população com mais de 65 anos representava 13,8% do total, no final da década essa percentagem aumentava para 15,5%. O Norte possui, inclusive, uma população bastante mais jovem, se a compararmos com o restante país. No Grande Porto houve um saldo migratório negativo, mas a capacidade de retenção demográfica foi, ainda assim, superior à da capital do País.

A taxa de natalidade desceu (sendo agora inferior à taxa média da UE), e o número médio de pessoas por agregado familiar é agora de 3,1 valores ainda assim um pouco superiores à média da UE. No que respeita ao Norte, vemos que têm havido oscilações taxa de natalidade (1997 - 12,2%; 1998 - 12,1%; 1999 - 12,1%; 2000 - 12,3 %), sendo que no final da década, esta zona geográfica, ocupava o terceiro lugar, logo a seguir aos Açores e Madeira.

Em relação à taxa de fecundidade, observou-se na zona Norte, um pico em 1997 (1,47%), que decresceu para 1,46% em 1999. O Norte estava à época, em quarto lugar, logo a seguir às Ilhas e Lisboa e Vale do Tejo.

Cada vez se casa mais tarde, ainda que Portugal seja o país da UE onde esse acontecimento mais cedo se realiza. A maior parte dos jovens de idades compreendidas entre os 20 e os 29 anos, vive com os pais. Em 1996, os homens

casavam, em média, aos 27 anos e as mulheres aos 25,1 anos. No final da década, estes valores passavam para 27,5 e 25,7, respectivamente.

Em 1981, por cada 1000 indivíduos, 8 casavam pela primeira vez. No final da década de 90 esse valor tinha passado para 6,2. Na zona Norte, durante os anos 90 houve um aumento da taxa de nupcialidade em 1996/7/8 (7,4%), mas em 1999 diminuiu para 7,0%. Ainda assim, com exceção das Ilhas, era no Norte que ocorriam mais casamentos.

Na década de 70, a maior parte da população (87%) casava-se pela igreja, em 80 decrescia para 75%, atingindo os 72% durante os anos 90. Aumentaram as uniões de facto e o nascimento de crianças fora do casamento. Nas grandes cidades, uma em cada cinco crianças em idade escolar vive com um único progenitor. Os pais passam cada vez menos tempo com os filhos; as crianças vêem cerca de 3 a 4 horas de televisão por dia; a família alargada constitui uma exceção; existem cada vez mais crianças nascidas fora do matrimónio; as mulheres têm cada vez mais tarde o primeiro filho (Marques, 1998).

A dimensão média da família tem vindo a diminuir. Em 1981 era de 3,4%, sendo em 1995 de 3,0. Também se observou um aumento de famílias monoparentais. Em 1981 não passavam de 0,9%, em 1996 representavam 10 % do total. Certo é que, após 1974 e desde que o divórcio foi permitido, o número de divórcios disparou em flecha. Entre 1990 e 1995, o número de divórcios aumentou 33,7%. O Norte e o Alentejo eram, apesar de tudo, as zonas do país onde os valores eram mais baixos (1,4%)

Na opinião do Ministério do Planeamento e da Administração do Território (1993), Portugal sofreu uma favorável evolução tanto a nível social como económico, durante a década de 80. Segundo os indicadores económicos, a economia cresceu mais aceleradamente que os outros membros da União Europeia (UE), mas apesar desse avanço, ainda se encontra muito aquém do

que desejável. Ainda assim, o rendimento das famílias cresceu, em termos reais, cerca de 30% no período de 1986/92.

Segundo a mesma fonte, na área de educação e cultura, podemos constatar que continua a existir uma elevada percentagem de analfabetismo (11,2%), enquanto que os hábitos de leitura e de frequência de espaços culturais, não estão ainda enraizados na população portuguesa. Apesar disso, desde 1991 que se vem assistindo a um decréscimo progressivo de população sem qualquer nível de ensino (INE, 2001). A população universitária, durante o mesmo período, quase duplicou sendo que as mulheres representam mais de metade desse universo.

Portugal regista melhorias na área da saúde, sendo que no nosso país, os encargos a esse nível são menores, quando comparados com a média da UE. A esperança de vida continua a ser inferior à da UE, enquanto que as taxas de mortalidade global e de mortalidade infantil são superiores. As doenças do aparelho circulatório e os tumores malignos, são as principais causas de morte, tanto nos homens como nas mulheres.

Ao nível do ambiente, houve algumas melhorias, ainda que persistam carências de infra-estruturas de saneamento e tratamento de resíduos. Em 1993, em cada 1000 habitantes, 10 pertenciam a uma associação de defesa do ambiente. No final da década de 90, esse número tinha duplicado.

Na recolha de resíduos não se registam assimetrias regionais, mas o mesmo não se passa no abastecimento de água e na drenagem de águas residuais. O abastecimento de água, em 2000, ainda não chegava a 23% da população do Norte do País.

Nas infra-estruturas dos transportes, houve um acréscimo de construção de auto-estradas e vias de acesso, o que apesar de tudo ainda é insuficiente, se nos compararmos com os valores da UE.

Na área das telecomunicações, principalmente no que se refere a novas tecnologias as percentagens ainda são baixas. Quase todos os portugueses têm televisão a cores (92,7%), telefone (80,9%) mas, em 1999, apenas 18,3% tinham computador pessoal.

Voltando aos resultados do relatório do Ministério do Planeamento e da Administração do Território, a zona Norte do País, tem vindo a crescer económica e demograficamente, nas últimas décadas. A região Norte foi a que, nos anos 80, demonstrou maior dinâmica empresarial, o que se repercutiu no aumento de ofertas de emprego nas áreas do comércio e serviços. A região do Norte é a que, a seguir à região de Lisboa, apresenta mão-de-obra mais qualificada. No entanto, os distritos do Norte apresentam ainda pior situação no que respeita a taxas de escolarização, sendo Braga quem mais se destaca pela negativa.

No que respeita a segurança/criminalidade, observamos que, segundo os dados do INE, os crimes por condução sob efeito do álcool subiram sete vezes entre 1993 e 2000. Após uma subida entre 1993 e 1994, os crimes por homicídio, voluntário e negligente, diminuíram de frequência (5,9 em 1993, 3,6 em 2000).

Ao nível do lazer, na primeira metade da década de 90, observou-se um decréscimo nas percentagens de idas ao cinema, sendo que depois houve um acréscimo significativo. Entre 91 e 99, os utilizadores de bibliotecas quadruplicaram. O número de jornais diários também aumentou para o dobro. É também de referir que os serviços recreativos que se concentravam muito na capital, sofreram um decréscimo na capital e aumentaram no Norte, justificando-se essa alteração, com a mudança dos padrões de consumo e dos estilos de vida. O Grande Porto passou a seu um destino procurado pelos

turistas, ocupando agora o terceiro lugar no turismo, logo a seguir à Região do Algarve e Lisboa.

No geral, segundo o relatório do Ministério do Planeamento e da Administração do Território, as duas áreas Metropolitanas mantiveram-se, na década de 90, em posições relativas, sendo que o Porto evidenciava uma tendência para se aproximar de Lisboa, aos níveis de: crescimento demográfico, qualificação de serviços e desindustrialização. Os principais problemas da região Norte eram a «assimetria Litoral-Interior; rede urbana desequilibrada; carência de cidades médias no interior; queda de taxas de natalidade; incapacidade para o mercado absorver os quantitativos do saldo fisiológico» (p.180).

2.4.2 Caracterização geral do Grande Porto

Constituindo a área metropolitana do Porto o nosso local de recolha da amostra, pareceu-nos pertinente efectuar uma caracterização, ainda que sumária, desta área. Recolhemos material diverso que nos permitiu traçar um pouco a história, caracterizar a sua arquitectura, passando pelos jardins, o rio (um *ex-libris* da cidade), demografia, situação geográfica e o património.

Pretendemos, num segundo momento, traçar um pouco o perfil das gentes do Norte. A recolha de informação não foi tarefa fácil, já que existem poucos documentos que foquem especificamente esse aspecto. Socorremo-nos então do que havia disperso por artigos de jornal, entrevistas e pequenos excertos de livros e, pensamos, de um modo geral, conseguimos ficar com uma ideia do que move este povo. Gostam do trabalho temperado com humor e diversão. As novas gerações amam a noite e foram habituados a gostar de vinho e a comer bem. Mantém-se o bairrismo que opõe a capital do Norte, a Lisboa, oposição

essa que é levada ao máximo durante uma partida de futebol entre o futebol Clube do Porto e qualquer equipe Lisboeta.

...lá na leal cidade, donde teve origem (como é fama) o nome eterno de Portugal...
(Camões citado por Dias, M., 1996, p.5)

Certeza de Camões mas, incerteza de muitos outros, certo é que a origem do Porto ainda hoje levanta muitas dúvidas. Alguns fonógrafos da cidade, defendem que se reporta à época em que povos romanos surgiram nessa região. Vem exactamente da época romana, o primeiro conhecimento das designações de Portus e Cale, que correspondiam a núcleos populacionais fixados nas margens direita e esquerda, respectivamente, e que actualmente se designam pelos nomes de Porto e Gaia. Durante as invasões, estas terras terão sido ocupadas por Suevos, povos bárbaros. A situação geográfica privilegiada, explicaria a importância quer como ligação entre o norte e o sul, quer como local de repouso para os guerreiros.

De um lado e outro do rio, nos pontos mais elevados, são construídos grandes edifícios e o lugar transforma-se numa entidade determinante ao ponto de, no século V, ser eleita capital do reino Suevo. Aos Visigodos, que viriam a seguir, fica a dever-se a primeira referência à designação *Portucale*, cujo testemunho é dado por algumas moedas dos reis visigodos. No ano de 569, no concílio de Lugo, a diocese de Portucale é designada por *Portucale castrum novum*.

Contudo, apesar de os povos bárbaros se encontrarem instalados nesse território eis que, no séc. VIII surgem os Árabes, instalando de novo o clima de guerra. É nesta altura (por volta do séc. IX) que aparece no rio Douro, uma frota de guerreiros gascões, chefiados por Vímara Peres. Este iria ser o responsável pela conquista de Portucale (merecendo por isso uma estátua

equestre ao lado da Sé do Porto). Afonso III, teria ficado impressionado com este feito e de imediato se prontificou a ajudar na reconstrução da cidade morta. Pelo ano mil, Portucale passa a dar nome a uma região delimitada pelo próprio rio Douro e, mais a norte por outro, o Minho. Esta reconstrução será interrompida porque, mais uma vez, Portucale é vítima de outra guerra, ou seja, a invasão de Almanzor a que se seguem as invasões normandas e sarracenas.

No séc. XIV, o burgo está protegido por uma nova muralha, que é concluída no reino de D. Fernando, designando-se assim por «Fernandina». Acentua-se então a sua vertente comercial; a cidade começa a ter relações comerciais com inúmeras cidades estrangeiras e, também, com o restante país. Nos finais do século (sensivelmente em 1394), nasce no Porto, o infante D. Henrique e, nas margens do rio Douro constroem-se alguns navios que irão ser peças importantes nas conquistas e nos descobrimentos. O ouro, vindo do Brasil, permite que se construam as góticas e barrocas igrejas. O Arquitecto Nicolau Nasoni, mestre do Barroco, liga para sempre o seu nome a esta cidade. O Porto ferve entre dois lumes - comércio e arte.

No início do séc. XVIII, avulta a exportação de vinho para Inglaterra. Seguem-se as invasões Francesas o que vem permitir que, alguns ingleses se fixem no Porto assumindo o protagonismo pelo movimento comercial, com incidência no apreciado vinho. Contudo, se por um lado, as invasões permitiram a fixação dos ingleses por outro, serviram de motor para que se iniciasse um movimento de oposição aos abusos da colónia britânica. Surge a revolução de 1820 e, mais tarde a guerra civil que opõe os adeptos do liberalismo aos do absolutismo monárquico. O Porto toma partido por D. Pedro, isto é, pelo liberalismo erguendo-lhe uma estátua no meio da que hoje é a Praça da Liberdade. Este facto levaria Almeida Garrett, escritor com um amor confesso a esta cidade, afirmar a respeito desse liberalismo portuense «se na nossa cidade há muito

quem troque o b por v, há muito pouco quem troque a liberdade pela servidão» (citado por Dias, 1996, p.5)

Outra data importante na história da cidade é o 31 de Janeiro de 1891, dia que constituiu o prelúdio da proclamação da República (que surgiria vinte anos depois).

2.4.2.1 Características sócio-demográficas

E da trémula ponte de D^a Maria suspenso do abismo fluvial e da minha emoção, verifiquei deslumbrado, que estava diante do mesmo Porto de sempre, espriado na sua encosta, firme, amplo, de boas cores camoesas, humoso e desgraço na Ribeira, espiritual e feliz nos cumes das torres. (Torga, 1950/1993, p.53)

A área total do Grande Porto é de 42 kms, demarcada a Sul pelo rio, a Norte e Este pela estrada da circunvalação e a Poente por um trecho de costa marítima de três quilómetros de extensão. Possui 15 freguesias (Sto. Ildefonso, Sé, São Nicolau, Vitoria, Miragaia, Bonfim, Campanhã, Cedofeita, Massarelos, Paranhos, Ramalde, Lordelo do Ouro, Foz do Ouro, Aldoar, Nevogilde) com uma área de cerca de 2,78 km². O Porto é «o centro e a chave das duas mais castiças províncias do primitivo reino portugalense, o verdejante Entre Douro e Minho e o austero Trás-os-Montes e Alto-Douro» (Herculano, citado pelo *Guia de Portugal*, 1991).

No que respeita a Demografia, segundo dados recolhidos pelos Censos 91 (INE, 1991), a população da área Metropolitana do Porto evoluiu positivamente de 1960 até 1991, havendo um crescimento de população de aproximadamente 37,6%. Contudo, estes são valores gerais já que se analisarmos o caso específico da cidade do Porto, constatamos que existiu uma quebra de 0,3% durante o mesmo intervalo de tempo, quebra essa que se foi intensificando nos anos que se seguiram. Assim, segundo os Censos 2001 (INE, 2001), de 1991 para 2001, a cidade perdeu cerca de 60000 habitantes (passou de 302472 para

262928). Os habitantes do Porto preferem agora os concelhos vizinhos (Gaia, Gondomar, Maia, Valongo, etc) onde conseguem ter melhores condições de vida a preços consideravelmente mais baixos (Marques & Santamaria, 2002).

Estima-se que, na década de 90, a população masculina fosse cerca de 138 000 habitantes, enquanto que a população feminina atingia valores da ordem dos 165 000. O Distrito do Porto em 1991 apresentava um índice de envelhecimento de 46,8% (situando-se assim no segundo lugar dos Distritos com população mais jovem no País), mas a cidade do Porto obtinha valores muito acima dos Distritais (82%).

Numa pirâmide etária, o envelhecimento demográfico desta região era considerado duplo, mais notório na base, devido à diminuição de elementos do sexo masculino dos 0-14 anos e do sexo feminino dos 0-19 anos (Lourenço, 1996).

2.4.2.2 Características gerais da cidade

A cidade do Porto possui um dos mais ricos patrimónios artísticos e culturais do país, patentes nos inúmeros monumentos e museus dispersos por toda a cidade. Poderemos referir como exemplos a Sé Catedral construída nos séculos XII e XIII, a Torre dos Clérigos, de estilos barroco e rocaille atribuída a Nasoni, que constituem *ex-libris* da cidade. Outras igrejas como a de S. Francisco, do Carmo, de S. Bento da Vitória, de S. Nicolau, da Cedofeita, monumentos como o Palácio da Bolsa, a Muralha Fernandina, o Castelo da Foz, de entre outras, são obras das quais os portuenses se orgulham de possuir.

O Porto é também o berço do cinema português, já que em 1896, (poucos meses antes dos irmãos Lumière terem feito a primeira experiência em Paris), o portuense Aurélio dos Reis, ter apresentado exhibições cinematográficas no «High Life», situado na rotunda da Boavista. Actualmente, no Fantasporto, são

exibidos os melhores filmes do ano. O Fantasporto comemorou o seu centésimo aniversário em 1997.

O ambiente da cidade envolve-se de uma certa magia. As casas amontoam-se, como numa cascata...

Quem vem e atravessa o rio
 Junto à serra do Pilar
 Vê um velho casario que se estende até ao mar
 Quem te vê ao vir da ponte
 És cascata sarjoanina
 Erigida sobre o monte, no meio da neblina
 Por ruelas e calçadas
 Da Ribeira até à Foz
 Por pedras sujas e gastas
 E lampiões tristes e sós (...)
 (excerto da letra da canção *Porto sentido*, Carlos Tê)

As características arquitectónicas da cidade, na opinião de Cunha (1994) encontram a sua explicação nas particularidades geográficas e sociológicas da região :

Uma topografia áspera, por vezes, mesmo acidentada; um elemento formador do núcleo urbano - o porto fluvial - que durante vários séculos constituiu o centro de polarização da economia da cidade; um solo onde uma bela pedra, dura azul e brilhante - o granito - desperta imediato anelo construtivo; certo espírito individualista que não exclui um forte sentimento de coesão comunitário, fez com que o Porto, sobretudo quando visto da encosta de Vila Nova de Gaia, se apresente como «um todo», pleno de carácter e de vigor(...)
 (p. 60)

Observa-se que na parte antiga da cidade, o terreno é integralmente aproveitado apresentando-nos assim, conjuntos de casas de fachadas muito estreitas e altas, de modo a por um lado, não alongar as distâncias em relação ao núcleo da Sé e da Ribeira e, por outro, permitir uma maior protecção das chuvas. As construções fazem-se em profundidade e não em largura, tendo muito contribuindo o granito para essa impressão de verticalidade. As formas são secas, com pouco recurso a ornamentos, exceptuando a utilização de alguns azulejos. O uso de clarabóias é bastante vulgar, encontrando-se «magníficos exemplares onde a imaginação inventiva deu lugar a belos

grafismos geométricos a que alguns vidros de cor dão uma beleza de fantasia »
(Cunha, L., 1994, p.54).

Uma das ideias acerca do ambiente portuense, é a de uma cidade escura, sombria. Se houvesse necessidade de definir o Porto através de uma cor decerto seria o cinzento-azulado (Dionísio, 1984). Segundo o mesmo autor, esta cor é o resultado de «Uma atmosfera de brumas, nevoeiros e chuvas, que se continua nos musgos dos granitos, nas cores dos azulejos e nas largas empenas cinzentas, revestidas a lousa»

A cidade deve a sua profunda alteração, no sec. XVIII, ao regedor de armas João de Almada. Tendo sido nomeado governador pelo Marquês de Pombal e, pouco depois nas funções de Secretário da Junta das Obras Públicas do Norte de Portugal, este homem veio trazer à cidade «extraordinário impulso renovador, tanto no plano da comodidade, como da higiene e do bom gosto».(Dionísio,1984). A ele se deve a construção de fontanários, aquedutos, da praça da Ribeira, do Hospital de Santo António, da Misericórdia e de passeios laterais, exclusivos para transeuntes. Esta dedicação extrema à cidade, foi legada a seu filho Francisco de Almada que, aos vinte e nove anos, passou a exercer funções de superintendente de obras públicas e, desde logo se empenhou na modernização da cidade. É sob as suas ordens que se constrói o edificio da Casa Pia e se iniciam as obras de alinhamento do rio Douro junto da Foz, alterando-se a barra com o aterro de Passeio Alegre. Este local é, ainda hoje, de extrema importância para os habitantes da cidade, como o escreve Pacheco (1987):

Além da beleza poética e da amenidade dos seus recantos, o Passeio Alegre é atracção histórica. (...) Várias gerações de portuenses cresceram brincando nos espaços - maravilhosos e pacíficos - do Passeio Alegre. Aos domingos à tarde, havia concertos no coreto; pelo chalé do Suíço (o apelido do seu primeiro proprietário), ou do carneiro (pela figura animal que o encima), misto de salão de chá, botequim e pavilhão de cavaqueira, passaram alguns dos vultos portuenses eminentes: Camilo, Ramalho, Raul Brandão e outros.» (p. 47).

Francisco de Almada, é também responsável pela construção do Teatro Lírico e do actual edifício central da Universidade. Outro importante contributo foi dado pelos ingleses. A Factory House (1975), obra do cônsul John Whitehead, segundo o arquitecto York lançaria as bases de um verdadeiro espírito neoclássico, que passaria a marcar o traço dos edifícios civis e religiosos daquela cidade. Segundo o modelo britânico, construir-se-ia o Palácio de Cristal e viriam a ser feitas as transformações naquela que, actualmente, se designa por Avenida dos Aliados.

O Porto é considerado a Capital do Barroco ou «a mais barroca das cidades portuguesas». Este estilo viria a marcar a sua presença nas obras de Nicolau Nasoli, onde se destaca a célebre Torre dos Clérigos. Seguir-se-iam as construções de ferro, como é o caso do Mercado da Fruta, a Ponte D. Maria e a Ponte D. Luís. Já no séc. XX, surgem as importantes obras do arquitecto Marques da Silva: Estação de S. Bento e o Teatro S. João, a que se juntam pontuais exemplos de arte-nova. Ainda hoje a cidade permanece como um aglomerado urbano, de elevado valor histórico, artístico, cultural e arquitectónico confinado, na sua maior parte, à linha de muralhas do séc. XV.

Em Dezembro de 1996, no México, a UNESCO classificou o centro histórico do Porto como Património Cultural da Humanidade, honrosa e mui rara distinção que não se estende a mais de quatro dezenas de cidades em todo o mundo. Os requisitos exigidos para tal nomeação passavam pela «importância cultural deste local, valor urbanístico e arquitectónico assim como, vinculação do local a uma festividade tradicional, a ideias, crenças ou obras artísticas e literárias com significado universal» (Silva, 1996). A cidade concorreu com 95 edifícios, entre os quais podemos destacar, por exemplo, o Teatro São João e a Igreja dos Clérigos. Alguns dos benefícios que daí poderão resultar estão

associados ao aumento dos fluxos turísticos e, ao facto de, a partir deste momento, o Porto passar a figurar nos mais importantes roteiros mundiais.

Sempre presente na vida quotidiana da cidade, ao longo dos séculos, o rio Douro, influencia bastante os costumes, sendo «gerador de histórias, ritos, superstições, poesia e narrativas orais» (Pacheco, 1987):

Rio Doiro, rio Doiro
rio de mau navegar,
Dize-me, essas tuas águas
Aonde as foste buscar;
Dir-te-ei a pérola fina
Aonde a fui roubar.
Ribeiras correm o rio.
O rio corre a lá mar.

(canção recolhida por Almeida Garrett, na Cantiga Primeira do Romance «Miragaia», Romanceiro, Vol. I, citado por Pacheco, 1987, p. 49)

O rio é um fenómeno cultural vivo, constituindo um alicerce económico e social inseparável de todos os que vivem nesta região: dos pescadores de Valbom ou da Cantareira, das padeiras de Avintes, das regatas a remos, dos rabelos, das traineiras e caícos, dos estivadores e mareantes, da típica figura do Duque.

O rio foi o impulsionador do desenvolvimento e abertura para a universalidade, enquanto as comunicações se faziam por terra e esta constituía a principal forma de contacto com o exterior. Na complexidade da trama da vida urbana, o Porto foi construindo pontes, moldando o rio às suas necessidades. A poluição fez-se conhecer e com ela deu-se a morte de muitas espécies de peixes que faziam dele o seu habitat. Para Pacheco (1987) :

A cidade parece esquecida do seu rio. Salvo para os surfistas, para alguns pescadores de peixe resistente, para os desportistas das corridas pálidas que nem sombras são das regatas entre o Fluvial, o Sport e o Infante, de Valbom, em avessas competições, o rio é um espaço agonizante (p. 50)

Figura típica do Porto e associada ao rio é a regateira. Este termo é, até hoje, pouco dignificante porque, segundo Pacheco (1991):

... andava associado às discussões, quotidianas, viperinas e, às vezes, intermináveis (quando não redundavam em cenas de pancadaria com peixe), utilizando linguagem mais que vincentina. Linguagem de grosso calibre a que, de resto, o burgo estava habituado e era useiro e vezeiro em praticar. Designar alguém de regateira e logo da Ribeira era (e ainda é) insulto e conotação pouco edificantes.(p. 52).

As regateiras continuam a animar as praças e feiras do Porto, com os seus pregões, muitas vezes carregados de impropérios, mas ninguém leva a mal, porque a sua figura castiça, popular e simpática, sobrepõe-se às discussões e brigas que muitas vezes protagoniza.

2.4.2.3 Os Nortenhos (vistos pelos próprios)

Isto é ser tripeiro !!
 ...trabalhar! trabalhar,
 desde o primeiro alvor!
 Ser rude e bom.
 Simples e justo.
 Hospitaleiro e são...
 Amar a casa onde nasceu,
 A flor que viu brotar,
 - E não saber mentir o amor...
 Isto é ser TRIPEIRO !!
 Ter um lar, um filhinho,
 - E para longe a tristeza
 o último a deitar-se
 A erguer-se, o primeiro
 Saber amar e rir
 Chorar com a pobreza
 E, levantar, bem alto,
 A raça portuguesa...
 Isto, é ser TRIPEIRO !!

(anónimo, citado por Dias, C, 1996)

O Porto é «uma cidade de carácter e com carácter» (Vasconcelos, 1996, p.2) que transmite a todos aqueles que lá nascem e vivem, valores e tradições que se vão repercutir num comportamento marcado pela generosidade, liberdade e cordialidade. De facto, as gentes do Norte são invariavelmente descritas como sociáveis, abertas ao diálogo, extrovertidas e bairristas! Defendem, lutam até ao fim pela sua região e não consideram ofensivo que lhes chamem tripeiros, muito pelo contrário, já que associam este nome a um acto de altruísmo e, por

isso mesmo, consideram-no um elogio. É que, quando os navios partiram para Ceuta, o povo nortenho quis dar a carne aos seus marinheiros e só lhes restaram as tripas com as quais se alimentaram. Este é um dos motivos que levam muitos escritores e poetas a atribuírem aos habitantes da área do Porto, singulares características de personalidade e de carácter. A enorme capacidade de trabalho e a honestidade, são invariavelmente referidas. A propósito dessas características, o escritor Miguel Torga (1950/1993) definiu-os como:

...o homem Português mais livre, mais progressivo, mais responsável e mais capaz que a nossa pátria deu. Formado na escola do trabalho remunerado, da solidariedade correspondida, da liberdade conquistada e dos direitos adquiridos, - das origens até agora, foi sempre ao mesmo tempo ímpar e ubíquo na história de Portugal» e ainda, «O Porto?! - dizia ela - o senhor já viu no mundo terra mais linda e gente mais séria? (...) É de confiança?...é do Porto, caramba!». (p.58)

Torga também não lhes poupou elogios no que respeita as suas características morais:

Duro, a tratar da sua vida, como ele diz, por detrás da carapaça de homem de negócios (...) mora um homem que se bate por uma ideia, que sabe o valor de um verso e que embala um filho rabugento a noite inteira se for preciso (...) Até ao ritmo de progredir, na maneira formal de realização, eu julgo ver o Porto com mais carácter português (...) sem mesmo faltar depois a nossa costumada renúncia sentimental na aparência e tragicamente fatal no futuro» (p. 57).

A rivalidade com os lisboetas (alfacinhas ou mouros) é algo que já se perdeu no tempo. Não se sabe como começou, mas o certo é que os nortenhos se sentem injustiçados pois, no seu entender, são eles que trabalham para manter o país a funcionar, já que «Lisboa diverte-se; Coimbra canta; Braga reza; o Porto trabalha». Esta rivalidade Porto/Lisboa é um valor transmitido de geração em geração o que, segundo Carlos Tê, poeta tripeiro e autor da letra de «Porto sentido», o bairrismo é usado como forma de manutenção da tradição, mas também como veículo de transmissão dos seus valores às gerações vindouras. Tê (1996), justifica o bairrismo como uma forma de os portuenses manifestarem a sua mágoa face ao que consideram ser um complexo de superioridade de

Lisboa. Esse sentimento leva-os a reagir e a demonstrar a todo o momento, o orgulho que sentem por serem tripeiros. Ramalho Ortigão (citado por Fundação Calouste Gulbenkian, 1994) ao fazer o elogio do carácter nos portuenses - «...omais dedicado, o mais serviçal, o mais bom homem », referiu-se também ao bairrismo - «somente há três coisas que ele não gosta - e nesse ponto é mau brincar com ele. Não gosta de Lisboa. Não gosta de polícia. Não gosta de autoridade», mas este contencioso era resolvido pelos portuenses de um modo muito simples, «da autoridade vinga-se, desprezando-a. Da polícia vinga-se, resistindo-lhe. De Lisboa vinga-se, recebendo os lisboetas com mais amável hospitalidade e com mais obsequiosa bizzarria». (p.109) Lopes (1997) faz uma leitura um pouco diferente dessa “guerra” que opõe as duas regiões:

Os portuenses adoram e orgulham-se do Porto e gostam de Lisboa. Só que não estão autorizados a dizê-lo publicamente, uma vez que qualquer cedência sentimental ao «outro lado» pode ser interpretada como sinal de fraqueza ou de resignação (p37)

Como já anteriormente foi referido por Ramalho Ortigão, outro dos aspectos característicos dos habitantes dessa região são as qualidades hospitaleiras. Cruz (1998), estabelece a diferença entre os alfacinhas e os tripeiros: «noutras cidades, como Lisboa, convidam-nos para jantar, mas sempre num restaurante. No Porto convida-se para jantar em casa.» (p.38) Talvez por isso mesmo, tenham desenvolvido bastante a sua gastronomia, já que um aspecto em todos parecem concordar, é que no Porto se encontram excelentes iguarias.

Na zona ribeirinha, tascas típicas permitem o acesso a ambientes acolhedores e familiares, onde existe o sabor da cozinha tradicional tripeira: papas de sarrabulho, bacalhau, anho assado, iscas, bolinhos de bacalhau, feijoada à transmontana, arroz de feijão e sardinhas, não podendo deixar de

lado o tão famoso prato típico - tripas à moda do Porto. Torga (1950/1993) descrevia as características gastronómicas desta zona típica do nosso País:

Se todas as terras do mundo tinham o seu cartaz gustativo - queijadas, ovos moles, arrufadas, morcelas e pão de ló, para dar alguns exemplos -, o Porto tinha dois. Um grosso, terroso, sujo com trivialidade da natureza - as tripas; outro, subtil, etéreo, imponderável como a própria magia - o vinho fino. Um para a exigência das nossas pançadas lusitanas; outro a sede sem fim da secura universal. (p.67)

A cidade teve entretanto que se adaptar às exigências do mundo ocidental, mas conserva o carácter da sua gente:

... as mesmas pizzarias, as mesmas casas de hamburgers ... o que ainda o diferencia são a sua gente, a traça restante, o centro histórico degradado, mimado pela inadaptação aos novos ritmos e aos novos consumos por parte da população nativa, o povo das pequenas lojas da Sé, das vendedeiras ambulantes que sempre coexistiram com a prostituição e que, com o advento dos tempos, meteram entre as frutas e as meias de vidro os pacotes de heroína. (Tê, 1996, p. 35)

Curiosamente, apesar de hospitaleiros, expansivos e extrovertidos, Camilo Castelo Branco (citado por Fundação Calouste Gulbenkian, 1994) descreveu os nortenhos como Homens sisudos e dotados de um humor difícil («fazer rir o Porto é caso sério»). Tê (1996-a), não concorda com essa ideia e defende que o sentido de humor dos portuenses é igual ao das outras regiões, inclusive até o tipo de humor é semelhante:

« Não se pode dizer que o humor do Porto difira do humor de Lisboa. Há é factores pessoais e locais importantes porque acrescentam cambiantes, que podem ser o modo como se conta uma anedota» (p.33)

As diferenças que possam ser encontradas, resultam da pronúncia e do recurso, quer ao calão quer a regionalismos. Tê acrescenta que nesse ponto há que admitir que a linguagem do Grande Porto difere bastante do resto do País, facto que é frequentemente aproveitado pelos humoristas e que constitui excelente material para caricaturas. Possivelmente devido a influências de uma língua anterior ao galaico-português, no Porto os «b» são mais acentuados e

sobrepõem-se aos «v». Os ditongos «ão» ou «õe» prolongam-se e acentuam-se mais que nas outras regiões do país.

O nortenho é tão expansivo na linguagem como nos gestos, o que leva a grandes confusões. Facilmente poderemos ser levados a pensar que se tratam de pessoas agressivas ou rudes, o que não é verdade. A esse propósito, Alexandre Herculano (citado por Fundação Calouste Gulbenkian, 1993), aconselhava «não façais caso de certo modo áspero e rude que lhe haveis de notar; trazei-o à prova, e achar-lhe-eis um coração bom, generoso e leal» (p.111). Tê (1998), partilha a mesma opinião, «a linguagem dos portuenses é de uma rudeza carregada de afecto» (p.36) pelo que os impropérios não são para ser levados à letra, constituindo quase sempre um modo de expressar carinho.

O modo de falar dos nortenhos, não se reduz à pronúncia, estende-se também aos termos utilizados. Por exemplo, os Alfacinhas são *Mouros*, o café é *cimbalino* um garoto um *pingo*, um carapau é *chicharro*, uma carcaça é *uma molete*, um chupa-chupa é conhecido por *caramillo*, o dinheiro é *guita*, uma frigideira é uma *sertã*, um palerma é um *morcão*, uma posta de bacalhau é uma *loura*.... (Cruz, 1998, p.54). É fácil imaginar que uma conversa entre tripeiros dificilmente será inteiramente compreendida por não tripeiros, se houver uso excessivo de calões e regionalismos.

Se ao nível da linguagem e da personalidade, existem alguns traços característicos dos nortenhos, é possível que também ao nível do vestuário hajam diferenças entre o Porto e as outras regiões. Nuno Gama, estilista do Porto (citado por Pina, 1996) considera que o portuense se preocupa mais com o trabalho, pelo que os aspectos ligados à estética e ao vestuário são remetidos para segundo plano:

No Porto as pessoas são mais sóbrias, mais pesadas e usam mais meias brancas...peças de vestuário típicas do Porto, são o blusãozinho de couro e o fato para sair à noite (...) as pessoas não sabem conjugar cores e materiais. Somos uma cidade de muito trabalho, onde a cultura passa ao lado (p. 56)

Outros estilistas nortenhos (Paulina Figueiredo, Luis Buchinho, Olga Rego, citados por Pina, 1996, p.56-59) estão em desacordo com esta ideia e consideram o Porto uma referência na moda do nosso País.

Este breve perfil do povo do Norte ficaria muito incompleto se não nos referíssemos a uma das suas grandes paixões – o futebol. O futebol constitui o terreno mais fértil para fazer germinar o bairrismo e a rivalidade que opõe os tripeiros aos alfacinhas. Esta característica, levou Hélder Pacheco, Historiador, homem do Norte e autor de inúmeras obras sobre a sua região, a afirmar que «o Porto é uma naçon...azul (Pacheco, 1987, p. 139). Assim descrevia Pacheco uma partida de futebol:

O sol irrompe, chuvas de papel, balões azuis (e brancos) sobem a encher o céu: nevoeiro, nuvens de fumo, bandeiras acenando. Quantas são ? Milhares e milhares (...) começa o jogo e mal se respira no aperto da emoção. Os jovens piratas disfarçados, túnicas esvoaçantes e lenços na cabeça e as raparigas azuis dançam no relvado lateral, ao som da chinfrineira de orquestra improvisada da bancada. (...) Oh maravilha, agora descobri uma bandeira enorme com um coração azul, percorrendo o campo (E penso eu: este fenómeno escapa à lógica. Eis o amor em forma de bandeira. Aquele coração retrata uma fidelidade. O que faz um portista sentir um tal amor - do coração? Talvez nada, coisa nenhuma, um pouco...ou talvez tudo...a necessidade de afirmação pessoal a confundir-se num orgulho bairrista (p.139)

Na “guerra” do Porto contra o centralismo lisboeta, e do Norte contra a hegemonia do Sul, o Futebol Clube do Porto (FCP) tem sido uma importante arma de combate. Este clube existe há cerca de cem anos (1906) e deve a sua fundação a um grupo de foliões tripeiros (o grupo do Destino) e que formaram uma equipe, cujos primeiros equipamentos foram encarnados com vivos brancos (!). Além do FCP, o Boavista Futebol Clube é outro clube com grande relevância para as pessoas do Norte. Fundado em 1903, começou por se chamar Boavista Footballers Clube e rivalizava com o Oporto Cricket Club, que existia também na zona da Boavista. Embora exista uma forte rivalidade entre estes dois clubes, a rivalidade esbate-se perante um “inimigo comum”: os clubes de Lisboa. Escusado será dizer-se que um jogo de futebol onde existam

portuenses, será concerteza muito animado. São dados como certos os impropérios dirigidos aos adeptos do outro clube, ao árbitro, mas também trocados entre adeptos dos clubes nortenhos. Mas, como já referimos, nada é para levar muito a sério, pois os tripeiros são impulsivos, têm as emoções à flor da pele.

O povo do Norte gosta de trabalhar mas é também muito dado à folia, pelo que as tradições noctívagas estão muito presentes nesta cidade. Da Foz à Ribeira, passando pela Boavista, proliferam locais nocturnos para todos os gostos. Na Ribeira, concentram-se os bares, pubs, cafês e esplanadas que são locais aprazíveis, sobretudo no Verão. Na Boavista, continuam a existir Discotecas cuja fama se difundiu e constituem locais de encontro para vários nomes importantes ligados às artes, à política e ao jornalismo.

As tertúlias de onde se originaram negócios, conspirações ou intrigas, fizeram com que, no início deste século, os cafês, salões e botequins da cidade do Porto se pudessem considerar autênticas instituições de utilidade pública. O Café Central, o Lisbonense, o Suíço, o Progresso ou o Águia de Ouro, testemunharam momentos de grande importância para a cidade invicta. O Café Águia de Ouro é citado por Júlio Dinis, ao longo da *Família Inglesa*, uma vez que este escritor foi um frequentador deste local, tendo passado lá boa parte dos seus serões. Nos tempos de glória dos salões portuenses (por exemplo, o Magestic e a Brasileira), existiam os «graxas», figuras que deambulavam por lá e que se ofereciam para engraxar os sapatos dos clientes, os vendedores da sorte, de gravatas, as mesas para a leitura, o dominó, as cartas, os bilhares e ainda os sorvetes. O Magestic, inaugurado em 1923, ainda se encontra em perfeito fulgor, assim como a Brasileira.

Além das Discotecas e bares que proliferam pela cidade e arredores, mantém-se também a tradição das festas da cidade que se realizam no mês de

Junho, culminando na noite de 23 para 24, com a noite mais longa do ano - a noite de S. João. A festa São-Joanina portuense é um fenómeno social em que toda a cidade confraterniza, em que gentes de todas as idades e classes se juntam extravasando os limites das vivências do resto do ano. Como diria Miguel Torga (1950/1993):

Um Porto formalista e anémico, a recalcar os impulsos, onde não fosse possível confundir-se uma peixeira com uma viscondessa e um pensador com um padeiro, não era digno de ter dado nome a Portugal» (p. 53).

Não se conhecem as raízes desta festa popular, ritual pagão que a igreja católica transformou em festa religiosa associada à figura do São João Baptista. Estas celebrações são dadas como certas desde a Idade Média, altura em que as festas se concentravam na Lapa, Cedofeita e Bonfim, tendo-se transferido depois para as Fontainhas, devido ao facto de existir nesse local uma grande cascata e a possibilidade de se vender pão e aguardente. Os simbolismos do saltar das fogueiras, as cascatas e o passar a noite ao relento, ainda que não sejam exclusivos desta festa, encontram-se associados a outras curiosas componentes como a utilização das ervas bentas e o alho-porro. Uma recente inovação são os martelinhos de plástico, que animam a noite já que são usados praticamente por todos aqueles que querem divertir-se nesta noite.

Os mercados e feiras, são outra das características do Porto. Constituem locais de passeio, com movimentos, gestos, cheiros e pregões, bastante característicos desta cidade. De entre os mais importantes, poderemos destacar o do Bolhão, aprisionado nas suas grades de ferro, onde as canastreiras e as tripeiras continuam a vender os seus produtos. Outro mercado de igual importância é o da Ribeira.

Para todos aqueles que preferem fazer compras em locais mais cosmopolitas, proliferam agora os Centros Comerciais. Ao mesmo nível que os mercados,

situam-se as feiras, cujos costumes se encontram enraizados de tal modo que as autoridades têm tentado mudar o local de algumas e, desde logo, encontram a hostilidade de toda a população. Podemos destacar como mais conhecidas: a feira da Fontainha, feira dos Pássaros, feira das Nozes por São Miguel e a feira dos Carneiros.

CAPITULO 3

MÉTODOS E MATERIAIS

3.1. Objectivos e hipóteses

3.1.1. Definição do problema

Portugal sofreu grandes alterações nas últimas décadas. Essas mudanças são agora mais visíveis em 2002, mas já se perfilhavam na década de 90, quando este estudo se iniciou. O Grande Porto tem vindo a crescer economicamente, sendo que, nos anos 80, surgia como a zona com maior aumento significativo na oferta de emprego em áreas ligadas ao Comércio e Serviços. Começou também a impor-se como destino turístico, sendo a terceira região mais procurada para esse fim (a seguir ao Algarve e a Lisboa).

Neste contexto de mudança, tornava-se pertinente estudar os valores defendidos pelos nortenhos, comparando-os com os valores do País em geral, ainda que saibamos que a mudança de valores é um processo gradual, só percebido no imediato, quando se dão fortes rupturas intergeracionais (Inglehart, 1990).

Auscultámos os jovens universitários da área Metropolitana do Porto e os respectivos progenitores, com o objectivo de encontrar áreas de tensão, ou de consenso, entre as duas gerações. Porquê os universitários? O universitário possui características que o diferenciam bastante do jovem aluno do ensino secundário (segundo Keniston, citado por Silva freire, 1998), visto que a ida para a universidade pressupõe muitas vezes a saída da casa dos pais. Esta autonomia dá-se a par do contacto com jovens de muitas regiões e idades, portanto detentores de diferentes valores. Tendo este aspecto também em

conta, tornou-se importante comparar os valores apresentados pelos jovens autóctones (que se mantinham em casa dos pais), com os valores dos não autóctones. Optámos pelos últimos anos (4º e 5º) dos respectivos cursos, para que já tivesse decorrido tempo suficiente que facilitasse a adesão, ou não adesão, a outros valores. Deste modo, pensamos ser possível avaliar o impacto que a frequência do ensino superior tem na diferença dos valores veiculados pelas duas gerações.

Ao mesmo tempo, procurámos as diferenças inter-sexos porque, segundo a opinião de alguns autores como Berry, Poortinga, Segall e Dansen (citados por Silva Freire, 1998), os modos de socialização primária variam segundo a variável sexo. Também as práticas educativas adoptadas pelos pais, diferem quer se trate de uma rapariga ou de um rapaz (Extebarria, 1992), sendo que os pais se mostram mais permissivos com os rapazes do que com as raparigas, sobretudo no que respeita a sexualidade (Figueiredo, 1988). Posto isto, pretendíamos avaliar a existência, ou não, de diferenças significativas ao nível dos valores, que pudessem opor a amostra feminina (mães e raparigas), à amostra masculina (pais e rapazes).

Por último, se o conflito de gerações se exprime numa tensão psicológica entre os jovens e os adultos, então é provável que se vá exprimir, também, num conflito de valores pelo que estudo e clarificação das áreas de divergência/convergência ao nível dos valores pondo em confronto duas gerações, podem na opinião de Figueiredo e Ferreira da Silva (1992), fornecer pistas preditivas sobre o que se vai passar dentro de duas décadas, porque serão os jovens de hoje que vão assumir futuramente as responsabilidades em todas as áreas.

O presente estudo organizou-se segundo quatro objectivos principais, que consistiam em avaliar se:

Existem diferenças significativas entre os valores defendidos pelos progenitores e pelos jovens;

Existem diferenças significativas entre os valores defendidos pelos diferentes sexos, nas diferentes gerações;

Existem diferenças significativas entre os valores defendidos pelos autóctones e não autóctones da área do Grande Porto;

Existem diferenças significativas entre os valores defendidos pelos jovens e progenitores da amostra regional e os valores defendidos pela amostra nacional.

3.1.2. Variáveis / operacionalização

Temos três variáveis independentes (sexo; local de nascimento; geração) e uma variável dependente (valores sociais).

Em relação à variável «sexo» a avaliação faz-se de uma maneira dicotómica (feminino/masculino). A variável «local de nascimento» é operacionalizada através da distinção entre originários e não originários da área Metropolitana do Porto. Considerámos como autóctones todas as pessoas nascidas dos concelhos de Espinho, Gondomar, Maia, Matosinhos, Porto, Póvoa do Varzim, Valongo, Vila do Conde e Vila Nova de Gaia. A «geração» é, também, uma variável dicotómica (jovem/progenitor).

A variável dependente é avaliada pelo questionário de valores cuja descrição se fará mais adiante.

3.1.3. Trabalho de campo/ Técnica de recolha de dados⁶

Procedemos à recolha da amostra, durante a semana de 18 a 28 de Março de 1996, sendo que a distribuição dos questionários se fez de duas maneiras :

A maioria dos questionários, foram distribuídos directamente aos alunos, no início da aula e recolhidos no final da mesma. Ao mesmo tempo, foi dado, a cada aluno, um envelope grande que continha outros dois, mais pequenos, devidamente selados, para que fossem entregues aos pais e enviados posteriormente, pelo correio. Cada questionário (quer dos alunos, quer dos pais), era precedido por uma carta de apresentação onde se explicava, sucintamente, os objectivos do estudo (ver em anexo).

Na Faculdade de Engenharia (cursos de Química e Electrotecnia), o modo como distribuímos os questionários foi diferente, porque nos foi pedido que o ritmo das aulas não fosse perturbado. Assim sendo, cerca de 203 questionários foram entregues aos Regentes das cadeiras que, por sua vez, os distribuíram aos seus Assistentes, e estes entregaram-nos aos alunos no início das aulas, pedindo-lhes que os preenchessem em casa e os levassem no dia seguinte. Dois dias depois fomos buscá-los, ao gabinete destes professores. Alguns alunos (cerca de 12) não chegaram a entregar os questionários, explicando-se assim o facto de não termos recolhido a totalidade dos 500 questionários.

Na Faculdade de Ciências, curso de Matemática, distribuímos 30 questionários no início das aulas e combinámos com a professora da cadeira que no dia seguinte passaríamos pela secretaria para os recolher. Contudo, após vários dias de espera, apenas conseguimos recuperar 2 questionários,

⁶ Referem-se os dados relativos à recolha de dados que nos parecem relevantes.

optando então por excluir esta Faculdade. Fizemos mais cópias dos questionários e reforçámos a nossa amostra na Faculdade de Engenharia, onde os professores se mostraram inteiramente disponíveis.

A amostra nacional foi recolhida por nove mestrandos. São nove as amostras regionais e todas representam cerca de 20% da população-alvo, sendo que obedeceram aos mesmos critérios atrás referidos aquando da amostra regional. Foram inquiridos 2978 estudantes e 1751 progenitores. A maior parte dos estudantes pertencem ao sexo feminino (56.4%) e têm uma média de idade situada nos 23.3 anos. Os progenitores são, também, maioritariamente do sexo feminino (56%) e a média de idades situa-se nos 53.2 anos.

3.1.4 População-alvo

A nossa população-alvo foram os jovens, estudantes finalistas no ano lectivo de 1995/96 da Universidade do Porto e respectivos progenitores. A escolha dos jovens obedeceu a alguns critérios tendo como base as teorias dos autores já referidos. Segundo, Figueiredo (1988), a educação e a formação académica constituem importantes factores de socialização, contribuindo para o desenvolvimento de novos valores e, conseqüentemente, são o sustentáculo de muitos estudos que visam abordar a problemática da relação entre gerações. O mesmo autor, refere também, que ao ultrapassarem o limite dos 20 anos, os jovens passam a adquirir valores autónomos da sua família de origem. Este facto pressupõe que o jovem seja capaz de se autonomizar e, também, que inicie o processo de desautorização e de desidealização psicológica (Figueiredo, 1985, 1988, 1992). Ao mesmo tempo, o facto de serem finalistas permite que já exista uma aculturação sendo que, deste modo, os valores regionais estejam mais enraizados. Solicitámos à Reitoria da Universidade que nos concedesse os dados relativos às estatísticas desse ano, mas tal não foi possível porque ainda

jovens esses que seriam os nossos finalistas de 96/97 (excluindo-se todos aqueles que não progrediram por diversos motivos).

3.1.5 Amostra

A amostra de estudantes foi obtida aleatoriamente, sendo que por representar aproximadamente 21 % da população e possuir um intervalo de confiança de 5%, nos torna possível a generalização dos resultados à população de finalistas das Universidade do Porto (segundo Vockell, 1983). De forma a tornar-se possível efectuar o estudo a que nos propúnhamos, partimos de 4 amostras distintas, duas regionais e duas nacionais.

A amostra regional de estudantes é constituída por 482 jovens (343 do sexo masculino e 139 do sexo feminino) cuja grande maioria se situa na faixa etária dos 22-23 anos. Por sua vez, a amostra regional de progenitores perfaz os 372 (174 do sexo masculino e 198 do sexo feminino) de idades situadas na faixa dos 45-50 anos. Tanto os jovens, como os progenitores, serão objecto de uma caracterização mais aprofundada no ponto 5 do presente trabalho).

A amostra nacional de alunos, abrange 2978 jovens (1299 do sexo masculino e 1679 do sexo feminino) finalistas do ensino superior, constituída de molde a nela incluir as diferentes Universidades e áreas de ensino, atenta à origem dos estudantes. Os jovens provêm dos Açores, Madeira, Braga, Porto, Algarve, Trás-os-Montes, Covilhã, Coimbra, Évora e Lisboa. Situam-se nos 23.3 anos de idade (50% têm menos de 23 anos e a outra metade está acima deste valor), sendo que a idade mais frequente é de 22 anos.

A amostra nacional de progenitores, cobre igualmente todo o espaço nacional, compreende 1751 progenitores (770 do sexo masculino e 981 do sexo feminino) com idade média de 53.2 anos. Metade dos progenitores inquiridos,

tem idade abaixo dos 53 anos e a idade mais frequente (com 122 progenitores) acusa o valor de 50 anos.

3.1.5.1 Caracterização da amostra

A nossa amostra é constituída de modo a representar 21% do total dos alunos, matriculados pela primeira vez no ano de 91/92 nas Universidades públicas da cidade do Porto e respectivos progenitores: 482 jovens (343 do sexo masculino e 139 do sexo feminino) e 372 progenitores (174 masculinos e 198 femininos).

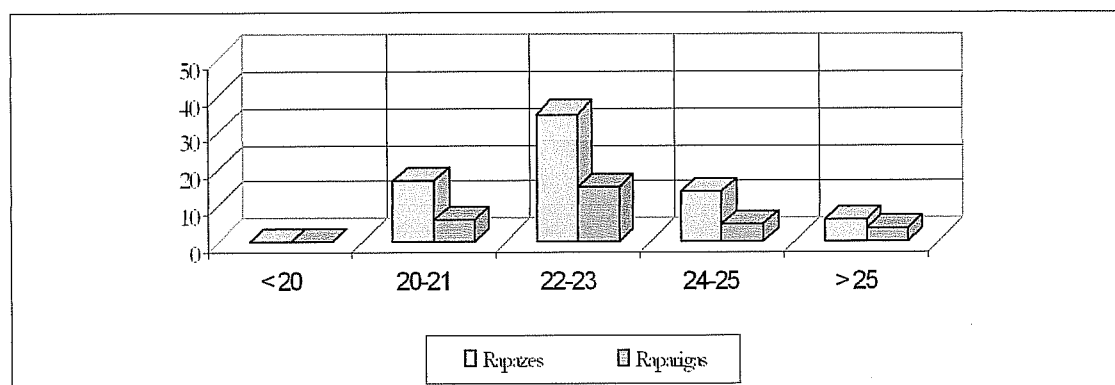
3.5.1.1 Idade e sexo

Na amostra regional, constata-se a existência de uma sobrecarga de jovens do sexo masculino (71,2%), assim como da faixa etária dos 22-23 anos (48,9% para os rapazes e 51,2% para as raparigas), como se pode observar no quadro nº1 e fig. 1.

[QUADRO Nº 1 - Idade e sexo dos alunos - questões 10 e 11]

JOVENS	TOTAL	%	MASC	%	FEM	%
Menor que 20	0	0	0	0	0	0
20-21	109	22,6	81	16,8	28	5,9
22-23	239	49,6	168	34,9	71	14,6
24-25	89	18,5	66	13,7	23	4,8
Maior que 25	45	9,3	28	5,8	17	3,5
TOTAL	482	100	343	71,2	139	28,8

fig. 1 - Idade e sexo dos jovens⁷



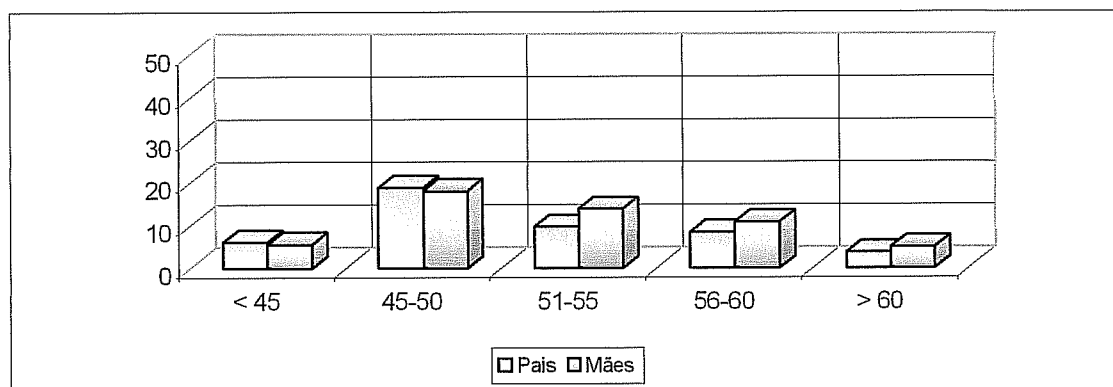
⁷ Colocámos nas figura 1 e 2, uma escala de 0-50 para que os dados sejam mais visíveis

No que respeita aos progenitores, a maioria situa-se na classe etária dos 45-50 anos (47,2% para os homens e 33,8 % para as mulheres) mas, ao contrário do que se passa na amostra de alunos, são as mulheres que mais responderam ao nosso apelo (53%), conforme se pode ver na fig. 2 e quadro nº2 e figura 2:

[QUADRO Nº 2- Idade e sexo dos progenitores - questão 10]

PROGENITORES	TOTAL	%	MASC	%	FEM	%
Menor que 45	44	11,9	23	6,2	21	5,6
45-50	137	36,8	70	18,9	67	18,1
51-55	88	23,6	36	9,7	52	13,9
56-60	71	19,1	31	8,4	40	10,8
Maior que 60	32	8,7	14	3,7	18	4,9
TOTAL	372	100	174	46,7	198	53,3

fig. 2 - Idade e sexo dos progenitores



3.1.5.1.2 Cursos e Faculdades

No que diz respeito ao ano de Faculdade que frequentam, a grande maioria está no 5º ano (80,1%) e 19,9% no 4º ano. O inquérito foi aplicado nas Faculdades de Engenharia, Letras e Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar (quadro nº3). A Faculdade de Engenharia foi o local onde recolhemos a maior parte da amostra e, dos cursos aí existentes, Electrotecnia tem o maior número de inquiridos (35,1%).

[QUADRO Nº 3- Faculdades e Cursos - questão 14]

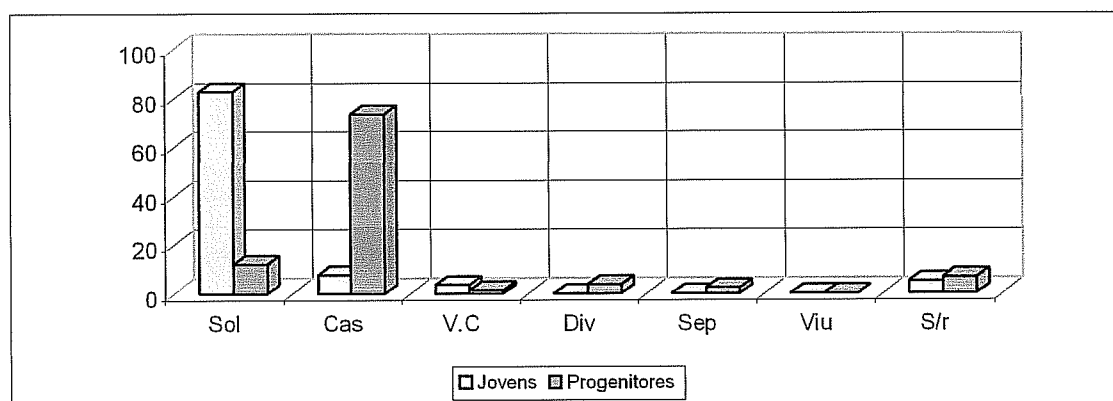
Faculdade	Curso	Ano	Total	%
Biomédicas	Medicina	5º	58	12.0
Engenharia	Química	4º e 5º	22	4.6
	Electrotecnica	5º	169	35.1
	Civil	4º e 5º	60	12.4
	Mecânica	5º	128	26.6
Letras	Sociologia	5º	45	9.3
TOTAL			482	100

3.1.5.1.3 Estado civil

A maioria dos jovens (82.7%), são solteiros enquanto que a categoria «casados», define 73.5 % dos progenitores (quadro nº4 e fig. 3).

[QUADRO Nº 4 - Estatuto conjugal - questão 17]

	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAIS	MASC	FEM	TOTAIS	MASC	FEM
Solteiro	82.7	82.1	83.4	12.0	11.3	12.6
Casado	7.6	6.9	8.2	73.5	77.9	70.2
Vive com o companheiro/a	3.5	4.0	3.0	1.4	0.9	1.8
Divorciado	0	0.7	0.2	3.8	2.3	5.0
Separado/a	0	0.5	1.1	2.2	0.9	3.3
Viúvo/a	0	0	0	0	0	0
Sem resposta	5.0	5.9	4.2	6.6	7.0	6.8



sol - solteiro/a ; Cas - casado; V.C. - Vive com companheiro/a; Div - Divorciado; Sep - Separado, Viu - Viúvo; S/r - Sem resposta

fig. 3 - Estado civil

3.1.5.1.4 Distrito de nascimento

Do ponto de vista de distribuição regional (quadro nº5), salienta-se o facto da maioria (55,2% dos alunos e 38,2% dos progenitores), serem autóctones. Em segundo lugar estão os jovens oriundos dos PALOP, com 10,6% e os progenitores de Braga com 14,5%.

[QUADRO Nº 5 - Distrito de nascimento - questão 13]

DISTRITOS	JOVENS	PROGENITORES
Aveiro	6.6	8.9
Braga	6.6	14.5
Bragança	6.6	3.8
Beja	-	1.9
Castelo Branco	0.8	-
Coimbra	3.3	3.2
Faro	-	1.1
Guarda	-	1.1
Leiria	-	1.1
Lisboa	2.1	1.1
Portalegre	-	0.5
Porto	55.2	38.2
Santarém	0.8	1.9
Setúbal	0.8	-
Viana Castelo	2.9	5.6
Vila Real	3.2	6.7
Viseu	1.8	3.2
Ilhas	0.8	2.7
Palop	10.6	1.6
Estrangeiro	3.3	-

3.5.1.5 Religião

A larga maioria da amostra (75,3% dos jovens e 78,5% dos progenitores) revela-se Católica.

[QUADRO Nº 6- Religião - questão 16]

RELIGIÕES	JOVENS	%	PROGENITORES	%
Agnóstico	6	1.2	2	0.5
Ateu	105	21.8	72	19.4
Católico	363	75.3	292	78.5
Espírita	2	0.4	0	0
Protestante	2	0.4	0	0
Outras	2	0.4	0	0
Sem resposta	2	0.4	0	0

Seguem-se-lhes os ateus, com 21,8% para os jovens, e 19,4% para os progenitores. As outras orientações religiosas são praticamente residuais (quadro nº6).

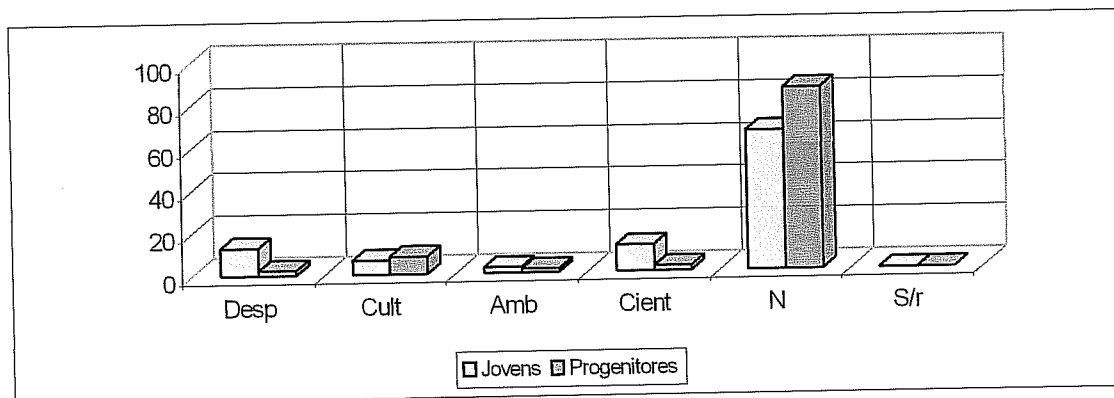
3.2 Participação em Movimentos Associativos

Observa-se que, na amostra dos alunos, existe uma maior participação em movimentos do tipo desportivo (12,9 %) seguindo-se os movimentos de tipo cultural com 6,6%, porém a grande maioria, não participa em qualquer movimento.

As restantes categorias obtiveram percentagens francamente baixas (quadro nº7 e fig. 4). O mesmo acontece com a amostra dos progenitores em que, a grande maioria (85,8%), afirma não pertencer a qualquer movimento seguindo-se, com apenas 8,3% os que dizem pertencer a grupos culturais. Os restantes distribuem-se, com percentagens muito baixas, pelas restantes categorias existentes.

[QUADRO Nº 7 - Movimentos associativos - questão 18]

	JOVENS	%	PROGENITORES	%
Desportivos	62	12.9	8	2.2
Culturais	32	6.6	31	8.3
Ambiental	12	2.5	6	1.6
Científico	59	12.2	8	2.2
Nenhum	317	65.8	319	85.7
Sem resposta	0	0	0	0



Desp. - Desportivo; Cult. - Cultural; Amb. - Ambiental ; Cient. - Científico; N. - Nenhum; S/r - Sem resposta

fig. 4 - Participação em Movimentos Associativos

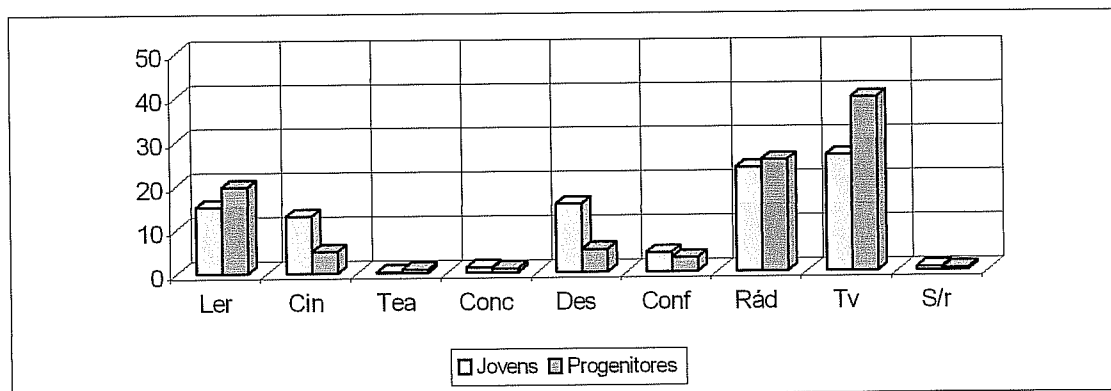
3.3 Interesses

3.3.1 Actividades praticadas há menos de uma semana

Das actividades culturais preferidas, tanto os jovens como os progenitores, destacam «assistir televisão» e «ouvir rádio» (quadro nº8). Em terceiro lugar para os jovens, surgem as actividades desportivas (15,5%), seguidas de perto pela leitura (15,1%). Os jovens e progenitores inquiridos vão pouco ao teatro (0,1 e 0,7%, respectivamente) e a concertos (1,2 e 0,9%, respectivamente).

[QUADRO Nº 8 - Actividades que praticou há menos de uma semana - questão 37]

ACTIVIDADES	JOVENS	%	PROGENITORES	%
Leitura de um livro	248	15,1	165	19,6
Ir ao cinema	211	12,9	42	4,9
Ir ao teatro	2	0,1	6	0,7
Ir a concertos	20	1,2	8	0,9
Praticar desporto	254	15,5	43	5,1
Assistir a uma conferência	71	4,3	27	3,2
Ouvir rádio	385	23,5	213	25,3
Ver TV	430	26,3	332	39,4
Sem resposta	12	0,7	5	0,5



Ler - Leitura de um livro; Cin. - Ir ao cinema; Tea. - Ir ao teatro; Conc. - Ir a concertos; Des. - Praticar desporto; Conf. - Assistir a uma conferência; Rád. - Ouvir rádio; Tv - Ver TV; S/r - Sem resposta

fig. 5 - Actividades praticadas há menos de uma semana

A respeito da leitura de jornais não desportivos, vemos que a grande maioria dos jovens (51,8%) lê outras publicações uma a duas vezes por semana, enquanto que os progenitores o fazem quase todos os dias (38,1%).

3.3.2 Secções que mais interessam na imprensa

As secções que mais interessam aos jovens (quadro nº9) são, por ordem de preferência: «vida nacional» (16,2%), «divulgação científica» (15,4%), «vida internacional» (12,1%). O que menos os atrai são os folhetins (0,4%) e os passatempos (3,3%).

[QUADRO Nº 9 - Secções que mais interessam - questão 35]

SECÇÕES	JOVENS	%	PROGENITORES	%
Vida nacional	361	16,2	314	19,4
Vida internacional	271	12,1	239	14,8
Artigos de fundo, reportagens	256	11,4	226	14,0
Desporto	214	9,6	90	5,5
Artes e letras	132	5,9	71	4,4
Crítica de espectáculos	155	6,9	40	2,4
Crimes e outros	95	4,2	107	6,6
Folhetins, contos	10	0,4	11	0,7
Páginas de economia	90	4,0	105	6,5
Páginas de div. científica	344	15,4	161	9,9
Curiosidades	205	9,2	144	8,9
Passatempos	75	3,3	69	4,2
Sem resposta	20	0,8	35	2,2

Os assuntos da «vida nacional» são também os preferidos pelos progenitores (19,4%), seguindo-se-lhes a «vida internacional» (14,8%) e os «artigos de fundo, reportagens» (14%). Os menos escolhidos são os folhetins (0,7%) e as páginas dedicadas à crítica de espectáculos (2,4%).

3.7.3 Actividades desportivas

Devido ao facto do leque de escolhas ser bastante extenso, optámos por ordenar as actividades desportivas segundo três categorias : jogos, desportos e ginástica (quadro nº 10). Incluímos na categoria «Jogos», actividades como : futebol, voleibol, corfebol, basquetebol, pólo aquático, ténis, badmington, pingue-pongue e squash. Na categoria «Desportos» fazem parte a caça, o montanhismo, o parapente, vela, windsurf, atletismo (que se subdivide em

8 Colocámos na figura 5 uma escala de 0-50, para que os dados sejam mais visíveis

marcha, corrida e caminhada), enduro, ciclismo, equitação, natação, artes marciais (que se subdivide em judo, karaté e outras). Da categoria «Ginástica» fazem parte actividades como a ginástica propriamente dita, a manutenção, hidrogenástica, culturismo, musculação, aeróbica e balé.

Os jovens são bastante desportistas (60,8%) enquanto que a maior parte dos progenitores (80,3%) não pratica qualquer desporto mas, quando o faz, o tipo de desportos praticados não difere significativamente da amostra dos jovens.

[QUADRO N° 10 - Actividades desportivas - questão 19]

		JOVENS	PROGENITORES	
Jogos	Futebol	16.1	2.6	
	Voleibol	2.9	0	
	Corfebol	0.8	0	
	Basquetebol	2.9	0	
	Pólo Aquático	0.4	0	
	Ténis	7.4	0	
	Badminton	0.8	0	
	Ping-Pong	0.6	0	
	Squash	0.4	0.5	
Desportos	Caça	-	0.5	
	Montanhismo	0.4	-	
	Parapente	0.4	-	
	Vela	0.4	0.5	
	Windsurf	0.4	-	
	Atletismo	Marcha	1.2	-
		Corrida	2.9	0.5
		Caminhada	-	2.1
	Enduro	0.4	-	
	Ciclismo	2.9	1.0	
	Equitação	0.4	-	
	Natação	10.7	6.9	
	Artes Marciais	Judo	0.4	-
		Karaté	2.9	-
outras		1.4	-	
Ginástica	Ginástica	4.1	2.4	
	Manutenção	1.6	0.5	
	Hidrogenástica	0.2	0.5	
	Culturismo	0.4	-	
	Musculação	5.3	0.8	
	Aeróbica	3.3	0.5	
	Balé	0.4	-	
Nenhum		39.2	80.3	

A escolha recai no futebol (escolhido em primeiro lugar pelos alunos com 16,1%) e pelos progenitores em segundo, com 2,6%, na natação (segundo lugar para os alunos e primeiro para os progenitores, com 10,7% e 6,9%, respectivamente) e na ginástica, escolhida por ambos em terceiro lugar (4,1% -

anos de idade (50% têm menos de 23 anos e a outra metade está acima deste valor), sendo que a idade mais frequente é de 22 anos.

A amostra nacional de progenitores, cobre igualmente todo o espaço nacional, compreende 1751 progenitores (770 do sexo masculino e 981 do sexo feminino) com idade média de 53.2 anos. Metade dos progenitores inquiridos, tem idade abaixo dos 53 anos e a idade mais frequente (com 122 progenitores) acusa o valor de 50 anos.

3.1.5.1 Caracterização da amostra

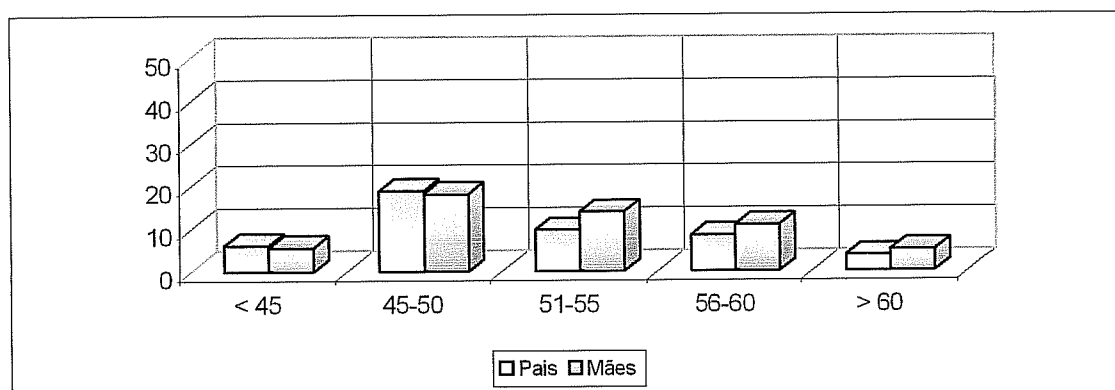
A nossa amostra é constituída de modo a representar 21% do total dos alunos, matriculados pela primeira vez no ano de 91/92 nas Universidades públicas da cidade do Porto e respectivos progenitores: 482 jovens (343 do sexo masculino e 139 do sexo feminino) e 372 progenitores (174 masculinos e 198 femininos).

3.5.1.1 Idade e sexo

Na amostra regional, constata-se a existência de uma sobrecarga de jovens do sexo masculino (71,2%), assim como da faixa etária dos 22-23 anos (48,9% para os rapazes e 51,2% para as raparigas), como se pode observar no quadro nº1 e fig. 1.

[QUADRO Nº 1 - Idade e sexo dos alunos - questões 10 e 11]

JOVENS	TOTAL	%	MASC	%	FEM	%
Menor que 20	0	0	0	0	0	0
20-21	109	22,6	81	16,8	28	5,9
22-23	239	49,6	168	34,9	71	14,6
24-25	89	18,5	66	13,7	23	4,8
Maior que 25	45	9,3	28	5,8	17	3,5
TOTAL	482	100	343	71,2	139	28,8

fig. 1 - Idade e sexo dos jovens⁷

No que respeita aos progenitores, a maioria situa-se na classe etária dos 45-50 anos (47,2% para os homens e 33,8 % para as mulheres) mas, ao contrário do que se passa na amostra de alunos, são as mulheres que mais responderam ao nosso apelo (53%), conforme se pode ver na fig. 2 e quadro nº2 e figura 2:

[QUADRO Nº 2- Idade e sexo dos progenitores - questão 10]

PROGENITORES	TOTAL	%	MASC	%	FEM	%
Menor que 45	44	11,9	23	6,2	21	5,6
45-50	137	36,8	70	18,9	67	18,1
51-55	88	23,6	36	9,7	52	13,9
56-60	71	19,1	31	8,4	40	10,8
Maior que 60	32	8,7	14	3,7	18	4,9
TOTAL	372	100	174	46,7	198	53,3

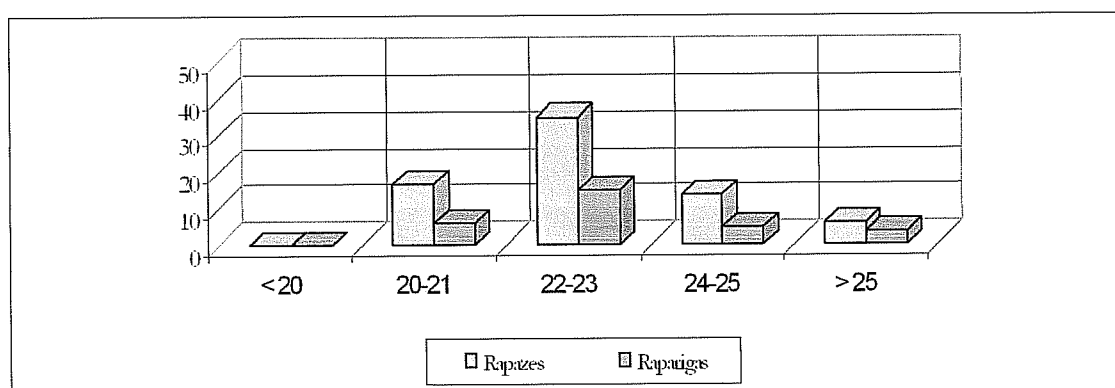


fig. 2 - Idade e sexo dos progenitores

⁷ Colocámos nas figura 1 e 2, uma escala de 0-50 para que os dados sejam mais visíveis

3.1.5.1.2 Cursos e Faculdades

No que diz respeito ao ano de Faculdade que frequentam, a grande maioria está no 5º ano (80,1%) e 19,9% no 4º ano. O inquérito foi aplicado nas Faculdades de Engenharia, Letras e Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar (quadro nº3). A Faculdade de Engenharia foi o local onde recolhemos a maior parte da amostra e, dos cursos aí existentes, Electrotecnia tem o maior número de inquiridos (35,1%).

[QUADRO Nº 3- Faculdades e Cursos - questão 14]

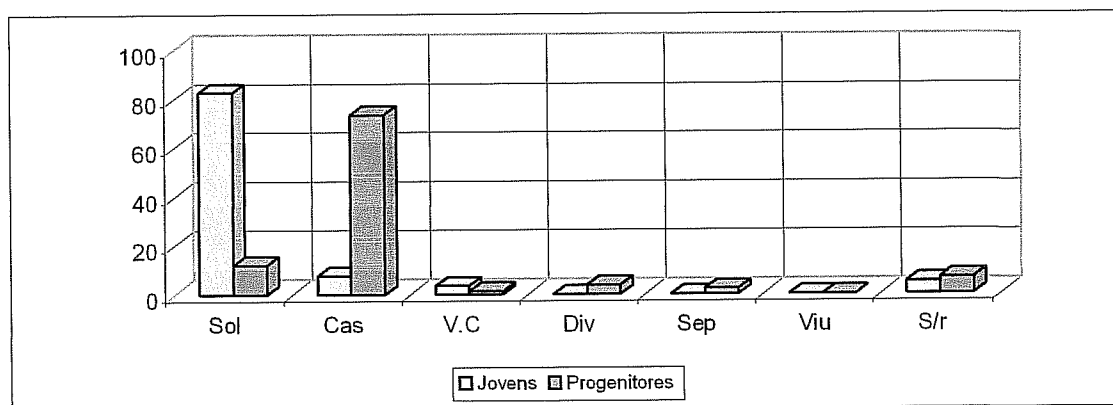
Faculdade	Curso	Ano	Total	%
Biomédicas	Medicina	5º	58	12.0
Engenharia	Química	4º e 5º	22	4.6
		5º	169	35.1
	Civil	4º e 5º	60	12.4
	Mecânica	5º	128	26.6
Letras	Sociologia	5º	45	9.3
TOTAL			482	100

3.1.5.1.3 Estado civil

A maioria dos jovens (82.7%), são solteiros enquanto que a categoria «casados», define 73.5 % dos progenitores (quadro nº4 e fig. 3).

[QUADRO Nº 4 - Estatuto conjugal - questão 17]

	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAIS	MASC	FEM	TOTAIS	MASC	FEM
Solteiro	82.7	82.1	83.4	12.0	11.3	12.6
Casado	7.6	6.9	8.2	73.5	77.9	70.2
Vive com o companheiro/a	3.5	4.0	3.0	1.4	0.9	1.8
Divorciado	0	0.7	0.2	3.8	2.3	5.0
Separado/a	0	0.5	1.1	2.2	0.9	3.3
Viúvo/a	0	0	0	0	0	0
Sem resposta	5.0	5.9	4.2	6.6	7.0	6.8



sol - solteiro/a ; Cas - casado; V.C. - Vive com companheiro/a; Div - Divorciado; Sep - Separado, Viu - Viúvo; S/r - Sem resposta

fig. 3 - Estado civil

3.1.5.1.4 Distrito de nascimento

Do ponto de vista de distribuição regional (quadro nº5), salienta-se o facto da maioria (55,2% dos alunos e 38,2% dos progenitores), serem autóctones. Em segundo lugar estão os jovens oriundos dos PALOP, com 10,6% e os progenitores de Braga com 14,5%.

[QUADRO Nº 5 - Distrito de nascimento - questão 13]

DISTRITOS	JOVENS	PROGENITORES
Aveiro	6.6	8.9
Braga	6.6	14.5
Bragança	6.6	3.8
Beja	-	1.9
Castelo Branco	0.8	-
Coimbra	3.3	3.2
Faro	-	1.1
Guarda	-	1.1
Leiria	-	1.1
Lisboa	2.1	1.1
Portalegre	-	0.5
Porto	55.2	38.2
Santarém	0.8	1.9
Setúbal	0.8	-
Viana Castelo	2.9	5.6
Vila Real	3.2	6.7
Viseu	1.8	3.2
Ilhas	0.8	2.7
Palop	10.6	1.6
Estrangeiro	3.3	-

3.5.1.5 Religião

A larga maioria da amostra (75,3% dos jovens e 78,5% dos progenitores) revela-se Católica.

[QUADRO N° 6- Religião - questão 16]

RELIGIÕES	JOVENS	%	PROGENITORES	%
Agnóstico	6	1.2	2	0.5
Ateu	105	21.8	72	19.4
Católico	363	75.3	292	78.5
Espírita	2	0.4	0	0
Protestante	2	0.4	0	0
Outras	2	0.4	0	0
Sem resposta	2	0.4	0	0

Seguem-se-lhes os ateus, com 21,8% para os jovens, e 19,4% para os progenitores. As outras orientações religiosas são praticamente residuais (quadro n°6).

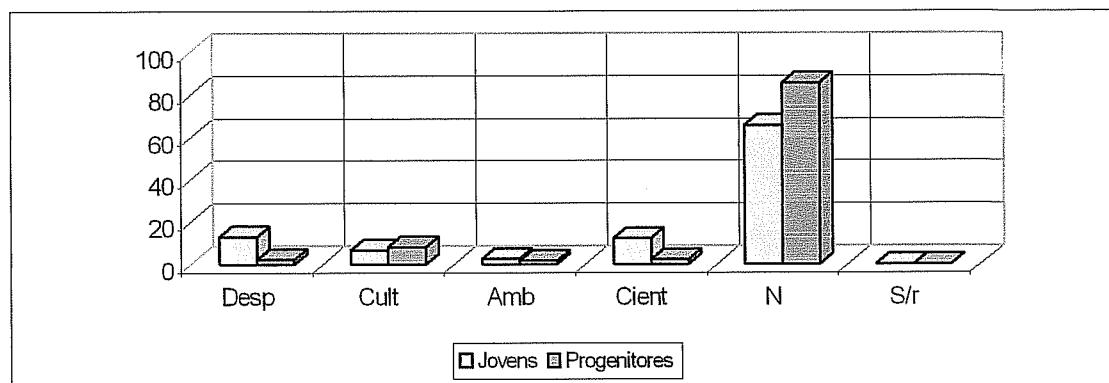
3.2 Participação em Movimentos Associativos

Observa-se que, na amostra dos alunos, existe uma maior participação em movimentos do tipo desportivo (12,9 %) seguindo-se os movimentos de tipo cultural com 6,6%, porém a grande maioria, não participa em qualquer movimento.

As restantes categorias obtiveram percentagens francamente baixas (quadro n°7 e fig. 4). O mesmo acontece com a amostra dos progenitores em que, a grande maioria (85,8%), afirma não pertencer a qualquer movimento seguindo-se, com apenas 8,3% os que dizem pertencer a grupos culturais. Os restantes distribuem-se, com percentagens muito baixas, pelas restantes categorias existentes.

[QUADRO Nº 7 - Movimentos associativos - questão 18]

	JOVENS	%	PROGENITORES	%
Desportivos	62	12.9	8	2.2
Culturais	32	6.6	31	8.3
Ambiental	12	2.5	6	1.6
Cientifico	59	12.2	8	2.2
Nenhum	317	65.8	319	85.7
Sem resposta	0	0	0	0



Desp. - Desportivo; Cult. - Cultural; Amb. - Ambiental ; Cient. - Científico; N. - Nenhum; S/r - Sem resposta

fig. 4 - Participação em Movimentos Associativos

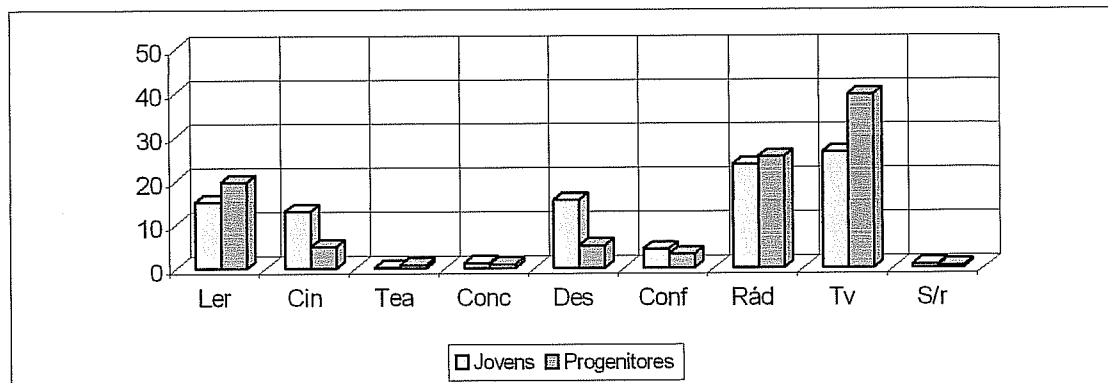
3.3 Interesses

3.3.1 Actividades praticadas há menos de uma semana

Das actividades culturais preferidas, tanto os jovens como os progenitores, destacam «assistir televisão» e «ouvir rádio» (quadro nº8). Em terceiro lugar para os jovens, surgem as actividades desportivas (15,5%), seguidas de perto pela leitura (15,1%). Os jovens e progenitores inquiridos vão pouco ao teatro (0,1 e 0,7%, respectivamente) e a concertos (1,2 e 0,9%, respectivamente).

[QUADRO Nº 8 - Actividades que praticou há menos de uma semana - questão 37]

ACTIVIDADES	JOVENS	%	PROGENITORES	%
Leitura de um livro	248	15,1	165	19,6
Ir ao cinema	211	12,9	42	4,9
Ir ao teatro	2	0,1	6	0,7
Ir a concertos	20	1,2	8	0,9
Praticar desporto	254	15,5	43	5,1
Assistir a uma conferência	71	4,3	27	3,2
Ouvir rádio	385	23,5	213	25,3
Ver TV	430	26,3	332	39,4
Sem resposta	12	0,7	5	0,5



Ler - Leitura de um livro; Cin. - Ir ao cinema; Tea. - Ir ao teatro; Conc. - Ir a concertos; Des. - Praticar desporto; Conf. - Assistir a uma conferência; Rád. - Ouvir rádio; Tv - Ver TV; S/r - Sem resposta

fig. 5 - Actividades praticadas há menos de uma semana⁸

A respeito da leitura de jornais não desportivos, vemos que a grande maioria dos jovens (51,8%) lê outras publicações uma a duas vezes por semana, enquanto que os progenitores o fazem quase todos os dias (38,1%).

3.3.2 Secções que mais interessam na imprensa

As secções que mais interessam aos jovens (quadro nº9) são, por ordem de preferência: «vida nacional» (16,2%), «divulgação científica» (15,4%), «vida internacional» (12,1%). O que menos os atrai são os folhetins (0,4%) e os passatempos (3,3%).

[

⁸ Colocámos na figura 5 uma escala de 0-50, para que os dados sejam mais visíveis

QUADRO Nº 9 - Secções que mais interessam - questão 35]

SECÇÕES	JOVENS	%	PROGENITORES	%
Vida nacional	361	16,2	314	19,4
Vida internacional	271	12,1	239	14,8
Artigos de fundo, reportagens	256	11,4	226	14,0
Desporto	214	9,6	90	5,5
Artes e letras	132	5,9	71	4,4
Crítica de espectáculos	155	6,9	40	2,4
Crimes e outros	95	4,2	107	6,6
Folhetins, contos	10	0,4	11	0,7
Páginas de economia	90	4,0	105	6,5
Páginas de div. científica	344	15,4	161	9,9
Curiosidades	205	9,2	144	8,9
Passatempos	75	3,3	69	4,2
Sem resposta	20	0,8	35	2,2

Os assuntos da «vida nacional» são também os preferidos pelos progenitores (19,4%), seguindo-se-lhes a «vida internacional» (14,8%) e os «artigos de fundo, reportagens» (14%). Os menos escolhidos são os folhetins (0,7%) e as páginas dedicadas à crítica de espectáculos (2,4%).

3.7.3 Actividades desportivas

Devido ao facto do leque de escolhas ser bastante extenso, optámos por ordenar as actividades desportivas segundo três categorias : jogos, desportos e ginástica (quadro nº 10). Incluímos na categoria «Jogos», actividades como : futebol, voleibol, corfebol, basquetebol, pólo aquático, ténis, badmington, pingue-pongue e squash. Na categoria «Desportos» fazem parte a caça, o montanhismo, o parapente, vela, windsurf, atletismo (que se subdivide em marcha, corrida e caminhada), enduro, ciclismo, equitação, natação, artes marciais (que se subdivide em judo, karaté e outras). Da categoria «Ginástica» fazem parte actividades como a ginástica propriamente dita, a manutenção, hidrogenástica, culturismo, musculação, aeróbica e balé.

Os jovens são bastante desportistas (60,8%) enquanto que a maior parte dos progenitores (80,3%) não pratica qualquer desporto mas, quando o faz, o

tipo de desportos praticados não difere significativamente da amostra dos jovens.

[QUADRO N° 10 - Actividades desportivas - questão 19]

		JOVENS	PROGENITORES	
Jogos	Futebol	16.1	2.6	
	Voleibol	2.9	0	
	Corfebol	0.8	0	
	Basquetebol	2.9	0	
	Pólo Aquático	0.4	0	
	Ténis	7.4	0	
	Badminton	0.8	0	
	Ping-Pong	0.6	0	
	Squash	0.4	0.5	
Desportos	Caça	-	0.5	
	Montanhismo	0.4	-	
	Parapente	0.4	-	
	Vela	0.4	0.5	
	Windsurf	0.4	-	
	Atletismo			
		Marcha	1.2	-
		Corrida	2.9	0.5
		Caminhada	-	2.1
	Enduro	0.4	-	
	Ciclismo	2.9	1.0	
	Equitação	0.4	-	
	Natação	10.7	6.9	
	Artes Marciais			
	Judo	0.4	-	
	Karaté	2.9	-	
	outras	1.4	-	
Ginástica	Ginástica	4.1	2.4	
	Manutenção	1.6	0.5	
	Hidroginástica	0.2	0.5	
	Culturismo	0.4	-	
	Musculação	5.3	0.8	
	Aeróbica	3.3	0.5	
	Balé	0.4	-	
Nenhum		39.2	80.3	

A escolha recai no futebol (escolhido em primeiro lugar pelos alunos com 16,1%) e pelos progenitores em segundo, com 2,6%, na natação (segundo lugar para os alunos e primeiro para os progenitores, com 10,7% e 6,9%, respectivamente) e na ginástica, escolhida por ambos em terceiro lugar (4,1% - alunos; 2,45 % - progenitores). Os jovens manifestam a sua preocupação com o corpo, através da adesão a modalidades desportivas muito variadas.

3.7.4 Utilização de novas tecnologias

O computador é o mais pontuado pelos jovens⁹ (38,9%), enquanto que os progenitores utilizam bastante a máquina de calcular (35,2%).

[QUADRO Nº 11 - Novas tecnologias - questão 36]

NOVAS TECNOLOGIAS	JOVENS	%	PROGENITORES	%
Computador pessoal	381	38,9	132	24,7
Internet	142	14,5	15	2,8
Telemóvel	21	2,1	34	6,3
Bip	20	2,0	4	0,7
Fax	22	2,2	62	11,6
Máquina de calcular	272	38,0	188	35,2
Sem resposta	20	2,0	99	18,5

São curiosos os resultados da percentagem de uso do telemóvel e bip, entre jovens e progenitores. Os jovens usam mais o bip do que o telemóvel, possivelmente por ser mais económico (quadro nº11)

3.8 Características socioprofissionais

Colocámos quatro questões sobre a profissão, nível de instrução, fontes de rendimento e o conforto de alojamento, sempre referentes ao progenitor com níveis mais elevados (quadros nº 12, 13, 14 e 15). A quinta variável sugerida por Graffard¹⁰ (características da zona residencial), encontrava-se omissa no questionário pelo que seguimos a sugestão de Figueiredo, (2001, p.311-312), e vamos agrupar a amostra em três classes: alta, média e baixa.

Assim, poderemos concluir que a maioria dos nossos jovens pertence à classe alta e os progenitores são oriundos de famílias de classe média.

⁹ Na análise destes dados, é preciso ter em conta que a grande maioria dos jovens inquiridos são estudantes de engenharia, pelo que se impõe o uso de algum tipo de tecnologia, como é o caso da máquina de calcular e do computador. Estávamos, também, ainda a habituar-nos à ideia da Internet, pelo que o seu uso não era ainda muito frequente.

¹⁰ Graffard define cinco critérios : «profissão»; «nível de instrução»; «fontes de rendimento»; «características do alojamento de morada»; «características da zona residencial». Cada uma dessas variáveis apresenta cinco alternativas de escolha, ordenadas e pontuadas de 1 a 5. Atribui-se à classe

A maioria dos progenitores destes jovens, têm o ensino primário (30,7%) mas são Quadros superiores (36,9%), que sobrevivem graças a um ordenado mensal e habitam num alojamento confortável (70,1%).

Questionámos também os progenitores, quanto às características socioprofissionais dos respectivos pais. Obtivemos assim, informações acerca da terceira geração (avós dos nossos jovens estudantes). Apesar dos perfis da segunda geração serem semelhantes basicamente iguais aos da terceira, podemos constatar a existência de alguma mudança social de geração para geração. Existem actualmente, mais progenitores com um curso superior (passou de 14,2 para 24,7%), assim como «empregados em posição de chefia» (23,9%).

A respeito das fontes de rendimento, observa-se que os progenitores colocam em segundo lugar os «rendimentos de bens ou actividade liberal» (32%), opção esta que sofreu um acréscimo de 18,3% para 32,0% de uma para a outra geração.

Os alojamentos de luxo também cresceram em termos de percentagem (de 1,6% para 8,7%). Parece, assim, existir uma ascensão social acompanhada de melhorias na qualidade de vida, da geração dos progenitores actuais em relação à geração anterior.

[QUADRO Nº 12 - Nível de instrução dos progenitores - questão 2]

NÍVEL DE INSTRUÇÃO	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
Curso superior	24.7	25.9	21.6	14.2	12.6	15.7
Curso médio	16.0	14.9	18.7	9.1	9.2	9.1
Ensino secundário	24.1	23.6	25.2	22.0	26.4	18.2
Ensino primário	30.7	31.5	28.8	34.9	28.7	40.4
Ensino primário incompleto ou nulo	0.8	1.2	0.0	13.7	16.1	11.6
Sem resposta	3.7	2.9	5.8	5.9	6.9	5.1

[QUADRO Nº 13 - Profissão dos progenitores - questão 27]

PROFISSÃO	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
Quadro superior	36.9	34.4	43.2	15.9	9.2	21.7
Empregado em posição de chefia	23.9	21.0	30.9	19.9	21.3	18.7
Profissional por conta própria	11.6	13.4	7.2	25.5	28.7	22.7
Subordinado	18.7	19.2	17.3	20.7	23.0	18.7
Pessoal auxiliar	2.9	4.1	0.0	6.7	6.9	6.6
Sem resposta	6.0	7.9	1.4	11.3	10.9	11.6

[QUADRO Nº 14 - Fontes de rendimento dos progenitores - questão 29]

FONTES DE RENDIMENTO	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
Rendimentos de bens ou actividade liberal	32.0	28.0	41.7	18.3	21.8	15.2
Vencimento mensal	53.1	55.7	46.8	45.7	48.9	42.9
Vencimento de pessoas com quem vive	6.6	5.2	10.1	8.9	1.1	15.7
Salário irregular	0.8	1.2	0.0	4.0	4.0	4.0
Segurança social	4.1	5.2	1.4	13.4	12.6	14.1
Sem resposta	3.3	4.7	0.0	9.7	11.5	8.1

[QUADRO Nº 15 - Conforto do alojamento dos progenitores - questão 30]

CONFORTO DO ALOJAMENTO	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
Alojamento de luxo	8.7	7.6	11.5	1.6	2.3	1.0
Alojamento confortável	70.1	69.1	72.7	63.4	60.3	66.2
Alojamento modesto	17.4	19.2	12.9	21.8	24.1	19.7
Alojamento com falta de condições	0.4	0.6	0.0	5.9	6.3	5.6
Alojamento impróprio	2.9	3.5	1.4	0.8	0.0	1.5
Sem resposta	0.4	0.0	1.4	6.5	6.9	6.1

Comparando a classe social dos autóctones com a dos não autóctones, observamos que, no que respeita os jovens, tanto os autóctones como os não autóctones, pertencem à classe alta. Em relação aos progenitores, também não existem diferenças de classe social entre autóctones e não autóctones.

3.5 Com quem viveu na infância

Perguntámos também aos jovens e progenitores, com quem tinham vivido na infância. A esmagadora maioria respondeu que tinha sido com os pais (96,3% dos jovens; 89,2% dos progenitores). Ainda assim, podemos observar que, na amostra de progenitores, existem 6,2% que viveram com outros familiares (em comparação com os 1,2% dos jovens), o que constitui uma diferença assinalável.

3.6 INSTRUMENTO

O instrumento que utilizámos foi adaptado do trabalho de Figueiredo, (1983). O autor construiu o questionário tendo por base «os mais significativos inquéritos utilizados nos últimos anos nos países da Europa Ocidental», em especial o trabalho "Les jeunes Européens", e o II Inquérito Geral à Universidade da Juventude Católica (JUC), efectuado em 1964.

O questionário foi sujeito a algumas alterações e actualizações, que passamos a descrever:

Na questão nº 1, na alínea A, foi retirada a expressão " ao máximo ", assim como na alínea B, se suprimiu o "ao mínimo ". Na alínea C da mesma questão, foi retirado a referência "obrigatória".

Na questão nº 10 foi retirada, na alínea D a expressão "por vezes"., assim como na mesma alínea da questão nº 11.

Na questão nº 13, a expressão "...da limitação da natalidade" , foi substituída por "...do planeamento familiar ", tratando-se unicamente de uma pura reformulação de terminologia, tendo em conta a atmosfera actual.

Nas questões números 18 e 19, alíneas B., foi retirado " ... por desleixo e desinteresse".

A questão 23 no inquérito original, passou a ter o nº 24 já que se incluiu uma nova pergunta (nº 21) considerámos importante abordar a despenalização do consumo de droga dada a actualidade deste tema. Deste modo, poderíamos conhecer os diferentes pontos de vista alunos/pais, no que diz respeito às formas de lidar com o fenómeno da toxicoddependência.

Contudo, nas questões números 23 e 40 (nº 38 na escala original), substituiu-se "...no mercado Comum (CEE) " e "... Comunidade Europeia...", por "... União Europeia ", devido ao facto de Portugal ter assinado, em 1991, o tratado de

Maastricht. Este facto impedia que as referidas questões continuassem a ser formuladas da mesma maneira. A questão 23 tem pertinência, uma vez que a permanência do nosso País na União Europeia, e as próximas etapas que se avizinham (a criação de uma moeda única, por exemplo) tomou força consensual em todos os grandes partidos. É pois, mais plausível admitir-se que Portugal abandone a Comunidade, do que a ideia da Comunidade Europeia seja abandonada a nível continental.

Acrescentou-se a questão nº 36, atendendo ao facto destas tecnologias terem sido introduzidas na nossa sociedade. Consideramos pois, que estes dados poderão servir futuramente para outros estudos, na mesma área.

Na questão nº 37 (nº 35 na escala original), foi incluída a alínea D "ir a concertos", uma vez que é inegável a importância que os grandes concertos possuem actualmente, sobretudo para a camada mais jovem.

Na questão nº 41 (nº 39 na anterior escala), onde estava "... ano 2000", passou a estar "...ano 2010 ", por razões que serão óbvias para todos. Acrescentou-se na alínea A. "...S.I.D.A. , hepatite, etc. ", dado que são estas doenças as que melhor exprimem a preocupação dos jovens desta década.

Na questão nº 43 (anteriormente com o nº 41), em vez de "...ano 2000...", passou também a constar "...ano 2010 ", pelo motivo anteriormente referido.

A questão nº44, do inquérito primitivo foi suprimida porque o colapso da maior parte dos Países Comunistas, levou a que a relação da nossa democracia com os Países que ainda se mantém (Cuba, China, Coreia do Norte), tenha deixado de ter um impacto cultural significativo na nossa juventude.

No que respeita aos dados pessoais dos inquiridos, foram recolhidas também, informações acerca de áreas como : religião (questão nº16), desportos que pratica (questão nº 19), férias (questão nº20), informações estas que se

encontravam omissas no inquérito anterior, embora sejam, para nós, relevantes.

Por último, foi retirada a questão sobre " Aspecto do bairro onde vive " (nº25 no inquérito original), por se considerar que já estavam implícitas nas outras questões.

O questionário é, na sua maioria, constituído por perguntas fechadas, Excepção feita à ultima parte, onde se obtém dados sobre a caracterização da amostra.

Existem questões de escolha única, dupla, tripla, quintupla e ainda é , por vezes, pedido que se hierarquizem as questões.

Foram atribuídas ao sistema de valores algumas dimensões:

Progresso e civilização

Centros de interesse

Instituições, problemas sociais e religião

Política

Sexualidade, casamento e família

Estas dimensões operacionalizam-se do seguinte modo:

Quatro questões remetem para o *Progresso e civilização*:

Questão nº22: " No que respeita o progresso do país, com qual das opiniões concorda mais"

Questão nº 27: " No seu entender quais são as causas por que vale a pena aceitar sacrifícios"

Questão nº 41: " O que desejaria que o progresso tornasse possível em 2010 "

Questão nº 26: "Fala-se hoje muito da crise de civilização. Como lhe parece que essa crise pode ser vencida? "

Três questões remetem para o *Materialismo e pós-materialismo*:

Questão nº 42: " Acha que pessoas como você podem influenciar o progresso?"

Questão nº 43: " Tente imaginar-se no Ano 2010...."

Questão nº 46: "Na sua opinião, quem tem uma visão mais realista do mundo é..."

Duas questões remetem para a *Europa*:

Questão nº 24: " Nos jornais, rádio e TV, fala-se muito na União Europeia (UE); "Se Portugal abandonasse a União Europeia, que sentiria você...."

Questão nº 40: " Há duas maneiras de conceber a longo prazo a União Europeia. Qual a opinião mais próxima da sua? "

Uma questão remete para os *Centros de interesse*:

Questão nº 44: " Por quais dos seguintes aspectos da vida, se interessa você verdadeiramente?"

Na dimensão das Instituições, *problemas sociais e religião* , duas questões remetem para o *Ensino* :

Questão nº 1: "Qual das frases seguintes exprime melhor a sua opinião sobre educação escolar? "

Questão nº 2: "No que respeita a educação das crianças pequenas, qual destas opiniões lhe parece mais certa?"

Uma questão remete para os *Tribunais*:

Questão nº17: " Os tribunais e as leis existem devido a haver problemas em que as pessoas implicadas não são capazes de chegar a um acordo... "

Uma questão remete para a *Polícia*:

Questão nº18: " Qual destas frases exprime melhor a sua opinião sobre a polícia?"

Uma questão remete para o *Sistema prisional*:

Questão nº19: " Com qual das frases seguintes está mais de acordo relativamente ao sistema prisional (cadeias e prisões) "

Os *Problemas sociais* geradores de uma preocupação generalizada tais como a criminalidade, alcoolismo, prostituição e droga, estão abordados em duas questões:

Questão nº 20: " Com qual das frases seguintes está mais de acordo relativamente ao sistema prisional (cadeias e prisões) "

Questão nº 21: " Nos assuntos que se seguem, qual acha que deve ser a atitude da sociedade..."

Sendo a Igreja uma verdadeira instituição social no nosso País, optámos por inserir a *Religião* neste capítulo. Reservamos-lhe duas questões¹¹:

Questão nº 32: " Independentemente de frequentar ou não a igreja, considera-se..."

Questão nº 33: " O que pensa que se procura fundamentalmente na religião..."

Quatro questões remetem para a *Política*

Questão nº 38:" A propósito de política, as pessoas falam de «direita» e de «esquerda». Quer situar a sua posição na escala que se segue... "

Questão nº 39: "Há algum partido político de que se sinta mais próximo do que de outros? Se SIM indique o seu grau de ligação a esse partido: "

Questão nº 45: " A propósito de democracia, qual o sistema político para que se deveriam orientar as nações. "

Questão nº 23: «Não é na revolução que reside a salvação e a justiça, mas sim na evolução bem orientada». Qual a sua opinião sobre esta frase.

¹¹ Referir que incluímos, também, uma questão específica onde perguntávamos qual a religião do indivíduo (ver «caracterização da amostra» - questão nº 16).

Onze questões remetem para a Sexualidade, *casamento e família*:

Questão nº 2: " No que respeita à educação das crianças pequenas, qual a opinião que lhe parece mais certa? "

Questão nº3: " Na sua opinião o que é mais importante na vida de uma pessoa? "

Questão nº 6: " Qual das frases define a sua posição sobre o trabalho da mulher? "

Questão nº 7: " Para um bom entendimento de um casal quais os dois factores mais importantes de entre os que se seguem (escolha dois) "

Questão nº 8: "Entre os seguintes fins do casamento, indique por ordem de preferência a importância que lhes atribui..."

Questão nº 9: " Indique a frase que melhor se identifica com a sua opinião sobre o divórcio "

Questões nº 10 e 11: " É conhecido que certos jovens têm por vontade própria experiências sexuais antes do casamento. Essa conduta parece-lhe..."

Questão nº 12: " Qual o número de filhos que gostaria de ter? "

Questão nº 13: " O que pensa do planeamento familiar? "

3.7 TRATAMENTO ESTATÍSTICO

Os critérios seguidos para controlo de recolha, as fontes oficiais utilizadas e demais comentários atinentes às fases de investigação que precederam o processamento, interpretação e confecção do relatório de pesquisa, foram efectuados à semelhança do que tinha sido feito aquando do trabalho da década da 80,^e encontram-se também descritos nos Capítulos que se seguem.

Dado que nesta pesquisa se trata de apuramento de tabelas a uma ou várias dimensões (variáveis) com valores absolutos nas frequências, que facilmente se transformam em frequências relativas ou percentagens para efeitos de comparação, e que constitui, efectivamente, um dos objectivos maiores desta pesquisa, necessário se torna, desde já, enunciar que o nosso modelo (estatístico) de análise se centrou no cálculo das diferenças (comparações), estatisticamente não significantes, quase significantes, significantes e extremamente significantes, entre as proporções das variáveis ou entre as proporções das modalidades das variáveis objecto de estudo. Na construção das tabelas multidimensionais para interpretação dos resultados apurados, houve sempre a preocupação de as condicionar, para efeitos comparativos, por sexos dentro das gerações e por gerações dentro das décadas, nas restantes variáveis tidas em conta.

Adoptámos três níveis de significância, 10%, 5% e 1%, que é o que usualmente se adopta em análises estatísticas dignas de crédito, dá-se conta inclusive das situações em que as semelhanças (igualdades estatisticamente certificadas) ou as dissemelhanças (diferenças positivas ou negativas estatisticamente confirmadas) se atribuem com maior clareza, constituindo em

si factos assinaláveis de constatação ou de descoberta que a malha apertada do modelo estatístico não refere explicitamente.

Afim de proceder aos testes estatísticos, construiu-se um programa de cálculo que, embora não contemple todas as etapas a que um procedimento de teste de hipótese deve obedecer, entre elas a conclusão por extenso do resultado do teste efectuado, permite a impressão de símbolos em colunas que auxiliam substancialmente a interpretação do resultado obtido no respectivo teste. Na interpretação dos testes estatísticos a que procedemos, adoptámos quatro símbolos distintos numa coluna encabeçada por "Sig", que significa significância, que dizem o seguinte: *quando a diferença calculada não é significativa*, isto é, quando as proporções em comparação nas duas populações se confundem por assumirem valores muito semelhantes, o que acontece sempre que o valor da diferença se situa muito próximo de zero e adoptando uma margem de erro de 10% (o que significa que se assume um risco de 10% em rejeitar a igualdade quando esta se verifica), então aparece um espaço em branco.

Quando *a nível de 10% as duas proporções aparecem idênticas, mas não a nível de 5%*, então aparece um ponto assinalando que o resultado do teste é quase significativo.

Quando *a nível de 5% as duas proporções aparecem idênticas, mas não a nível de 1%*, então aparece um asterisco, assinalando que o resultado do teste é significativo.

Quando, finalmente, *a nível de 1% as duas proporções aparecem distintas e, provavelmente, a outros níveis inferiores*, dando conta de que a margem de erro (de se rejeitar a igualdade entre proporções quando esta se verifica) é praticamente desprezível, então diz-se que o resultado do teste é

extremamente significativa e assinala-se o facto com dois asteriscos (ver listagens nos anexos I, II e III).

Em resumo, dois asteriscos significam diferenças de proporções estatisticamente seguras entre as duas proporções, um asterisco significa diferenças de proporções detectadas a 1% de margem de erro mas não detectadas a 5%, um ponto significa diferença de proporções detectadas a 5% mas não detectadas a 10% e um espaço em branco significa a ausência de desigualdade de proporções assegurada, robustamente, pela teoria estatística inferencial. Uma vez realizada a análise dos testes às diferenças de proporções, no que toca ao grau de significância dos mesmos, torna-se fácil então determinar o sentido das próprias diferenças e fixar qual proporção é maior e qual proporção é menor, afim de estabelecer os progressos ou regressos ocorridos nos valores percentuais a que o próprio item em estudo diz respeito nas populações em contraste.

O procedimento de teste realizado pode ser assim formulado:

$$H_0: \Pi_1 = \Pi_2$$

$$H_1: \Pi_1 \neq \Pi_2$$

em que Π_1 e Π_2 representam as proporções nas populações 1 e 2 visadas, quaisquer que elas sejam.

A função teste vem então:

$$Z = \frac{p_1 - p_2 - (\Pi_1 - \Pi_2)}{\sqrt{\frac{p_1(1-p_1)}{n_1} + \frac{p_2(1-p_2)}{n_2}}}$$

em que p_1 e p_2 são as proporções das amostras 1 e 2 visadas, quaisquer que elas sejam, n_1 e n_2 representam o tamanho das amostras 1 e 2 visadas, quaisquer que elas sejam e em que a função teste Z segue uma distribuição

Normal (0;1). Dado que H_1 é bilateral, segue-se que a região crítica se situa nas duas caudas da distribuição normal ao nível de $\alpha/2$, em que α assume sucessivamente os valores adoptados de 10%, 5% e 1%.

O resultado obtido para a função teste acima permite então concluir, tendo em atenção a consideração das sucessivas margens de erro adoptadas, se se trata de um resultado não significativo, acima de 10% (proporções iguais nas populações), quase significativo, entre 10% e 5% (proporções quase iguais nas populações), significativo, entre 5% e 1% (proporções diferentes nas populações) e extremamente significativo, abaixo de 1% (proporções extremamente diferentes nas populações). Alternativamente, é possível estabelecerem-se intervalos de confiança de 90%, 95% ou 99% para a diferença de proporções assim definidos:

$$\hat{\Pi}_1 - \hat{\Pi}_2 = p_1 - p_2 \pm Z_{\alpha/2} \sqrt{\frac{p_1(1-p_1)}{n_1} + \frac{p_2(1-p_2)}{n_2}}$$

em que a constante $Z_{\alpha/2}$ assume os valores de 1.645 para uma margem de erro de 10%, 1.96 para uma margem de erro de 5% e 2.58 para uma margem de erro de 1%.

Estudando-se então os limites dos intervalos construídos a estes três níveis, é possível concluir-se se se trata de proporções extremamente diferentes (extremamente significantes), diferentes (significantes), quase diferentes (quase significantes) ou iguais (não significantes). Tendo em vista uma maior simplificação da leitura dos resultados, optámos por referir apenas os dados altamente significativos, sendo contudo possível a consulta dos restantes nas listas em anexo.

Em primeiro lugar foi necessário calcular as percentagens das respostas (com base nos totais), em virtude de o número de respostas dos pais, ser

significativamente diferente, do número de respostas dos filhos (372 e 482, respectivamente).

O teste Qui-quadrado foi, então, calculado com base nas percentagens das respostas, para se poder ultrapassar este facto. Caso assim não se relativizassem, deste modo, o número das respostas, o teste Qui-quadrado iria de imediato acusar estas diferenças e falsear as conclusões.

O Qui-quadrado foi calculado de várias formas:

Para o inquérito no seu todo. Para cada questão.

Nas questões de escolha hierárquica, o Qui-quadrado foi calculado para a respectiva questão no seu todo e, também, individualmente para cada alínea. Assim, o teste foi calculado para a hipótese A (em 1º,2º,3º, etc.), B (1º,2º,3º, etc.)...

Ensaíamos, também, uma análise factorial para as questões de escolha hierárquica, mas os resultados não foram satisfatórios, devido ao grande número de variáveis em análise.

CAPITULO 4

RESULTADOS

Ao longo deste capítulo serão apresentados os dados referentes às cinco áreas sugeridas por Figueiredo (1988): «Progresso e Civilização»; «Centros de Interesse»; «Instituições, Problemas Sociais e Religião»; «Política»; «Sexualidade, Casamento e Família». Cada uma destas áreas se subdivide em outras, que serão referidas ao longo do texto de apresentação de resultados.

À semelhança do trabalho da década de 80, não iremos debruçar-nos sobre a totalidade das respostas do questionário, devido à extensão do mesmo e, também, ao facto de nem todas as questões se enquadrarem na investigação que nos propusemos realizar.

Para que não se corra o risco de uma grande dispersão, vamos referir unicamente os resultados que obtiveram diferenças altamente significativas (1%)¹² no teste de significâncias, uma vez que será com base nestes resultados que poderemos inferir a presença/ausência de alguma tensão entre gerações.

Ao longo do texto, por uma questão de terminologia, quando nos referirmos ao total de alunos, sem especificação de sexo, diremos *juvens*. A designação *progenitores* (prog), refere-se também aos totais sem distinção de sexos. Quando nos reportarmos à nossa amostra (recolhida no Porto mas sem divisão de autóctones e não autóctones) diremos *regional* e a amostra resultante do somatório das amostras de todas as regiões, será a nossa amostra *nacional*.

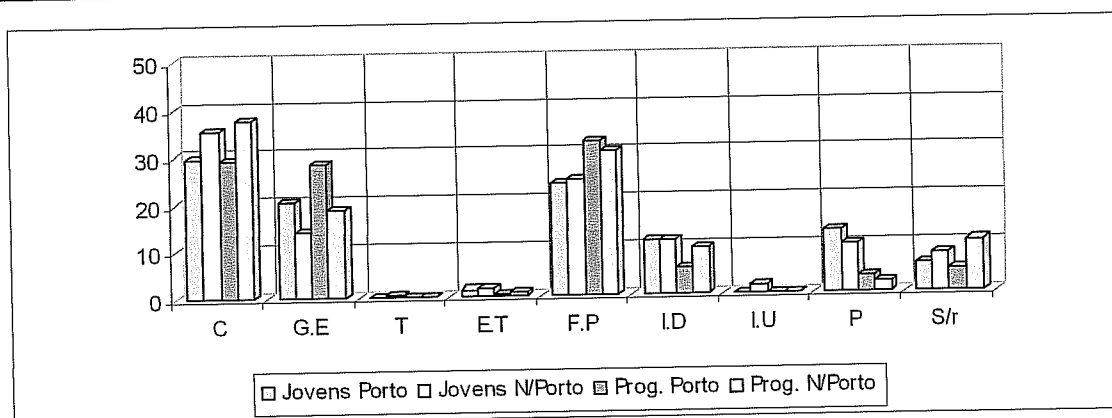
¹² resultados assinalados com dois asteriscos (**) nas listagens em anexo. É possível consultar com mais detalhe os resultados e respectivas significâncias, nos anexos I, II, III

4.1.3.2 Comparação entre resultados de autóctones e não autóctones

A primeira opção é mais fortemente pontuada pelos não autóctones (35,6% dos jovens e 37,8% dos progenitores), como se observa no quadro nº23 e figura 13.

[QUADRO Nº 23 - amostra de autóctones e n/autóctones - questão 41]

OBJECTIVOS PARA O ANO 2010	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	Porto	N/Porto	TOTAL	Porto	N/Porto
Cura de doenças perigosas	32.2	29.6	35.6	34.4	29.1	37.8
Fim das guerras e exércitos	17.5	20.4	13.9	22.5	28.4	18.6
Decisão sobre o estado do tempo	0.2	0.0	0.5	0.0	0.0	0.0
Confirmar se há vida extraterrestre	1.7	1.6	1.8	0.9	0.7	1.0
Fim da fome e da pobreza	24.1	23.6	24.7	31.3	32.6	30.6
Igualdade de direitos entre os povos	11.5	11.6	11.4	8.2	5.7	9.8
Idioma universal	0.9	0.0	2.0	0.0	0.0	0.0
Combate eficiente à poluição	11.8	13.2	10.1	2.6	3.6	2.1
Sem resposta	7.1	6.0	8.3	8.6	4.9	10.9



C - Cura de doenças perigosas como o cancro e a SIDA; G.E - Fim de guerras e exércitos; T - Decisão sobre o estado do tempo; E.T - Confirmar se há vida extraterrestre; F.P - Fim da fome e da pobreza; I.D - Igualdade de direitos entre os povos; I.U - Idioma universal; P - Combate eficiente à poluição; S/r - Sem resposta

fig. 13 - «Objectivos para o ano 2010 » - autóctones e não autóctones

Os resultados entre as amostras são consensuais não havendo por isso diferenças significativas a nível estatístico.

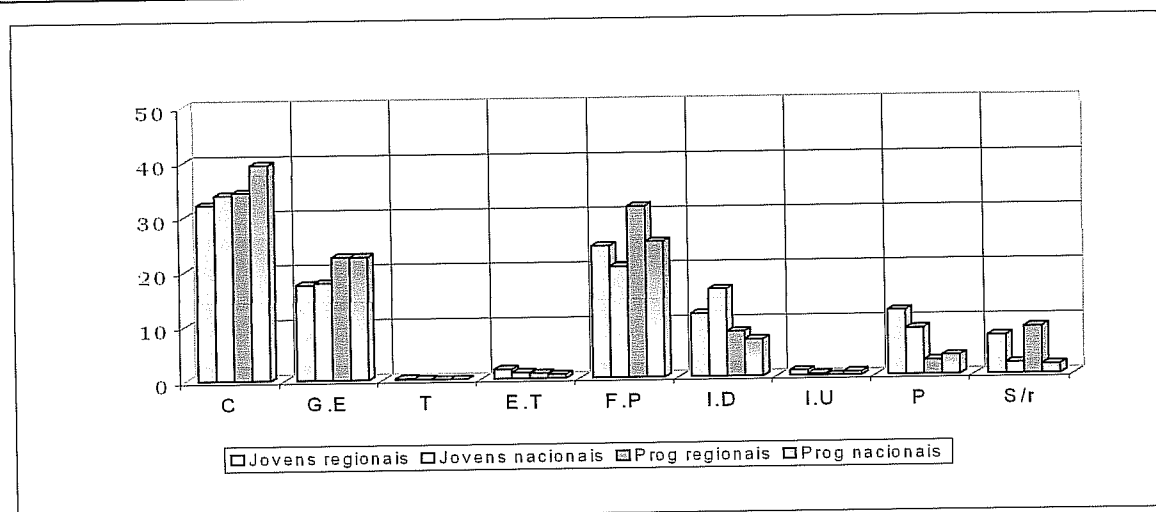
4.1.3.3 Comparação entre resultados regionais e nacionais

Existe, a nível nacional, concordância com as opções referidas aquando da amostra regional (quadro nº 24). A prioridade para o ano 2010 é, tanto para jovens (33,9%) como para progenitores nacionais (39,4%), a «cura das doenças perigosas», seguindo-se o «fim da fome e da pobreza» e o «fim das guerras e

exércitos». A primeira opção é mais pontuada pelas raparigas e mães, a segunda e terceira, pelos rapazes e pais (fig.14).

[QUADRO Nº 24 - amostra nacional - questão 41]

OBJECTIVOS PARA O ANO 2010	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
Cura de doenças perigosas	33.9	31.4	35.9	39.4	38.6	40.1
Fim das guerras e exércitos	17.8	18.2	17.5	22.5	19.3	25.0
Decisão sobre o estado do tempo	0.1	0.1	0.1	0.0	0.1	0.0
Confirmar se há vida extraterrestre	1.1	1.6	0.8	0.7	1.1	0.4
Fim da fome e da pobreza	20.3	22.0	18.9	24.8	26.7	23.4
Igualdade de direitos entre os povos	16.0	14.3	17.3	6.7	8.4	5.3
Idioma universal	0.3	0.4	0.3	0.6	0.8	0.4
Combate eficiente à poluição	8.5	9.7	7.6	3.5	3.7	3.3
Sem resposta	2.1	0.2	1.8	1.7	1.3	2.0



C - Cura de doenças perigosas como o cancro e a SIDA; G.E - Fim de guerras e exércitos; T - Decisão sobre o estado do tempo; E.T - Confirmar se há vida extraterrestre; F.P - Fim da fome e da pobreza; I.D - Igualdade de direitos entre os povos; I.U - Idioma universal; P - Combate eficiente à poluição; S/r - Sem resposta

fig. 14 - «Objectivos para o ano 2010 » - regionais e nacionais

Entre progenitores nacionais e regionais encontram-se dif. alt. signif. no que concerne a procura de um idioma universal. Nas amostras de jovens, a nível nacional, há uma maior preocupação com os direitos dos povos.

4.1.4 Crise da civilização

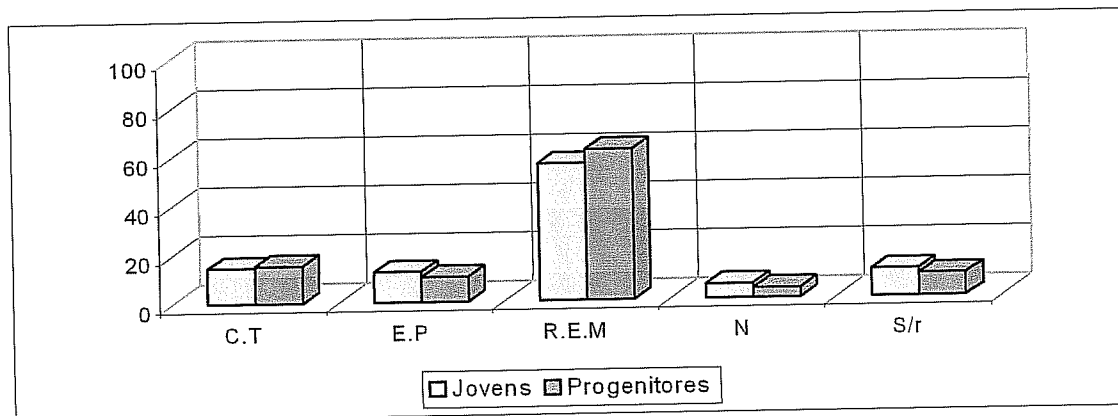
Procurava-se avaliar através das questões relativas à crise da civilização e ao modo como pode ser vencida, o grau de optimismo das duas gerações, assim como as capacidades que cada uma sente no que respeita a poder influenciar o futuro.

4.1.4.1 Resultados da amostra regional

Os resultados mostram que os jovens e progenitores regionais, são consensuais nas opiniões que manifestam. Ambos optam em primeiro lugar pela «renovação espiritual e moral» (56% para os jovens e 61,6% para os progenitores) e em segundo, bastante menos pontuada, surge a «ciência e tecnologia» (quadro nº 25 e fig. 15).

[QUADRO Nº 25 - amostra regional - questão 26]

CRISE DA CIVILIZAÇÃO	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
Pode ser vencida :						
pela ciência e tecnologia	14.5	17.2	7.9	15.3	16.1	14.6
pela economia e política	12.4	12.8	11.5	10.2	3.4	16.2
pela renovação espiritual e moral	56.0	52.8	64.0	61.6	70.1	54.0
Não pode ser vencida	5.8	7.3	2.2	3.8	4.6	3.0
Sem resposta	11.2	9.9	14.4	9.1	5.7	12.1



C.T - Ciência e tecnologia ; E.P - Economia e Política; R.E.M. - Renovação Espiritual e Moral; N -- Não pode ser vencida ; S/r - Sem resposta

fig.15 - «Crise da Civilização» - regionais

São as raparigas e os pais, que mais acreditam na «renovação espiritual e moral» como meio eficaz para ultrapassar a crise, enquanto que a segunda opção é mais pontuada pelos sujeitos do sexo masculino, de ambas as gerações.

As raparigas e os pais acreditam mais na «renovação espiritual e moral» como meio eficaz para ultrapassar a crise. A segunda opção é mais pontuada pelos sujeitos do sexo masculino, de ambas as gerações.

No teste de significâncias, a nível geral, nenhuma opção assume pontuações que nos façam afirmar que existem diferenças relevantes entre as duas gerações. Ao discriminarmos os resultados por sexos, observamos dif. alt. signif. entre os rapazes e os pais, no que respeita as opções «pela economia e política», mais defendida pelos rapazes e «pela renovação espiritual e moral», fortemente apoiada pelos pais.

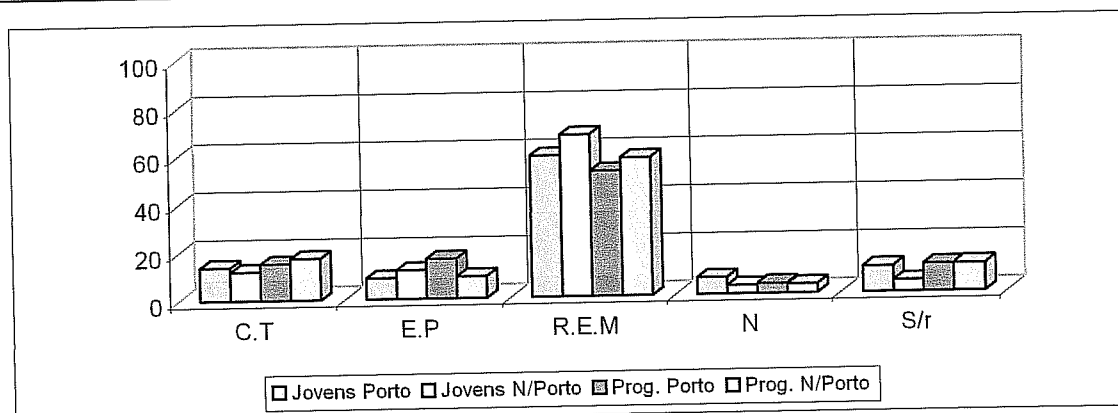
As mães mostram-se mais confiantes que os pais (dif. alt. signif), no apoio da «economia e política» como via de ultrapassar a crise e, menos confiantes que os mesmos, na «renovação espiritual e moral».

4.1.4.2 Comparação entre resultados de autóctones e não autóctones

Os sujeitos do Porto, quer jovens (59%) quer progenitores (67,6%), acentuam a sua crença na «renovação espiritual e moral» como forma de ultrapassar a crise da civilização (quadro nº 26 e fig. 16).

[QUADRO Nº 26 - amostra de autóctones e n/autóctones - questão 26]

CRISE DA CIVILIZAÇÃO	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	Porto	N/Porto	TOTAL	Porto	N/Porto
Pode ser vencida :						
pela ciência e tecnologia	14.5	13.9	15.3	15.3	12.0	17.4
pela economia e política	12.4	9.0	16.7	10.2	12.0	9.1
pela renovação espiritual e moral	56.0	59.0	52.3	61.6	67.6	57.8
Não pode ser vencida	5.8	7.1	4.2	3.8	3.5	3.9
Sem resposta	11.2	10.9	11.6	9.1	4.9	11.7



C.T - Ciência e tecnologia ; E.P - Economia e Política; R.E.M. - Renovação Espiritual e Moral; N -- Não pode ser vencida ; S/r - Sem resposta

fig. 16 - «Crise da Civilização» - autóctones e não autóctones

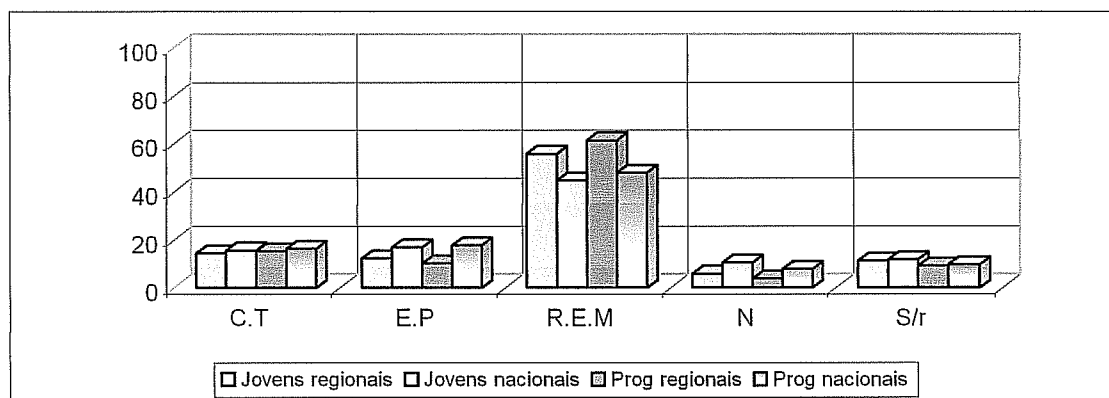
Não se encontram quaisquer dif. alt. signif. entre as amostras.

4.1.4.3 Comparação entre resultados regionais e nacionais

Os resultados das amostras nacionais não são completamente coincidentes com os resultados da amostra regional (quadro nº 27 e fig. 17). Embora a «renovação espiritual e moral» seja apontada como fundamental e decisiva para a solução da crise da civilização (45% para os jovens e 48,2% para os progenitores), como segunda opção, a nível nacional, surge-nos a «economia e política» tanto para jovens como para progenitores (15,7% e 16,4%, para os jovens e progenitores, respectivamente).

[QUADRO Nº 27 - amostra nacional - questão 26]

CRISE DA CIVILIZAÇÃO	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
Pode ser vencida :						
pela ciência e tecnologia	15.7	18.3	13.7	16.4	15.6	17.1
pela economia e política	16.9	17.5	16.5	17.7	18.3	17.0
pela renovação espiritual e moral	45.0	42.9	46.6	48.2	50.4	46.6
Não pode ser vencida	10.5	10.7	0.3	7.9	7.9	7.8
Sem resposta	11.9	10.6	12.9	9.8	7.8	11.4



.T - Ciência e tecnologia ; E.P - Economia e Política; R.E.M. - Renovação Espiritual e Moral; N -- Não pode ser vencida ; S/r - Sem resposta

fig.17 - «Crise da Civilização» - regionais e nacionais

No respeitante aos jovens, vemos que nacionalmente as opções «economia e política» e «renovação espiritual e moral» enquanto que o pessimismo (opção «não pode ser vencida»), é mais marcado regionalmente. Nas amostras de progenitores, a nível nacional, as apostas são na economia/política

ou então não há respostas, enquanto que regionalmente há uma forte aposta numa renovação interior (dif. alt. signif.).

4.1.5. Felicidade no ano 2010

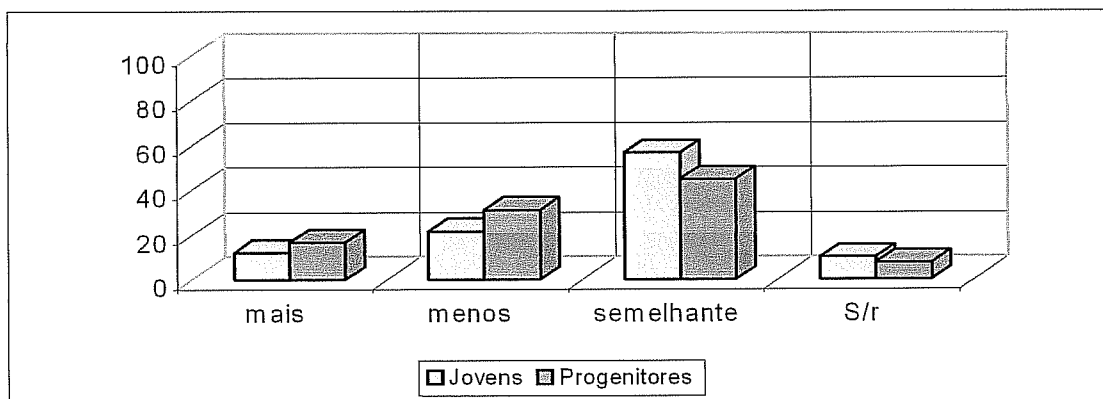
Lançámos um desafio aos inquiridos isto é, pedimos-lhes que se projectassem no ano 2010 e imaginassem se futuramente as pessoas seriam «mais felizes», «menos felizes» ou «semelhantes» ao que são actualmente.

4.1.5.1 Resultados da amostra regional

Os jovens e progenitores são consensuais ao afirmarem que, no futuro, as pessoas serão tão felizes como actualmente (56,6% jovens/44,8% progenitores) como se observa na figura 18 e no quadro 28.

[QUADRO Nº 28 - amostra regional - questão 43]

FELICIDADE NO ANO 2010	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
As pessoas serão mais felizes	12.0	14.0	7.2	16.7	16.7	11.6
Menos felizes	21.6	19.8	25.9	31.0	31.0	21.6
Semelhante	56.6	58.0	53.0	44.8	44.8	60.1
Sem resposta	9.8	8.2	13.7	7.3	7.5	7.1



Mais - As pessoas serão mais felizes ; Menos - As pessoas serão menos felizes; semelhante - semelhante ; S/r - Sem resposta

fig.18 - «Felicidade no ano 2010 » - regionais

Se observarmos as respostas tendo em atenção a variável sexo, constatamos que são os rapazes e as mães que mais pontuam a opção «semelhante»,

enquanto que os pais e raparigas consideram que, possivelmente, serão «menos felizes».

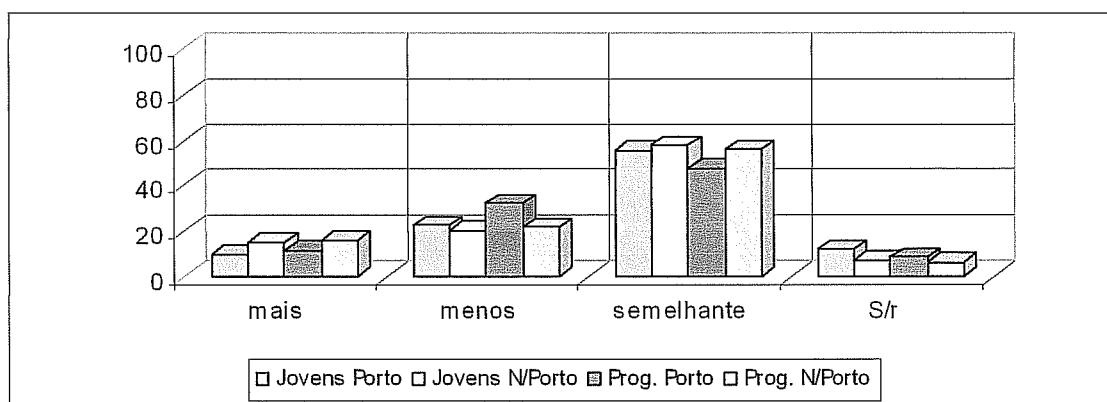
Estatisticamente, encontramos dif. alt. signif. entre pais e rapazes, no que respeita as opções «menos felizes» e «semelhante», sendo que os pais se mostram mais pessimistas que os jovens. Entre mães e pais, encontram-se também dif. alt. signif. no que diz respeito à opção «semelhante», mais pontuada pelos pais (quadro nº28 e fig.18).

4.1.5.2 Comparação entre resultados de autóctones e não autóctones

Os progenitores autóctones são mais pessimistas que os não autóctones e os jovens autóctones são mais pessimistas que os seus pares não autóctones (quadro nº 29 e fig. 19), mas não se encontram diferenças estatísticas entre as amostras.

[QUADRO Nº 29 - amostra de autóctones e n/autóctones - questão 43]

FELICIDADE NO ANO 2010	JOVENS %			PROG %		
	TOTAL	Porto	N/Porto	TOTAL	Porto	N/Porto
As pessoas serão mais felizes	12.0	9.8	14.8	14.0	11.3	15.7
Menos felizes	21.6	22.6	20.4	20.4	32.4	21.7
Semelhante	56.6	55.6	57.9	57.9	47.9	56.1
Sem resposta	9.8	12.0	6.9	7.3	8.5	6.5



Mais - As pessoas serão mais felizes ; Menos - As pessoas serão menos felizes; Semelhante - Semelhante ; S/r - Sem resposta

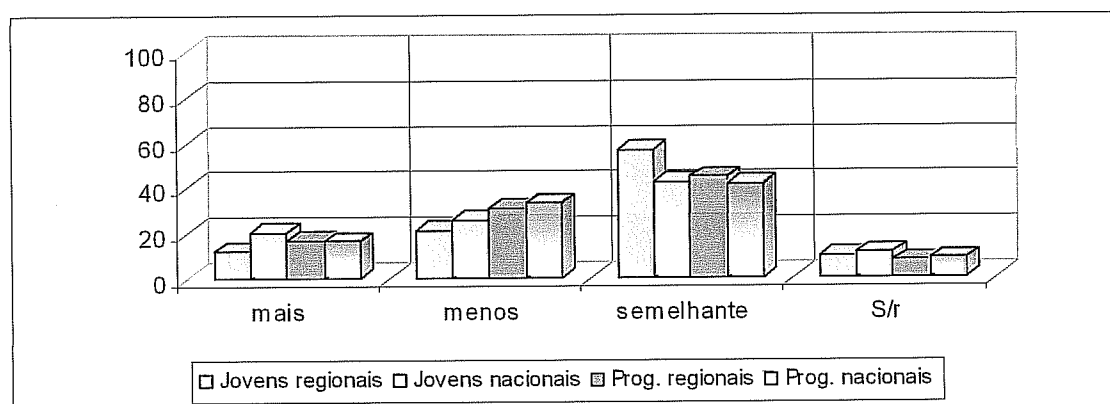
fig.19 - «Felicidade no ano 2010 » - autóctones e não autóctones

4.1.5.3 Comparação entre resultados regionais e nacionais

A grande maioria dos jovens e dos progenitores nacionais (42,7% jovens/42,2% progenitores), acredita que a felicidade no futuro será «semelhante» à actual sendo que, para uma segunda escolha elegem a opção «menos felizes» (quadro nº 30 e figura 20).

[QUADRO Nº 30 - amostra nacional - questão 43]

FELICIDADE NO ANO 2010	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
As pessoas serão mais felizes	20.3	23.9	17.6	16.5	17.3	16.0
Menos felizes	26.0	22.4	28.9	33.3	35.3	31.7
Semelhante	42.7	43.3	42.2	42.2	38.8	44.0
Sem resposta	11.0	10.4	11.3	8.4	8.6	8.3



Mais - As pessoas serão mais felizes ; Menos - As pessoas serão menos felizes; Semelhante - Semelhante ; S/r - Sem resposta

fig.20 - «Felicidade no ano 2010 » - regionais e nacionais

Os progenitores nacionais consideram que as pessoas serão «menos felizes» no ano 2010, enquanto que os seus pares regionais não acreditam que vão existir grandes mudanças (dif. alt. signif. entre estas duas amostras).

Entre as amostras de jovens nacionais e regionais encontram-se dif. alt. signif. já que os jovens nacionais pontuam fortemente a opção «mais felizes», enquanto que os seus pares regionais optam mais frequentemente pela opção «semelhante».

4.1.6 Você pode influenciar o progresso

Colocaram-se os sujeitos perante a questão de terem, ou não, capacidades, para influenciar o progresso do país em que vivem.

4.1.6.1 Resultados da amostra regional

Vemos então, que a maioria dos jovens (56,8%) se consideram potencialmente capazes de influenciar o progresso enquanto que os progenitores duvidam que tenham capacidades para tal (42,7%), como se pode ver no quadro nº 31 e fig. 21.

[QUADRO Nº 31 - amostra regional - questão 42]

VOCÊ PODE INFLUENCIAR O PROGRESSO	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
Sim	56.8	57.1	56.1	40.1	42.0	38.4
Não	39.2	40.8	35.3	42.7	46.0	39.9
Talvez	2.1	1.2	4.3	11.3	6.9	15.2
Sem resposta	1.9	0.9	4.3	5.9	5.2	6.6

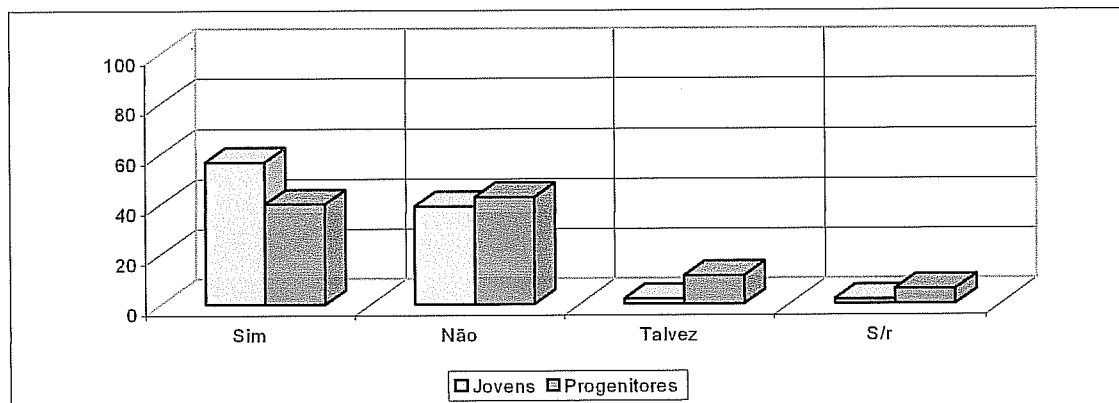


fig.21 - «Você pode influenciar o progresso ? » - regionais

Estatisticamente, encontram-se dif. alt. signif. entre os progenitores e os jovens, sendo que os progenitores pontuam mais a opção «talvez, enquanto que os jovens consideram ter qualidades que lhes permitam distinguirem-se entre os demais. Distinguindo por sexos, vemos que as raparigas são mais confiantes que as mães (opções «sim» e «talvez») e os rapazes que os pais.

4.1.6.2 Comparação entre resultados de autóctones e não autóctones

As amostras de não autóctones manifestam uma maior confiança nas suas capacidades de influenciar o progresso (58,3% dos jovens e 43,5% dos progenitores) mas não existem diferenças estatisticamente relevantes (quadro nº32).

[QUADRO Nº 32 - amostra de autóctones e n/autóctones - questão 42]

VOCÊ PODE INFLUENCIAR O PROGRESSO	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	Porto	N/Porto	TOTAL	Porto	N/Porto
Sim	56.8	55.6	58.3	40.1	34.5	43.5
Não	39.2	40.6	37.5	42.7	42.3	43.0
Talvez	2.1	3.0	0.9	11.3	14.8	9.1
Sem resposta	1.9	0.8	3.2	5.9	8.5	4.3

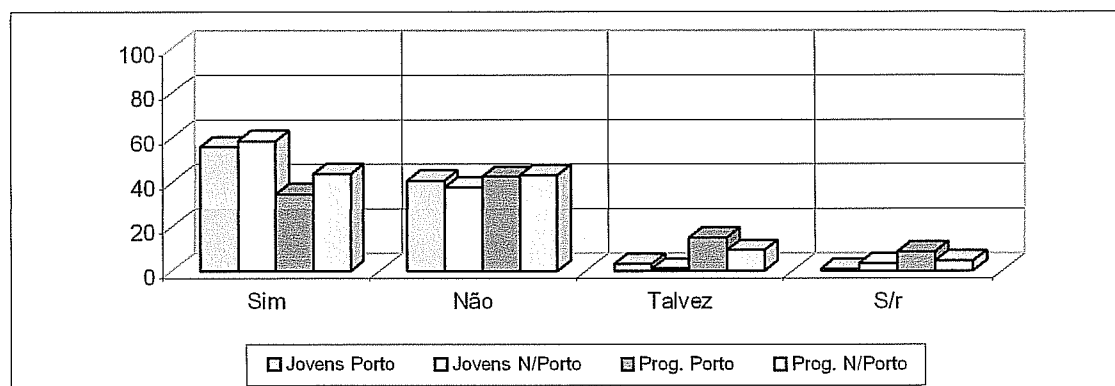


fig. 22 - «Você pode influenciar o progresso ? » - autóctones e n/ autóctones

4.1.6.3 Comparação entre resultados regionais e nacionais

A nível nacional, as tendências são as mesmas que observamos regionalmente (quadro nº33 e figura 23). Os jovens têm a certeza de que lhes está reservado um futuro promissor, (52% consideram ser capazes de influenciar o progresso) enquanto que os progenitores são mais cépticos e já não acreditam que consigam fazer algo de relevante pelo seu país (41,3% afirmam que “não”).

[QUADRO Nº 33 - amostra nacional - questão 42]

VOCÊ PODE INFLUENCIAR O PROGRESSO	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
Sim	52.0	55.9	49.1	36.3	38.6	34.6
Não	36.8	33.0	39.7	41.3	44.2	39.0
Talvez	4.2	3.8	4.5	14.1	9.7	17.5
Sem resposta	7.0	7.3	6.8	8.3	7.5	8.9

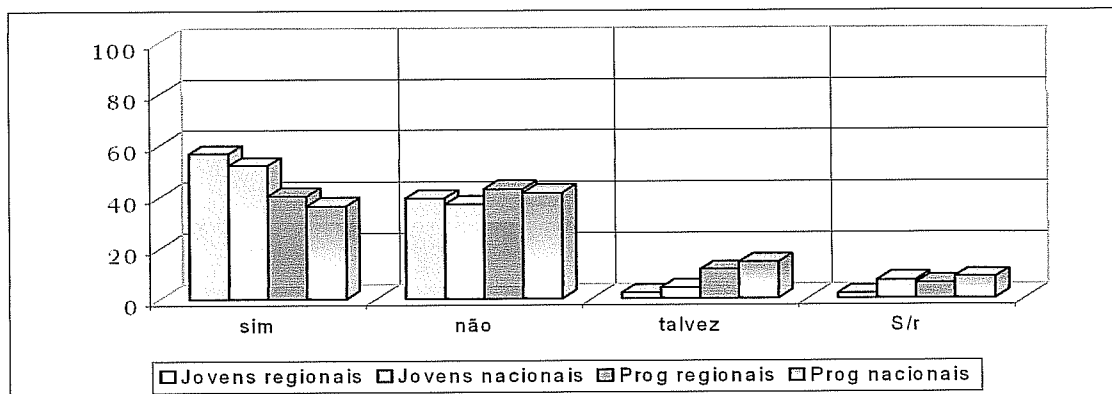


fig. 23 - «Você pode influenciar o progresso ? » - resultados regionais e nacionais

No teste de significâncias, constata-se a existência de dif. alt. signif. entre as amostras regionais e nacionais de jovens, sendo que os nacionais são mais seguros das suas capacidades que os seus pares regionais.

4.1.7 Visão mais realista do mundo

Perguntámos aos inquiridos que faixa etária é que, na opinião destes, teria uma visão mais realista do mundo. As opções iam desde a «geração de menos de 20 anos»; «20 aos 25 anos»; «25 aos 30 anos»; «30 aos 40 anos», até à «geração dos que têm mais de 50 anos».

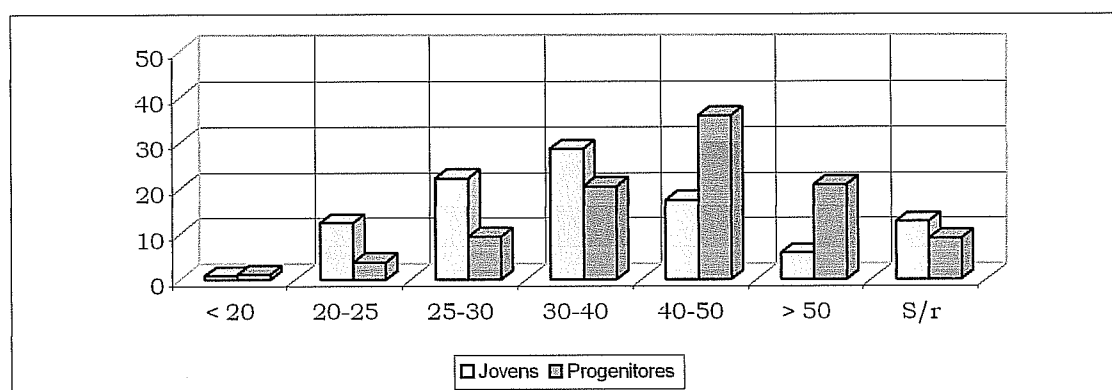
4.1.7.1 Resultados da amostra regional

Os jovens (quadro nº 34 e fig. 24), consideram que quem possui uma visão mais realista do mundo são os sujeitos pertencentes à faixa etária dos 30 aos 40 anos (28,6%), enquanto que os progenitores apostam mais na faixa etária imediatamente a seguir, 40 aos 50 anos (35,8%).

Como segunda opção, para os jovens, surge a «geração dos 25 aos 30 anos» (22,2%), enquanto que os progenitores apostam na «geração dos 30 aos 40 anos» (20,4%).

[QUADRO Nº 34 - amostra regional - questão 46]

QUEM TEM A VISÃO MAIS REALISTA DO MUNDO	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
Geração com menos de 20 anos	0.8	1.2	0.0	1.1	2.3	0.0
Geração dos 20 aos 25	12.4	14.6	7.2	3.8	4.6	3.0
Geração dos 25 aos 30	22.2	22.4	21.6	9.4	9.2	9.6
Geração dos 30 aos 40	28.6	28.6	28.8	20.4	18.4	22.2
Geração dos 40 aos 50	17.4	17.5	17.3	35.8	40.2	31.8
Geração dos que têm mais de 50 anos	5.8	4.7	8.6	20.7	19.5	21.7
Sem resposta	12.7	11.1	16.5	8.9	5.7	11.6



< 20 - Geração de menos de 20 anos; 20-25 - Geração dos 20 aos 25 anos; 25-30 - Geração dos 25 aos 30 anos; 30-40 - Geração dos 30 aos 40 anos; 40-50 - Geração dos 40 aos 50 anos ; > 50 - Geração dos que têm mais de 50 anos ; S/r - sem resposta

fig. 24 - «Visão mais realista do Mundo» - regionais¹⁵

Intra gerações existe total consenso. Entre gerações surgem pontos de tensão, no teste de significâncias, encontram-se dif. alt. signif. entre jovens e progenitores, (especialmente entre pais e rapazes), em relação a várias opções isto é, são os mais novos que optam pelas gerações mais novas («dos 20 aos 25», «dos 25 aos 30» e «dos 30 aos 40 anos»), contrastando com os progenitores, que pontuam as gerações mais avançadas «40 aos 50 anos». Entre as raparigas e as mães, encontram-se também dif. alt. signif., sendo que as mães optam pelas gerações «dos 40 a 50 anos» e «mais do que 50 anos», enquanto que as

¹⁵ colocámos nas figuras 24,25 e 26 uma escala de 0-50 para que os dados sejam mais visíveis

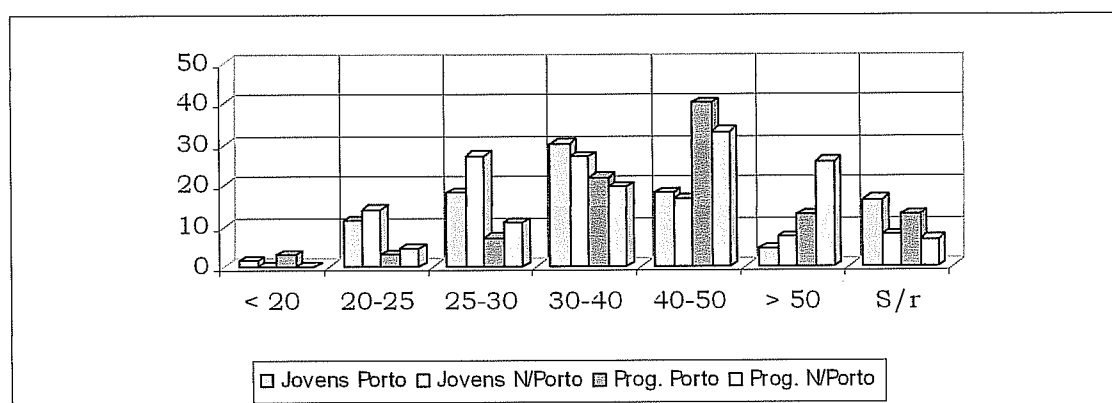
raparigas optam pela geração «dos 25 a 30 anos», atribuindo-lhes a visão mais realista.

4.1.7.2 Comparação entre resultados de autóctones e não autóctones

Os resultados estão patentes no quadro 35 e na figura 25.

QUADRO Nº 35 - amostra de autóctones e n/autóctones - questão 46]

QUEM TEM A VISÃO MAIS REALISTA DO MUNDO	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	Porto	N/Porto	TOTAL	Porto	N/Porto
Geração com menos de 20 anos	0.8	1.5	0.0	1.1	2.8	0.0
Geração dos 20 aos 25	12.4	11.3	13.9	3.8	2.8	4.3
Geração dos 25 aos 30	22.2	18.0	27.3	9.4	7.0	10.9
Geração dos 30 aos 40	28.6	30.1	26.9	20.4	21.8	19.6
Geração dos 40 aos 50	17.4	18.0	16.7	35.8	40.1	33.0
Geração dos que têm mais de 50 anos	5.8	4.5	7.4	20.7	12.7	25.7
Sem resposta	12.7	16.5	7.9	8.9	12.7	6.5



[< 20 - Geração de menos de 20 anos; 20-25 - Geração dos 20 aos 25 anos; 25-30 - Geração dos 25 aos 30 anos; 30-40 - Geração dos 30 aos 40 anos; 40-50 - Geração dos 40 aos 50 anos ; > 50 - Geração dos que têm mais de 50 anos ; S/r - sem resposta

fig. 25 -«Visão mais realista do Mundo» - autóctones e não autóctones

Os jovens de Porto pontuam mais a opção «geração dos 30 aos 40» (30,1%) enquanto que os progenitores do Porto são os que mais acreditam que a visão realista do mundo está na «geração dos 40 aos 50 anos» (40,1%) (quadro nº 35 e fig. 25).

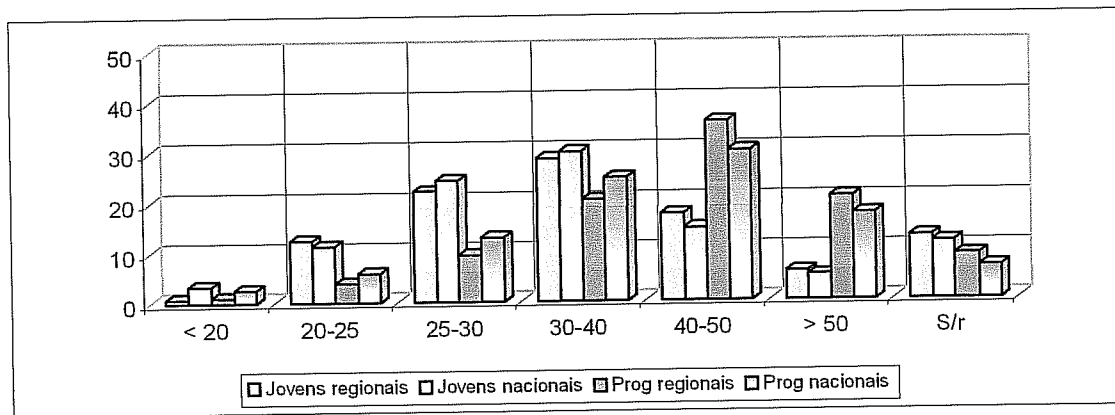
Estatisticamente, os progenitores não autóctones apostam significativamente mais na geração mais velha (de mais de 50 anos) que os autóctones.

4.1.7.3 Comparação entre resultados regionais e nacionais

A nível nacional, a primeira opção é coincidente com o destaque regional (quadro nº 36 e fig. 26). Os jovens destacam a geração dos 30 aos 40 (29,9%) e os progenitores optam pela geração seguinte, dos 40 aos 50 anos (30%).

[QUADRO Nº 36 - amostra nacional - questão 46]

QUEM TEM A VISÃO MAIS REALISTA DO MUNDO	JOVENS %			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
Geração com menos de 20 anos	3.4	3.4	3.5	2.6	2.1	3.0
Geração dos 20 aos 25	11.3	12.2	10.6	5.9	4.8	6.7
Geração dos 25 aos 30	24.3	23.3	25.1	12.9	8.4	16.4
Geração dos 30 aos 40	29.9	29.6	30.0	24.7	24.2	25.2
Geração dos 40 aos 50	14.5	15.6	13.7	30.0	34.8	26.4
Geração dos que têm mais de 50 anos	5.1	4.5	5.5	17.3	20.8	14.7
Sem resposta	11.6	11.4	11.6	6.6	4.9	7.6



< 20 - Geração de menos de 20 anos; 20-25 - Geração dos 20 aos 25 anos; 25-30 - Geração dos 25 aos 30 anos; 30-40 - Geração dos 30 aos 40 anos; 40-50 - Geração dos 40 aos 50 anos; > 50 - Geração dos que têm mais de 50 anos; S/r - sem resposta

fig. 26-« Visão mais realista do Mundo» - regionais e nacionais

A segunda opção dos progenitores, não é coincidente com a escolha efectuada a nível regional já que, nacionalmente, os mais velhos optam pela geração «dos 30 aos 40 anos» (24,7%) e regionalmente a escolha recai na geração com «mais de 50 anos» (20,7%)

A nível estatístico, observa-se que jovens nacionais e progenitores nacionais acentuam mais a opção «geração com menos de 20 anos» que os respectivos pares regionais.

4.1.8 A Europa

O tratado de adesão à União Europeia (UE) foi assinado em Portugal no ano de 1986, entrando em vigor a 1 de Dezembro de 1986, após onze anos de preparação. O estudo da década de 80¹⁶ (Figueiredo,1988) surge num contexto em que a mudança se iniciava, mas que poderia ainda não existir uma perfeita consciencialização do que implicavam estas mudanças. A adesão à UE estava fortemente investida pela população Portuguesa, que aguardava com expectativa todas as esperanças de progresso virem a poder ser concretizadas. Após uma década, altura em que estamos em plena UE e que muitas reformas foram efectuadas, parece-nos pertinente voltar a inquirir progenitores e jovens sobre esta questão.

Assim sendo, duas perguntas foram colocadas, uma primeira auscultava os sujeitos quanto ao sentimento que o abandono da UE lhes suscitaria (questão nº24). As hipóteses eram escolhidas de entre três: «era uma pena», «era indiferente» ou «sentia alívio». Depois, colocava-se uma questão quanto ao próprio modelo de organização da UE (questão nº40), sendo que os sujeitos podiam optar por considerarem mais aplicável «um só Parlamento com uma última palavra em alguns domínios» ou, pelo contrário, «os Governos dos Estados serem soberanos».

4.1.8.1 Resultados da amostra regional

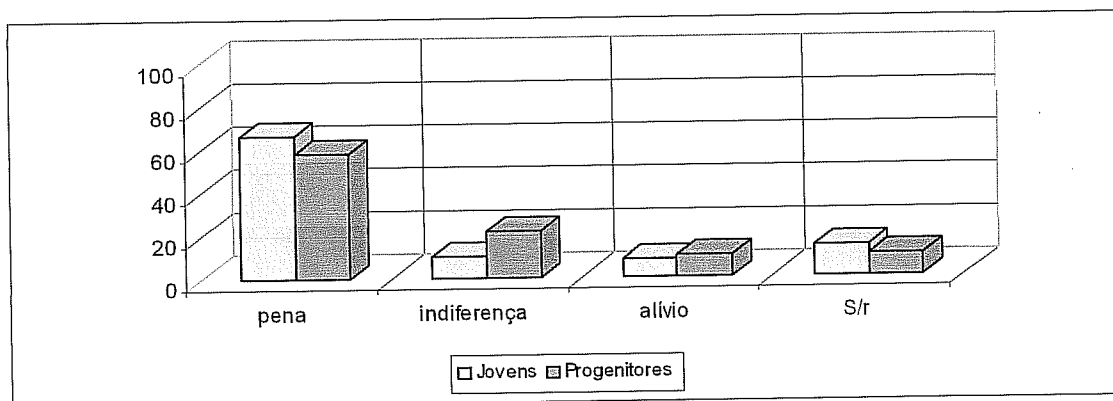
As duas gerações são consensuais nas opiniões que emitem isto é, considerariam «uma pena» que Portugal abandonasse a UE, opção esta fortemente pontuada pela amostra de jovens (67% e 58,1% para os progenitores). Em segundo lugar, a grande distância, surge a opção «era

¹⁶ Ver Capítulo 2 - «Estudos sobre Valores»

indiferente», sendo mais pontuada pela geração dos mais velhos. O quadro 37 e a figura nº 27, apresentam os resultados:

[QUADRO Nº 37 - amostra regional - questão 24]

QUE SENTIA SE A IDEIA DA UE FOSSSE ABANDONADA	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
Era uma pena	67.0	67.9	64.7	58.1	63.2	53.5
Era indiferente	10.2	9.3	12.2	21.8	21.8	21.7
Sentia alívio	8.3	8.7	7.2	9.9	8.0	11.6
Sem resposta	14.5	14.0	15.8	10.2	6.9	13.1



Pena - seria uma pena; Indiferença - seria indiferente; alívio - alívio ; S/r - sem resposta

fig. 27- « Que sentiria se a ideia da UE fosse abandonada ? » - regionais

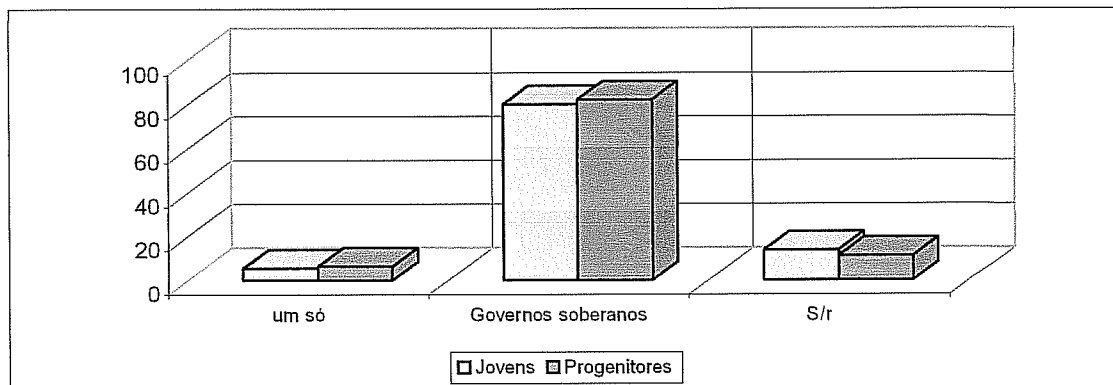
Descriminando por sexos, poderemos constatar que são os pais e rapazes que consideram ser «uma pena» o abandono da UE pelo nosso País. A indiferença reflecte o sentimento das raparigas.

No que respeita os resultados do teste de significâncias, os jovens sentiriam mais pena que os progenitores e, por sua vez, os progenitores sentiriam mais indiferença que os jovens. Distinguindo por sexos, vemos que os pais mostram-se mais indiferentes que os rapazes, no que respeita a hipótese de abandono da ideia da UE.

Respeitante à organização da UE, vemos que a opção «os Governos dos Estados serem soberanos» é mais escolhida quer por jovens (80,3%) quer por progenitores (82,3%). A primeira opção é mais pontuada pelos sujeitos do sexo masculino das duas gerações (fig. 28).

[QUADRO N° 38 - amostra regional - questão 40]

UNIÃO EUROPEIA	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
Um só Parlamento com última palavra em alguns domínios	5.8	8.2	0.0	6.5	4.6	8.1
Os Governos dos Estados serem soberanos	80.3	83.4	72.7	82.3	86.8	78.3
Sem resposta	13.9	8.5	27.3	11.3	8.6	13.6



um só - Um só Parlamento com última palavra em alguns domínios; Governos soberanos - Os Governos dos Estados serem soberanos; S/r - sem resposta

fig. 28 - «Organização da União Europeia» - regionais

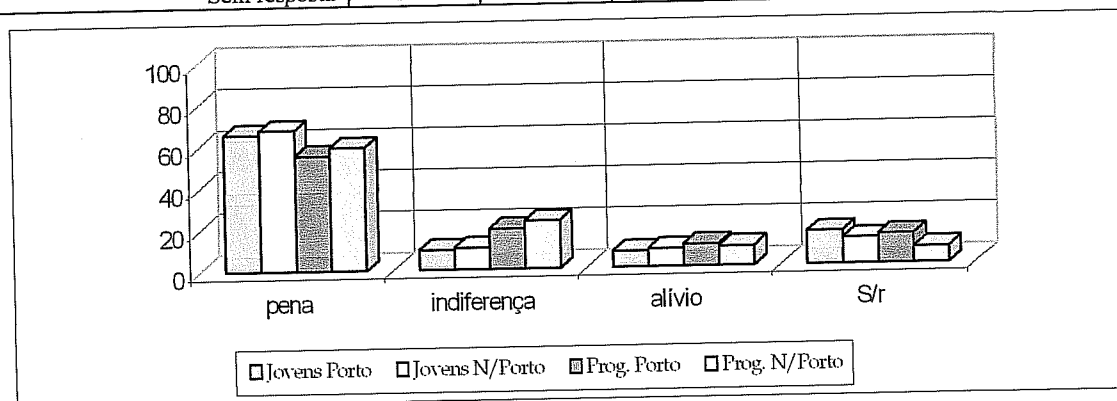
Explorando as diferenças estatísticas intrageracionais, constatamos que entre os jovens, os rapazes são mais de opinião que haja um só Parlamento, que as raparigas, encontrando-se dif. alt. signif. entre estas duas amostras no que respeita a esta opção. Existem também grandes diferenças de opinião entre gerações, já que as mães colocam a hipótese de existir um só Parlamento, enquanto que as raparigas se mostram contra esta ideia.

4.1.8.2 Comparação entre resultados de autóctones e não autóctones

Os jovens não autóctones e progenitores não autóctones (68,1% e 59,6%, respectivamente), são os que mais pena demonstram perante a ideia de abandono da UE mas também os que, perante tal facto consumado, acreditam que ficariam indiferentes (quadro nº39 e fig. 29). Não existem diferenças estatísticas entre as amostras.

[QUADRO Nº 39 - amostra de autóctones e n/autóctones - questão 24]

QUE SENTIA SE A IDEIA DA UE FOSSE ABANDONADA	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	Porto	N/Porto	TOTAL	Porto	N/Porto
Era uma pena	67.0	66.2	68.1	58.1	55.6	59.6
Era indiferente	10.2	9.8	10.6	21.8	19.7	23.0
Sentia alívio	8.3	7.9	8.8	9.9	10.6	9.6
Sem resposta	14.5	16.2	12.5	10.2	14.1	7.8



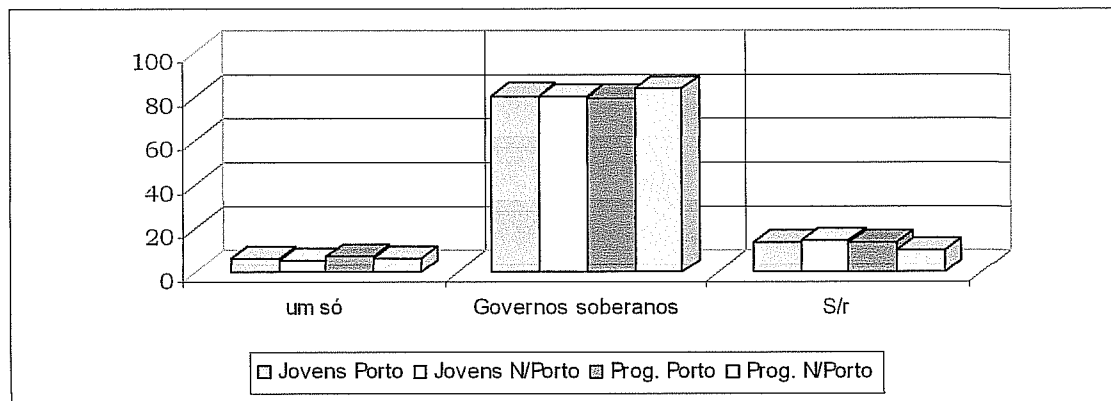
Pena - seria uma pena; Indiferença - seria indiferente; alívio - alívio ; S/r - sem resposta

fig. 29- « Que sentiria se a ideia da UE fosse abandonada ? » - autóctones e não autóctones

No que respeita a organização da UE, vemos que a opção escolhida em primeiro lugar, «Governos dos Estados serem soberanos», é mais pontuada pelos jovens autóctones (80,5%) e progenitores não autóctones (83,9%). No que respeita a segunda opção «um só Parlamento com última palavra em alguns domínios», encontra mais adeptos nos jovens e progenitores da cidade do Porto (quadro nº 40 e fig. 30). De salientar que, estatisticamente não se encontram quaisquer diferenças relevantes.

[QUADRO Nº 40 - amostra de autóctones e n/autóctones - questão 40]

UNIÃO EUROPELA	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	Porto	N/Porto	TOTAL	Porto	N/Porto
Um só Parlamento com última palavra em alguns domínios	5.8	6.0	5.6	6.5	7.0	6.1
Os Governos dos Estados serem soberanos	80.3	80.5	80.1	82.3	79.6	83.9
Sem resposta	13.9	13.5	14.4	11.3	13.4	10.0



um só - Um só Parlamento com última palavra em alguns domínios; Governos soberanos - Os Governos dos Estados serem soberanos; S/r - sem resposta

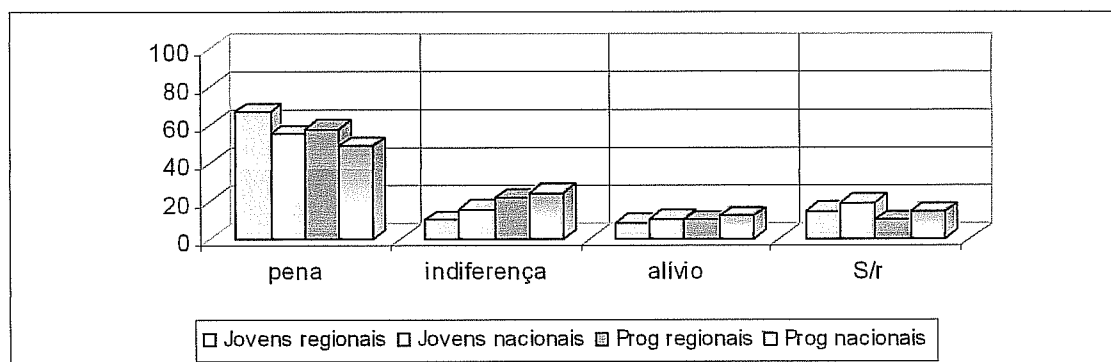
fig. 30 - «Organização da União Europeia» - autóctones e não autóctones

4.1.8.3 Comparação entre resultados regionais e nacionais

Os resultados da amostra nacional estão expressos no quadro nº 41 e na fig. 31. Comparando então as amostras regionais com as nacionais, vemos que os progenitores regionais sentiriam mais pena que os seus pares nacionais (dif. alt. signif), se Portugal abandonasse a UE.

[QUADRO Nº 41 - amostra nacional - questão 24]

QUE SENTIA SE A IDEIA DA UE FOSSE ABANDONADA	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
Era uma pena	55.1	61.2	50.4	49.2	56.8	43.1
Era indiferente	15.9	11.9	18.9	24.4	21.0	27.1
Sentia alívio	10.7	10.9	10.5	12.0	13.1	11.2
Sem resposta	18.4	16.0	20.1	14.4	9.1	18.6



Penas - seria uma pena; Indiferença - seria indiferente; alívio - alívio ; S/r - sem resposta

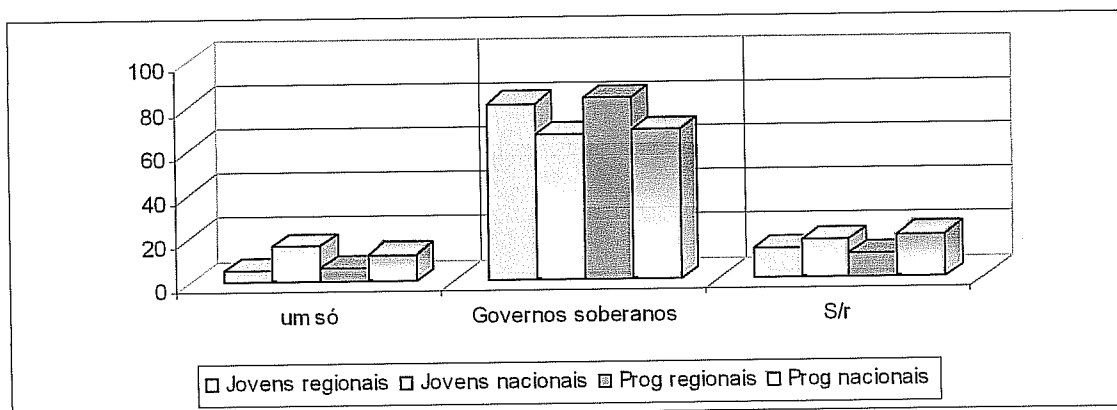
fig. 31- «Que sentiria se a ideia da UE fosse abandonada ? » - regionais e nacionais

Quanto à organização da «União Europeia», vemos que a nível nacional, os progenitores optam mais por «um só Parlamento com última palavra em alguns domínios» enquanto que, regionalmente, os «Governos dos estados serem soberanos» é a opção mais escolhida (dif. alt. signif.).

No que respeita aos jovens, vemos que são especialmente os nacionais que pontuam a organização assente num «só Parlamento com última palavra em alguns domínios», enquanto que os regionais são mais de opinião que os «Governos dos Estados devem ser soberanos» (dif. alt. signif. entre estas duas amostras).

[QUADRO Nº 42 - amostra nacional - questão 40]

UNIÃO EUROPEIA	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
Um só Parlamento com última palavra em alguns domínios	16.5	17.6	15.7	12.4	12.2	12.5
Os Governos dos Estados serem soberanos	66.3	69.4	64.0	68.0	73.9	63.3
Sem resposta	17.2	13.1	20.4	19.7	13.9	24.2



um só - Um só Parlamento com última palavra em alguns domínios; Governos soberanos - Os Governos dos Estados serem soberanos; S/r - sem resposta

fig. 32- «Organização da União Europeia » - regionais e nacionais

4.2 CENTROS DE INTERESSE

Pedimos aos sujeitos que escolhessem de entre onze opções, três que melhor ilustrassem os aspectos da vida que verdadeiramente lhes interessam.

4.2.1 Resultados da amostra regional

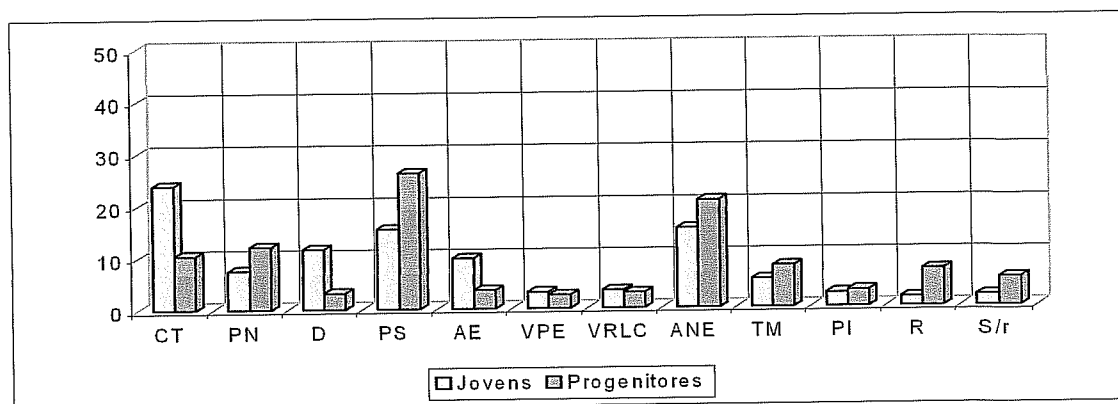
Seguindo a mesma metodologia do trabalho da década de 80, vamos apenas referir as opções que obtiveram valores acima de 10% (quadro nº43 e fig. 33).

[QUADRO Nº 43 - amostra regional - questão 44]

CENTROS DE INTERESSE	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
Ciências e tecnologias	23.9	27.6	14.9	10.4	14.0	7.1
Política nacional	7.5	8.1	5.9	12.1	14.6	9.8
Desportos	11.6	14.6	4.0	3.2	5.3	1.3
Problemas e sociedade	15.4	12.6	22.6	26.1	25.0	27.0
Artes e espectáculos	9.7	8.7	12.3	3.6	3.0	4.2
Vida dos outros povos europeus	3.2	2.7	4.4	2.6	1.2	4.0
Vida das religiões, línguas e culturas	3.5	2.7	5.2	3.0	3.0	3.1
Meio ambiente, natureza e ecologia	15.2	14.5	16.9	20.6	19.3	21.5
Terceiro mundo, subdesenvolvimento	5.4	3.8	9.6	8.0	7.3	8.7
Vida política internacional	2.7	3.2	1.6	3.2	3.6	2.9
Religião	1.8	1.6	2.5	7.2	3.7	10.4
Sem resposta	2.1	1.7	2.9	5.4	2.9	7.6

No que respeita os jovens, constatamos que para primeiro lugar elegem as ciências e tecnologia (23,9%), sendo este interesse mais marcado nos rapazes. Em segundo lugar, destacaram os grandes problemas de sociedade (15,4%), i.e. os direitos do homem, pobreza, igualdade entre os sexos. De notar que este tipo de preocupação está mais patente nas raparigas que nos rapazes.

Em terceiro, surgem as questões relacionadas com o «meio ambiente, natureza e ecologia» (15,2%) Novamente mais pontuado pelas raparigas. O desporto é, também, uma temática que interessa aos jovens (11,6%), sendo marcadamente mais importante para os rapazes que para as raparigas.



CT- Ciências e tecnologia; PN - Política nacional; D - desporto ; PS - Problemas de sociedade; AE - Artes e espectáculos; VPE - Vida dos outros povos europeus; VRLC - Vida das religiões, línguas e culturas; ANE - Meio ambiente, natureza e ecologia; TM - Terceiro mundo, subdesenvolvimento; PI - Política internacional, R - Religião ; S/r - sem resposta

fig. 33 - «Aspectos da vida que lhe interessam» - regionais¹⁷

Os progenitores, escolhem como primeira opção os «problemas de sociedade» (26,1%), seguindo-se-lhes os temas ligados ao «meio ambiente, natureza e tecnologia» (20,6%) e com a «política nacional» (12,1%). Em quarto lugar surgem as questões ligadas à «ciência e tecnologia» (10,4%), que como anteriormente vimos, são eleitas pelos jovens como primeiro foco de interesse.

Se compararmos, os jovens com os progenitores, vemos que os primeiros pontuam bastante mais (dif. alt. signif.) as opções «ciência e tecnologia», «desportos» e «artes e espectáculos». Em contrapartida, os progenitores apontam pelos «problemas da sociedade» e a «religião» (dif. alt. signif.).

Poderemos constatar a existência de algumas dif. alt. signif. entre as raparigas e os rapazes. Os rapazes interessam-se mais pelas «ciências e tecnologia» e pelo «desporto», enquanto que as raparigas estão mais atentas aos «problemas da sociedade» e ao «terceiro mundo, subdesenvolvimento». Entre os pais e os rapazes, existem também dif. alt. signif., sendo que os últimos se interessam muito pela «ciência e tecnologia», «desportos» e «artes e espectáculos» e os primeiros estão mais atentos à «política nacional» e aos «problemas da

¹⁷ colocámos nas figuras 33,34 e 35 uma escala de 0-50 para que os dados sejam mais visíveis

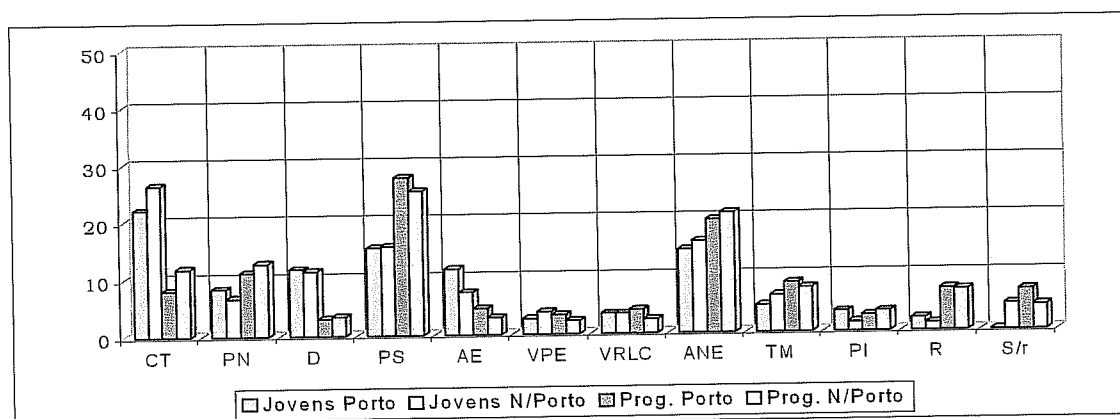
sociedade». As filhas afirmam perante as mães, o seu interesse pelas «ciências e tecnologia» e «artes e espectáculos» enquanto que as mães, à semelhança do que sucede em relação à amostra de pais, voltam a pontuar bastante a opção «religião».

4.2.2 Comparação entre resultados de autóctones e não autóctones

Nas amostras de jovens, são os não autóctones que mais pontuam as ciências e tecnologias (26,4%), enquanto que os progenitores autóctones é que se mostram mais preocupados com os problemas da sociedade (27,5%).

[QUADRO Nº 44 - amostra de autóctones e n/autóctones - questão 44]

ASPECTOS DA VIDA QUE LHE INTERESSAM	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	Porto	N/Porto	TOTAL	Porto	N/Porto
Ciências e tecnologias	23.9	22.1	26.4	10.4	8.0	11.8
Política nacional	7.5	8.3	6.6	12.1	11.1	12.7
Desportos	11.6	11.7	11.3	3.2	3.0	3.3
Problemas e sociedade	15.4	15.3	15.5	26.1	27.5	25.2
Artes e espectáculos	9.7	11.5	7.4	3.6	4.6	3.0
Vida dos outros povos europeus	3.2	2.7	3.9	2.6	3.3	2.3
Vida das religiões, línguas e culturas	3.5	3.5	3.5	3.0	4.1	2.4
Meio ambiente, natureza e ecologia	15.2	14.5	16.0	20.6	19.7	20.9
Terceiro mundo, subdesenvolvimento	5.4	4.7	6.4	8.0	8.6	7.7
Vida política internacional	2.7	3.5	1.6	3.2	2.8	3.5
Religião	1.8	2.2	1.3	7.2	7.3	7.1
Sem resposta	2.1	0.0	4.6	5.4	7.0	4.3



CT- Ciências e tecnologia; PN - Política nacional; D - desporto ; PS - Problemas de sociedade; AE - Artes e espectáculos; VPE - Vida dos outros povos europeus; VRLC - Vida das religiões, línguas e culturas; ANE - Meio ambiente, natureza e ecologia; TM - Terceiro mundo, subdesenvolvimento; PI - Política internacional, R - Religião ; S/r - sem resposta

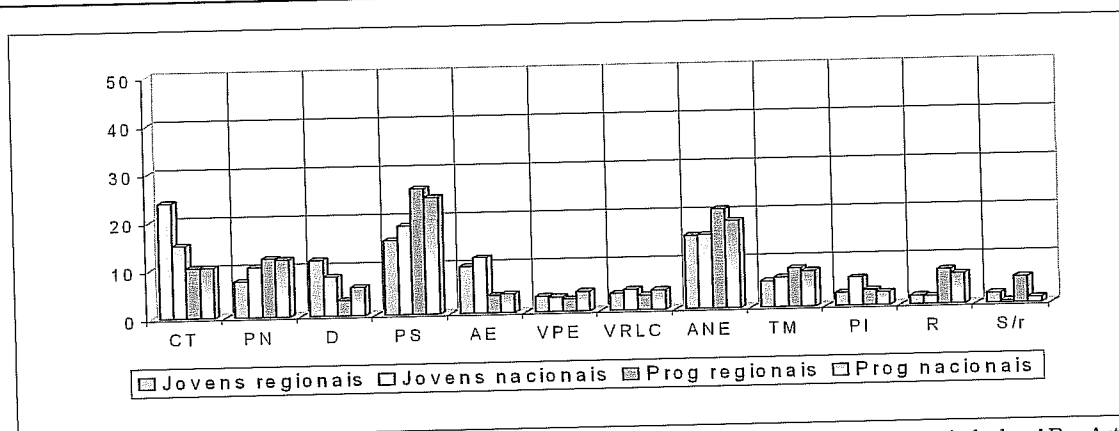
fig. 34 - «Aspectos da vida que lhe interessam» - autóctones e não autóctones

4.2.3 Comparação entre resultados regionais e nacionais

Os resultados dos progenitores nacionais são coincidentes com os regionais contudo, se compararmos as amostras de jovens (regionais e nacionais) observamos que nestes existem algumas diferenças na hierarquização de prioridades (ver quadros 43 e 45 e fig. 35).

[QUADRO N° 45 - amostra nacional - questão 44]

CENTROS DE INTERESSE	JOVENS %			PROG %		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
Ciências e tecnologia	15.0	13.3	11.7	10.4	12.1	9.1
Política nacional	10.4	12.1	9.1	11.8	15.4	9.0
Desportos	8.1	12.7	4.5	5.9	9.6	2.9
Problemas e sociedade	18.3	13.6	23.0	24.2	22.7	25.4
Artes e espectáculos	11.5	9.9	12.7	3.9	2.4	5.1
Vida dos outros povos europeus	3.0	2.5	3.4	4.1	3.3	4.7
Vida das religiões, línguas e culturas	4.3	3.2	5.2	4.1	3.3	4.7
Meio ambiente, natureza e ecologia	15.3	13.7	16.6	18.1	17.2	18.9
Terceiro mundo, subdesenvolvimento	6.2	4.6	7.5	7.4	5.9	8.7
Vida política internacional	5.8	6.1	5.5	2.7	3.4	2.1
Religião	1.6	1.8	1.5	6.3	3.9	8.2
Sem resposta	0.5	0.5	0.5	1.1	0.7	1.3



CT- Ciências e tecnologia; PN - Política nacional; D - desporto ; PS - Problemas de sociedade; AE - Artes e espectáculos; VPE - Vida dos outros povos europeus; VRLC - Vida das religiões, línguas e culturas; ANE - Meio ambiente, natureza e ecologia; TM - Terceiro mundo, subdesenvolvimento; PI - Política internacional, R - Religião ; S/r - sem resposta

fig. 35 - «Aspectos da vida que lhe interessam» - regionais e nacionais

Para os jovens nacionais, em primeiro lugar surgem os «problemas e sociedade» (18,3%), em segundo o «meio ambiente, natureza e ecologia» (15,3%), em terceiro as «ciências e tecnologia» (15%), em quarto as «artes e espectáculos» (11,5%) e, por último, a «política nacional) com 10,4%.

Apesar das diferenças na hierarquização dos interesses, a nível estatístico só há a referir que os jovens regionais se interessam significativamente mais (23,9%) que os seus pares nacionais (15%), pelas ciências e tecnologias.

4.3 INSTITUIÇÕES, PROBLEMAS SOCIAIS E RELIGIÃO

Ao longo deste capítulo, iremos descrever as representações que as duas gerações têm das Instituições Sociais (ensino, tribunais e leis, polícia, sistema prisional) assim como dos problemas sociais (criminalidade, alcoolismo, droga e prostituição). A religião será também abordada neste grupo, visto constituir em Portugal uma verdadeira Instituição Social.

4.3.1 Ensino

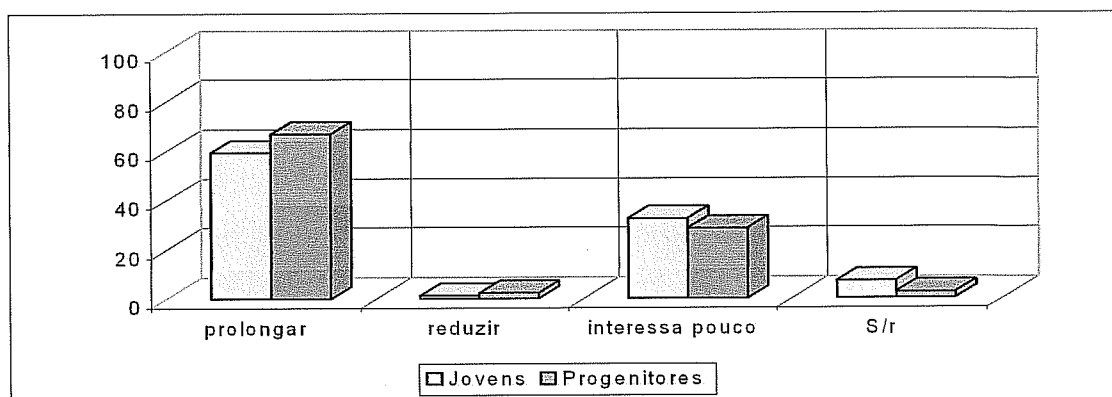
A escola é uma instituição que influencia muito os jovens, parte do seu quotidiano é passado dentro dela ou nos arredores, sendo este facto resultado do prolongamento do tempo da escolaridade obrigatória que se tem assistido nas sociedades ocidentais. Assim sendo, torna-se pertinente auscultar a opinião das duas gerações quanto a esta problemática.

4.3.1.1 Resultados de amostra regional

Tanto os jovens como os progenitores, são de opinião que se deva «prolongar ao máximo a escolaridade obrigatória» (59,3% dos jovens e 66,9% dos progenitores), sendo que as raparigas e os pais são quem mais pontua esta opção (quadro nº 46 e fig. 36). A segunda opção, «o ensino como está interessa a poucos», foi também consensual para progenitores e jovens, reflectindo mais a opinião dos rapazes e mães.

[QUADRO Nº 46 - amostra regional - questão 1]

EDUCAÇÃO ESCOLAR	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
Prolongar ao máximo a escolaridade obrigatória	59.3	56.3	66.9	66.9	73.6	61.1
Reduzir ao mínimo a escolaridade obrigatória	1.2	1.5	0.7	2.2	3.4	1.0
O ensino como está interessa a poucos	32.4	35.6	24.5	28.5	21.8	34.3
Sem resposta	7.1	6.7	7.9	2.4	1.1	3.5



prolongar - prolongar ao máximo a escolaridade obrigatória; reduzir - reduzir ao mínimo a escolaridade obrigatória; interessa pouco - o ensino como está interessa a poucos; S/r - sem resposta

fig. 36 - «Educação escolar» - regionais

No teste de significâncias, encontram-se dif. alt. signif. entre mães e pais, no que concerne a primeira e terceira opções isto é, os pais mostram-se mais defensores do prolongamento da escolaridade obrigatória que as mães, enquanto que estas se posicionam muito criticamente face ao estado da educação em Portugal.

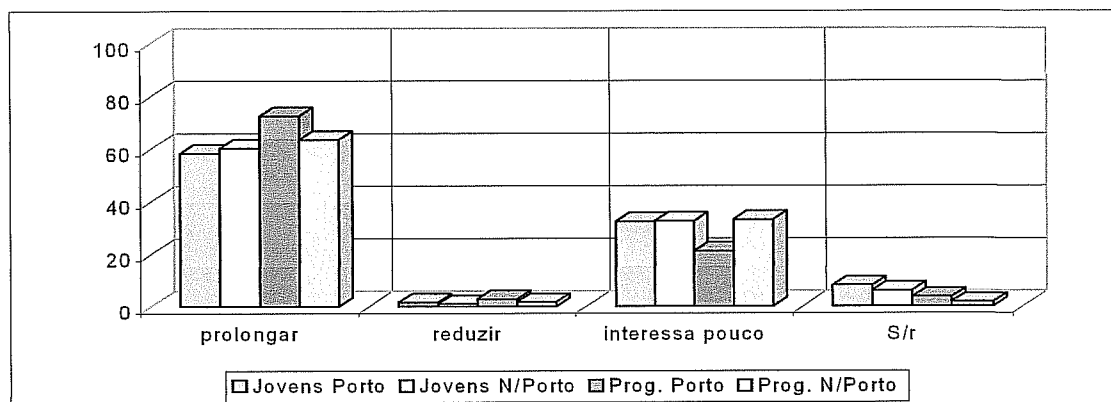
Entre as duas gerações do sexo masculino existem algumas diferenças de opinião. Os pais defendem o prolongamento da escolaridade e os rapazes mostram-se críticos.

4.3.1.2 Comparação entre resultados de autóctones e não autóctones

A opção de prolongar a escolaridade obrigatória é mais escolhida pelos jovens não autóctones (60,3%) e progenitores autóctones (72,5%). Não existem diferenças estatisticamente relevantes (quadro nº 47 e fig. 36).

[QUADRO Nº 47 - amostra de autóctones e n/autóctones - questão 1]

EDUCAÇÃO ESCOLAR	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	Porto	N/Porto	TOTAL	Porto	N/Porto
Prolongar ao máximo a escolaridade obrigatória	59.3	58.3	60.3	66.9	72.5	63.5
Reduzir ao mínimo a escolaridade obrigatória	1.2	1.5	0.9	2.2	2.8	1.7
O ensino como está interessa a poucos	32.4	32.3	32.4	28.5	21.1	33.0
Sem resposta	7.1	7.9	6.0	2.4	3.5	1.7



Prolongar - prolongar ao máximo a escolaridade obrigatória; reduzir - reduzir ao mínimo a escolaridade obrigatória; interessa pouco - o ensino como está interessa a poucos; S/r - sem resposta

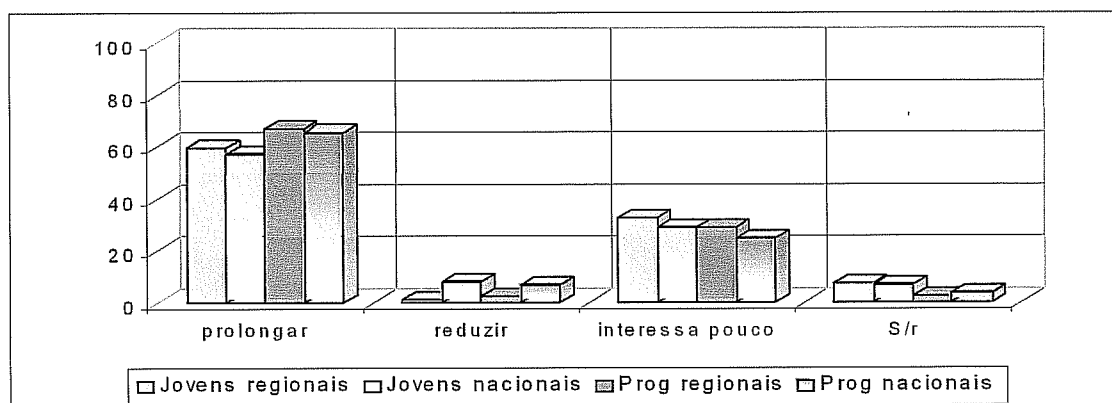
fig. 37 - «Educação escolar» - autóctones e não autóctones

4.3.1.3 Comparação entre resultados regionais e nacionais

No que respeita a amostra nacional, os resultados seguem a mesma tendência observada a nível regional (quadro nº 48, fig. 38).

[QUADRO Nº 48 - amostra nacional - questão 1]

EDUCAÇÃO ESCOLAR	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
Prolongar ao máximo a escolaridade obrigatória	56.9	56.1	57.6	65.4	67.3	64.0
Reduzir ao mínimo a escolaridade obrigatória	7.9	8.9	7.2	6.6	6.4	6.7
O ensino como está interessa a poucos	28.8	29.0	28.6	24.3	23.4	25.0
Sem resposta	6.3	6.0	6.6	3.7	3.0	4.3



Prolongar - prolongar ao máximo a escolaridade obrigatória; reduzir - reduzir ao mínimo a escolaridade obrigatória; interessa pouco - o ensino como está interessa a poucos; S/r - sem resposta

fig. 38 - «Educação escolar» - regionais e nacionais

Estatisticamente, a nível nacional defende-se mais a redução da escolaridade obrigatória que a nível regional (diferenças alt. signif. entre progenitores e respectivos pares e jovens e respectivos pares).

4.3.2 Tribunais

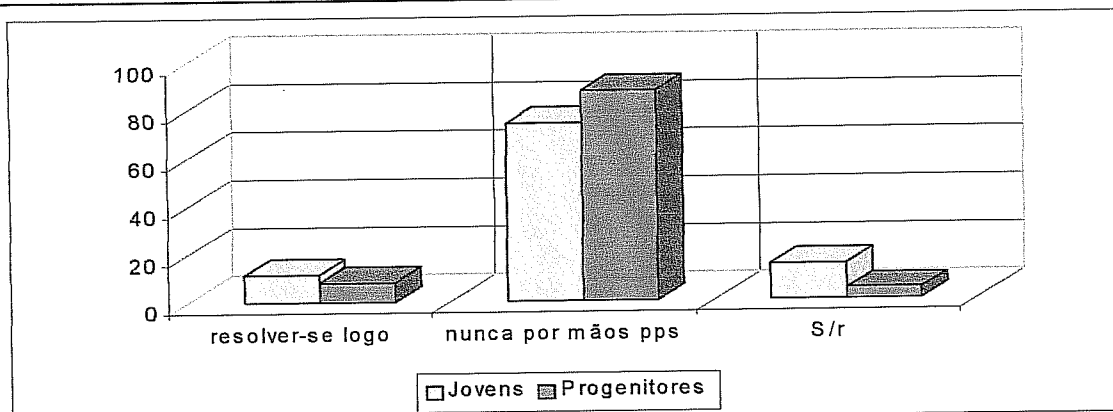
Procurava-se estudar a adesão às decisões dos Tribunais, por isso se perguntou aos inquiridos, caso as pessoas implicadas não fossem capazes de chegar a um acordo, com qual das opções sugeridas concordavam mais.

4.3.2.1 Resultados da amostra regional

Os resultados estão expressos no quadro nº 49 e figura 39. As duas gerações concordam que «nunca se justifica que se faça justiça por mãos próprias» (74,1% dos jovens e 87,6% dos progenitores). Observa-se, também, que os rapazes e as mães, são quem se manifesta mais fortemente a favor desta ideia

[QUADRO Nº 49 - amostra regional - questão 17]

OS TRIBUNAIS E AS LEIS	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
Nos casos em que está em causa a honra, o problema tem de resolver-se logo, a bem ou a mal	11.2	10.5	12.9	8.1	10.3	6.1
Nunca se justifica que se faça justiça por mãos próprias	74.1	77.6	65.5	87.6	86.6	88.9
Sem resposta	14.7	12.0	21.6	4.3	3.4	5.1



Resolver-se logo - Nos casos em que está em causa a honra, o problema tem que se resolver logo, a bem ou a mal; Nunca por mãos pps - Nunca se justifica que se faça justiça por mãos próprias ; S/r - sem resposta

fig . 39 - «Os tribunais e as leis» - regionais

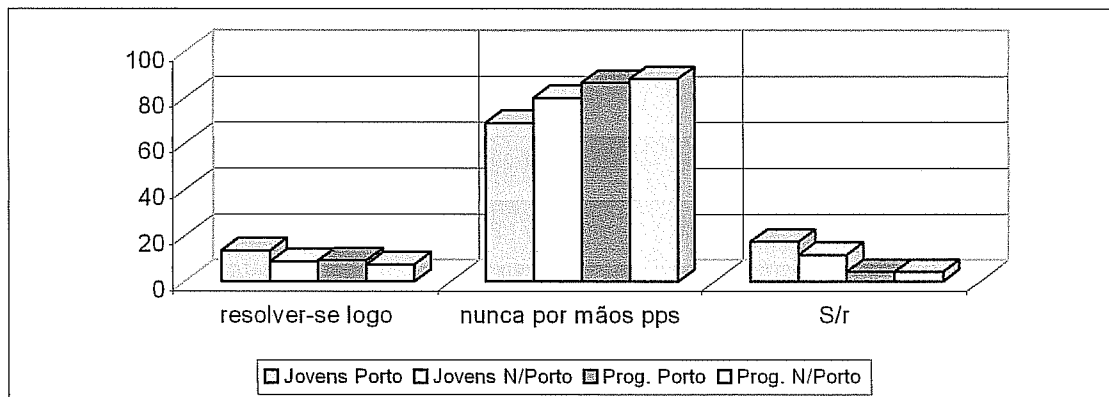
No teste de significâncias, encontram-se dif. alt. signif. entre progenitores e jovens, no que respeita a opção «nunca se justifica que se faça justiça por mãos próprias» sendo que são os progenitores que mais a defendem. Entre sexos e gerações, vemos que as mães defendem mais a lei que as raparigas. Os rapazes são também mais adeptos da justiça institucionalizada que as raparigas.

4.3.2.2 Comparação entre resultados de autóctones e não autóctones

Conforme se constata no quadro nº 50 e fig. 40, são os jovens (80,1%) e progenitores não autóctones (88,3%) que se manifestam mais claramente a favor de que nunca se faça justiça por mãos próprias.

[QUADRO Nº 50 - amostra de autóctones e n/autóctones - questão 17]

OS TRIBUNAIS E AS LEIS	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	Porto	N/Porto	TOTAL	Porto	N/Porto
Nos casos em que está em causa a honra, o problema tem de resolver-se logo, a bem ou a mal	11.2	13.5	8.3	8.1	9.2	7.4
Nunca se justifica que se faça justiça por mãos próprias	74.1	69.2	80.1	87.6	86.6	88.3
Sem resposta	14.7	17.3	11.6	4.3	4.2	4.3



Resolver-se logo - Nos casos em que está em causa a honra, o problema tem que se resolver logo, a bem ou a mal; Nunca por mãos pps - Nunca se justifica que se faça justiça por mãos próprias ; S/r - sem resposta

fig . 40- «Os tribunais e as leis» - autóctones e não autóctones

No teste de significâncias, encontram-se dif. alt. signif. entre os jovens autóctones e não autóctones, sendo que os jovens do Porto são mais adeptos da justiça institucionalizada.

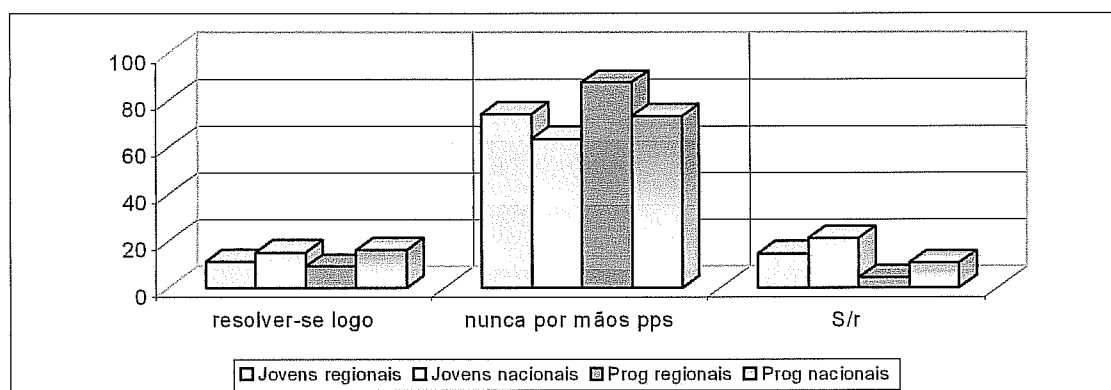
4.3.2.3 Comparação entre resultados regionais e nacionais

A mesma tendência anteriormente referida na amostra regional, é mantida na amostra nacional (quadro nº 51 e figura nº41), quer a nível global com a escolha da opção «nunca se justifica que se faça justiça por mãos próprias» quer inter-sexos, com maiores pontuações nas jovens alunas e nos pais.

Os jovens regionais pontuam significativamente mais, a opção «nunca se justifica que se faça justiça por mãos próprias», encontrando-se dif. alt. signif. entre esta amostra e a dos seus pares nacionais. Os progenitores regionais colocam mais a hipótese de a justiça ser feita pelo próprio, que os progenitores regionais.

[QUADRO Nº 51 - amostra nacional - questão 17]

OS TRIBUNAIS E AS LEIS	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
Nos casos em que está em causa a honra, o problema tem de resolver-se logo, a bem ou a mal	15.2	17.2	13.6	16.1	15.3	16.7
Nunca se justifica que se faça justiça por mãos próprias	63.6	62.4	64.5	73.3	75.7	71.3
Sem resposta	21.1	20.2	21.9	10.7	9.0	12.0



Resolver-se logo - Nos casos em que está em causa a honra, o problema tem que se resolver logo, a bem ou a mal; Nunca por mãos pps - Nunca se justifica que se faça justiça por mãos próprias ; S/r - sem resposta

fig. 41 - «Os tribunais e as leis» - regionais e nacionais

4.3.3 Polícia

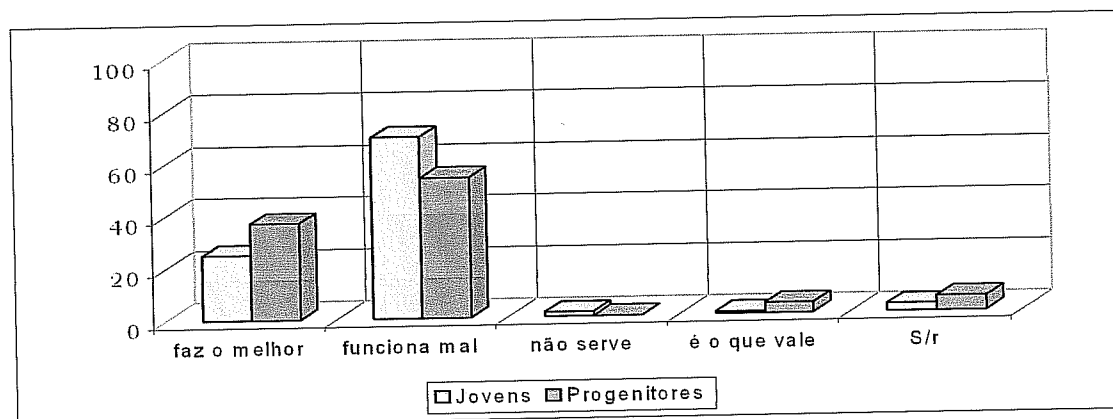
Perguntámos aos inquiridos, a opinião destes sobre a função e o desempenho da organização policial.

4.3.3.1 Resultados da amostra regional

A esmagadora maioria tanto de jovens (69,7%) como de progenitores (53,8%), consideraram que a polícia «funciona mal por desleixo» e, em segundo lugar, colocaram a opção «faz o melhor que pode» (fig. 42). A primeira opção é a mais escolhida pelas raparigas e mães.

[QUADRO Nº 52 - amostra regional - questão 18]

POLÍCIA	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
Faz o melhor que pode	24.9	24.8	25.2	37.1	40.2	34.3
Funciona mal por desleixo	69.7	69.4	70.5	53.8	49.4	57.6
Não serve para nada	1.7	1.7	1.4	0.0	0.0	0.0
É o que nos vale	0.8	1.2	0.0	3.8	5.7	2.0
Sem resposta	2.9	2.9	2.9	5.4	4.6	6.1



faz o melhor - Faz o melhor que pode; funciona mal - funciona mal por desleixo; é o que vale - é o que nos vale; S/r - sem resposta

fig. 42 - «Polícia» - regionais

No teste de significâncias, constata-se que os jovens possuem uma opinião bastante mais negativa da polícia que os progenitores, considerando que esta funciona «mal por desleixo» e «não nos serve para nada» (dif. alt. signif.). Por sua vez, os progenitores situam-se no pólo diametralmente oposto, pontuando mais que os jovens, as opções «faz o melhor que pode» e «é o que nos

vale», encontrando-se deste modo, pontuações que revelam diferenças significativas entre estas duas gerações.

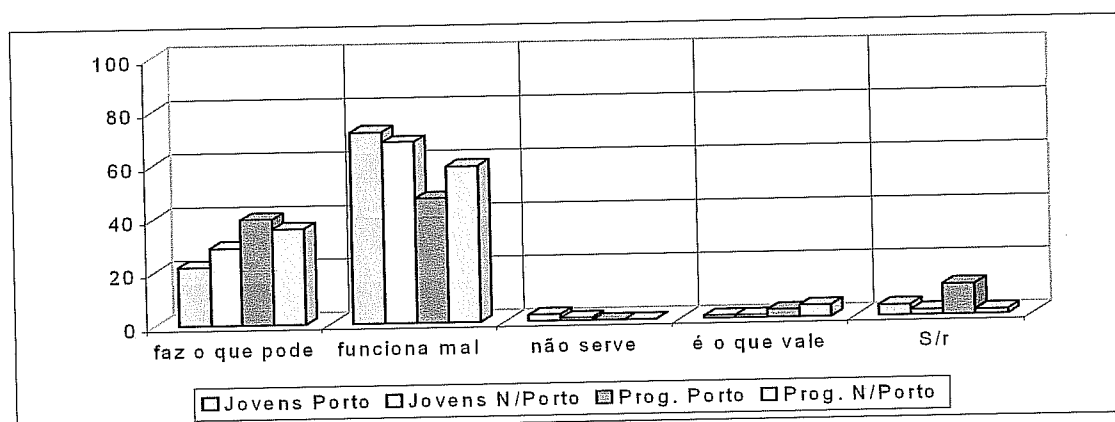
Distinguindo por sexos, vemos que os rapazes possuem uma ideia mais negativa da polícia (funciona mal por desleixo), que os pais encontrando-se, também, dif. alt. signif. entre estas duas amostras.

4.3.3.2 Comparação entre resultados de autóctones e não autóctones

Os jovens autóctones (71,4%) e progenitores não autóctones (58,3%), são mais críticos em relação ao funcionamento e eficácia da polícia (fig. 43 e quadro nº53). Estatisticamente não existem diferenças.

[QUADRO Nº 53 - amostra de autóctones e n/autóctones - questão 18]

POLICIA	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	Porto	N/Porto	TOTAL	Porto	N/Porto
Faz o melhor que pode	24.9	21.8	28.7	37.1	39.4	35.7
Funciona mal por desleixo	69.7	71.4	67.6	53.8	46.5	58.3
Não serve para nada	1.7	2.3	0.9	0.0	0.0	0.0
É o que nos vale	0.8	0.8	0.9	3.8	2.8	4.3
Sem resposta	2.9	3.8	1.9	5.4	11.3	1.7



Faz o melhor - Faz o melhor que pode; funciona mal - funciona mal por desleixo; é o que vale - é o que nos vale; S/r - sem resposta

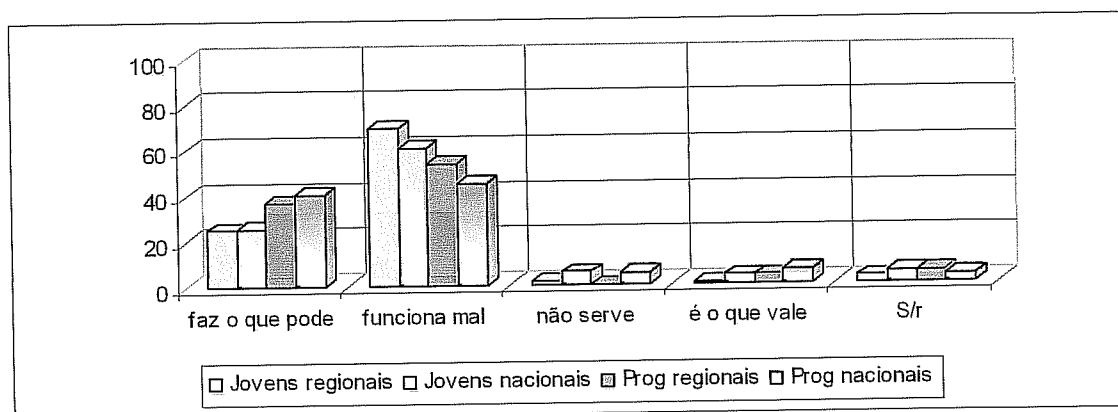
fig. 43 - «Polícia» - autóctones e não autóctones

4.3.3.3 Comparação entre resultados regionais e nacionais

A tendência observada a nível regional mantém-se na amostra nacional (quadro nº 54 e figura 44).

[QUADRO Nº 54 - amostra nacional - questão 18]

POLÍCIA	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
Faz o melhor que pode	25.5	29.1	22.7	40.4	40.4	39.1
Funciona mal por desleixo	60.5	56.0	64.1	44.5	44.5	44.5
Não serve para nada	5.5	5.9	5.2	5.2	5.2	6.1
É o que nos vale	3.8	4.5	3.3	6.1	6.1	6.5
Sem resposta	4.7	4.5	4.7	3.6	3.5	3.7



Faz o melhor - Faz o melhor que pode; funciona mal - funciona mal por desleixo; é o que vale - é o que nos vale; S/r - sem resposta

fig. 44 - «Polícia» - regionais e nacionais

Estatisticamente, os jovens nacionais pontuam mais que os seus pares regionais, as opções «não servem para nada» e «é o que nos vale», enquanto que os segundos valoram mais, a opção «funciona mal por desleixo»

Existe uma forte crítica nas amostras de progenitores, sendo que a nível nacional é acentuada a ideia de que a polícia não nos serve para nada e regionalmente acham que é desleixada.

4.3.4 Sistema prisional

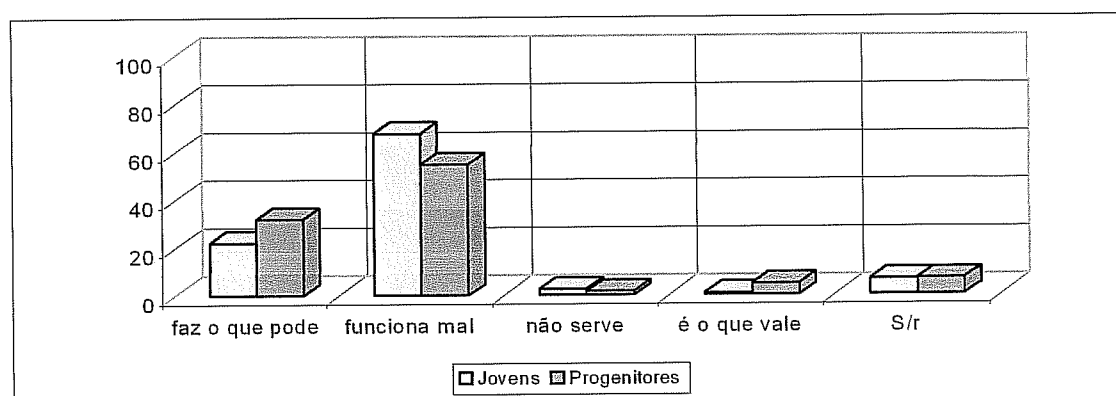
Dentro do mesmo tema, auscultámos depois a opinião dos inquiridos sobre o sistema prisional, pedindo-lhes que optassem, de entre um conjunto de frases, por aquela que melhor exprimia sua opinião acerca desta instituição.

3.4.1 Resultados da amostra regional

Os jovens e progenitores, foram unânimes ao considerarem que o sistema prisional «funciona mal por desleixo» (quadro nº 55 e fig. 45). As jovens alunas e os pais, são quem se afirma mais fortemente a favor desta ideia.

[QUADRO Nº 55 - amostra regional - questão 19]

SISTEMA PRISIONAL (prisões)	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
Faz o melhor que pode	22.2	23.3	19.4	32.0	33.3	30.8
Funciona mal por desleixo	67.8	67.6	68.3	54.8	55.2	54.5
Não serve para nada	2.5	2.3	2.9	1.6	2.3	1.0
É o que nos vale	0.8	1.2	0.0	4.8	3.4	6.1
Sem resposta	6.6	5.5	9.4	6.7	5.7	7.6



Faz o melhor - Faz o melhor que pode; funciona mal - funciona mal por desleixo; é o que vale - é o que nos vale; S/r - sem resposta

fig. 45 - «Sistema prisional » - regionais

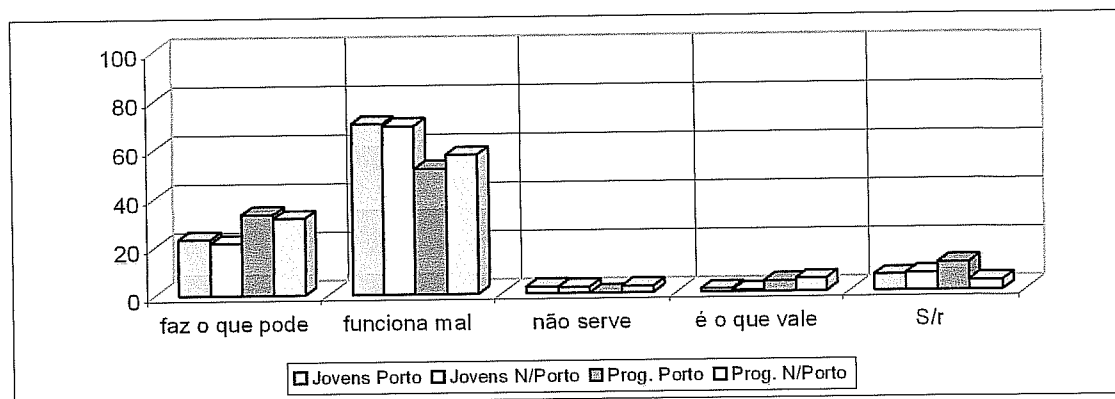
No teste de significâncias, os progenitores revelam-se muito mais crentes na eficácia do nosso sistema prisional, considerando que estes «fazem o melhor que podem», sendo «o que nos vale». Esta opinião difere bastante da que é expressa pelos jovens dado que estes consideram que o sistema «funciona mal por desleixo». Os rapazes pontuam mais a opção «funciona mal por desleixo» que os pais.

4.3.4.2 Comparação entre resultados de autóctones e não autóctones

Os jovens e progenitores, oriundos de outras regiões, pontuam mais a primeira opção (69,9% dos jovens e 57% dos progenitores), como se pode ver no quadro nº 56 e fig. 46. Não existem diferenças estatisticamente relevantes.

[QUADRO Nº 56 - amostra de autóctones e n/autóctones - questão 19]

SISTEMA PRISIONAL (prisões)	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	Porto	N/Porto	TOTAL	Porto	N/Porto
Faz o melhor que pode	22.3	22.9	21.3	32.0	33.1	31.3
Funciona mal por desleixo	67.8	69.0	69.9	54.8	51.4	57.0
Não serve para nada	2.5	2.6	2.3	1.6	0.0	2.6
É o que nos vale	0.8	1.1	0.5	4.8	4.2	5.2
Sem resposta	6.6	6.4	6.9	6.7	11.3	3.9



Faz o melhor - Faz o melhor que pode; funciona mal - funciona mal por desleixo; é o que vale - é o que nos vale; S/r - sem resposta

fig. 46 - «Sistema prisional » - autóctones e não autóctones

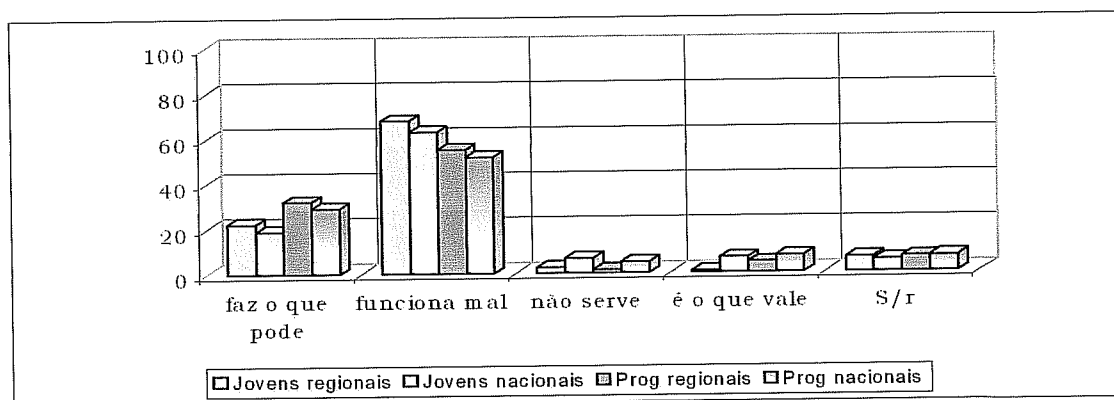
4.3.4.3 Comparação entre resultados regionais e nacionais

A opção «funciona mal por desleixo» é também a mais escolhida pela amostra nacional, embora com valores mais reduzidos que a nível regional. (quadro nº 57 e figura 47).

A segunda opção, é também coincidente com a opinião revelada regionalmente. De notar que, nas amostras de jovens, as opções seguintes divergem das que tinham sido eleitas pelas amostras regionais isto é, como terceira opção, a nível nacional, surge-nos «é o que nos vale» e, em último lugar «não serve para nada». (ambas opções com valores mais acentuados nos elementos do sexo masculino).

[QUADRO Nº 57 - amostra nacional - questão 19]

SISTEMA PRISIONAL (prisões)	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
Fazem o melhor que podem	18.7	22.6	15.7	29.0	29.6	28.6
Funciona mal por desleixo	62.8	59.0	65.8	51.5	52.9	50.3
Não serve para nada	6.5	6.6	6.4	4.9	4.2	5.5
É o que nos vale	6.7	6.9	6.6	7.5	6.8	8.1
Sem resposta	5.3	4.8	5.5	7.1	6.6	7.5



Faz o melhor - Faz o melhor que pode; funciona mal - funciona mal por desleixo; é o que vale - é o que nos vale; S/r - sem resposta

fig. 47 - «Sistema prisional » - regionais e nacionais

Estatisticamente, os jovens nacionais pontuam significativamente mais que os regionais, as opções «não serve para nada» e «é o que nos vale». Os progenitores são mais críticos que os regionais.

4.3.5 MARGINALIDADE

São abordadas nesta área, questões que se prendem com a criminalidade, o consumo de drogas, o alcoolismo e a prostituição. Foi pedido aos sujeitos que optassem por uma atitude de entre três que lhes foram propostas: preventiva, repressiva e terapêutica.

4.3.5.1 Criminalidade

4.3.5.1.1 Resultados da amostra regional

Há concordância, entre gerações quanto à escolha da «atitude preventiva» como a mais adaptada à criminalidade (46,7% dos jovens e 67,2% dos progenitores), sendo mais pontuada pelas raparigas e mães.

[QUADRO Nº 58 - amostra regional - questão 20]

CRIMINALIDADE	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
atitude preventiva	46.7	43.4	54.7	67.2	65.5	68.7
atitude terapêutica	3.3	3.5	2.9	4.8	1.1	8.1
atitude repressiva	38.8	42.0	30.9	22.6	29.9	16.2
Sem resposta	11.2	11.1	11.5	5.4	3.4	7.1

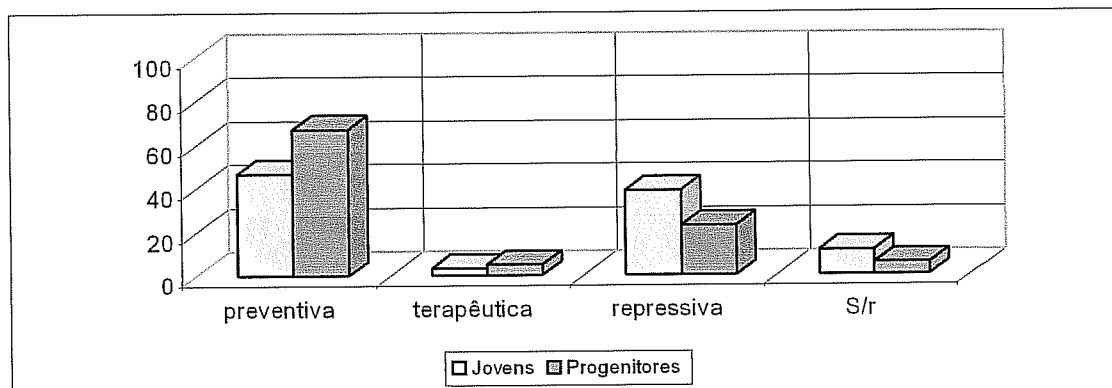


fig. 48 - «atitude face à criminalidade» - regionais

Como segunda opção surge a «atitude repressiva», mais fortemente defendida pelo sexo masculino das duas gerações (quadro nº 58 e fig. 48).

No teste de significâncias, os jovens manifestam-se fortemente favoráveis da repressão como forma de combate à marginalidade, enquanto que os progenitores consideram que a prevenção é a atitude mais adequada.

Entre gerações de mais novos existe uma total concordância. A discordância surge quando comparamos as amostras entre geração e sexo. Assim, entre raparigas e mães a atitude face à criminalidade difere bastante. As jovens defendem a repressão enquanto que as mães propõem que se reforce a prevenção.

Entre pais e rapazes assistimos ao mesmo tipo de postura anteriormente referido para as duas gerações do sexo masculino. Vemos, também, que as mães acentuam mais a importância da prevenção, já que em comparação com os pais, estes optam mais pela repressão (dif. alt. signif. entre as amostras).

4.3.5.1.2 Comparação entre resultados de autóctones e não autóctones

A prevenção da criminalidade é a atitude mais adequada na opinião dos jovens autóctones (49,6%), enquanto que os progenitores de outras regiões são os que estão mais a favor desta opção (71,3%) (quadro nº 59 e fig. 49). Existe um total consenso entre as amostras de jovens (autóctones e não autóctones) e também entre progenitores (autóctones e não autóctones).

[QUADRO Nº 59 - amostra de autóctones e n/autóctones - questão 20]

CRIMINALIDADE	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	Porto	N/Porto	TOTAL	Porto	N/Porto
atitude preventiva	46.7	49.6	43.1	67.2	60.6	71.3
atitude terapêutica	3.3	3.8	2.8	4.8	5.6	4.3
atitude repressiva	38.8	36.8	41.2	22.6	29.6	18.3
Sem resposta	11.2	9.8	13.0	5.4	4.2	6.1

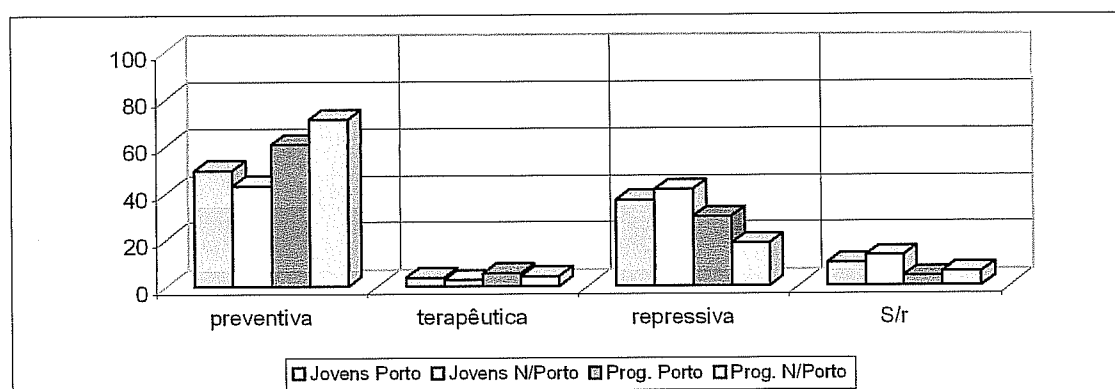


fig. 49 - «Atitude face à criminalidade» - autóctones e não autóctones

4.3.5.1.3 Comparação entre resultados regionais e nacionais

A nível nacional, os resultados obtidos são consensuais com os resultados regionais (quadro nº 60 e figura 50) ainda que os progenitores nacionais pontuem menos que os regionais, as opções «preventiva» (53,9 nacionais/ 67,2% regionais) e «terapêutica» (29,6% nacionais / 22,6% regionais) e mais a opção «repressiva» (9 % nacionais/ 4,8 regionais).

[QUADRO Nº 60 - amostra nacional - questão 20]

CRIMINALIDADE	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
atitude preventiva	57.7	53.7	60.9	53.9	53.1	54.3
atitude terapêutica	7.6	7.9	7.4	9.0	6.6	10.8
atitude repressiva	29.1	32.3	26.6	29.6	33.6	26.6
Sem resposta	5.6	6.2	5.1	7.5	6.6	8.3

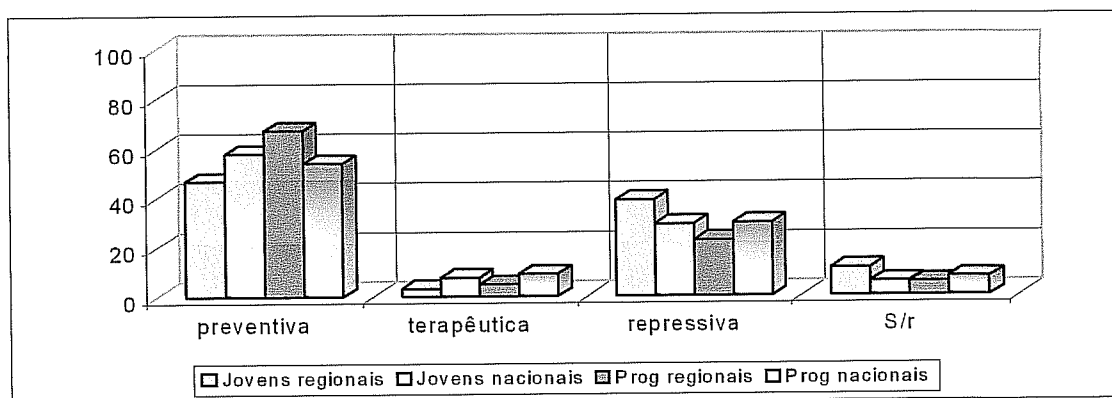


fig. 50 - «Atitude face à criminalidade» - regionais e nacionais

Estatisticamente entre os progenitores (nacionais e regionais), existem diferenças sendo que nacionalmente são mais defendidas as atitudes repressivas ou terapêuticas, enquanto que regionalmente optam mais pela repressão. Entre amostras de jovens acontece exactamente o mesmo que acabámos de referir para os progenitores. Os jovens regionais defendem mais a repressão e os nacionais a prevenção e o tratamento.

4.3.5.2 Alcoolismo

4.3.5.2.1 Resultados da amostra regional

Face ao alcoolismo, a atitude preventiva é também a mais escolhida quer pelos jovens (53,9%), quer pelos progenitores (48,7%). Em segundo lugar, é a atitude «terapêutica» que surge como mais pontuada (quadro nº 61 e fig. 51).

[QUADRO Nº 61 - amostra regional - questão 20]

ALCOOLISMO	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
atitude preventiva	53.9	51.3	60.4	48.7	53.4	44.4
atitude terapêutica	33.2	35.6	27.3	43.8	43.1	44.4
atitude repressiva	1.9	2.3	0.7	0.0	0.0	0.0
Sem resposta	11.0	10.8	11.5	7.5	3.4	11.1

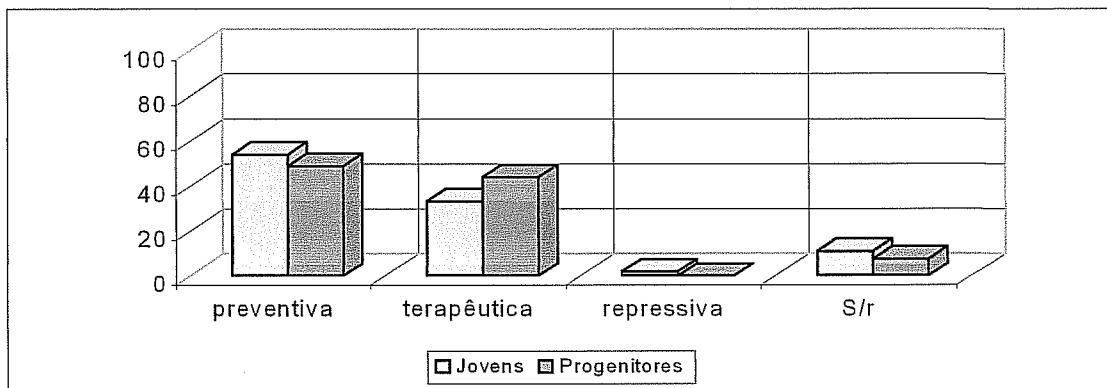


fig. 51- «Atitude face ao alcoolismo» - regionais

No teste de significâncias, encontram-se dif. alt. signif. entre progenitores e jovens, sendo que os progenitores se manifestam mais a favor de uma intervenção terapêutica e os jovens de uma atitude repressiva.

Dentro da mesma geração há consenso total.

Entre sexos e por gerações vemos que pais e rapazes, vemos que os últimos são a favor de uma «atitude repressiva» enquanto que esta atitude não é sequer colocada como hipótese pelos pais (0%). Entre mães e raparigas, constata-se também a existência de dif. alt. signif., uma vez que as últimas defendem a prevenção enquanto que as primeiras consideram que a «atitude terapêutica» é a mais adequada para esta problemática.

Distinguindo por sexos, observamos que a primeira opção encontra mais adeptos na amostra de raparigas e pais. A segunda opção é mais defendida pelos rapazes e mães.

4.3.5.2.2 Comparação entre resultados de autóctones e não autóctones

Os jovens autóctones (57,9%) e os progenitores não autóctones (50%), são quem pontua mais a primeira opção. Não existem diferenças estatisticamente relevantes (quadro nº 62 e fig. 52).

[QUADRO N° 62 - amostra de autóctones e n/autóctones - questão 20]

ALCOOLISMO	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	Porto	N/Porto	TOTAL	Porto	N/Porto
atitude preventiva	53.9	57.9	49.1	48.7	46.5	50.0
atitude terapêutica	33.2	29.7	37.5	43.8	50.7	39.6
atitude repressiva	1.9	1.5	2.3	0.0	0.0	0.0
Sem resposta	11.0	10.9	11.1	7.5	3.4	11.1

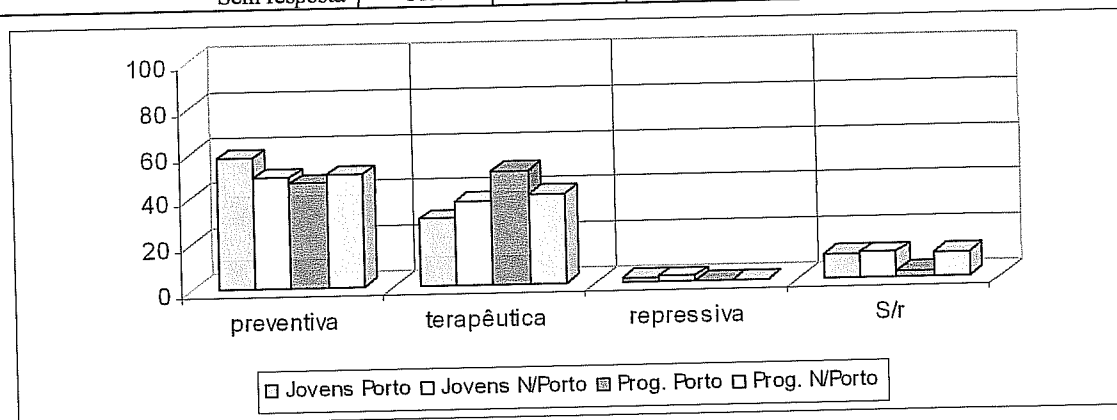


fig. 52 - «Atitude face ao alcoolismo» - autóctones e não autóctones

4.3.5.2.3 Comparação entre resultados regionais e nacionais

A nível nacional o tipo de hierarquização de atitudes propostas, quer pelos jovens quer pelos progenitores, é semelhante àquela que foi descrita para a amostra regional (quadro n° 63 figura n°53).

Estatisticamente existem diferenças de atitude, apenas entre as amostras de progenitores. A nível regional, os progenitores não colocam sequer a hipótese de a atitude repressiva ser aplicável ao problema do alcoolismo (pontuação zero), enquanto que a nível nacional, essa hipótese já é colocada (55,5%).

[QUADRO N° 63 - amostra nacional - questão 20]

ALCOOLISMO	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
atitude preventiva	56.3	57.5	55.3	46.3	49.0	44.2
atitude terapêutica	34.6	32.3	36.3	39.3	40.5	38.2
atitude repressiva	2.7	2.5	2.9	5.5	3.0	7.4
Sem resposta	6.4	7.7	5.5	9.0	7.5	10.1

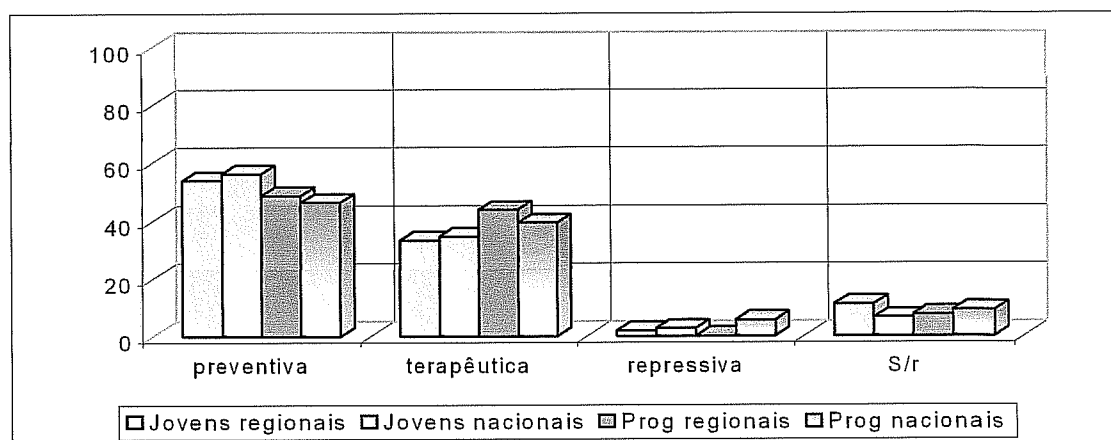


fig. 53 - «Atitude face ao alcoolismo» - regionais e nacionais

4.3.5.3 Droga

4.3.5.3.1 Resultados da amostra regional

No que diz respeito à droga, os jovens e os progenitores referem a prevenção como atitude prioritária (quadro nº 64). Nas segundas opções não existe consenso entre gerações (fig. 54), uma vez que os jovens escolhem a «atitude repressiva», enquanto que os progenitores preferem a «atitude terapêutica».

Observando por sexos, vemos que as raparigas optam mais pela «atitude preventiva» e os rapazes pela «atitude repressiva». Na amostra de progenitores, são os pais que preferem a «atitude preventiva» enquanto que as mães optam pela «atitude terapêutica».

[QUADRO Nº 64 - amostra regional - questão 20]

DROGA	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
atitude preventiva	68.5	65.0	77.0	70.7	75.9	66.2
atitude terapêutica	8.7	10.5	4.3	14.8	11.5	17.7
atitude repressiva	8.9	10.8	4.3	6.5	6.9	6.1
Sem resposta	13.9	13.7	14.4	8.1	5.7	10.1

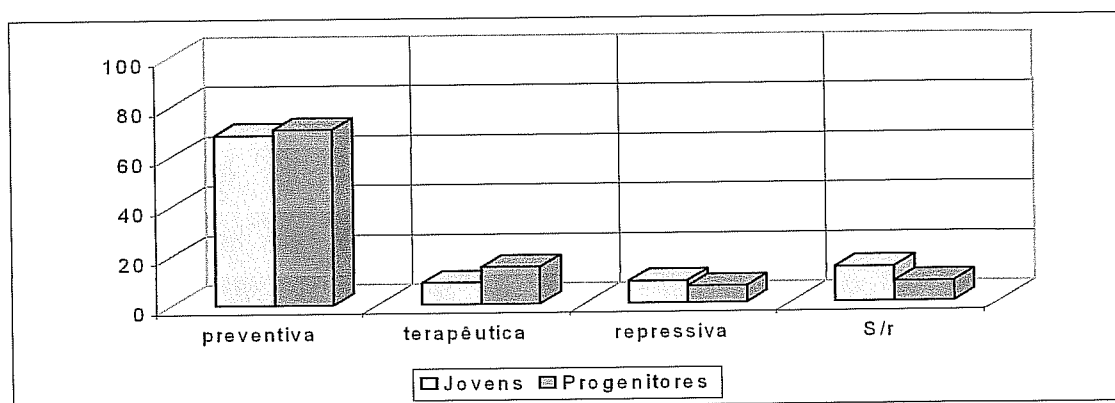


fig. 54 - «Atitude face à droga» - regionais

No teste de significâncias, constata-se que os progenitores defendem mais uma intervenção terapêutica que os jovens, encontrando-se por isso, dif. alt. signif. entre estas duas amostras. Dentro da mesma geração, vemos que os pais têm uma atitude consensual com as mães face à droga. Entre as raparigas e os rapazes, existem também dif. alt. signif. sendo que os rapazes defendem mais a intervenção terapêutica e a repressão nos casos de droga, enquanto que as raparigas optam pela prevenção.

Entre gerações, as mães, apostam bastante mais que as raparigas na prevenção, enquanto que estas defendem mais que primeiras, a intervenção terapêutica.

4.3.5.3.2 Comparação entre resultados de autóctones e não autóctones

A prevenção é a opção mais pontuada pelos autóctones, tanto jovens (69,9%) como progenitores (73,2%). Não existem diferenças estatisticamente relevantes.

[QUADRO Nº 65 - amostra de autóctones e n/autóctones - questão 20]

DROGA	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	Porto	N/Porto	TOTAL	Porto	N/Porto
atitude preventiva	68.5	69.9	66.7	70.7	73.2	69.1
atitude terapêutica	8.7	10.2	6.9	14.8	16.9	13.5
atitude repressiva	8.9	7.9	10.2	6.5	4.2	7.8
Sem resposta	13.9	12.0	16.2	8.1	5.6	9.6

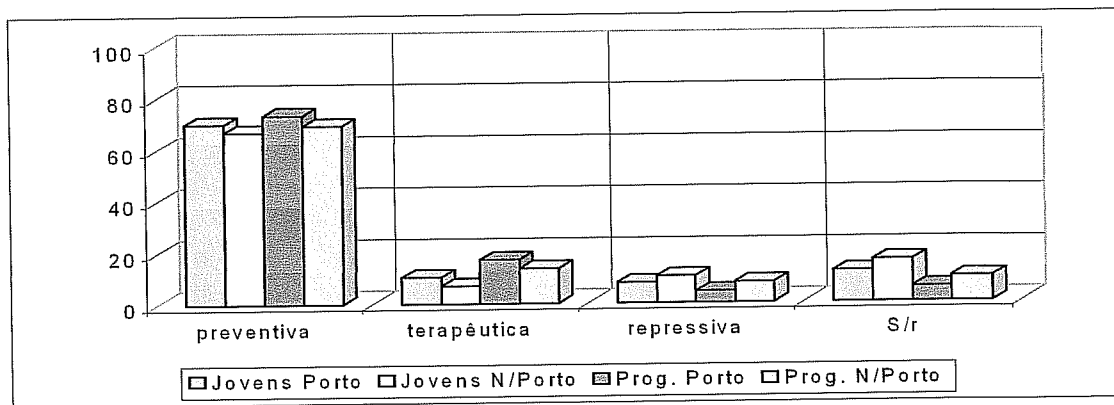


fig. 55 - «Atitude face à droga» - autóctones e não autóctones

No que respeita a segunda opção, os jovens não autóctones são mais adeptos da repressão como forma de resolução da problemática da droga, que os seus pares autóctones (fig.55). Por sua vez, os progenitores autóctones afirmam-se mais defensores da «atitude terapêutica» que os progenitores não autóctones. Não existem diferenças estatisticamente significativas entre as amostras.

4.3.5.3.3 Comparação entre resultados regionais e nacionais

Não há total consenso entre as amostras regionais e nacionais de jovens. A primeira escolha é a mesma que surgia regionalmente mas a segunda recai na «atitude terapêutica» (17,6%), fundamentalmente apoiada pelas raparigas (quadro nº 66). A nível nacional, as duas primeiras opções escolhidas pelos progenitores são consensuais com as que tinham sido expressas pelos seus pares regionais (fig. 56).

[QUADRO Nº 66 - amostra nacional - questão 20]

DROGA	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
atitude preventiva	65.3	64.9	65.5	59.5	60.6	58.4
atitude terapêutica	17.6	16.1	18.8	17.5	16.0	18.8
atitude repressiva	8.0	9.0	7.3	13.4	13.9	13.0
Sem resposta	9.1	10.0	8.4	9.6	9.5	9.8

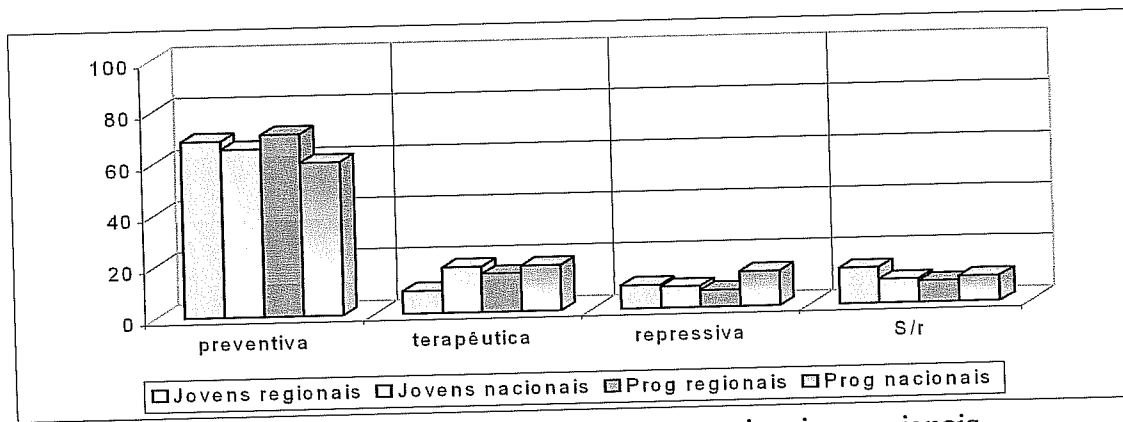


fig. 56 - «Atitude face à droga» - regionais e nacionais

No que concerne a significâncias encontradas no teste para esse efeito, vemos que os progenitores regionais optam significativamente mais pela prevenção e os nacionais pela repressão, como atitudes possíveis para encarar a problemática da droga. Os jovens nacionais preferem mais que os jovens regionais a «atitude terapêutica».

4.3.5.4 Prostituição

4.3.5.4.1 Resultados da amostra regional

As duas gerações são completamente consensuais, no que respeita a atitude face à prostituição (quadro nº67 e fig. 57).

A «atitude preventiva» surge como primeira opção (68% dos jovens e 73,7% dos progenitores), mais apoiada pelas raparigas e mães, seguindo-se a «atitude repressiva», escolhida com maior frequência pelos rapazes e pais.

[QUADRO Nº 67 - amostra regional - questão 20]

PROSTITUIÇÃO	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
atitude preventiva	68.0	66.2	72.7	73.7	72.4	74.7
atitude terapêutica	8.9	9.9	6.5	5.9	5.7	6.1
atitude repressiva	9.5	9.9	8.6	9.1	11.5	7.1
Sem resposta	13.5	14.0	12.2	11.3	10.3	12.1

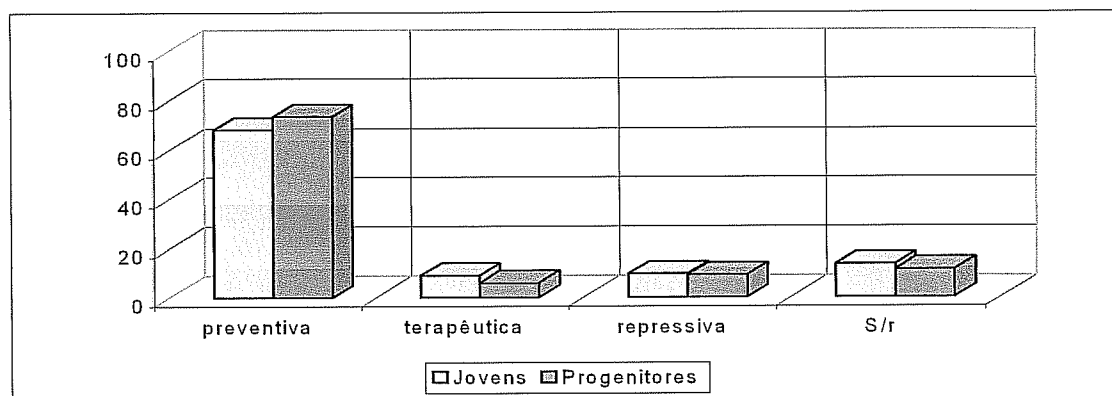


fig. 57 - «Atitude face à prostituição» - regionais

De todas as áreas que foram abordadas nos pontos anteriores a prostituição é, sem dúvida alguma, aquela em que se encontra um maior consenso entre gerações e sexos (para o demonstrar basta o facto de estatisticamente não existirem diferenças significativas entre as amostras, seja em que opção for).

4.3.5.4.2 Comparação entre resultados de autóctones e não autóctones

A atitude preventiva é a mais defendida pelos autóctones, jovens (71,4%) e progenitores (76,8%). Não existem diferenças estatísticas a assinalar (quadro nº 68 e figura 58).

[QUADRO Nº 68 - amostra de autóctones e n/autóctones - questão 20]

PROSTITUIÇÃO	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	Porto	N/Porto	TOTAL	Porto	N/Porto
atitude preventiva	68.0	71.4	63.9	73.7	76.8	71.7
atitude terapêutica	8.9	7.9	10.2	5.9	7.0	5.2
atitude repressiva	9.5	9.4	9.7	9.1	9.2	9.1
Sem resposta	13.5	11.3	16.2	11.3	7.0	13.9

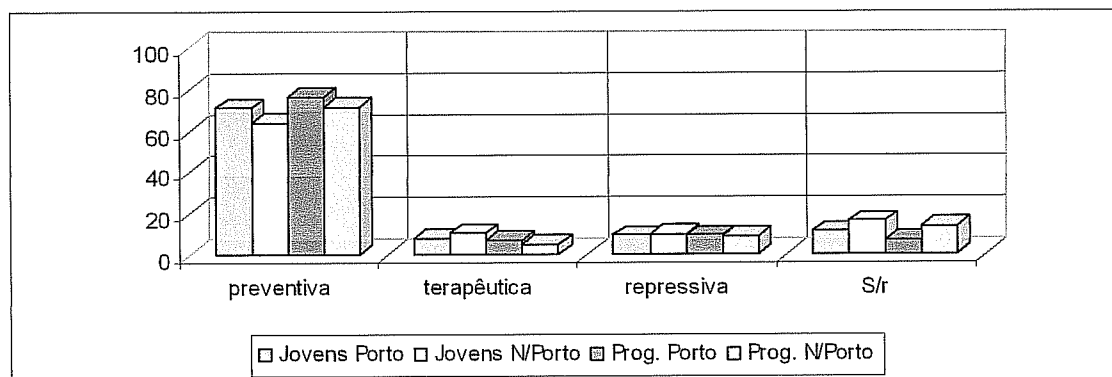


fig. 58 - «Atitude face à prostituição» - autóctones e não autóctones

4.3.5.4.3 Comparação entre resultados regionais e nacionais

A primeira opção é consensual a nível nacional e regional contudo, a segunda opção é, nacionalmente, para os jovens a «atitude terapêutica» que, curiosamente, obtém valores exactamente iguais para os dois sexos (14,2%). Na amostra de progenitores, a segunda opção recai na «atitude repressiva» (16,2%)

Vemos que, estatisticamente, os progenitores regionais acentuam mais a importância da atitude preventiva que os regionais, enquanto que estes optam mais pela atitude repressiva. Também a nível nacional, os jovens pontuam mais a atitude terapêutica que regionalmente.

[QUADRO Nº 69 - amostra nacional - questão 20]

PROSTITUIÇÃO	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
atitude preventiva	65.9	64.9	66.6	64.4	66.5	62.6
atitude terapêutica	14.2	14.2	14.2	8.4	7.7	9.1
atitude repressiva	10.4	10.2	10.5	16.2	15.2	17.0
Sem resposta	9.6	10.8	8.6	11.2	10.6	11.3

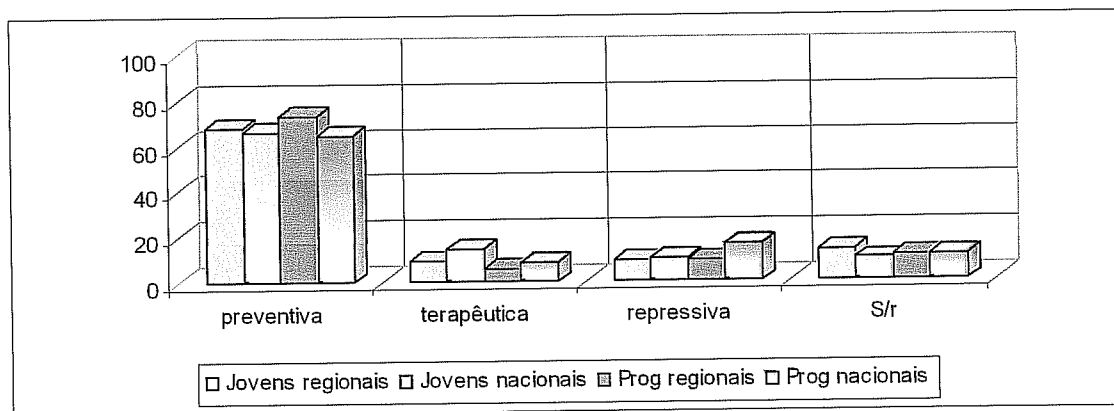


fig. 59 - «Atitude face à prostituição» - regionais e nacionais

4.3.5.5 Liberalização do consumo de drogas

Formulámos uma questão que não existia no trabalho precedente: «várias substâncias podem provocar toxicod dependência (drogas), umas legais (álcool, cafeína, nicotina, etc.) outras ilegais (heroína, cannabis, etc.)», seguiam-se quatro frases, das quais os sujeitos teriam de destacar uma : «todas as drogas legais e ilegais devem ser proibidas»; «todas as drogas ilegais devem

A segunda opção não é coincidente entre gerações isto é, os jovens (especialmente os rapazes), consideram que «todas as drogas ilegais devem poder ser consumidas mas o tráfico proibido» (24,3%), mas os progenitores (sobretudo as mães) são de outra opinião, segundo estas «todas as drogas legais e ilegais devem ser proibidas» (18,3%).

Se atendermos ao teste de significâncias, constatamos que entre os jovens e os progenitores existem diferenças bastante significativas, o que aponta para a existência de posturas também diferentes no que concerne a esta problemática. Os progenitores são assumidamente contra o uso de qualquer tipo de droga, quer legal quer ilegal, pontuando esta opção de um modo bastante mais acentuado que os jovens. Por sua vez, os jovens optam mais pela proibição do tráfico e dos malefícios que causam aos outros.

Intra gerações existe consenso total.

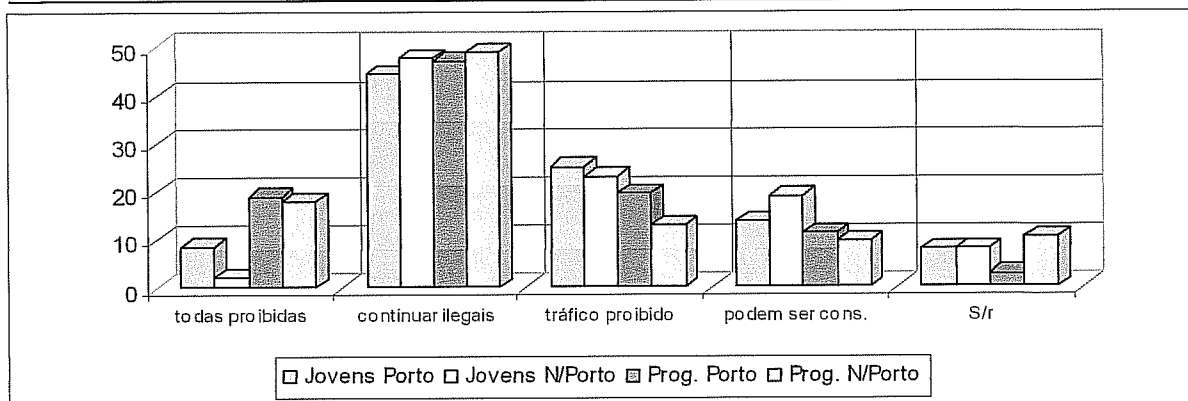
Entre as duas gerações do sexo masculino existem diferentes posturas face à liberalização do consumo, sendo que os pais o condenam fortemente. Entre mães e raparigas, também há conflito de opiniões. As mães defendem a proibição e as filhas condenam apenas o tráfico.

4.3.5.5.2 Comparação entre resultados de autóctones e não autóctones

Os não autóctones, jovens (47,7%) e progenitores (49,1%), revelam-se mais a favor de que «todas as drogas ilegais devam continuar ilegais», que os naturais da área metropolitana do Porto (quadro nº 71 e figura 61). Entre amostras de progenitores há consenso.

[QUADRO Nº 71 - amostra de autóctones e n/autóctones - questão 21]

LIBERALIZAÇÃO DO CONSUMO	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	Porto	N/Porto	TOTAL	Porto	N/Porto
Todas as drogas legais e ilegais devem ser proibidas	5.8	8.6	2.3	18.3	19.0	17.8
Todas as drogas ilegais devem continuar ilegais	45.9	44.4	47.7	48.4	47.2	49.1
Todas as drogas ilegais devem poder ser consumidas mas o tráfico proibido	24.3	25.2	23.1	15.6	19.7	13.0
Todas as substâncias que provocam toxicod dependência devem poder ser consumidas e apenas proibidos os malefícios que causam aos outros	16.2	13.9	19.0	10.2	11.3	9.6
Sem resposta	7.9	7.9	7.9	7.5	2.8	10.4



Todas proibidas - Todas as drogas legais e ilegais devem ser proibidas; Ilegais devem continuar ilegais - Todas as drogas ilegais devem continuar ilegais; Tráfico proibido - Todas as drogas ilegais devem poder ser consumidas mas o tráfico proibido; Podem ser consumidas - Todas as substâncias que provocam toxicod dependência devem poder ser consumidas e apenas proibidos os malefícios que causam aos outros, S/ r - sem resposta.

fig. 61 - «Liberalização do consumo de drogas» - autóctones e não autóctones

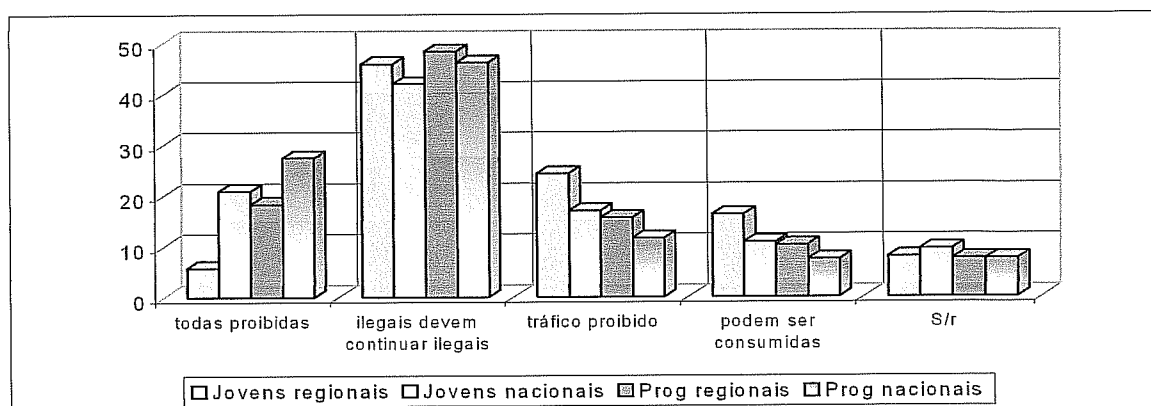
Os jovens do Porto são defensores da proibição do consumo, opinião que não encontra eco nos jovens não autóctones (dif. alt. signif.)

4.3.5.5.3 Comparação entre resultados regionais e nacionais

Os resultados da amostra nacional de jovens não são completamente coincidentes com os da amostra regional (quadro nº 72 e fig. 62).

[QUADRO Nº 72 - amostra nacional - questão 21]

TOXICODPENDÊNCIA	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
Todas as drogas legais e ilegais devem ser proibidas	20.9	19.4	22.1	27.4	23.2	30.7
Todas as drogas ilegais devem continuar ilegais	42.0	41.9	42.1	46.2	49.4	43.7
Todas as drogas ilegais devem poder ser consumidas mas o tráfico proibido	17.0	17.9	16.1	11.6	13.4	10.1
Todas as substâncias que provocam toxicodependência devem poder ser consumidas e apenas proibidos os malefícios que causam aos outros	10.8	12.7	9.4	7.4	7.5	7.3
Sem resposta	9.4	8.2	10.3	7.5	6.5	8.2



Todas proibidas - Todas as drogas legais e ilegais devem ser proibidas; Ilegais devem continuar ilegais - Todas as drogas ilegais devem continuar ilegais; Tráfico proibido - Todas as drogas ilegais devem poder ser consumidas mas o tráfico proibido; Podem ser consumidas - Todas as substâncias que provocam toxicodependência devem poder ser consumidas e apenas proibidos os malefícios que causam aos outros, S/r - sem resposta.

fig. 62 - «Liberalização do consumo de drogas» - regionais e nacionais

Os jovens nacionais acentuam mais o proibicionismo ou seja, em primeiro lugar colocam a hipótese «todas as drogas ilegais devem continuar ilegais» (42%), em segundo «todas as drogas legais e ilegais devem ser ilegais» (20,9%) e, em terceiro, vem a hipótese «todas as drogas ilegais devem poder ser consumidas mas o tráfico proibido» (17%).

Os progenitores nacionais são mais defensores da atitude proibicionista que os seus pares regionais. Os jovens nacionais defendem a proibição do consumo e do tráfico, enquanto que os regionais se preocupam mais com os malefícios que o consumo de drogas pode trazer (dif. alt. signif.)

4.3.6 RELIGIÃO

4.3.6.1 Atitude religiosa

Perguntámos aos jovens e aos progenitores, como é que se consideravam em termos de atitude face à religião, a saber: religiosos, não religiosos ou ateus convictos.

4.3.6.1.1 Resultados da amostra regional

A grande maioria dos jovens e progenitores consideram-se religiosos (quadro nº 73 e figura 63).

[QUADRO Nº 73 - amostra regional - questão 32]

ATTITUDE RELIGIOSA	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
Considera-se						
Religioso	64.7	63.8	66.9	83.3	83.9	82.8
Não religioso	21.2	22.4	18.0	11.0	12.1	10.1
Ateu convicto	8.7	9.3	7.2	3.0	2.9	3.0
Sem resposta	5.4	4.4	7.9	2.7	1.1	4.0

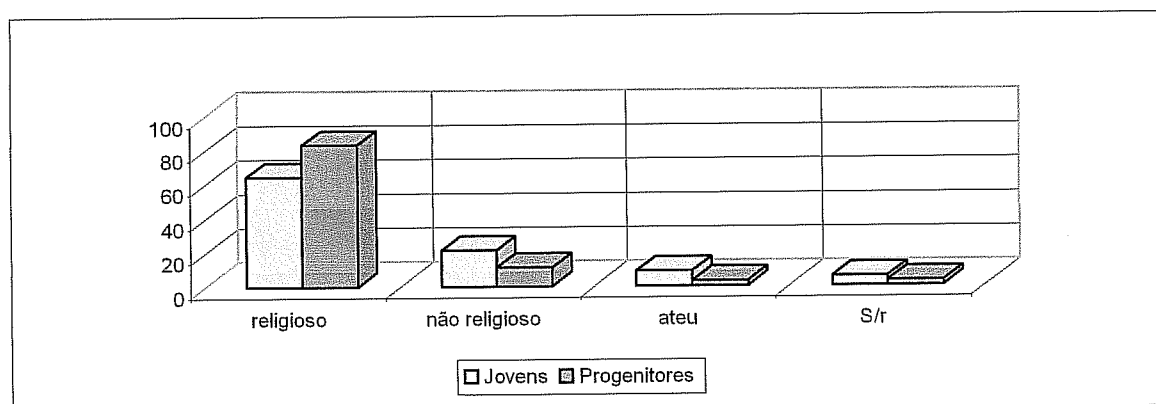


fig. 63 - «Atitude religiosa» - regionais

Estatisticamente, os progenitores são mais religiosos que os jovens e estes mais ateus, ou mesmo não religiosos, que os progenitores.

Dentro da mesma geração, existe consenso entre os sexos.

Os pais são mais religiosos que os rapazes e os rapazes mais ateus e não religiosos que os pais. As mães são, também, mais religiosas que as raparigas.

4.3.6.1.2 Resultados de autóctones e não autóctones

A geração mais nova de não autóctones revela-se mais religiosa (65,7%) que os seus pares autóctones (63,9%). Os progenitores autóctones são mais religiosos (83,8%) que os progenitores não autóctones (83%).

[QUADRO Nº 74 - autóctones e não autóctones - questão 32]

ATITUDE RELIGIOSA	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	Porto	N/Porto	TOTAL	Porto	N/Porto
Considera-se						
Religioso	64.7	63.9	65.7	83.3	83.8	83.0
Não religioso	21.2	19.2	23.6	11.0	12.0	10.4
Ateu convicto	8.7	11.7	5.1	3.0	4.2	2.2
Sem resposta	5.4	5.3	5.6	2.7	0.0	4.3

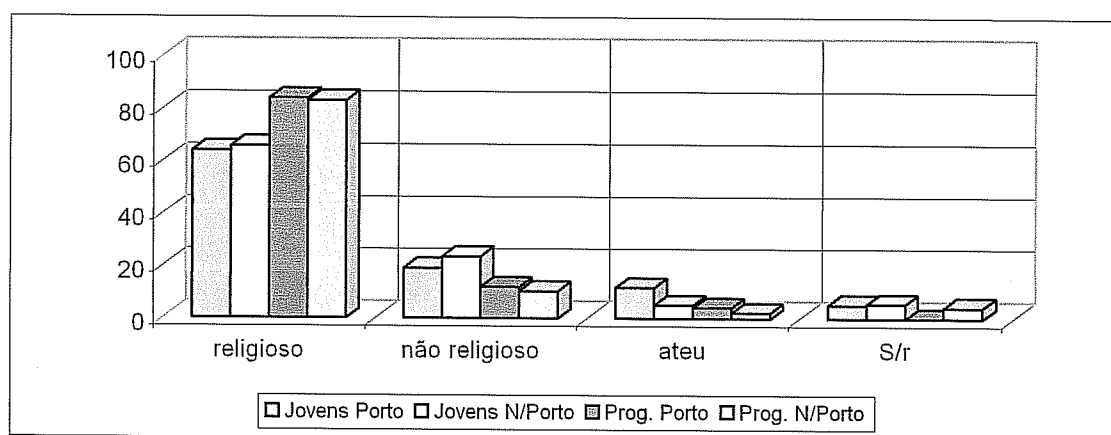


fig. 64 - «Atitude religiosa» - autóctones e não autóctones

Estatisticamente, existem mais jovens ateus nascidos na cidade do Porto que nas outras regiões.

4.3.6.1.3 Comparação entre resultados nacionais e regionais

A nível nacional, as opções são semelhantes às regionais (quadro nº75 e figura 65).

[QUADRO Nº 75 - amostra nacional - questão 32]

ATITUDE RELIGIOSA	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
Considera-se						
Religioso	66.4	60.0	71.4	80.0	79.5	80.5
Não religioso	16.9	20.9	13.9	10.8	11.4	10.2
Ateu convicto	7.7	9.9	6.0	3.7	4.7	3.0
Sem resposta	8.9	9.2	8.8	5.5	4.4	6.3

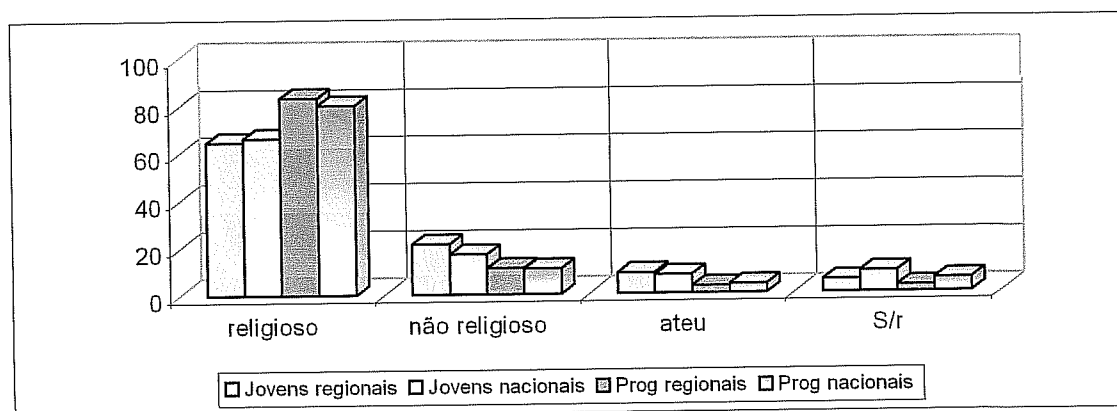


fig. 65 - «Atitude religiosa» - regionais e nacionais

Existe consenso entre as amostras de progenitores e entre as amostra de jovens (jovens nacionais com jovens regionais/progenitores nacionais com progenitores regionais).

4.3.6.2 O que procura na religião?

4.3.6.2.1 Resultados da amostra regional

Tanto jovens (60%) como progenitores (46%), dizem procurar na religião fundamentalmente a satisfação de uma necessidade espiritual (quadro nº76 e figura 66), em segundo lugar, os jovens encontram encaram a religião como uma forma de fugir aos problemas (12,9%) e em terceiro «uma forma de amar e servir Deus» (10,2%). Os progenitores colocam em segundo lugar a opção «uma forma de amar e servir Deus» (31,7%) e em terceiro a resposta a problemas morais e familiares (7%).

[QUADRO Nº 76 - amostra regional - questão 33]

O QUE PROCURA NA RELIGIÃO	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
Uma forma de amar e servir Deus	10.2	8.5	14.4	31.7	32.8	30.8
Satisfação da necessidade espiritual	60.0	59.2	61.9	46.0	49.4	42.9
Resposta a problemas morais e familiares	7.5	7.0	8.6	7.0	4.6	9.1
Fuga à resolução de problemas	12.9	16.3	4.3	6.7	6.3	7.1
Salvação da alma	3.5	3.8	2.9	5.4	4.6	6.1
Sem resposta	6.0	5.2	7.9	3.2	2.3	4.0

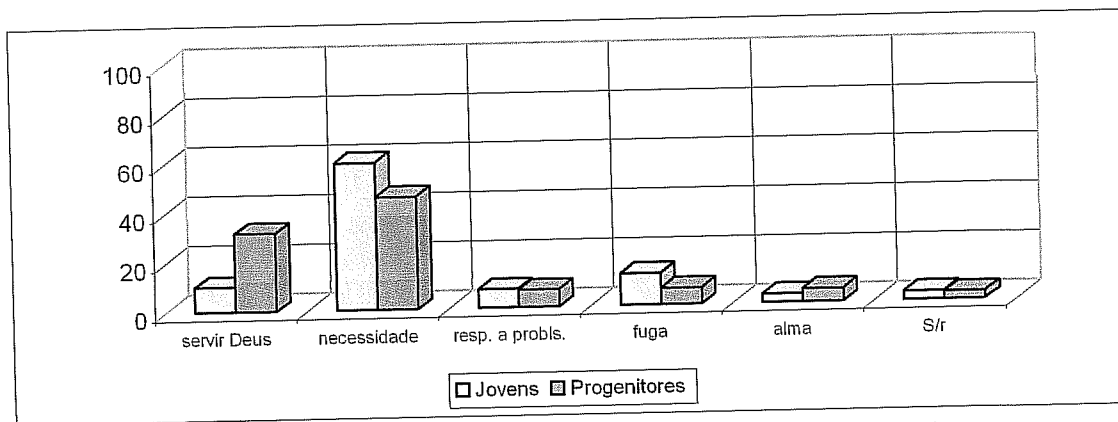


fig. 66 - «O que procura na religião?» - regionais

Estatisticamente, os progenitores optam mais pela religião como forma de amar Deus e os jovens encontram nela a satisfação para as necessidades espirituais. Os rapazes consideram mais que as raparigas, que a religião pode constituir uma forma de fugir aos problemas.

Entre as duas gerações do sexo masculino existem diferenças estatisticamente relevantes. Os mais velhos encontram na religião uma forma de amar Deus, enquanto que para os mais novos é uma maneira de fugir aos problemas. As raparigas satisfazem uma necessidade espiritual através da religião, enquanto que as mães procuram servir e amar Deus através dela.

4.3.6.2.2 Comparação entre resultados de autóctones e não autóctones

São os não autóctones (progenitores e jovens) que procuram mais a religião como forma de satisfazer a necessidade espiritual (quadro nº77 e fig. 67).

[QUADRO Nº 77 - amostra de autóctones e não autóctones - questão 33]

O QUE PROCURA NA RELIGIÃO	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	Porto	N/Porto	TOTAL	Porto	N/Porto
Uma forma de amar e servir Deus	10.2	10.9	9.3	31.7	40.8	26.1
Satisfação da necessidade espiritual	60.0	59.4	60.6	46.0	41.5	48.7
Resposta a problemas morais e familiares	7.5	7.5	7.4	7.0	6.3	7.4
Fuga à resolução de problemas	12.9	14.3	11.1	6.7	8.5	5.7
Salvação da alma	3.5	3.0	4.2	5.4	1.4	7.8
Sem resposta	6.0	4.9	7.4	3.2	1.4	4.3

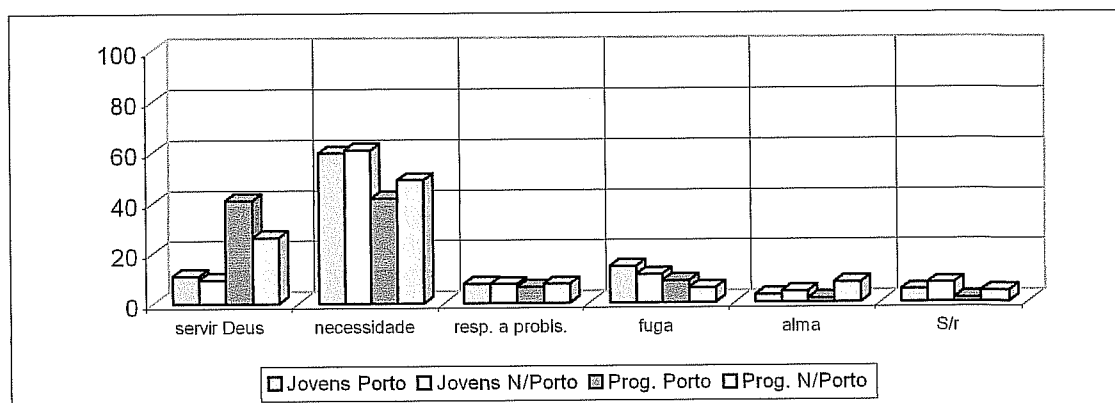


fig. 67 - «O que procura na religião?» - autóctones e não autóctones

Para os progenitores autóctones, a religião é sobretudo uma forma de amar e servir Deus (40,8%), existindo dif. alt. signif. entre esta amostra e a dos respectivos pares não autóctones (26,1%).

4.3.6.2.3 Comparação entre resultados nacionais e regionais

Existe consenso regional e nacional em relação ao primeiro destaque, mas tal não acontece nas outras opções escolhidas pelas duas gerações (quadros nº 76 e 78 e figura 68).

Nacionalmente, os jovens optam seguidamente pela opção «uma forma de amar e servir Deus» (15,4% nacionais/10,2% regionais) e só depois pela «fuga à resolução de problemas» (10,6% nacionais/12,9% regionais.). Quanto aos progenitores, a hierarquização até à segunda opção é coincidente, mas para terceiro lugar a nível nacional há o destaque para «a salvação da alma», com 9,7% contrastando com os 5,4% regionais.

[QUADRO Nº 78 - amostra nacional - questão 33]

O QUE PROCURA NA RELIGIÃO	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
Uma forma de amar e servir Deus	15.4	15.9	15.1	33.8	32.1	35.1
Satisfação da necessidade espiritual	52.2	47.2	56.1	37.5	38.2	37.1
Resposta a problemas morais e familiares	9.0	9.0	9.1	8.0	7.7	8.2
Fuga à resolução de problemas	10.6	13.5	8.3	6.4	7.9	5.3
Salvação da alma	5.4	6.2	4.8	9.7	8.8	10.5
Sem resposta	7.4	8.2	6.7	4.5	5.3	3.9

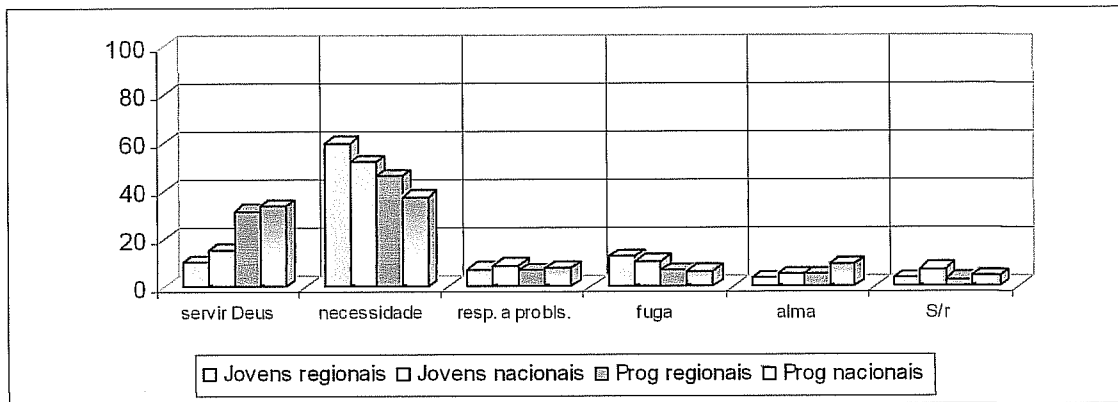


fig. 68 - «O que procura na religião ?» - regionais e nacionais

Estatisticamente, os progenitores regionais consideram a religião mais como satisfação da necessidade espiritual que os nacionais, enquanto que os nacionais procuram mais a salvação da alma. Para os jovens nacionais é uma forma de amar Deus, e os regionais é a satisfação da necessidade espiritual.

4.3.7 POLÍTICA

4.3.7.1 Posição política e proximidade com um partido político

O escalonamento político faz-se segundo uma escala de 10 lugares, onde o (1-2) equivale à Extrema-Esquerda, o (3-4) à Esquerda, o (5-6) ao Centro, o (7-8) à Direita e o (9-10) à Extrema-Direita.

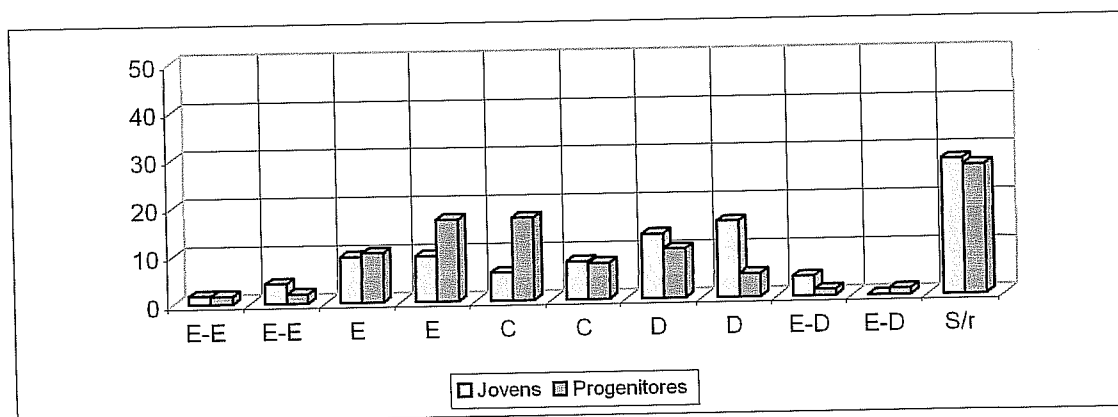
Quanto à «proximidade com um partido político», as opções hierarquizam-se por ordem decrescente, desde o «muito ligado», «bastante ligado» até ao «sobretudo simpatizante» e «sem proximidade a nenhum».

4.3.7.1.1 Resultados da amostra regional

No caso dos jovens, a tendência é para a Direita (7-8), com 13,3 e 15,8% e, para os progenitores Centro-Esquerda (4-5), com 16,9 e 17,2%. São as raparigas e os pais, que mais pontuam as referidas opções (quadro nº79 e fig. 69).

[QUADRO Nº 79 - amostra regional - questão 38]

POSIÇÃO POLÍTICA	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
Extrema-esquerda	1.7	1.7	1.4	1.6	2.3	1.0
Extrema-esquerda	4.1	4.7	2.9	1.9	1.7	2.0
Esquerda	9.5	7.6	14.4	10.2	11.5	9.1
Esquerda	9.5	7.6	14.4	16.9	18.4	15.7
Centro	5.8	6.4	4.3	17.2	18.4	16.2
Centro	7.9	9.3	4.3	7.5	8.0	7.1
Direita	13.3	13.4	12.9	10.2	5.7	14.1
Direita	15.8	17.5	11.5	4.8	4.6	5.1
Extrema-direita	4.1	4.7	2.9	1.3	2.9	0.0
Extrema-direita	0.0	0.0	0.0	1.3	1.1	1.5
Sem resposta	28.2	27.1	30.9	26.9	25.3	28.3



E-E - Extrema-Esquerda; E-E - Extrema-Esquerda ; E - Esquerda; E- Esquerda ; C - Centro; C- Centro ; D- Direita ; D- Direita E- D - Extrema -Direita; S/r - Sem resposta

fig. 69 - «Posição política» - regionais ¹⁹

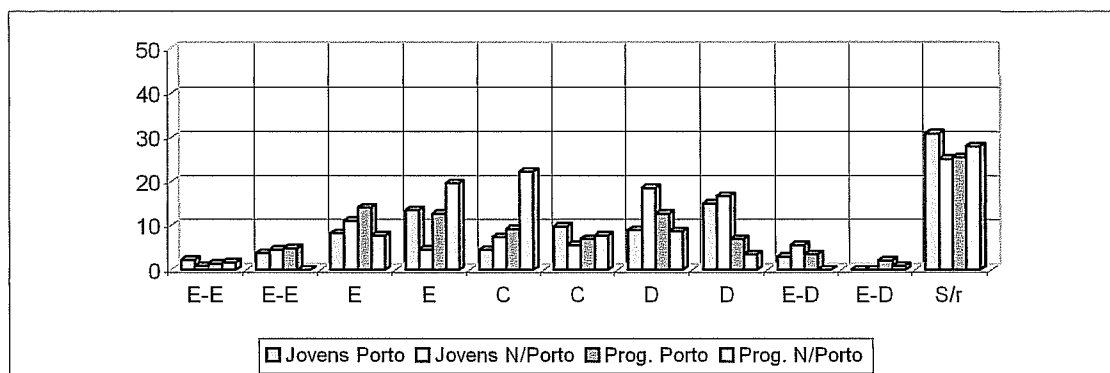
Existem dif. alt. signif. entre jovens e progenitores, sendo que os jovens pontuam mais as tendências Direita e Extrema-Direita (8-9), enquanto que os pais optam pela Esquerda e Centro (4-5).

Tanto os jovens, como os progenitores, se revelam «simpatizantes» de um partido político (63,5% jovens/65,3% dos progenitores), sendo que essa opção é mais pontuada pelo sexo masculino, em ambas as gerações. Apenas se detectam diferenças estatísticas entre rapazes e raparigas, sendo que o sexo masculino é mais ligado (3,5%) que o sexo feminino (0%).

[QUADRO N° 80- amostra regional - questão 39]

PROXIMIDADE DE PARTIDO POLÍTICO	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
Muito ligado	2.5	3.5	0.0	4.0	5.2	3.0
Bastante ligado	5.8	4.7	8.6	3.8	3.4	4.0
Simpatizante	63.5	64.7	60.4	65.3	66.1	64.6
Sem proximidade a nenhum	28.2	27.1	30.9	26.9	25.3	28.3
Sem resposta	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0

¹⁹ Colocámos nas figuras 68,70 e 72, uma escala de 0-50 para que os dados sejam mais visíveis



Muito - muito ligado ; bastante - bastante ligado, Sem prox - sem proximidade a nenhum; S/r - sem resposta

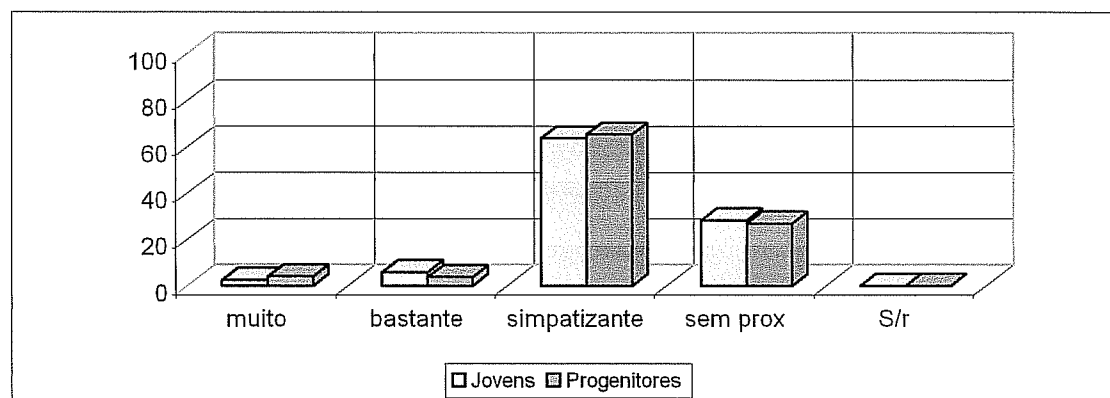
fig. 70 - «Proximidade de partido político» - regionais

4.3.7.1.2 Comparação entre resultados de autóctones e não autóctones

Os progenitores não autóctones optam significativamente mais pelos partidos ao Centro (22,2%) que os seus pares autóctones (9,2%).

[QUADRO N° 81 - amostra de autóctones e n/autóctones - questão 38]

POSIÇÃO POLITICA	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	Porto	N/Porto	TOTAL	Porto	N/Porto
Extrema-esquerda	1.7	2.3	0.9	1.6	1.4	1.7
Extrema-esquerda	4.1	3.8	4.6	1.9	4.9	0.0
Esquerda	9.5	8.3	11.1	10.2	14.1	7.8
Esquerda	9.5	13.5	4.6	16.9	12.7	19.6
Centro	5.8	4.5	7.4	17.2	9.2	22.2
Centro	7.9	9.8	5.6	7.5	7.0	7.8
Direita	13.3	9.0	18.5	10.2	12.7	8.7
Direita	15.8	15.0	16.7	4.8	7.0	3.5
Extrema-direita	4.1	3.0	5.6	1.3	3.5	0.0
Extrema-direita	0.0	0.0	0.0	1.3	2.1	0.9
Sem resposta	28.2	30.8	25.0	26.9	25.4	27.8



E-E - Extrema-Esquerda; E-E - Extrema-Esquerda ; E - Esquerda; E- Esquerda ; C - Centro; C- Centro ; D- Direita ; D- Direita E- D - Extrema -Direita; S/r - Sem resposta

fig. 71 - «Posição política» - autóctones e não autóctones

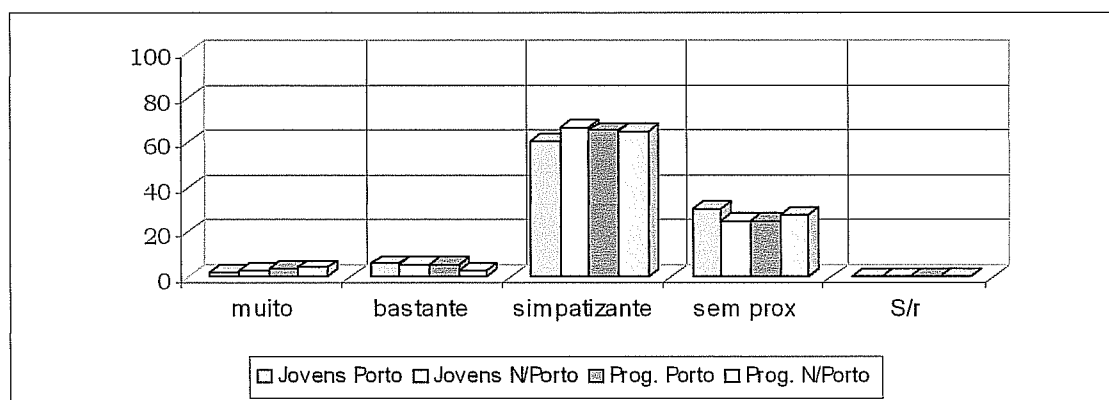
Os jovens autóctones optam mais pelos partidos de Esquerda (13,5%) que os seus pares não autóctones (4,6%), e estes pela Direita (18,5 e 16,7%) que aqueles (15 e 9%), existindo diferenças estatisticamente relevantes entre as amostras.

Os partidos de Extrema-esquerda são mais pontuados pelos progenitores autóctones (4,9%), enquanto que os do Centro encontram mais simpatizantes nos não autóctones (22,2%).

Conforme vemos no quadro 82 e figura 71, os jovens e progenitores não autóctones são os que se revelam mais simpatizantes de um partido (66,7% e 65,5%, respectivamente).

[QUADRO N° 82 - amostra de autóctones e não autóctones - questão 39]

PROXIMIDADE DE PARTIDO POLÍTICO	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	Porto	N/Porto	TOTAL	Porto	N/Porto
Muito ligado	2.5	2.3	2.8	4.0	3.5	4.3
Bastante ligado	5.8	6.0	5.6	3.8	5.6	2.6
Simpatizante	63.5	60.9	66.7	65.3	65.5	65.2
Sem proximidade a nenhum	28.2	30.8	25.0	26.9	25.4	27.8
Sem resposta	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0



Muito - muito ligado ; bastante - bastante ligado, Sem prox - sem proximidade a nenhum; S/r - sem resposta

fig. 72- «Proximidade de partido político» - autóctones e não autóctones

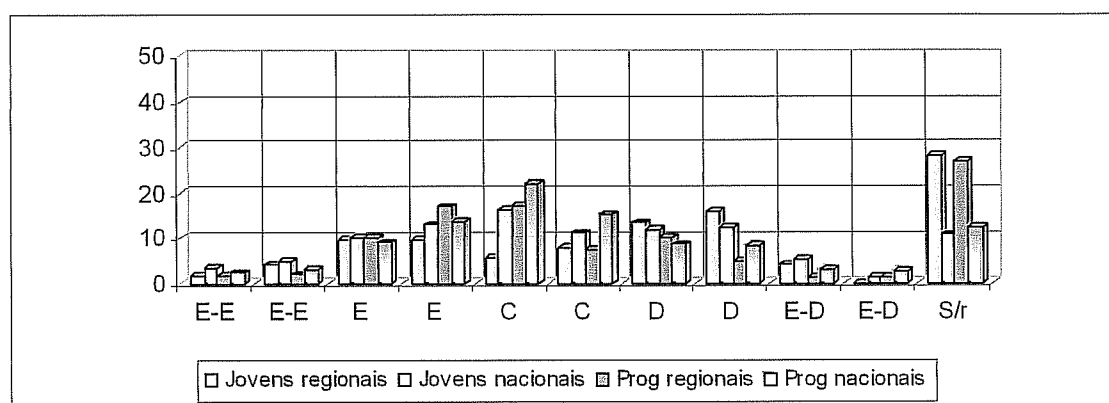
A nível estatístico não se encontram quaisquer diferenças significativas entre as amostras.

4.3.7.1.3 Comparação entre resultados regionais e nacionais

As respostas nacionais não são consensuais com as regionais. Assim, a nível nacional, os jovens optam pelos partidos de Centro-Esquerda (4-5) e os progenitores pelos partidos de Centro (5-6), conforme podemos ver nos quadros 79 e 83 e na figura 73).

[QUADRO Nº 83 - amostra nacional - questão 38]

POSIÇÃO POLÍTICA	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
Extrema-esquerda	3.4	4.0	3.0	2.4	3.0	1.9
Extrema-esquerda	4.8	5.3	4.4	3.1	2.7	3.4
Esquerda	9.9	8.9	10.6	9.0	9.9	8.3
Esquerda	12.9	11.2	14.1	13.7	15.5	12.3
Centro	16.3	14.6	17.6	22.0	20.8	22.8
Centro	11.1	11.0	11.3	15.1	15.0	15.2
Direita	11.8	12.2	11.5	8.5	9.4	7.7
Direita	12.2	14.3	11.3	8.3	7.5	8.9
Extrema-direita	5.2	6.3	4.4	3.1	3.4	2.9
Extrema-direita	1.3	1.3	1.3	2.7	2.3	3.1
Sem resposta	10.7	11.0	10.5	12.1	10.3	13.5



E-E - Extrema-Esquerda; E-E - Extrema-Esquerda ; E - Esquerda; E- Esquerda ; C - Centro; C- Centro ; D- Direita ; D- Direita E- D - Extrema -Direita; S/r - Sem resposta

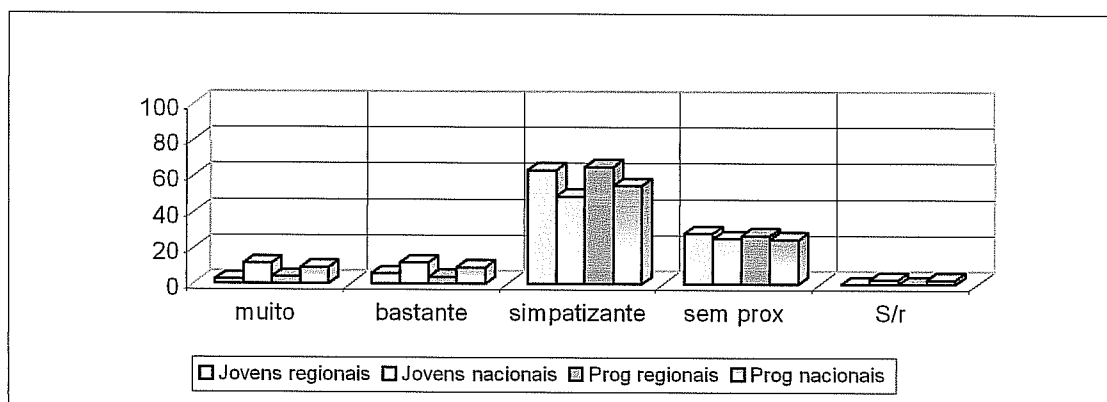
fig. 73 - «Posição política» - regionais e nacionais

Estatisticamente, os progenitores nacionais optam mais pelo Centro (22% e 15,1%) e Direita (8,5 %) que os seus pares regionais (17,2%/7,5% Centro; 4,8% Direita). Quanto aos jovens, a nível nacional optam mais pelo Centro (16,3% e 11,1% nacionais e 5,8 % e 7,9% regionais) e Extrema -Direita (5,2% e 1,3% nacionais e 4,1% e 0% regionais).

Os jovens nacionais estão mais envolvidos com a política nacional (opções «muito ligado» 11,4% para nacionais e 2,5% para regionais e «bastante ligado», com 11,8% para nacionais e 5,8% para regionais) que os pares regionais («sobretudo simpatizantes», com 48,9% contrastando com os 63,5% regionais), havendo diferenças estatisticamente relevantes entre as amostras.

[QUADRO Nº 84 - amostra nacional questão 39]

PROXIMIDADE DE PARTIDO POLÍTICO	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
Muito ligado	11.4	12.0	10.9	9.1	5.2	9.4
Bastante ligado	11.8	13.0	10.9	9.1	3.4	8.6
Simpatizante	48.9	49.5	48.4	54.8	66.1	52.8
Sem proximidade a nenhum	25.3	24.1	26.4	24.7	25.3	26.5
Sem resposta	2.6	1.4	3.4	2.3	0.0	2.8



Muito - muito ligado ; bastante - bastante ligado, Sem prox - sem proximidade a nenhum; S/r - sem resposta

fig. 74 - «Proximidade de partido político» - regionais e nacionais

O mesmo sucede entre progenitores nacionais e regionais. Os progenitores nacionais estão mais envolvidos com a política nacional (opções «muito ligado» 9,1% para nacionais e 4% para regionais e «bastante ligado», com 9,1% para nacionais e 3,8% para regionais) que os pares regionais («sobretudo simpatizantes», com 54,8% contrastando com os 65,3% regionais), havendo diferenças estatisticamente relevantes entre as amostras.

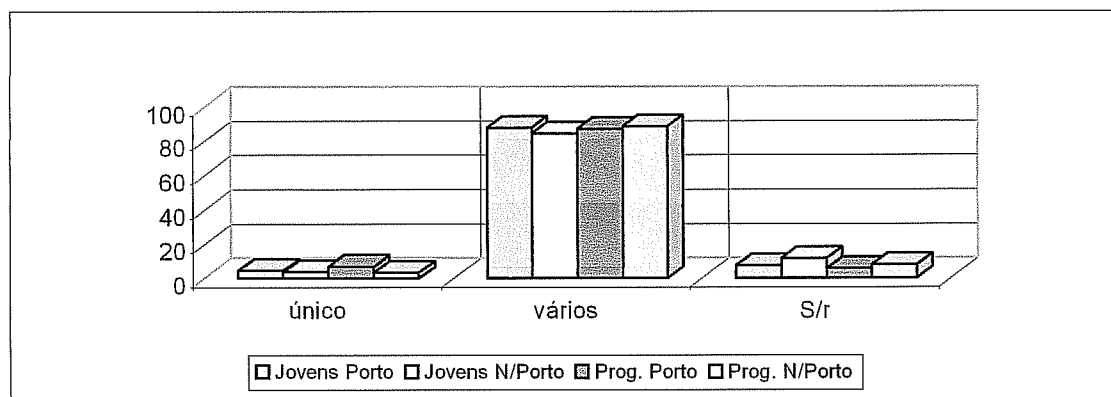
do sistema pluripartidário, existindo diferenças alt. signif. entre as duas amostras.

4.3.7.2.2. Comparação entre resultados de autóctones e não autóctones

São os jovens autóctones (88%) e os progenitores não autóctones (88,7%), que se pronunciam mais fortemente a favor do sistema de «vários partidos», não havendo quaisquer diferenças estatísticas a assinalar (quadro 86 e figura 76).

[QUADRO Nº 86 - amostra de autóctones e n/autóctones - questão 45]

DEMOCRACIA	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	Porto	N/Porto	TOTAL	Porto	N/Porto
As Nações devem orientar-se para um sistema de:						
Partido único	4.1	4.5	3.7	4.8	7.0	3.5
Vários partidos	86.5	88.0	84.7	88.2	87.3	88.7
Sem resposta	9.3	7.5	11.6	7.0	5.6	7.8

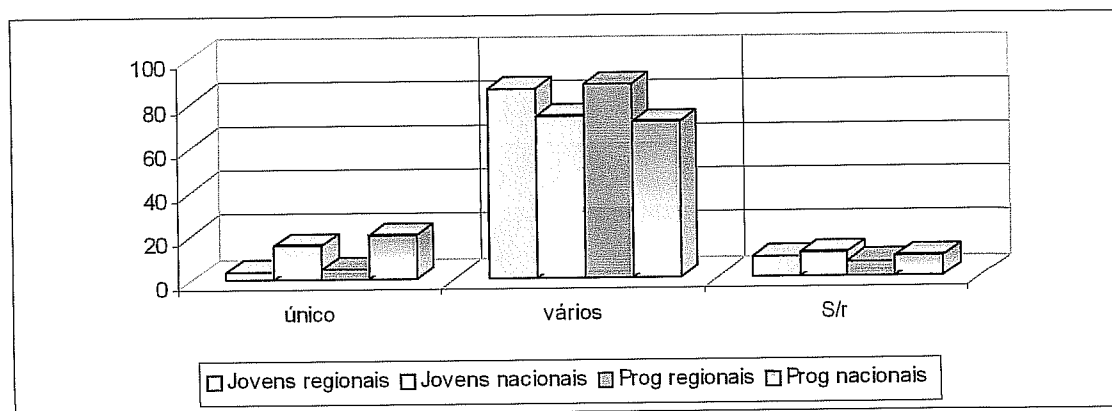


único - As Nações devem orientar-se para sistema de partido único ; vários - As Nações devem orientar-se para sistema de vários partidos

fig. 76 - «Democracia» - autóctones e não autóctones

4.3.7.2.3 Comparação entre resultados regionais e nacionais

Ainda que persista a coincidência de opiniões já anteriormente revelada aquando das amostras regionais, constata-se agora a existência de algumas diferenças estatisticamente relevantes entre as amostras nacionais e regionais (quadro 87 e fig. 77).



único - As Nações devem orientar-se para sistema de partido único ; vários - As Nações devem orientar-se para sistema de vários partidos

fig. 77 - «Democracia» - regionais e nacionais

[QUADRO N° 87 - amostra nacional - questão 45]

DEMOCRACIA	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
As Nações devem orientar-se para um sistema de:						
Partido único	15.7	14.1	16.9	20.0	15.2	23.8
Vários partidos	73.6	78.8	69.6	70.7	77.9	64.9
Sem resposta	10.8	7.2	13.5	9.4	6.9	11.3

Os progenitores nacionais são mais a favor do sistema de um partido único (20%) que os seus pares regionais (4,8%), assim como os jovens nacionais colocam mais a hipótese do sistema de um único partido (15,7%) que os regionais (4,1%).

4.3.7.3 Revolução/ Evolução

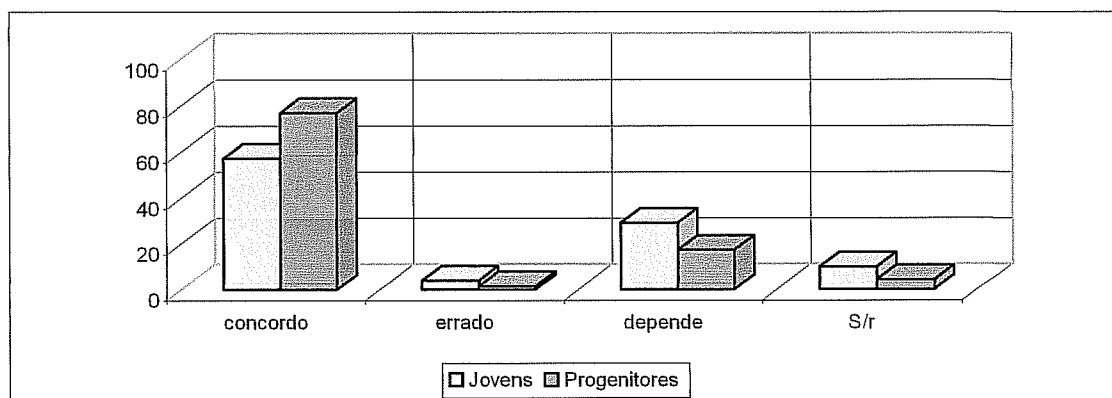
4.3.7.3.1 Resultados da amostra regional

À questão «Não é na revolução que existe a salvação e a justiça, mas sim na evolução bem orientada», as duas gerações respondem claramente no sentido evolucionista (quadro n°85 e fig.77).

A opção é mais marcada nos progenitores (76,9%) que nos jovens (57,1%) existindo dif. alt. signif. entre as amostras no que respeita a esta questão. A opção de recurso à violência, é colocada muito mais pelos jovens (29%) que pelos progenitores (17,2%)

[QUADRO Nº 88 - amostra regional - questão 23]

REVOLUÇÃO/EVOLUÇÃO	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
Concordo inteiramente	57.1	56.0	59.7	76.9	78.7	75.3
É radicalmente errado	4.1	4.4	3.6	1.6	1.6	3.0
Há circunstâncias em que só a violência é o remédio adequado	29.0	30.6	25.2	17.2	17.2	16.7
Sem resposta	9.8	9.0	11.5	4.3	3.4	5.1



Concordo - concordo inteiramente ; errado - é radicalmente errado; depende - há circunstâncias em que só a violência é o remédio adequado; S/ r - sem resposta

fig. 78 - revolução/ evolução - regionais

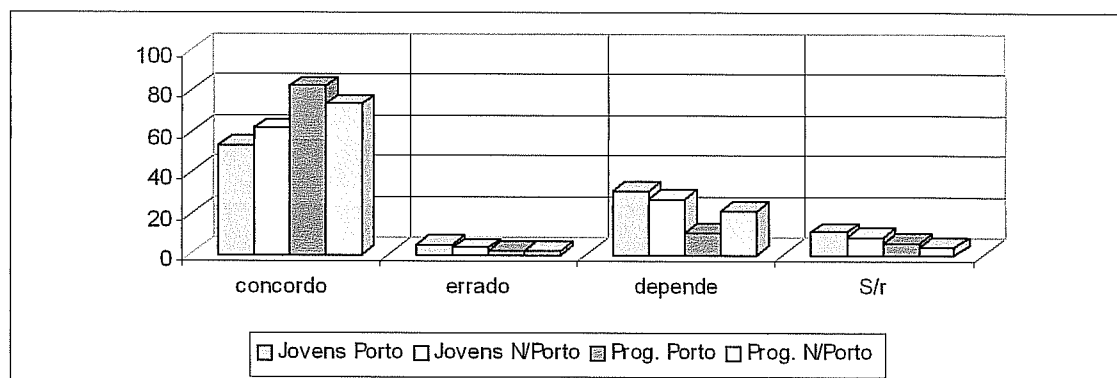
Analisando por sexos e entre gerações, constatamos que existe um claro desacordo entre pais e rapazes. Os pais são mais a favor da evolução (78,7% pais e 56% para os rapazes) e os rapazes optam pela violência ou pela revolução (30,6% e 4,4%, 17,2 e 1,6% para os pais). As mães são também mais adeptas da evolução (75,3%) que as raparigas (59,7%).

4.3.7.3.2 Comparação entre resultados de autóctones e não autóctones

Os jovens não autóctones (61,6%) e os progenitores autóctones (82,4%), pontuam mais a primeira opção (quadro nº 89 e fig. 79).

[QUADRO Nº 89 - amostra de autóctones e n/autóctones - questão 23]

	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	Porto	N/Porto	TOTAL	Porto	N/Porto
Concordo inteiramente	57.1	53.4	61.6	76.9	82.4	73.5
É radicalmente errado	4.1	4.9	3.2	1.6	1.4	1.7
Há circunstâncias em que só a violência é o remédio adequado	29.0	30.8	26.9	17.2	10.6	21.3
Sem resposta	9.8	10.9	8.3	4.3	5.6	3.5



Concordo - concordo inteiramente ; errado - é radicalmente errado; depende - há circunstâncias em que só a violência é o remédio adequado; S/ r - sem resposta

fig. 79 – evolução /evolução - autóctones e não autóctones

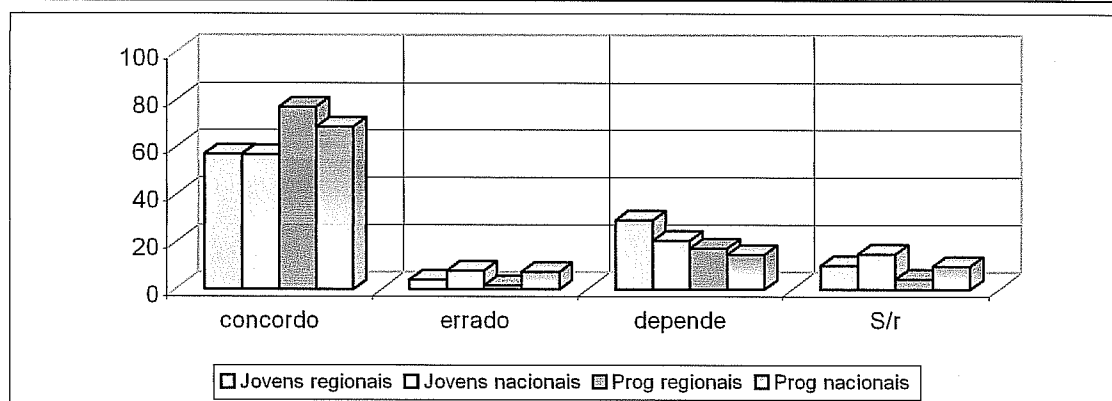
Estatisticamente os progenitores não autóctones colocam mais a hipótese da violência (21,3%) que os seus pares autóctones (10,6%).

4.3.7.3.3 Comparação entre resultados regionais e nacionais

Os resultados nacionais são consensuais com os regionais (quadros nº 88 e 90 e fig. 80), mas os jovens nacionais pontuam mais (7,8%) que os seus pares regionais (4,1%) a opção «é radicalmente errado», enquanto que os regionais colocam mais a hipótese de recurso à violência (20,4% e 29%, respectivamente).

[QUADRO Nº 90 - amostra nacional - questão 23]

	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
Concordo inteiramente	57.0	53.5	59.7	68.6	68.3	68.9
É radicalmente errado	7.8	8.7	7.1	7.2	6.6	7.6
Há circunstâncias em que só a violência é o remédio adequado	20.4	25.0	16.9	14.5	17.7	11.9
Sem resposta	14.8	12.8	16.3	9.7	7.4	11.5



Concordo - concordo inteiramente ; errado - é radicalmente errado; depende - há circunstâncias em que só a violência é o remédio adequado; S/ r - sem resposta

fig. 80 – revolução / evolução - regionais e nacionais

Entre as amostras de progenitores existem também dif. alt. signif., sendo que os progenitores regionais são mais defensores da hipótese evolucionista (76,9%) que os nacionais (68,6%). Por sua vez, os jovens nacionais optam mais pela revolução (7,8%) que os regionais (4,1%) e os regionais colocam mais a hipótese de recurso à violência (29% e 20,4%, respectivamente).

4.4 SEXUALIDADE, CASAMENTO E FAMÍLIA

4.4.1 VIDA SEXUAL PRÉ-MATRIMONIAL

4.4.1.1 Resultados da amostra regional

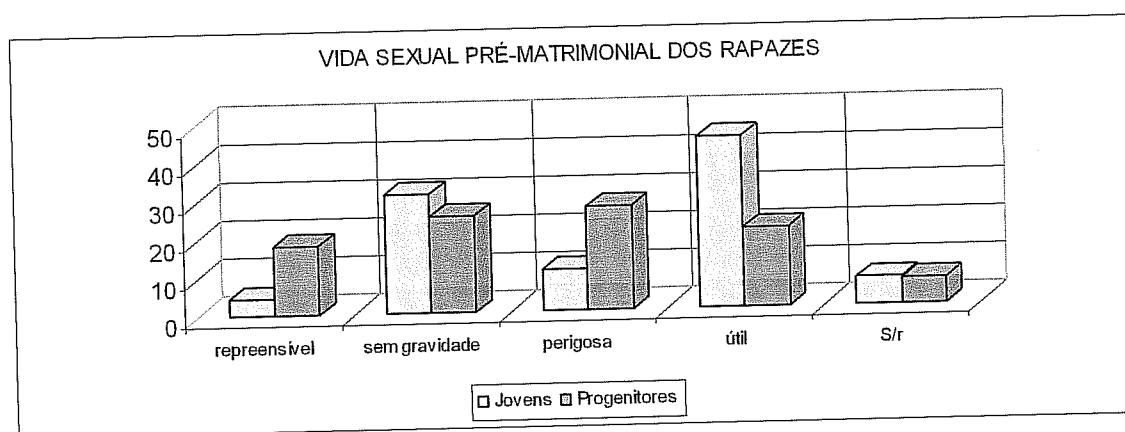
A atitude dos jovens e progenitores, perante a vida sexual pré-matrimonial das raparigas e dos rapazes é, aparentemente igual (quadros nº 91 e 92 e figuras 82 e 83).

Os jovens, no caso dos rapazes (45,4%) e das raparigas (34,6%), consideram que as experiências sexuais são por vezes úteis e sem gravidade (31,5% e 32%, respectivamente)

Os progenitores, oscilam entre, no caso do rapaz, considerá-las perigosas (27,4%) ou então sem gravidade (25,8) enquanto que, tratando-se da sexualidade das raparigas, será considerada perigosa (43%) ou mesmo repreensível (22,3%).

[QUADRO Nº 91 - amostra regional - questão 10 - no caso dos rapazes]

VIDA SEXUAL PRÉ-MATRIMONIAL	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
Repreensível	4.6	5.0	3.6	18.5	15.5	21.2
Sem gravidade	31.5	28.9	38.1	25.8	29.9	22.2
Perigosa	11.0	11.1	10.8	27.4	25.9	28.8
Por vezes útil	45.4	49.9	34.5	21.2	23.0	19.7
Sem resposta	7.5	5.2	12.9	7.0	5.7	8.1



figs. 81 - «Vida sexual pré-matrimonial dos rapazes» regionais²⁰

²⁰ colocámos nas figuras 80,81,82,83,84,85, uma escala de 0-50 para que os dados sejam mais visíveis

[QUADRO Nº 92 - amostra regional - questão 11 - no caso das raparigas]

VIDA SEXUAL PRE-MATRIMONIAL	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
Repreensível	5.8	6.1	5.0	22.3	19.0	25.3
Sem gravidade	32.0	27.1	43.9	16.9	19.5	14.6
Perigosa	14.7	14.9	14.4	43.0	42.0	43.9
Por vezes útil	34.6	37.0	28.8	12.9	14.9	11.1
Sem resposta	12.9	14.9	7.9	4.8	4.6	5.1

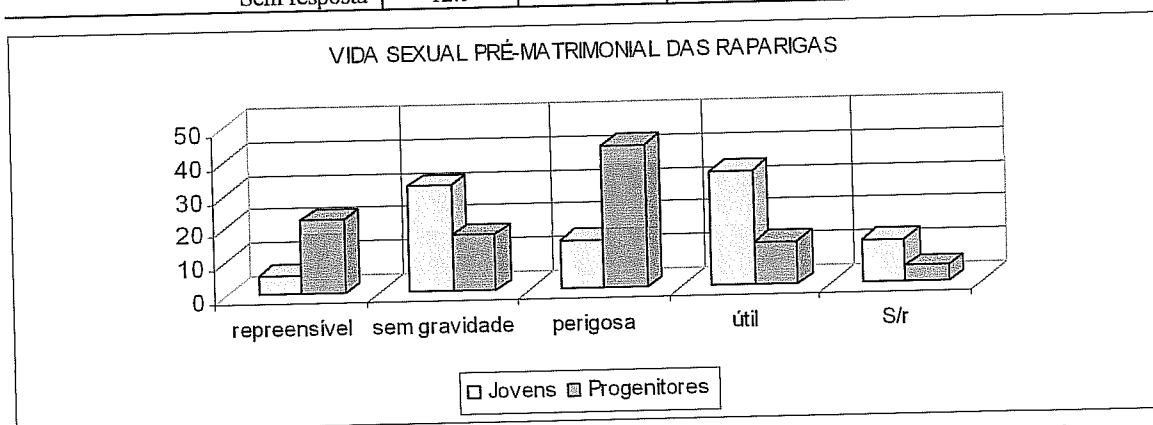


fig. 82 - «Vida sexual pré-matrimonial das raparigas» - regionais

Estatisticamente, no caso da sexualidade do rapaz:

Os progenitores optam mais que os jovens, por considerá-la repreensível (18,5% e 4,6% - jovens) e perigosa (27,4% e 11% - jovens), enquanto que os jovens (45,4%) a encaram mais que os progenitores (21,2%), como útil.

Dentro da geração de progenitores, existe um total consenso.

Dentro da geração os jovens, os rapazes mais que as raparigas, consideram que se a sua sexualidade poder existir antes do casamento, até tem alguma utilidade (49,9% e 34,5%, respectivamente rapazes e raparigas).

Entre pais e rapazes, existem pontos de discórdia. Os pais consideram mais que os rapazes, que a sexualidade pré-matrimonial masculina é repreensível (15,5% - pais ; 5% - rapazes) e perigosa (25,9% - pais ; 11,1% - rapazes), enquanto que os rapazes voltam a acentuar face aos mais velhos, a sua utilidade (49,9% - rapazes, 23% - pais).

Estatisticamente, os progenitores optam mais por considerar repreensível e perigosa, enquanto que os jovens a encaram como útil.

Os rapazes consideram, mais que as raparigas, que as experiências sexuais pré-matrimoniais masculinas poderão ser úteis, existindo dif. alt. signif. entre estas duas amostras.

As mães e os pais, consideram repreensível e perigoso, enquanto que rapazes e raparigas acham sem gravidade e até útil.

Tratando-se da vida sexual das raparigas :

Existe um total desacordo entre as duas gerações. Os progenitores acham repreensível (22,3%) e perigosa (43%), enquanto que os jovens a encaram como algo sem gravidade (32%) e até útil (34,6%).

Existe total consenso entre mães e pais.

As raparigas acentuam mais que os rapazes, a falta de gravidade (43,9% e 27,1%, respectivamente).

Os pais mostram-se mais conservadores que os rapazes. Assim, os mais velhos optam por considerar repreensível e perigosa, enquanto que os jovens não encontram gravidade e até consideram úteis as experiências sexuais pré-matrimoniais femininas (dif. alt. signif. entre as amostras referidas, face a estas opções).

4.4.1.2 Comparação entre resultados de autóctones e não autóctones

Os progenitores autóctones condenam mais as experiências sexuais pré-matrimoniais (femininas e masculinas) que os jovens autóctones (ver quadros nº 93 3 94 e figuras 84 e 85).

[QUADRO Nº 93 - amostra de autóctones e n/autóctones - questão 10 - no caso do rapaz]

VIDA SEXUAL PRE-MATRIMONIAL	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	Porto	N/Porto	TOTAL	Porto	N/Porto
Repreensível	4.6	5.3	3.7	18.5	18.3	18.7
Sem gravidade	31.5	34.2	28.2	25.8	21.1	28.7
Perigosa	11.0	12.4	9.3	27.4	32.4	24.3
Por vezes útil	45.4	41.0	50.9	21.2	19.0	22.6
Sem resposta	7.5	7.1	7.9	7.0	9.2	5.7

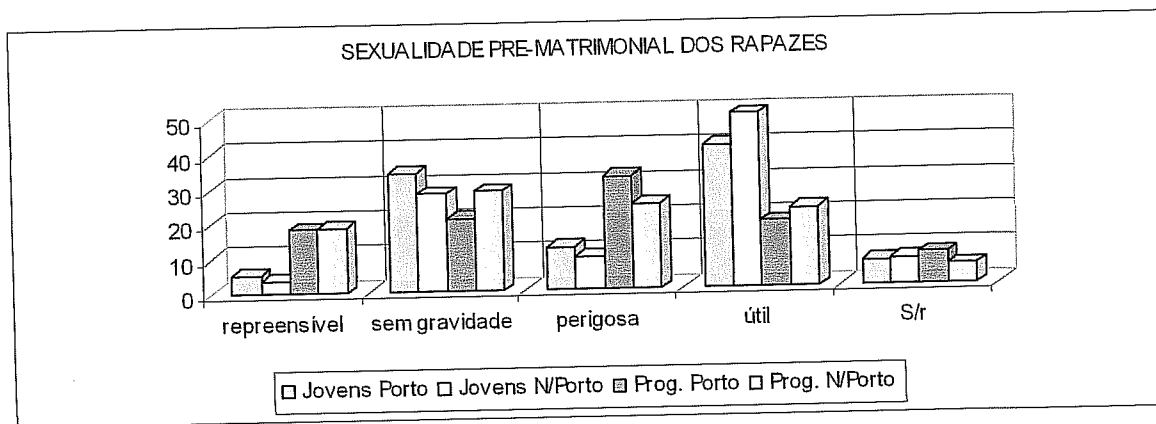


fig. 83- «Vida sexual pré-matrimonial dos rapazes » - autóctones e não autóctones

[QUADRO Nº94 - amostra de autóctones e n/autóctones - questão 11 - no caso da rapariga]

VIDA SEXUAL PRÉ-MATRIMONIAL	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	Porto	N/Porto	TOTAL	Porto	N/Porto
Repreensível	5.8	6.0	5.6	22.3	25.4	20.4
Sem gravidade	32.0	33.5	30.1	16.9	10.6	20.9
Perigosa	14.7	15.4	13.9	43.0	45.8	41.3
Por vezes útil	34.6	31.6	38.4	12.9	14.1	12.2
Sem resposta	12.9	13.5	12.0	4.8	4.2	5.2

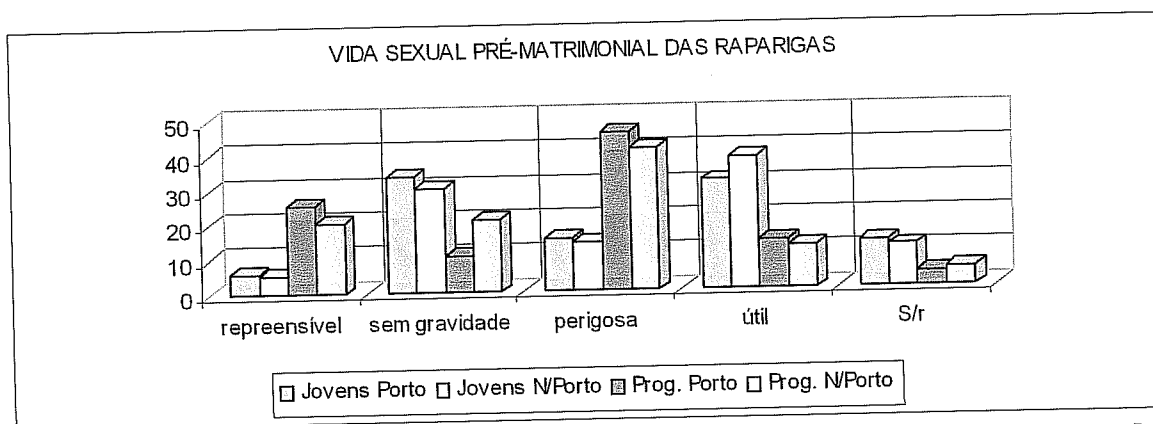


fig. 84 - «Vida sexual pré-matrimonial das raparigas » - autóctones e não autóctones

Estatisticamente, entre jovens autóctones e não autóctones há consenso em relação à sexualidade pré-matrimonial, quer se trate de uma rapariga ou de um rapaz.

Entre progenitores, face à sexualidade do rapaz há consenso. Tratando-se de uma rapariga, os autóctones são mais conservadores que os não autóctones.

Nas amostras de jovens persiste um consenso absoluto de posturas face a esta questão.

4.4.1.3 Comparação entre resultados regionais e nacionais

As opiniões nacionais não são completamente coincidentes com as obtidas a nível regional (quadros nº 95 e 96 e figuras 85 e 86). A sexualidade masculina, é encarada pelos jovens como útil (34,9%), e os progenitores, sem gravidade (30,3%).

Face à sexualidade feminina, os jovens consideram-na sem gravidade (35,7%), enquanto que os progenitores optam por achá-la perigosa (39%).

Os progenitores (nacionais e regionais), têm opiniões consensuais, quer se trate da vida sexual pré-matrimonial feminina ou masculina.

[QUADRO Nº 95 - amostra nacional - questão 10 - no caso do rapaz]

VIDA SEXUAL PRÉ-MATRIMONIAL	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
Repreensível	9.3	10.6	8.3	18.0	16.6	19.1
Sem gravidade	31.6	28.4	34.1	30.3	31.7	29.2
Perigosa	9.2	9.9	8.8	24.5	22.7	25.8
Por vezes útil	34.9	43.5	28.2	19.6	23.2	16.8
Sem resposta	15.0	7.6	20.6	7.7	5.7	9.2

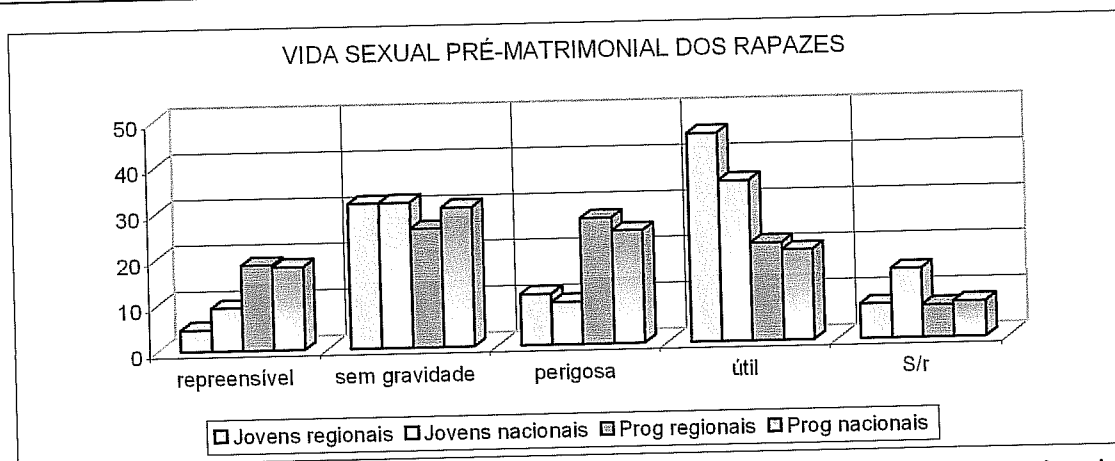
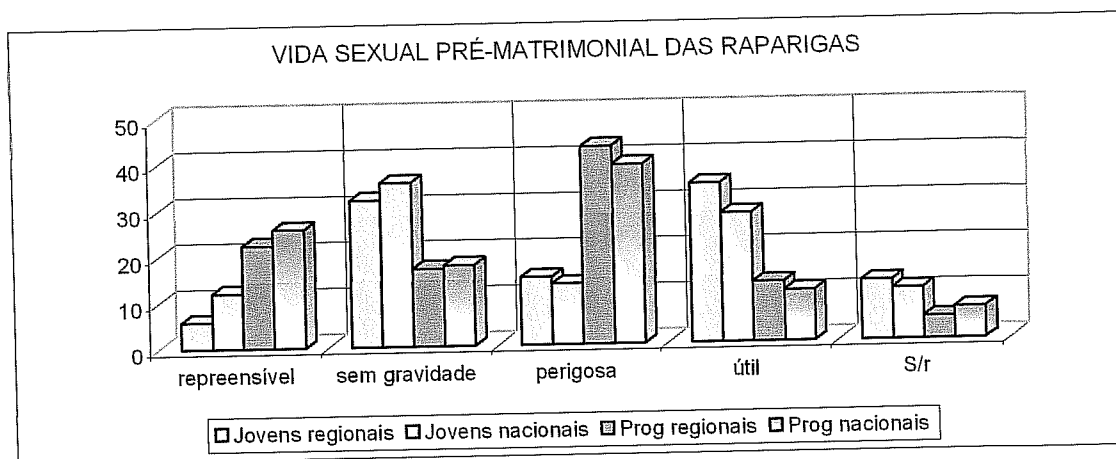


fig. 85 - «Vida sexual pré-matrimonial dos rapazes » - regionais e nacionais

[QUADRO Nº 96 - amostra nacional - questão 11 - no caso da rapariga]

VIDA SEXUAL PRÉ-MATRIMONIAL	JOVENS			PROG ENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
Repreensível	12.0	13.5	10.9	25.7	24.3	26.8
Sem gravidade	35.7	28.6	41.2	17.6	17.7	17.4
Perigosa	13.2	12.8	13.5	39.0	36.5	41.0
Por vezes útil	28.0	28.2	27.9	11.0	12.6	9.8
Sem resposta	11.1	16.9	6.9	6.8	9.0	5.0



figs. 86 - «Vida sexual pré-matrimonial das raparigas » - regionais e nacionais

Entre as amostras de jovens, nacionais e regionais, existem algumas diferenças significativas a nível estatístico. Os jovens nacionais mostram-se mais conservadores que os regionais face à sexualidade pré-matrimonial, quer se trate da sexualidade feminina, quer masculina, considerando-a mais vezes repreensível (9,3% - no caso masculino; 12% no caso feminino) que os seus pares regionais (4,6% - no caso masculino; 5,8% no caso feminino).

Regionalmente, os jovens são mais de opinião que seja útil, tanto para as raparigas (34,6%) como para os rapazes (45,4%), que a sua vida sexual se inicie antes do casamento (nacionalmente pontuam com 28% e 34,9%, respectivamente, estas opções)

4.4.2 O QUE É MAIS IMPORTANTE NA VIDA

Nesta questão, apenas iremos descrever o que as duas gerações elegeram para primeiro, segundo e terceiro lugares.

4.4.2.1 Resultados da amostra regional

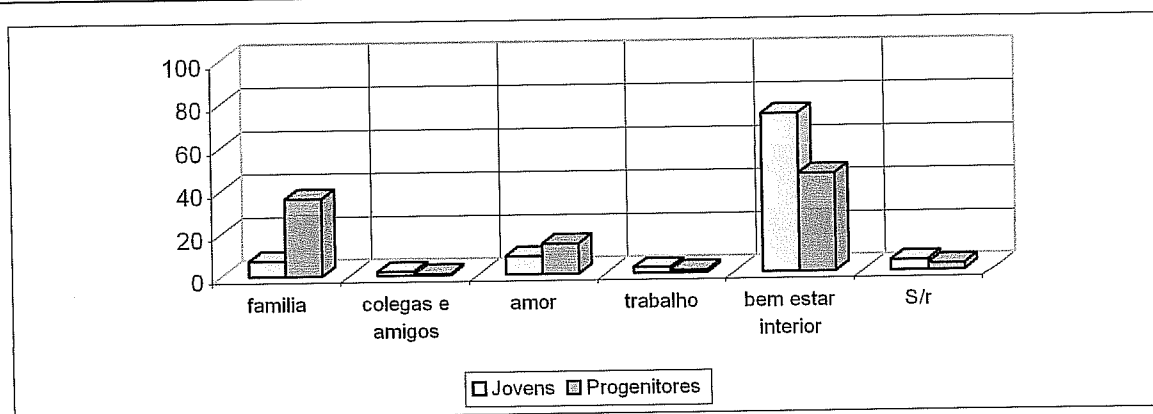
Os jovens ordenaram regressivamente o «bem-estar consigo próprio» (75,3%), «o amor» (8,3%) e as «as relações com a família» (7,1%). Os progenitores colocam também em primeiro lugar o «bem-estar consigo próprio» (45,4%),

seguindo-se-lhe «as relações com a família» (36%) e «o amor» (14%) (quadro nº97 e fig. 87)

Estatisticamente os jovens optam mais pelo bem-estar a nível interior (75,3%) que os progenitores (45,4%), e estes acentuam face àqueles, a importância das relações com a família (36%, 7,1% para os jovens) e o amor (19,7% e 8,3% para os jovens). Existe total consenso entre progenitores.

[QUADRO Nº 97 - amostra regional - questão 3]

O QUE É MAIS IMPORTANTE NA VIDA	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
As relações com a família	7.1	7.3	6.5	36.0	32.2	39.4
As relações com colegas e amigos	1.7	2.3	0.0	0.5	0.0	1.0
O amor	8.3	7.0	11.5	14.0	12.6	15.2
A satisfação profissional	2.5	2.3	2.9	1.1	2.3	0.0
O bem-estar consigo próprio	75.3	74.6	77.0	45.4	49.4	41.9
Sem resposta	4.8	5.2	3.6	3.0	3.4	2.5



Família - as relações com a família; colegas e amigos - as relações com os colegas e amigos; amor - o amor; trabalho - a satisfação profissional; bem-estar interior - o bem-estar interior consigo próprio; S/r - sem resposta

fig. 87 - «O que é mais importante na vida » - regionais

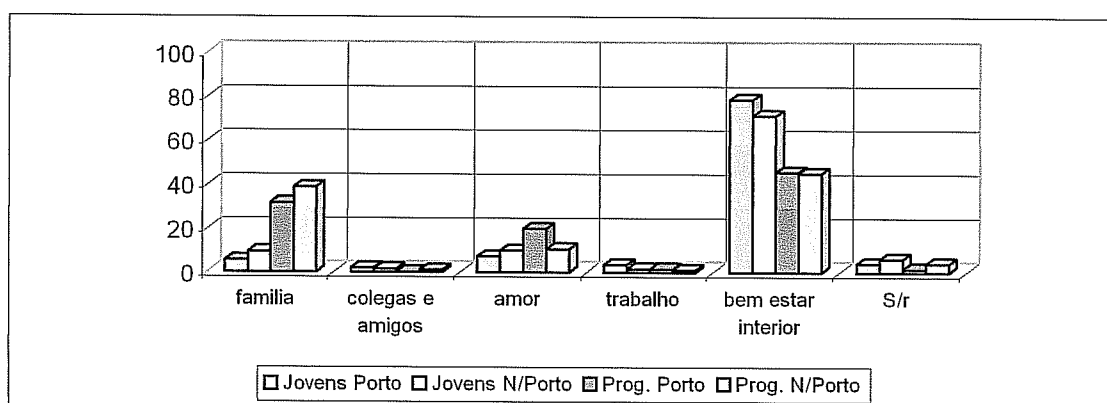
Os rapazes importam-se mais com as relações de amizade (2,3%) que as raparigas (0%). Os pais preocupam-se com a família (32,2%, 7,3 para os rapazes) e os rapazes mais com a relação com os amigos (2,3% e 0% para os pais). As mães valorizam mais as relações familiares (39,4%) que as raparigas (6,5%), enquanto que estas optam significativamente mais pelo bem estar interior (77%) que as mães (41,9%).

4.4.2.2 Comparação entre resultados de autóctones e não autóctones

Os progenitores (autóctones e não autóctones) acentuam face aos jovens (autóctones e não autóctones), a importância que concedem às relações familiares e ao amor, enquanto que os jovens optam mais por valorizar o bem estar interior (quadro nº98 e fig. 88)

[QUADRO Nº 98 - amostra de autóctones e n/autóctones - questão 3]

O QUE É MAIS IMPORTANTE NA VIDA	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	Porto	N/Porto	TOTAL	Porto	N/Porto
As relações com a família	7.1	5.3	9.3	36.0	31.7	38.7
As relações com colegas e amigos	1.7	1.9	1.4	0.5	0.0	0.9
O amor	8.3	7.1	9.7	14.0	19.7	10.4
A satisfação profissional	2.5	3.4	1.4	1.1	1.4	0.9
O bem-estar consigo próprio	75.3	78.6	71.3	45.4	45.8	45.2
Sem resposta	4.8	3.8	6.0	3.0	1.4	3.9



Família – as relações com a família; colegas e amigos – as relações com os colegas e amigos; amor – o amor; trabalho – a satisfação profissional; bem-estar interior – o bem-estar interior consigo próprio; S/r – sem resposta

fig. 88- «O que é mais importante na vida » - autóctones e não autóctones

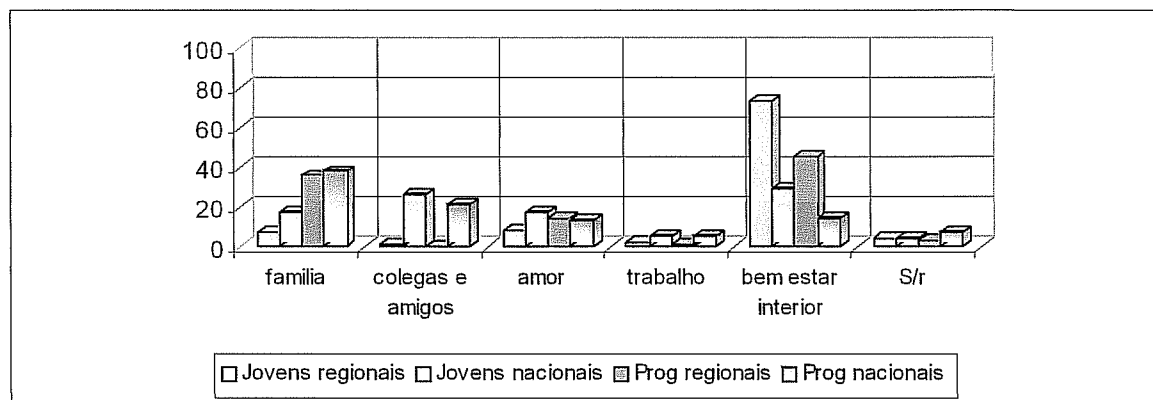
Dentro da mesma geração e entre os respectivos pares (autóctones e não autóctones) existe consenso total.

4.4.2.3 Comparação entre resultados regionais e nacionais

Não existe um total consenso entre as opiniões nacionais e regionais (figura 88). A nível nacional, os jovens dão também prioridade ao bem-estar interior (29,4%), mas os progenitores valorizam mais as relações com a família (38%).

[QUADRO Nº 99 - amostra nacional - questão 3]

O QUE É MAIS IMPORTANTE NA VIDA	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
As relações com a família	17.7	17.6	17.8	38.0	39.1	37.1
As relações com colegas e amigos	26.1	23.9	27.7	21.6	23.9	19.9
O amor PROGENITORES	17.2	19.9	15.1	13.8	12.5	14.9
A satisfação profissional	5.0	5.5	4.6	5.1	3.9	5.9
O bem estar consigo próprio	29.4	27.2	31.1	14.2	12.7	15.4
Sem resposta	4.7	5.9	3.8	7.2	7.8	6.8



Família – as relações com a família; colegas e amigos – as relações com os colegas e amigos; amor – o amor; trabalho – a satisfação profissional; bem-estar interior – o bem-estar interior consigo próprio; S/r – sem resposta

fig. 89- «O que é mais importante na vida » - regionais e nacionais

Estatisticamente, os progenitores nacionais valorizam mais as relações de amizade (21,6%) e a realização profissional (5,1%), que regionalmente (36% e 1,1%, respectivamente), enquanto que regionalmente é dado mais importância ao bem estar interior (45,4%) que nacionalmente (14,2%).

Entre as amostras de jovens há um claro desacordo. Os jovens nacionais valorizam mais as relações familiares (17,7%), as amizades (26,1%), o amor (17,2%) e a profissão (5%) que os regionais (rel. familiares: 7,1%, amizade: 1,7%; amor: 8,3%; profissão: 2,5%), enquanto que os jovens regionais valorizam mais o bem-estar interior (75,3%, 29,4% para os nacionais).

4.4.3 FINS DO CASAMENTO

4.4.3.1 Resultados da amostra regional

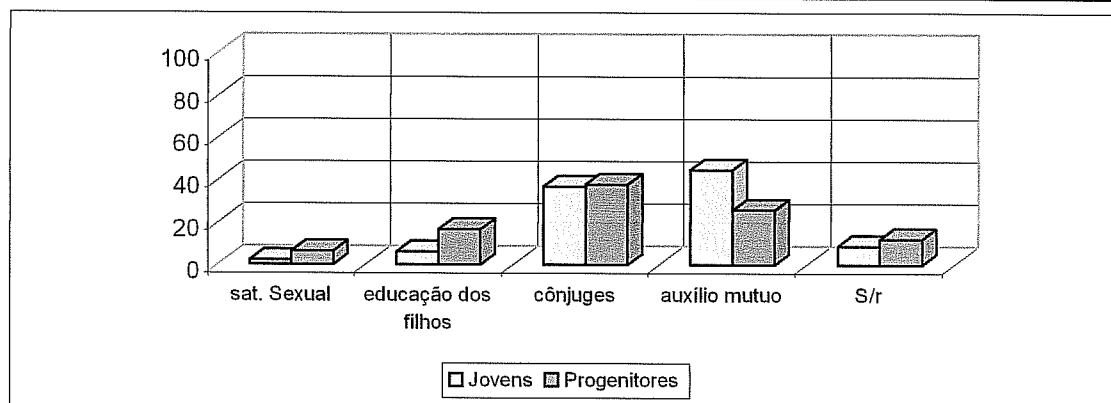
Quando questionados em relação à finalidade do casamento, os jovens responderam que é «o auxílio mútuo entre os esposos» (45%), enquanto que

para os progenitores o casamento contribui para a realização humana dos cônjuges (38,2%) (quadro nº 100 e figura 90).

Estatisticamente, os progenitores optam mais que os jovens, por encarar o casamento como um meio de legitimar a sexualidade (6,5 % – progenitores e 2,1% - jovens) e também de procriação (16,7% - progenitores e 6,2% - jovens), enquanto que os jovens o encaram como uma ligação cujo objectivo é favorecer a ajuda mútua (45% - jovens; 26,1%- progenitores).

[QUADRO Nº 100 - amostra regional - questão 8]

FINS DO CASAMENTO	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
Meio legítimo de satisfação sexual	2.1	1.5	3.6	6.5	8.0	5.1
Procriação e educação dos filhos	6.2	6.1	6.5	16.7	18.4	15.2
Realização humana dos cônjuges	37.6	36.7	39.5	38.2	43.1	33.8
Auxílio mútuo entre os esposos	45.0	46.9	40.3	26.1	21.8	29.8
Sem resposta	8.9	8.7	9.4	12.1	7.5	16.2



Sat. Sexual – meio legítimo de satisfação sexual, educação dos filhos – procriação e educação dos filhos; cônjuges – realização humana dos cônjuges; auxílio mútuo – auxílio mútuo entre os esposos; S/r – sem resposta

fig. 90 - «Fins do casamento» - regionais

Entre sexos há consenso dentro da mesma geração.

Entre gerações, os pais acentuam face aos rapazes e as mães face às raparigas, o facto de o casamento legitimar a sexualidade e permitir a educação dos filhos.

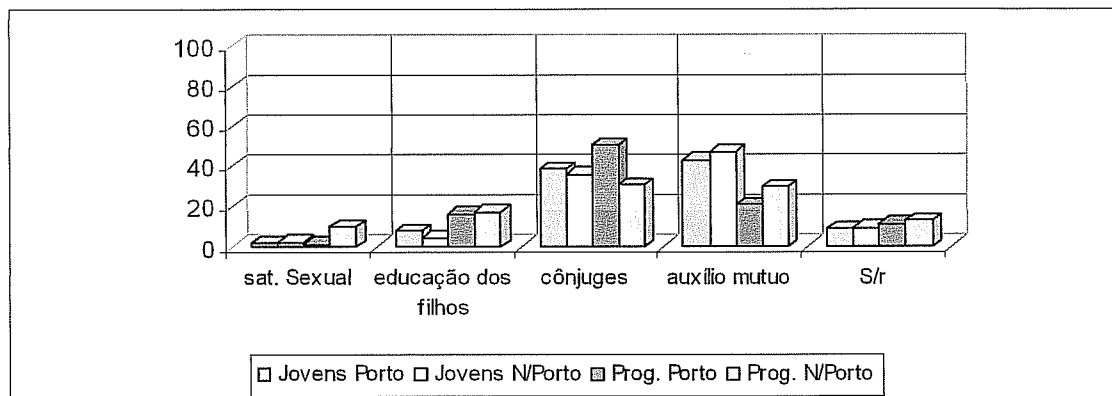
4.4.3.2 Comparação entre resultados de autóctones e não autóctones

Os progenitores autóctones consideram que o casamento tem como objectivo a realização humana (38,2%), enquanto que os seus pares não autóctones o

encaram mais com um meio de exercer o impulso sexual (9,6%), detectando-se a existência de dif. alt. signif. entre estas duas opiniões.

[QUADRO N° 101 - amostra de autóctones e n/autóctones - questão 8]

FINS DO CASAMENTO	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	Porto	N/Porto	TOTAL	Porto	N/Porto
Meio legítimo de satisfação sexual	2.1	1.9	2.3	6.5	1.4	9.6
Procriação e educação dos filhos	6.2	7.9	4.2	16.7	16.2	17.0
Realização humana dos cônjuges	37.6	38.7	36.1	38.2	50.7	30.4
Auxílio mútuo entre os esposos	45.0	43.2	47.2	26.1	20.4	29.6
Sem resposta	8.9	8.7	9.4	12.1	7.5	16.2



Sat. Sexual – meio legítimo de satisfação sexual, educação dos filhos – procriação e educação dos filhos; cônjuges – realização humana dos cônjuges; auxílio mútuo – auxílio mútuo entre os esposos; S/r – sem resposta

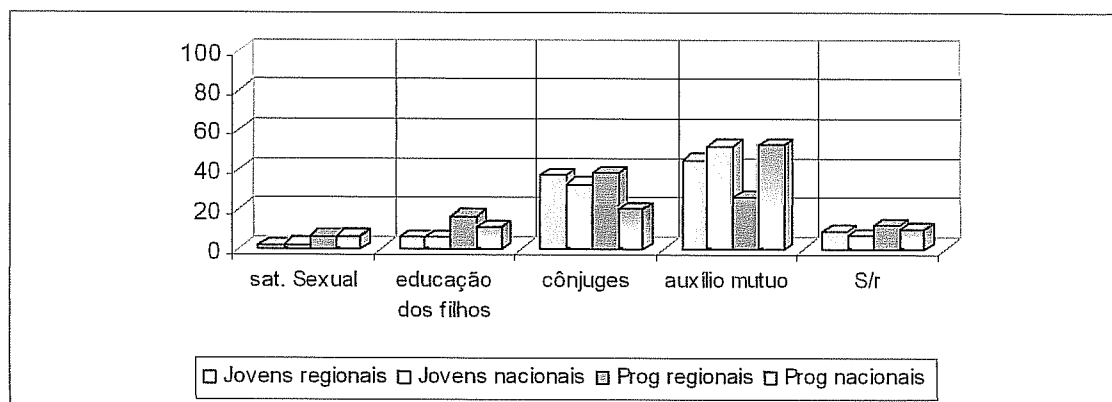
fig. 91 - «Fins do casamento » - autóctones e não autóctones

4.4.3.3 Comparação entre resultados regionais e nacionais

As opções dos progenitores nacionais não são consensuais com os seus pares regionais, sendo que a nível nacional optam em primeiro lugar por considerar que o objectivo central do casamento é promover o auxílio mútuo entre os cônjuges (quadro n°102 e fig. 92)

[QUADRO N° 102 - amostra nacional - questão 8]

FINS DO CASAMENTO	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
Meio legítimo de satisfação sexual	2.3	2.8	1.8	6.3	7.7	5.3
Procriação e educação dos filhos	5.8	6.9	5.0	11.1	11.2	11.1
Realização humana dos cônjuges	32.9	33.3	32.6	20.1	20.3	20.1
Auxílio mútuo entre os esposos	52.1	49.3	54.3	52.3	50.9	53.3
Sem resposta	6.9	7.8	6.2	10.1	10.0	10.2



Sat. Sexual – meio legítimo de satisfação sexual, educação dos filhos – procriação e educação dos filhos; cônjuges – realização humana dos cônjuges; auxílio mútuo – auxílio mútuo entre os esposos; S/r – sem resposta

fig. 92 - «Fins do casamento » - regionais e nacionais

Estatisticamente os progenitores regionais optam mais pelas opções «procriação e educação dos filhos», «realização humana dos cônjuges», enquanto que os regionais pontuam mais a opção «auxílio mútuo entre os cônjuges», encontrando-se dif. alt. signif. entre as amostras.

Os jovens nacionais acentuam face aos seus pares regionais, que o casamento tem como objectivo principal promover o auxílio mútuo entre os esposos.

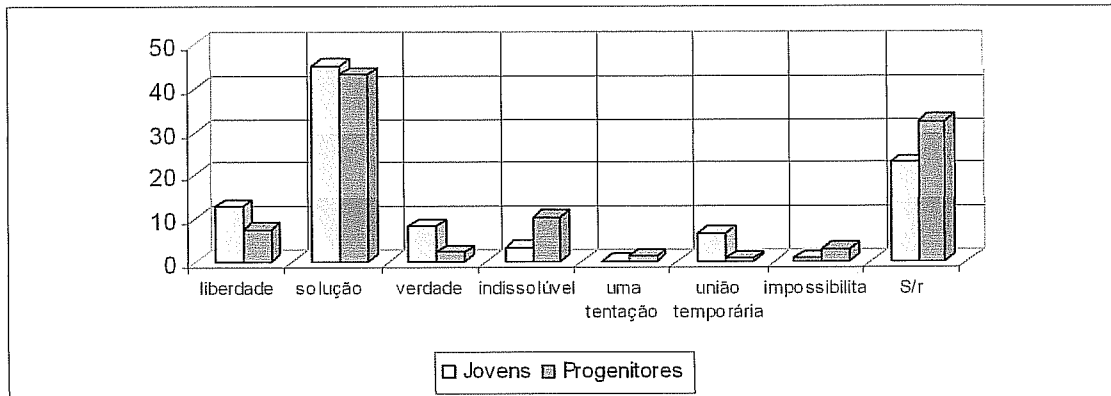
4.4.4 DIVÓRCIO

4.4.4.1 Resultados da amostra regional

Tanto jovens (45,4%) como progenitores (43,3%) dizem concordar com o divórcio, encarando-o como solução para situações de desavença conjugal (quadro nº103 e figura nº 93). Em segundo lugar, os jovens continuam a concordar com o divórcio, acrescentando que é a expressão natural da liberdade (12,7%). Os progenitores optam depois por uma opção de discordância com o divórcio, com base no argumento de que se trata de uma ligação indissolúvel (10,2%)

[QUADRO N° 103 - amostra regional - questão 9]

DIVÓRCIO	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
Concordo porque é:						
Expressão natural da liberdade	12.7	13.7	10.1	7.3	6.3	8.1
Solução para situações muito graves	45.4	45.8	44.6	43.3	42.5	43.9
Possibilita a verdade total do amor	8.1	7.0	10.8	2.2	3.4	1.0
Discordo porque :						
O casamento é indissolúvel	3.3	4.1	1.4	10.2	7.5	12.6
É uma tentação contra a fidelidade	0.0	0.0	0.0	1.1	0.0	2.0
Pode transformar o casamento ...	6.6	6.7	6.5	0.8	0.6	1.0
Impossibilita a educação dos filhos	0.8	0.9	0.7	2.7	2.3	3.0
Sem resposta	23.0	21.9	25.9	32.5	37.4	28.3



liberdade - concordância porque é a expressão natural da liberdade ; solução - concordância porque é a solução para situações muito graves de desarmonia conjugal, verdade - concordância porque possibilita a verdade total do amor; indissolúvel - discordância porque o casamento é indissolúvel; uma tentação - discordância porque é uma tentação contra a fidelidade conjugal ; união temporária - discordância porque pode transformar o casamento numa união natural, temporária, de ensaio; impossibilita - discordância porque impossibilita a educação dos filhos; S/r - sem resposta

fig. 93 - «divórcio» - regionais₂₁

Estatisticamente, existem grandes diferenças de opinião entre jovens e progenitores. Os jovens pontuam significativamente as opções de concordância com base nos argumentos de ser a «...expressão natural da liberdade», «possibilita a verdade total no amor» e a «pode transformar o casamento numa união temporária» (opção de discordância). Os progenitores, discordam significativamente mais, com base nos argumentos de o casamento ser indissolúvel, e a possibilidade do divórcio pode constituir «uma tentação para a fidelidade conjugal».

Entre a geração de progenitores existe consenso total nas opiniões. Entre a geração de jovens existe, também, consenso total de opiniões. Os rapazes

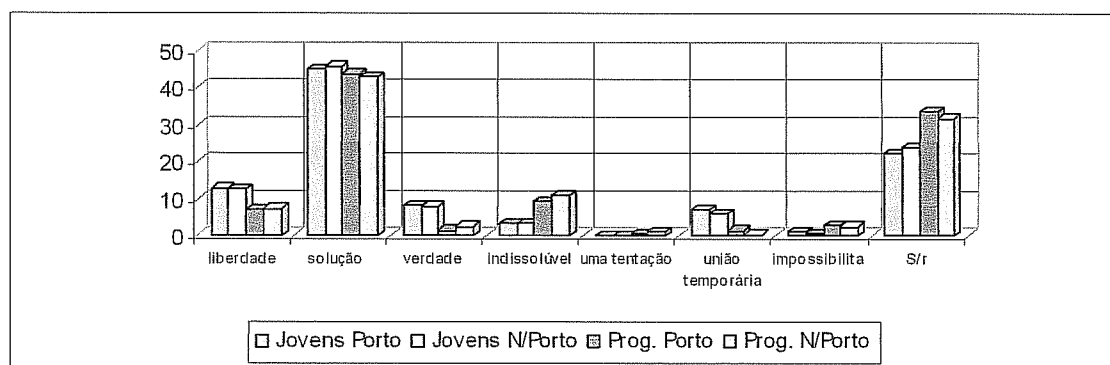
pontuam significativamente mais que os pais, as opções «é a expressão total da liberdade humana» (12,7% e 7,3% para os pais) e «pode transformar o casamento numa união temporária e de ensaio» (6,6% para os rapazes e 0,8% para os pais). As mães acentuam face às filhas, que «o casamento é indissolúvel» (12,6% e 1,4%, respectivamente mães e raparigas), enquanto que as raparigas são mais de acordo com o divórcio porque, segundo elas, «possibilita a verdade total no amor» (10,8% para as raparigas; 1% para as mães).

4.4.4.2 Comparação entre resultados de autóctones e não autóctones

Os progenitores (autóctones e não autóctones) estão de acordo em todas as opções. (quadro nº 104 e figura 94). Os jovens (autóctones e não autóctones), também exprimem opiniões consensuais.

[QUADRO Nº 104 - amostra de autóctones e n/autóctones - questão 9]

DIVÓRCIO	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	Porto	N/Porto	TOTAL	Porto	N/Porto
Concordo porque é:						
<i>Expressão natural da liberdade</i>	12.7	12.8	12.5	7.3	7.0	7.4
Solução para situações muito graves	45.4	45.1	45.8	43.3	43.7	43.0
Possibilita a verdade total do amor	8.1	8.3	7.9	2.2	1.4	2.6
Discordo porque :						
O casamento é indissolúvel	3.3	3.4	3.2	10.2	9.2	10.9
É uma tentação contra a fidelidade	0.0	0.0	0.0	1.1	0.7	1.3
Pode transformar o casamento ...	6.6	7.1	6.0	0.8	1.4	0.4
Impossibilita a educação dos filhos	0.8	1.1	0.5	2.7	2.8	2.6
Sem resposta	23.0	22.2	24.1	32.5	33.8	31.7



Liberdade – concordância porque é a expressão natural da liberdade; solução – concordância porque é a solução para situações muito graves de desarmonia conjugal, verdade – concordância porque possibilita a verdade total do amor; indissolúvel – discordância porque o casamento é indissolúvel; uma tentação – discordância porque é uma tentação contra a fidelidade conjugal; união temporária – discordância porque pode transformar o casamento numa união natural, temporária, de ensaio; impossibilita - discordância porque impossibilita a educação dos filhos; S/r- sem resposta

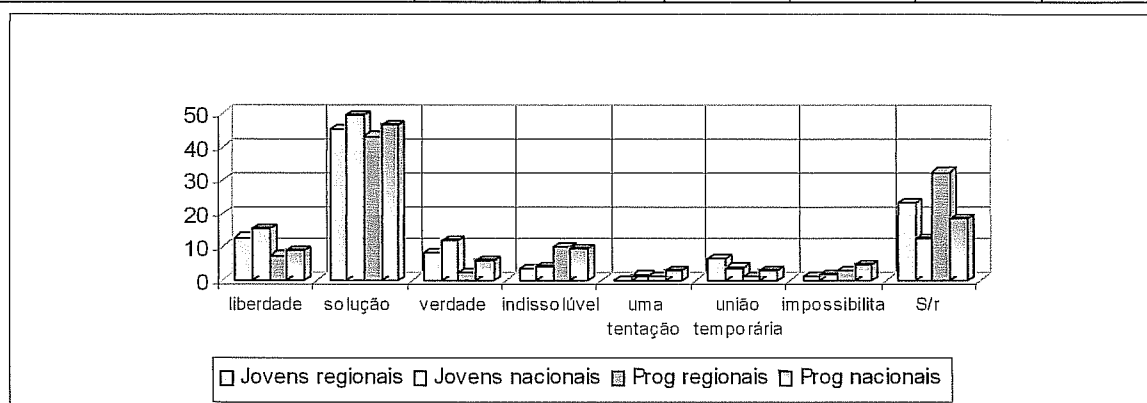
fig. 94 - «divórcio» - autóctones e não autóctones

4.4.4.3 Comparação entre resultados regionais e nacionais

As opções a nível nacional são coincidentes com as regionais (quadros 103 e 105 e figura 95).

[QUADRO Nº 105 - amostra nacional - questão 9]

DIVÓRCIO	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
Concordo porque é:						
<i>Expressão natural da liberdade</i>	15.6	17.0	14.5	8.9	10.5	7.6
Solução para situações muito graves	49.4	44.5	53.2	46.8	45.9	47.5
Possibilita a verdade total do amor	11.7	12.5	11.2	6.0	5.6	6.4
Discordo porque :						
O casamento é indissolúvel	4.1	4.1	4.1	9.3	8.8	9.8
É uma tentação contra a fidelidade	1.3	1.6	1.1	2.7	2.0	3.2
Pode transformar o casamento ...	3.7	4.9	2.9	3.0	2.3	3.7
Impossibilita a educação dos filhos	1.8	1.9	1.7	4.6	4.7	4.6
Sem resposta	12.4	13.5	11.5	18.6	2.3	17.2



Liberdade – concordância porque é a expressão natural da liberdade; solução – concordância porque é a solução para situações muito graves de desarmonia conjugal; verdade – concordância porque possibilita a verdade total do amor; indissolúvel – discordância porque o casamento é indissolúvel; uma tentação – discordância porque é uma tentação contra a fidelidade conjugal; união temporária – discordância porque pode transformar o casamento numa união natural, temporária, de ensaio; impossibilita – discordância porque impossibilita a educação dos filhos ; S/r – sem resposta

fig. 95 - « divórcio » - regionais e nacionais

Estatisticamente, os progenitores nacionais acentuam mais a concordância no divórcio com base no argumento de possibilitar a verdade total no amor (6% dos nacionais; 2,2 dos regionais), e também a discordância por poder transformar o casamento numa ligação temporária (3% dos nacionais e 0,8% dos regionais).

Os jovens nacionais concordam mais que os seus pares regionais, que o facto de haver hipótese de divórcio possibilita a verdade no amor (11,7%

nacionais e 8,1% regionais) mas também consideram que pode consistir uma tentação para a infidelidade (1,3% nacionais e 0% regionais.

4.4.5 TRABALHO FEMININO

Era perguntado aos inquiridos, se pensavam que a mulher deveria «ter um emprego durante toda a vida tal como o homem» ou «ter emprego até casar». Colocada a hipótese do casamento, questionava-se se ter um emprego era uma opção «só em caso de extrema necessidade»; «até nascer o primeiro filho»; «em caso nenhum» ou «só se conseguir horário compatível».

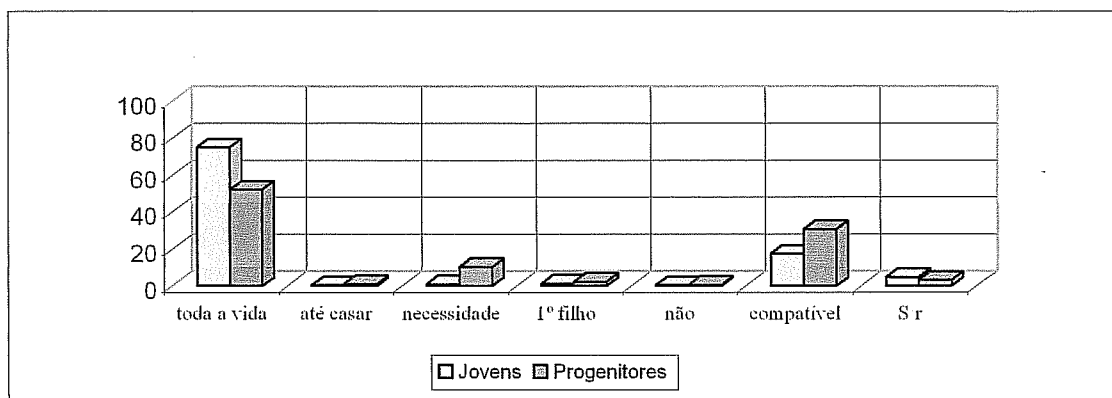
4.4.5.1 Resultados da amostra regional

Uma grande percentagem de respostas dos universitários (quadro nº 106 e fig.96) vai no sentido de considerar que a mulher deverá ter um «emprego toda a vida» (75,1%), sendo esta ideia mais aceite pela amostra feminina. Esta opção é também a mais pontuada pelos progenitores (sobretudo pelos pais), embora as percentagens não sejam tão elevadas como para os jovens (52,2%).

As restantes respostas dos jovens são: «só se conseguir horário compatível com as exigências da vida familiar» (17,4%) , mais pontuada pelos rapazes, e «só até nascer o primeiro filho» (1,2%), mais valorada pelas raparigas.

[QUADRO Nº 106 - amostra regional - questão 6]

TRABALHO FEMININO	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
Ter emprego toda a vida	75.1	70.8	85.6	52.2	52.9	51.5
Ter emprego até casar	0.4	0.3	0.7	1.1	2.3	0.0
Casada :						
Só em caso de extrema necessidade	0.8	1.2	0.0	10.2	12.1	8.6
até nascer o 1º filho	1.2	1.7	0.0	2.2	2.3	2.0
não deve em caso nenhum	0.4	0.0	1.4	0.5	0.0	1.0
só se conseguir horário compatível	17.4	20.4	10.1	30.6	28.2	32.3
Sem resposta	4.6	5.5	2.2	3.2	2.3	4.0



Toda a vida - ter emprego toda a vida; até casar - ter emprego até casar; extrema - só em caso de extrema necessidade; 1º filho - só até nascer o primeiro filho; não - não deve em caso nenhum; compatível - só se conseguir um horário compatível; S/r - sem resposta

fig. 96 - «Trabalho feminino» - regionais

Para os progenitores, a segunda opção é coincidente com a que foi referida para os jovens («só se conseguir horário compatível com as exigências da vida familiar» com 30,6%), sendo que as mães a pontuam mais e, como terceira resposta, são de opinião que a mulher deverá trabalhar «só em caso de extrema necessidade» (10,2%), opção esta que assume pontuações superiores na amostra de pais.

Entre as duas gerações, encontram-se dif. alt. signif. de opinião. Os jovens são mais convictos ao afirmarem que as mulheres devem «ter emprego toda a vida» (75,1% jovens e 52,2% dos progenitores), enquanto que os progenitores consideram ser mais preferível que tal aconteça só em «caso de extrema necessidade» (10,2% progenitores e 0,8% dos jovens) ou se «conseguir um horário compatível com as exigências da vida familiar» (30,6% dos progenitores e 17,4% dos jovens)

Entre rapazes e raparigas, persistem também algumas diferenças relevantes de opinião. A esmagadora maioria das raparigas consideram que as mulheres devem «ter emprego toda a vida» (85,6% raparigas e 70,8% dos rpz) enquanto que os rapazes são mais de opinião que só «até nascer o primeiro filho» (1,7% dos rapazes e 0% das raparigas) ou se «conseguir um horário

compatível com as exigências familiares» (20,4% dos rapazes e 10,1% das raparigas)

Entre as duas gerações de sexo masculino, observam-se também diferenças estatísticas. Os rapazes pontuam mais que os pais, a ideia de que as mulheres deverão ter «emprego toda a vida» (70,8% rapazes e 52,9% dos pais) e menos que estes a ideia de possuírem um emprego só em «caso de extrema necessidade» (1,2% dos rapazes e 12,1% dos pais).

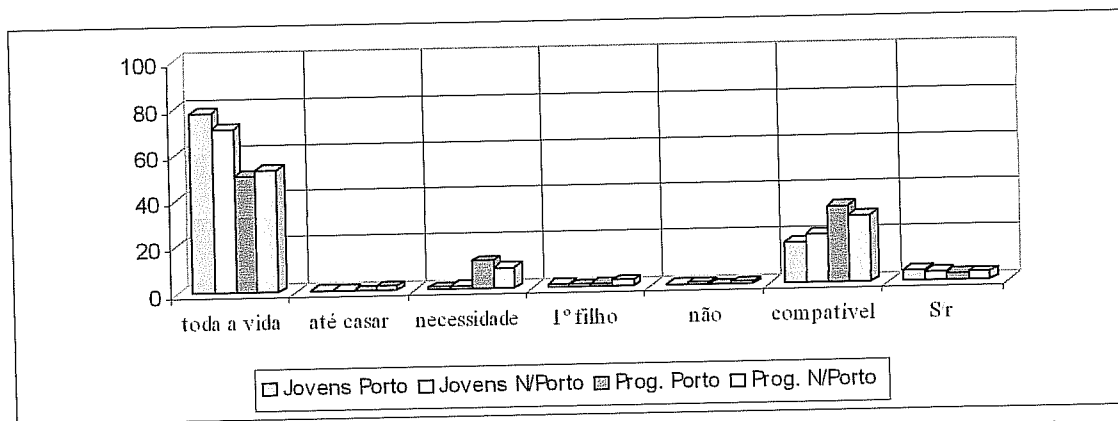
Entre as duas gerações do sexo feminino, observam-se diferenças de opinião que se podem considerar relevantes. As mães optam pelas opções «só em caso de extrema necessidade» (8,6% das mães e 0% das raparigas) e «só se conseguir horário compatível» (32,3% das mães e 10,1% das raparigas) enquanto que as raparigas consideram que o emprego deverá manter-se toda a vida (85,6% das raparigas e 51,5% das mães).

4.4.5.2 Comparação entre resultados de autóctones e não autóctones

Os jovens autóctones são de opinião que as mulheres devem ter «um emprego toda a vida» (78,2% autóctones e 50,7% não autóctones), enquanto que são os jovens não autóctones que pontuam mais a opção «só se conseguir um horário compatível» (21,3% dos não autóctones e 14,3% dos autóctones) (quadro n° 107 e fig.97). Por sua vez, são os progenitores não autóctones que mais pontuam a primeira opção (ter emprego toda a vida, com 53% e os não autóctones com 50,7%) e os não autóctones que mais optam pela frase «só se conseguir horário compatível» (33,1% não autóctones; 29,1% autóctones).

[QUADRO N° 107 - amostra de autóctones e n/autóctones - questão 6]

TRABALHO FEMININO	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	Porto	N/Porto	TOTAL	Porto	N/Porto
Ter emprego toda a vida	75.1	78.2	71.3	52.2	50.7	53.0
Ter emprego até casar	0.4	0.4	0.5	1.1	0.0	1.7
Casada :						
Só em caso de extrema necessidade	0.8	0.4	1.4	10.2	12.0	9.1
até nascer o 1º filho	1.2	1.5	0.9	2.2	1.4	2.6
não deve em caso nenhum	0.4	0.0	0.9	0.5	0.0	0.9
só se conseguir horário compatível	17.4	14.3	21.3	30.6	33.1	29.1
Sem resposta	4.6	5.3	3.7	3.2	2.8	3.5



Toda a vida - ter emprego toda a vida; até casar - ter emprego até casar; extrema - só em caso de extrema necessidade; 1º filho - só até nascer o primeiro filho; não - não deve em caso nenhum; compatível - só se conseguir um horário compatível; S/r - sem resposta

fig. 97 - «Trabalho feminino» - autóctones e não autóctones

Existe consenso entre as amostras de progenitores e entre as amostras de jovens.

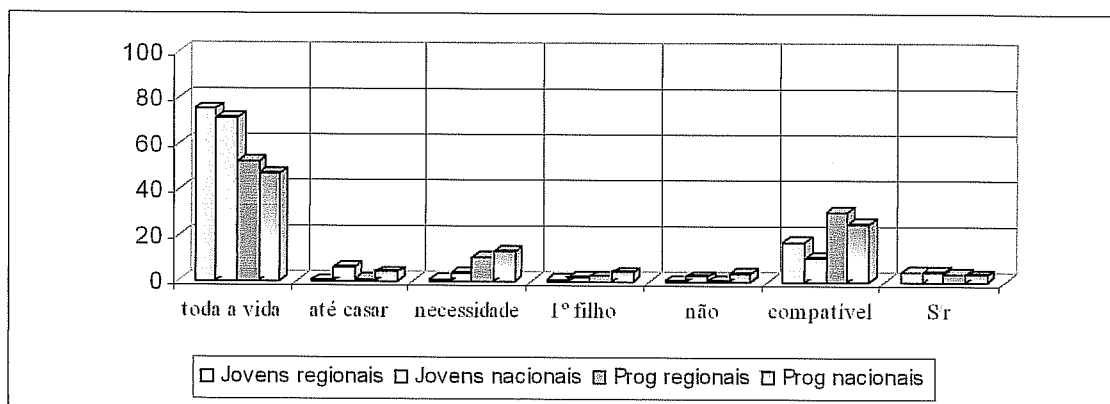
4.4.5.3 Comparação entre resultados nacionais e regionais

As duas principais opções, quer dos jovens, quer dos progenitores, são coincidentes com as descritas aquando a amostra regional (quadros nº 108 e 97). No que respeita a terceira opção, os jovens nacionais, são de opinião que a mulher deve «ter emprego até casar» (6,2%), ideia esta que é mais pontuada pelas raparigas.

Os progenitores (sobretudo os pais), após o casamento, consideram que «só em caso de extrema necessidade» (13,3%) é que as mulheres deverão ter um emprego.

[QUADRO Nº 108 - amostra nacional - questão 6]

TRABALHO FEMININO	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
Ter emprego toda a vida	71.5	66.7	75.2	46.8	47.1	46.4
Ter emprego até casar	6.2	5.9	6.5	3.9	3.8	4.0
Casada :						
Só em caso de extrema necessidade	3.6	3.7	3.5	13.3	13.8	12.8
até nascer o 1º filho	1.8	2.1	1.7	4.0	3.4	4.6
não deve em caso nenhum	2.3	3.1	1.7	3.8	3.0	4.4
só se conseguir horário compatível	10.4	14.5	7.3	25.2	26.4	24.4
Sem resposta	4.1	4.0	4.2	3.1	2.6	3.5



Toda a vida - ter emprego toda a vida; até casar - ter emprego até casar; extrema - só em caso de extrema necessidade; 1º filho - só até nascer o primeiro filho; não - não deve em caso nenhum; compatível - só se conseguir um horário compatível; S/r - sem resposta

fig. 98 - «Trabalho feminino» - regionais e nacionais

Estatisticamente, os progenitores nacionais são mais de opinião que a mulher «deve ter emprego até casar» e, depois de casada, «não deve ter em caso algum», encontrando-se dif. alt. signif. em relação aos seus pares regionais.

Por sua vez, os jovens nacionais, pontuam de um modo significativamente superior aos seus pares regionais, as opções «ter emprego até casar» e, depois de casada, «só em caso de extrema necessidade» ou «não deve em caso algum» e, menos que estes, a opção «só se conseguir horário compatível».

4.5.6 PLANEAMENTO FAMILIAR

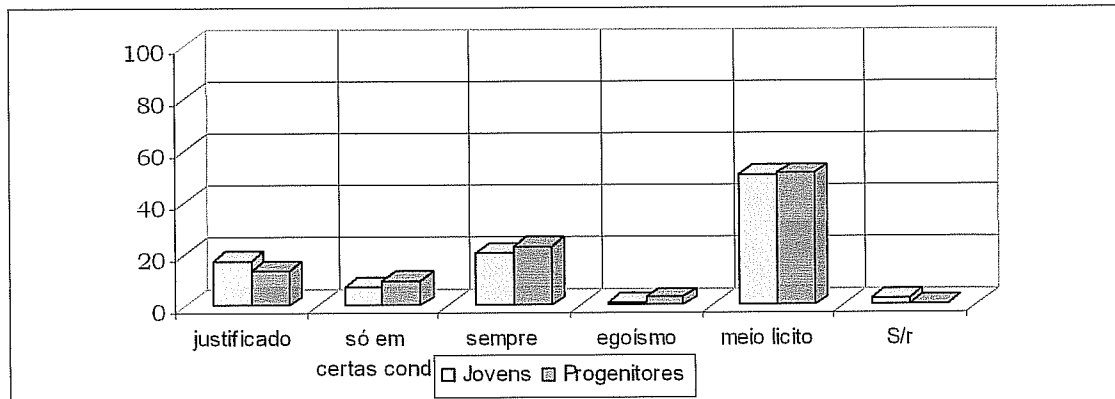
Questionámos as duas gerações, acerca do que pensam sobre a limitação da natalidade. Foram colocadas cinco hipóteses de resposta, das quais os sujeitos teriam que optar por uma.

4.5.6.1 Resultados da amostra regional

Observamos que jovens e progenitores concordam com a ideia de que o planeamento familiar é um «meio lícito tendo em conta as condições de procriação e educação» (50,4% e 50,8%, respectivamente jovens e progenitores), como se pode ver no quadro nº109 e fig. 99. Constata-se também que são as raparigas e as mães que mais optam as respectivas primeiras escolhas.

[QUADRO Nº 109 - amostra regional - questão 13]

PLANEAMENTO FAMILIAR	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
Absolutamente justificado e mesmo necessário	17.6	17.8	17.3	13.2	10.9	15.2
Lícito só em certas condições de saúde ou económicas e sociais	7.5	8.7	4.3	9.7	10.3	9.1
Sempre lícito desde que haja acordo dos cônjuges	20.3	20.7	19.4	22.8	19.5	25.8
Tradução do egoísmo social e falta de responsabilidade	1.2	1.5	0.7	3.0	2.3	3.5
Meio lícito tendo em conta as condições de procriação e educação	50.4	49.6	52.5	50.8	55.7	46.5
Sem resposta	2.9	1.7	5.8	0.5	1.1	0.0



justificado - absolutamente justificado e mesmo necessário; só em certas cond. - lícito só em certas condições de saúde ou económicas e sociais; sempre - sempre lícito desde que haja acordo entre os cônjuges; egoísmo - tradução do egoísmo social e falta de responsabilidade; meio lícito - meio lícito tendo em conta as condições de procriação e educação ; S/r - sem resposta

fig. 99 - «Planeamento familiar» - regionais

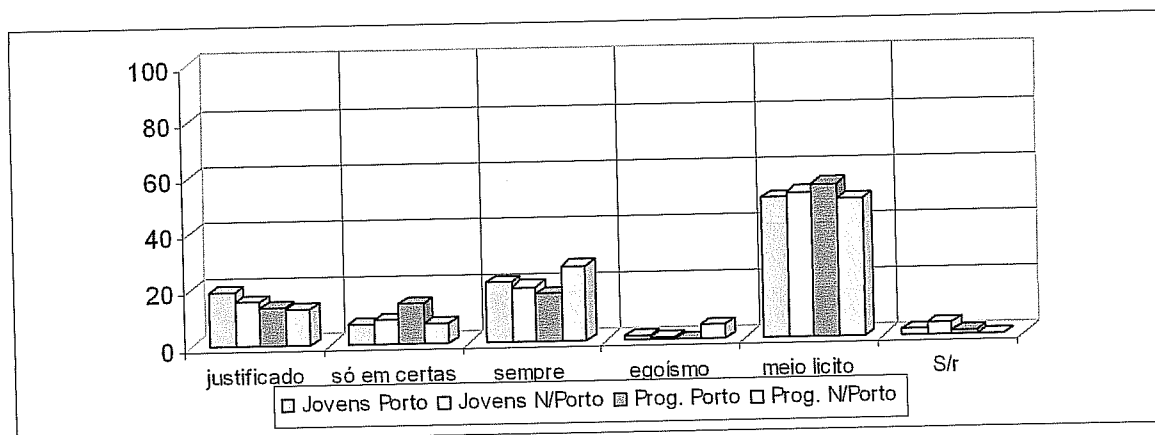
Estatisticamente, não se observam quaisquer diferenças entre as amostras.

4.5.6.2 Comparação entre resultados de autóctones e não autóctones

São os jovens não autóctones que pontuam mais as primeiras e segundas opções. Assim como, são os progenitores autóctones que mais escolhem as primeiras e segundas opções destas amostras (quadro nº 107 e figura 99).

[QUADRO Nº 110 - amostra de autóctones e n/autóctones - questão 13]

PLANEAMENTO FAMILIAR	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	Porto	N/Porto	TOTAL	Porto	N/Porto
Absolutamente justificado e mesmo necessário	17.6	19.2	15.7	13.2	13.4	13.0
Lícito só em certas condições de saúde ou económicas e sociais	7.5	6.8	8.3	9.7	14.1	7.0
Sempre lícito desde que haja acordo dos cônjuges	20.3	21.1	19.4	22.8	16.9	26.5
Tradução do egoísmo social e falta de responsabilidade	1.2	1.5	0.9	3.0	0.0	4.8
Meio lícito tendo em conta as condições de procriação e educação	50.4	49.6	51.4	50.8	54.2	48.7
Sem resposta	2.9	1.9	4.2	0.5	1.4	0.0



justificado - absolutamente justificado e mesmo necessário; só em certas cond. - lícito só em certas condições de saúde ou económicas e sociais; sempre - sempre lícito desde que haja acordo entre os cônjuges; egoísmo - tradução do egoísmo social e falta de responsabilidade; meio lícito - meio lícito tendo em conta as condições de procriação e educação; S/r - sem resposta

fig. 100 - «Planeamento familiar» - autóctones e não autóctones

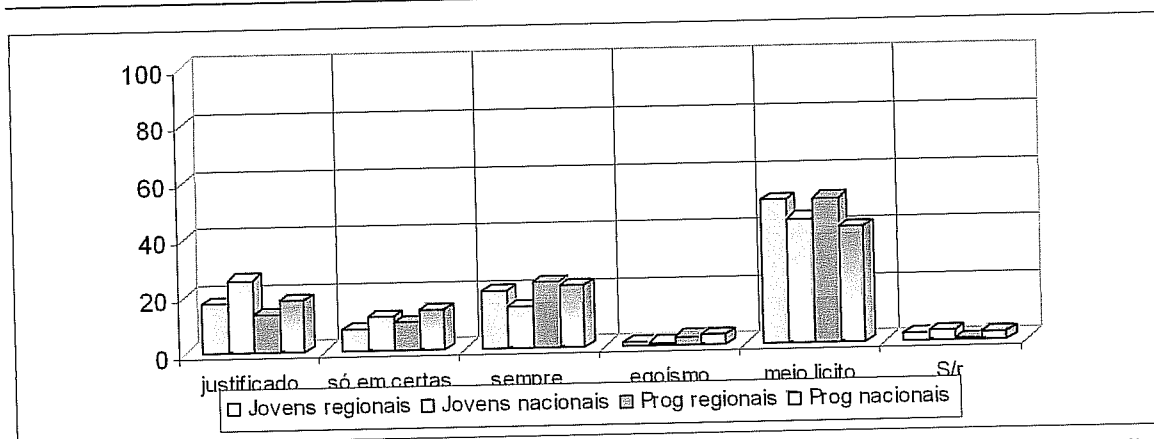
No teste de significâncias, constata-se unicamente, a existência de dif. alt. signif. entre progenitores autóctones e não autóctones, no que se refere à opção «tradução do egoísmo social e falta de responsabilidade», sendo esta ideia mais marcada pelos não autóctones.

4.5.6.3 Comparação entre resultados nacionais e regionais

As primeiras opções das duas gerações são coincidentes com as já referidas aquando dos resultados regionais (quadros nº 106 e 101).

[QUADRO Nº 111 - amostra nacional - questão 13]

PLANEAMENTO FAMILIAR	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
Absolutamente justificado e mesmo necessário	25.5	27.0	24.2	17.9	17.3	18.5
Lícito só em certas condições de saúde ou económicas e sociais	11.7	13.5	10.4	13.9	13.8	14.0
Sempre lícito desde que haja acordo dos cônjuges	14.5	16.5	13.0	21.4	21.7	21.2
Tradução do egoísmo social e falta de responsabilidade	1.0	0.9	1.1	3.6	3.2	3.9
Meio lícito tendo em conta as condições de procriação e educação	43.8	38.3	48.1	40.5	41.6	39.7
Sem resposta	3.5	3.8	3.2	2.7	2.5	2.9



justificado - absolutamente justificado e mesmo necessário; só em certas cond. - lícito só em certas condições de saúde ou económicas e sociais; sempre - sempre lícito desde que haja acordo entre os cônjuges; egoísmo - tradução do egoísmo social e falta de responsabilidade; meio lícito - meio lícito tendo em conta as condições de procriação e educação; S/r - sem resposta

fig. 101- «Planeamento familiar » - regionais e nacionais

Os jovens (em especial os rapazes) optam em segundo lugar, por considerar a limitação da natalidade como «absolutamente justificado e mesmo necessário» enquanto que os progenitores (particularmente os pais), consideram ser uma «prática sempre lícita desde que haja acordo dos cônjuges».

Os progenitores regionais pontuam mais que os seus pares nacionais (dif. alt. signif.), a ideia que considera a limitação da natalidade como um «meio lícito tendo em conta as condições de procriação e de educação».

Entre as amostras de jovens nacionais e regionais, existem, grandes diferenças de opinião. Nacionalmente os jovens acham que a limitação da natalidade é «absolutamente justificado e mesmo necessário», sendo que se pode considerar «licita só em certas condições de saúde e económicas e sociais», enquanto que, a nível regional os jovens consideram-na «sempre licita desde que haja acordo entre os cônjuges» e um «meio lícito tendo em conta as condições de procriação e de educação».

4.5.7 NÚMERO IDEAL DE FILHOS

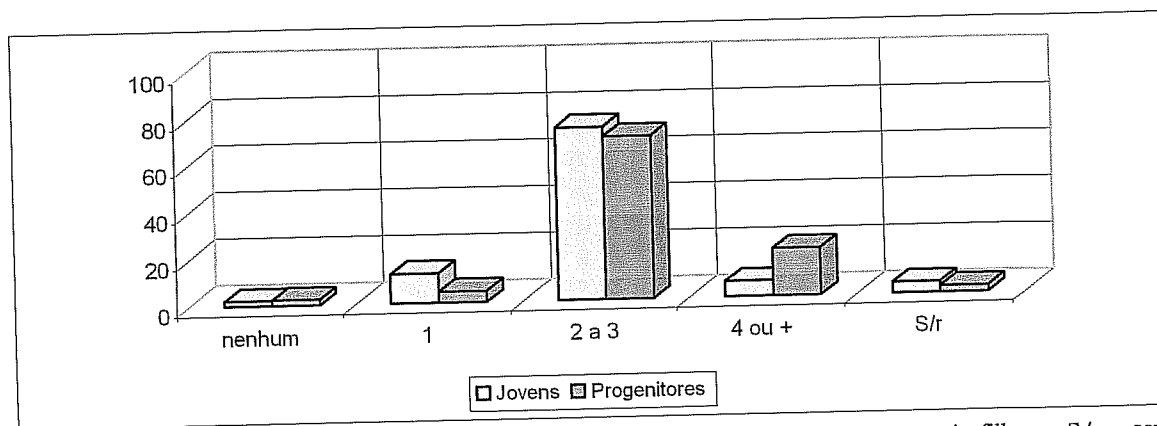
Perguntámos aos sujeitos, qual o número de filhos que gostariam de ter, sendo que as opções eram «nenhum», «1 filho», «2-3 filhos» e «4 ou mais».

4.5.7.1 Resultados da amostra regional

A grande maioria, quer de jovens (74,1%) que de progenitores (69,9%), considera que «2-3 filhos» é o número ideal (quadro nº 112 e fig. 102). Esta opção é mais fortemente pontuada pelos rapazes e mães. A segunda opção para os jovens, sobretudo raparigas, será «um filho», enquanto que para os progenitores, sobretudo pais, são «4 ou mais».

[QUADRO Nº 112 - amostra regional - questão 12]

NÚMERO IDEAL DE FILHOS	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
Nenhum	2.1	2.0	2.2	2.4	3.4	1.5
1 filho	12.7	12.5	12.9	4.8	8.0	2.0
2 - 3 filhos	74.1	74.6	72.7	69.9	64.4	74.7
4 ou mais	6.6	5.5	9.4	20.2	20.7	19.7
Sem resposta	4.6	5.2	2.9	2.7	3.4	2.0



nenhum - nenhum; 1 - um filho; 2 a 3 - dois a três filhos ; 4 ou + - quatro ou mais filhos ; S/r - sem resposta

fig. 102 - «Número ideal de filhos » - regionais

Estatisticamente, observa-se que os jovens pontuam significativamente mais (12,7%) que os progenitores (4,8%), a opção «um filho».

Entre as duas gerações do sexo masculino existem diferenças relevantes de opinião. A geração dos mais novos acha mais aceitável a ideia de vir a ter «2-3 filhos» (74,6% dos rapazes e 64,4% dos pais), enquanto que os mais velhos considerariam ideal a opção «4 ou mais (20,7% dos pais e 5,5% dos rapazes).

Dentro da geração de progenitores existem também algumas discrepâncias, entre as quais se destaca o facto de serem os pais que mais optam pela opção «um filho» (8%) se os compararmos com as mães (2%).

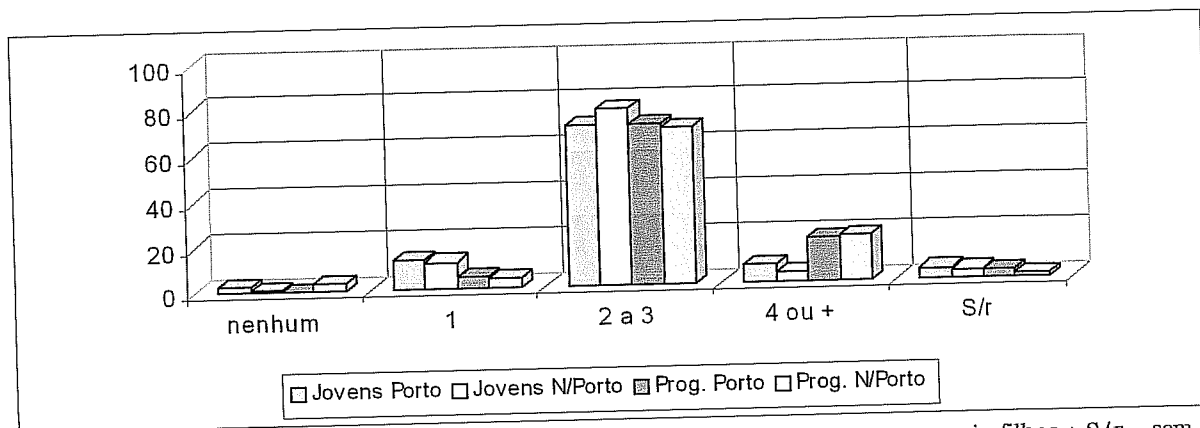
As raparigas consideram ideal «um filho» (12,9%), contrastando com a opção «4 ou mais», defendida pelas mães (dif. alt. signif.).

4.5.7.2 Resultados de autóctones e não autóctones

A primeira opção «2-3 filhos», é mais pontuada pelos jovens não autóctones e pelos progenitores autóctones (quadro nº110 e fig. 103) a segunda, pelos jovens autóctones e progenitores não autóctones.

[QUADRO Nº 113- amostra de autóctones e n/autóctones - questão12]

NÚMERO IDEAL DE FILHOS	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	Porto	N/Porto	TOTAL	Porto	N/Porto
Nenhum	2.1	3.0	0.9	2.4	0.0	3.9
1 filho	12.7	13.2	12.0	4.8	5.6	4.3
2 - 3 filhos	74.1	70.7	78.2	69.9	71.1	69.1
4 ou mais	6.6	8.3	4.6	20.2	19.7	20.4
Sem resposta	4.6	4.9	4.2	2.7	3.5	2.2



nenhum - nenhum; 1 - um filho; 2 a 3 - dois a três filhos; 4 ou + - quatro ou mais filhos; S/r - sem resposta

fig. 103 - «Número ideal de filhos» - autóctones e não autóctones

No teste de significâncias, os jovens não autóctones pontuam mais que a geração mais velha de não autóctones, as opções «um filho» (4,3% dos jovens e 12% dos progenitores) enquanto que os progenitores não autóctones pontuam mais que os jovens autóctones a opção «4 ou mais» (20,4% os jovens e 4,6% os progenitores).

No que se refere às duas gerações de autóctones, são os mais novos que optam por não terem nenhum filho (3% e 0% dos progenitores) enquanto que a geração dos mais velhos considera ideal o casal ter «4 ou mais filhos» (19,7% e 8,3% dos jovens).

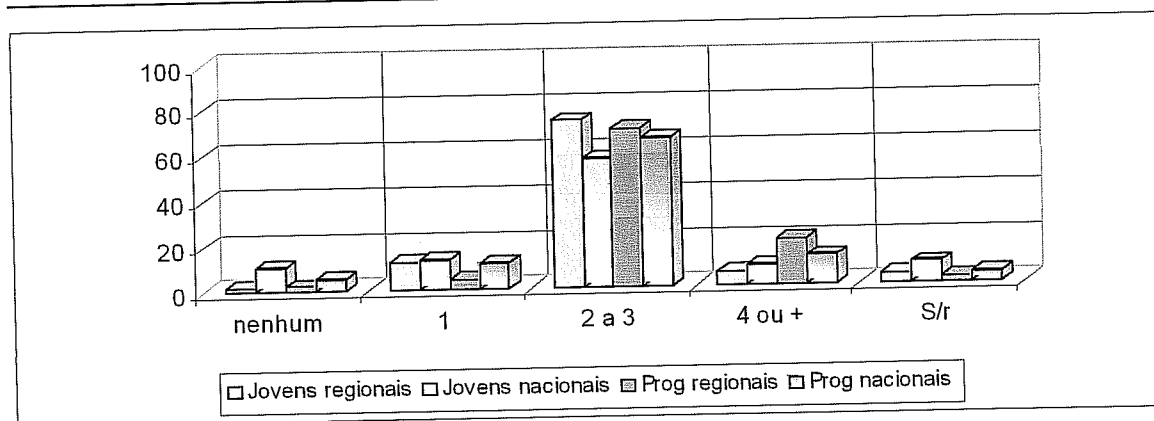
Os progenitores não autóctones pontuam mais que os seus pares autóctones, a opção «nenhum», encontrando-se dif. alt. signif. entre estas duas amostras.

4.5.7.3 Comparação entre regionais e nacionais

As opções são consensuais a nível nacional e regional, isto é, uma maioria de progenitores e jovens, pronuncia-se claramente a favor de «2-3 filhos» como facilmente se pode constatar pela observação do quadro 114 e figura 104.

[QUADRO Nº 114 - amostra nacional - questão 12]

NÚMERO IDEAL DE FILHOS	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
Nenhum	10.9	10.3	11.4	5.5	4.9	5.9
1 filho	13.5	12.4	14.4	11.6	9.6	13.3
2 - 3 filhos	57.1	57.1	57.1	65.7	68.6	63.4
4 ou mais	9.1	10.2	8.3	12.9	12.7	13.0
Sem resposta	9.3	9.9	8.8	4.3	4.2	4.4



nenhum - nenhum; 1 - um filho; 2 a 3 - dois a três filhos; 4 ou + - quatro ou mais filhos; S/r - sem resposta

fig. 104 - «Número ideal de filhos» - regionais e nacionais

No teste de significâncias encontram-se dif. alt. signif. entre as amostras regionais e nacionais. Vemos que os progenitores nacionais escolhem mais as opções «nenhum» e «um filho», do que os seus pares regionais e menos que estes, a opção «4 ou mais».

Os jovens nacionais (10,9%) consideram mais que os regionais (2,1%), que não ter filhos é a situação ideal, enquanto que regionalmente os jovens acham que o melhor é ter «2-3 filhos» (74,1% regionais e 57,1% nacionais).

4.5.8 EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR

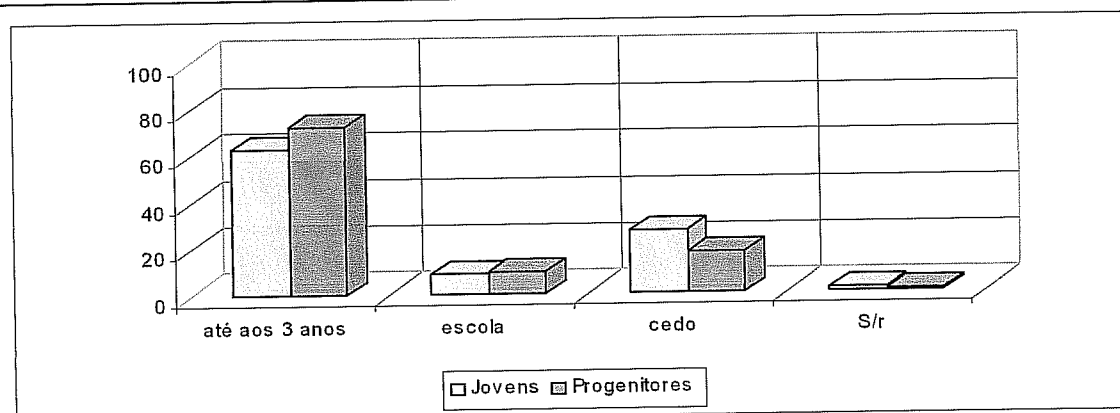
Procurámos avaliar qual a importância dada à família e a outras instituições, no que diz respeito à educação dos filhos. Eram propostas três opções, que iam desde considerar que «até aos três anos as crianças devem ficar na família», passando por «até ir para a escola devem ficar na família» e «desenvolvem-se melhor se forem muito cedo (1º ano) para a instituição». Os sujeitos teriam que destacar a opção que mais reflectisse a sua posição perante esta problemática.

4.5.8.1 Resultados da amostra regional

Ambas as gerações consideram que o ideal é que as crianças até aos 3 anos fiquem na família (62,9% dos jovens e 72,6% dos progenitores), opção mais pontuada pelas raparigas e mães (quadro nº115 e figura 105). Como segunda opção, surge a ideia de que as crianças se desenvolvem melhor se forem muito cedo para a instituição (mais defendida pelos rapazes e pais).

[QUADRO Nº 115 - amostra regional - questão 2]

EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
Até aos 3 anos, as crianças devem ficar na família	62.9	60.9	67.6	72.6	68.4	76.3
Até ir para a escola, devem ficar na família	8.7	8.5	9.4	9.4	12.1	7.1
Desenvolvem-se melhor se forem muito cedo (1º ano) para a instituição	26.8	28.9	21.6	17.5	19.5	15.7
Sem resposta	1.7	1.7	1.4	0.5	0.0	1.0



Até aos 3 anos – até aos 3 anos, as crianças devem ficar na família; escola – até irem para a escola, as crianças devem ficar na família; cedo – desenvolvem-se melhor se forem muito cedo (um ano), para uma instituição; S/ R. – sem resposta

fig. 105 - «Educação pré-escolar» - regionais

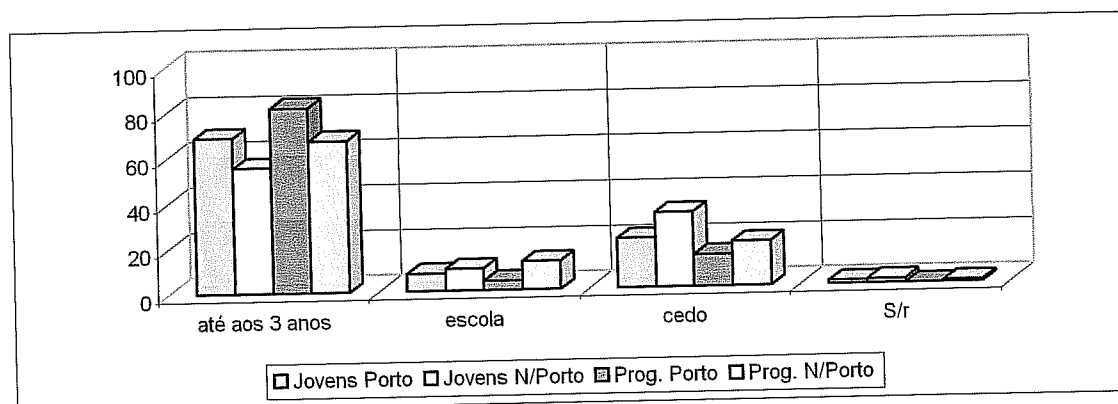
Entre jovens e progenitores, encontram-se dif. alt. signif. no que respeita a primeira opção «até à idade dos três anos, o melhor meio educativo é a família, mas entre os 3 e os 6 anos é bom que frequentem um jardim de infância», mais pontuada pelos progenitores, e «desenvolvem-se mais e melhor se começarem desde muito cedo (pelo menos a idade de um ano) a conviver com outras crianças numa instituição pré-escolar», mais pontuada pelos jovens. Dentro da mesma geração, existe consenso e também entre sexo e geração.

4.5.8.2 Resultados de autóctones e não autóctones

São os jovens e progenitores autóctones que mais consideram que «até à idade dos três anos, o melhor meio educativo é a família, mas entre os 3 e os 6 anos é bom que frequentem um jardim de infância» enquanto que as duas gerações de não autóctones são mais de opinião que as crianças se «desenvolvem mais e melhor se começarem desde muito cedo (pelo menos a idade de um ano) a conviver com outras crianças numa instituição pré-escolar» (quadro nº 116 e fig. 105).

[QUADRO Nº 116- amostra de autóctones e n/autóctones - questão 2]

EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	Porto	N/Porto	TOTAL	Porto	N/Porto
Até aos 3 anos, as crianças devem ficar na família	62.9	68.8	55.6	72.6	81.7	67.0
Até ir para a escola, devem ficar na família	8.7	7.9	9.7	9.4	4.2	12.6
Desenvolvem-se melhor se forem muito cedo (1ºano) para a instituição	26.8	21.8	32.9	17.5	14.1	19.6
Sem resposta	1.7	1.5	1.9	0.5	0.0	0.9



até aos 3 anos - até aos 3 anos, as crianças devem ficar na família; escola - até irem para a escola, as crianças devem ficar na família; cedo - desenvolvem-se melhor se forem muito cedo (um ano), para uma instituição; S/ R. - sem resposta

fig. 106 - «Educação pré-escolar» - autóctones e não autóctones

Entre jovens e progenitores não autóctones, existem dif. alt. signif., sendo que os jovens pontuam mais a opção «desenvolvem-se mais e melhor se começarem desde muito cedo (pelo menos a idade de um ano) a conviver com outras crianças numa instituição pré-escolar», que os progenitores. Por sua vez, são os progenitores autóctones que optam significativamente mais que os jovens autóctones, pela opção «até à idade dos três anos, o melhor meio educativo é a família, mas entre os 3 e os 6 anos é bom que frequentem um jardim-de-infância»

Entre as duas amostras de progenitores (autóctones e não autóctones), observa-se que os autóctones consideram que «até à idade dos três anos, o melhor meio educativo é a família, mas entre os 3 e os 6 anos é bom que frequentem um jardim-de-infância» e os não autóctones, consideram que «até à idade de irem para a escola primária as crianças devem ficar em casa com a mãe ou alguém da família».

Os jovens autóctones pontuam mais que os seus pares não autóctones, a ideia de «até à idade dos três anos, o melhor meio educativo é a família, mas entre os 3 e os 6 anos é bom que frequentem um jardim-de-infância» e menos que estes, a ideia de que as crianças «desenvolvem-se mais e melhor se começarem desde muito cedo (pelo menos a idade de um ano) a conviver com outras crianças numa instituição pré-escolar».

4.5.8.3 Comparação entre resultados regionais e nacionais

As opções nacionais são consensuais com as regionais (quadro nº117 e figura nº 107).

[QUADRO Nº 117 - amostra nacional - questão 2]

EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR	JOVENS			PROGENITORES		
	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F
Até aos 3 anos, as crianças devem ficar na família	56.9	57.4	56.6	67.8	66.2	68.9
Até ir para a escola, devem ficar na família	12.3	13.8	11.1	11.9	12.5	11.4
Desenvolvem-se melhor se forem muito cedo (1ºano) para a instituição	28.4	26.6	29.8	19.0	20.4	17.9
Sem resposta	2.4	2.2	2.6	1.4	0.9	1.7

CAPITULO 5

DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

5.1 Valores dos jovens finalistas da universidade do Porto

A grande maioria dos nossos jovens pertence ao sexo masculino, tem entre 22 e 23 anos, são solteiros e autóctones. Assumem-se religiosos, católicos, e a religião surge como resposta a um apelo espiritual. O uso do computador e da máquina de calcular são práticas diárias, sendo que a Internet começa agora também a fazer parte dos hábitos. Nos tempos livres vêem televisão, ouvem rádio e praticam desportos muito variados, mas sobretudo futebol. Gostam de se manter actualizados em relação ao que se passa no país, por isso lêem jornais não desportivos uma ou duas vezes por semana, focando as atenções nas páginas de economia, mas também estão atentos às notícias internacionais. Apesar deste interesse, mantêm com a política uma relação passiva e de alguma distância. São também poucos os que fazem parte de movimentos associativos, sejam eles culturais, científicos ou ambientais.

Viajam pouco, passaram as últimas férias em Portugal e vivem com os pais, apesar de, se lhes fosse possível, preferirem coabitar com colegas ou amigos.

Passaremos de seguida aos valores defendidos por estes jovens. Para facilitar a compreensão dos resultados, iremos agrupá-los como Figueiredo (2001) sugere no seu último trabalho: Família; Política; Instituições e problemas

sociais; Progresso e Civilização e Causas, Motivações e Religião. Cada uma destas grandes áreas corresponde a alguns domínios, mas não serão todos objecto de análise no presente trabalho. Assim, na área de valores da família, não abordaremos as questões ligadas ao castigo físico dos filhos, violência sobre a esposa e forma de viver dos jovens. Dentro do grande tema Progresso e Civilização, não abordaremos as problemáticas ligadas ao meio rural, à agricultura e indústria no desenvolvimento e o crescimento das cidades e, por fim, a motivação para o trabalho não foi incluída nas Causas, Motivações e Religião.

No capítulo dedicado aos valores da família, começaremos pela sexualidade pré-matrimonial. Vemos então que os jovens se mostram defensores de uma igualdade de direitos para os dois sexos. As experiências sexuais são consideradas úteis, quer se trate das raparigas, quer dos rapazes. Os jovens assumem uma postura mais liberal em relação a esta questão. A virgindade feminina deixou de constituir um valor importante para os nossos jovens. Por sua vez, o planeamento familiar passou também a ser natural e até necessário. Encaram o casamento como uma forma de realização pessoal, cujo objectivo é facilitar a ajuda entre duas pessoas, mas quando deixa de cumprir estes objectivos o divórcio impõe-se, como mais uma das vertentes da liberdade individual.

Valorizam o bem-estar interior, mas também conferem uma enorme importância ao amor e aos laços familiares. Na mesma linha da igualdade entre sexos, os jovens defendem que a mulher tenha acesso a uma carreira profissional, pelo que deve manter o emprego ao longo de toda a vida, à semelhança do que se passa com os homens. Mas, ainda assim, continuam a valorizar a família como meio privilegiado para a educação das crianças nos

primeiros anos de vida, o que implica que as mulheres consigam conciliar os horários de trabalho com o papel de esposas e mães.

No que respeita os valores políticos, vemos que os jovens se situam politicamente à Direita, gostam de estar informados mas mantêm uma certa distância da política nacional. Apesar de tudo, quando os inquéritos foram aplicados, a integração na União Europeia era aguardada com expectativa pelos portugueses e os jovens testemunham isso mesmo, ao referirem que sentiriam pena caso o processo fosse interrompido. A Democracia é um valor inquestionável.

Nos valores referentes às Instituições e problemas sociais, constatamos da parte dos mais novos, uma atitude extremamente crítica. Quer os tribunais, quer a policia, funcionam mal por desleixo, mas apesar desse descrédito, não colocam a hipótese de fazerem justiça por mãos próprias, o que revela ainda a existência de uma réstia de esperança na eficiência do sistema. Defendem medidas de prevenção no combate aos problemas ligados à droga, alcoolismo e prostituição. Quando questionados sobre a despenalização do consumo de drogas, são de opinião que as drogas ilegais devem continuar ilegais, mas já se esboça alguma tendência para a despenalização, uma vez que em segunda opção preferem condenar apenas o tráfico, ao mesmo tempo que consideram o consumo de drogas um assunto meramente pessoal.

Valorizam a instrução, mostrando-se a favor do prolongamento da escolaridade obrigatória.

Nos valores referentes ao Progresso e Civilização, os jovens mostram-se preocupados com aspectos ligados à saúde, pelo que gostariam que fosse encontrada uma solução eficaz para doenças como o cancro e a SIDA mas, preocupam-se também com questões mais abrangentes, como sejam o problema da fome e da pobreza dos povos. O problema da SIDA, pode parecer à

partida um valor mais pessoal (já que os jovens estão numa fase sexualmente activa) mas as campanhas chamam a atenção para as estatísticas alarmantes na nossa população, o que o transforma num valor mais abrangente. Aliás, se os jovens lêem basicamente notícias sobre o nosso país, estão plenamente informados acerca desta problemática e visivelmente sensibilizados para ela.

Quando à crise civilizacional, os jovens consideram imprescindível que haja uma mudança/renovação espiritual e moral que, associada à ciência, constituirá o motor para ultrapassar a crise. São de opinião que a felicidade dos portugueses manter-se-á inalterável nos próximos anos.

A geração dos 30-40 será aquela que, para os nossos jovens nortenhos, possui uma visão mais clara das necessidades do país e também do estado mundial. Assim, dentro de uma década (aproximadamente) estarão todos mais conscientes do que se passa à sua volta e poderão operar mudanças positivas.

Quanto aos valores associados às grandes Causas e Religião, vemos que pela paz, os direitos do homem e a protecção da natureza, os nossos jovens seriam capazes de efectuar sacrifícios. De novo, existe uma referência a valores sociais por parte dos mais novos, a par das preocupações ambientais, tão comuns actualmente na camada mais jovem.

A religião, sobretudo a católica, continua a ser importante na vida dos mais novos, como satisfação de uma necessidade espiritual e tentativa de encontrar o referido bem-estar interior.

5.2 Impacto do género nos valores (diferenças entre raparigas e rapazes)

Na área dos valores da família, vemos que os rapazes acentuam bastante mais que as raparigas, a utilidade das experiências sexuais pré-matrimoniais, no caso do sexo masculino, enquanto que para as raparigas, a perda de

virgindade deixou de ser considerada importante. Assim, ainda que no geral, os valores coincidam, vemos que rapazes e raparigas, marcam mais a sua opinião em causa própria.

No que respeita o trabalho feminino, embora no geral estejam de acordo que a mulher deve trabalhar, para os rapazes é preferível que isso só aconteça se o horário for compatível com as lides domésticas, enquanto que, para as raparigas está fora de causa que haja um abandono do emprego, ou mesmo uma redução de horário, por esse motivo. Ainda assim, poderíamos ser levados a pensar que as raparigas colocam a família em segundo plano, mas isso não corresponde à verdade. As raparigas, comparativamente aos rapazes, valorizam mais a família, enquanto que para os rapazes, os amigos constituem um aspecto de grande importância. Existe então, da parte das raparigas, o desejo de manutenção de um duplo, ou triplo papel, de mães, mulheres e profissionais, enquanto que os rapazes manifestam ainda alguma tendência para o conservadorismo, a esse nível.

Quanto aos valores políticos, vemos que os rapazes se mostram um pouco mais interessados pela política que as raparigas, ainda que o envolvimento não sejam muito grande.

A opinião crítica em relação às Instituições é coincidente nos dois sexos. Face à toxicodependência, raparigas e rapazes defendem a adopção de diferentes atitudes. O sexo feminino acha preferível apostar na prevenção, mas os rapazes não colocam de parte as hipóteses de repressão ou tratamento.

Os valores ligados ao progresso e civilização são, na sua maioria, coincidentes. A única excepção surge em relação à crise civilizacional que para os rapazes passa por uma aposta na ciência.

A religião é, para os dois sexos, um aspecto importante na vida, como fonte de tranquilidade espiritual mas esta atitude de contemplação é mais

adoptada pelas raparigas, já que os rapazes são de opinião que possuir uma crença religiosa pode significar que o indivíduo está à procura de uma fuga para os seus problemas.

Em conclusão, vemos que os valores dos jovens do sexo masculino não diferem substancialmente dos valores dos jovens do sexo feminino. As diferenças são mais acentuadas nos valores ligados à família e, num ponto ou noutro, ao nível da política, religião e resolução de problemas sociais como a toxicod dependência.

5.3 Diferenças entre os valores dos jovens autóctones e não autóctones

Não existem grandes diferenças ao nível dos valores, que oponham os jovens autóctones e não autóctones. Ao nível dos valores da família, apenas existem diferenças de atitude face à educação pré-escolar, em que constatamos da parte dos autóctones uma maior valorização do papel da família como agente educativo nos primeiros anos de vida. Os jovens não autóctones²² são de opinião que uma instituição (Infantário), favorece muito mais o desenvolvimento das crianças.

Ao nível dos valores políticos, os jovens autóctones inclinam-se mais para os partidos de Esquerda, enquanto que os não autóctones são mais de Direita.

No que respeita os valores relativos às Instituições, vemos que os jovens não autóctones confiam mais nos tribunais que os autóctones, pelo que não colocam a hipótese de virem a fazer justiça pelas suas próprias mãos.

²² relembramos que, os não autóctones pertencem na sua maioria aos PALOP

Quanto à liberalização do consumo de drogas, constatamos a existência da parte dos jovens autóctones, de uma maior tendência para o proibicionismo total.

Os restantes valores são absolutamente consensuais. Não sabemos se antes da entrada para a Universidade já assim era, ou se o permanente contacto entre os jovens favoreceu a construção de um sistema homogêneo de valores.

5.4 Continuidade ou descontinuidade geracional?

Cerca de duas décadas separam a nossa amostra de jovens e de progenitores. A maior parte dos progenitores são do sexo feminino e têm 45 a 50 anos. São casados, autóctones e católicos.

Interessam-se pela televisão, rádio e leitura, sendo que lêem diariamente jornais não desportivos. A secção que mais os atrai é a da vida nacional, seguindo-se-lhe as notícias internacionais e os artigos de fundo. São pouco desportistas e não se interessam por pertencer a movimentos associativos, sejam eles de que natureza for.

Ainda não aderiram às novas tecnologias, como o computador e a Internet, optando pela máquina de calcular. Viajam pouco e passaram as últimas férias em Portugal.

Verificamos que a nível de práticas sociais, existem algumas diferenças entre progenitores e estudantes, muito embora fossem de esperar ainda maiores descontinuidades, se tivermos em conta que a maioria dos progenitores tem o ensino primário. O interesse pelo desporto e pelas artes que os mais novos revelam, não encontra eco por parte dos mais velhos. Fazem ambos pouco uso de material cultural, nomeadamente dos cinemas, optando pela

televisão. Os progenitores têm mais hábitos de leitura que os jovens, sendo que compram frequentemente jornais não desportivos.

Falaremos em seguida, dos valores e, sobretudo, das descontinuidades existentes entre gerações.²³

No importante capítulo que se refere aos valores da família, continuaremos a seguir as orientações de Figueiredo (2001), pelo que começamos por comparar as duas gerações no que respeita aos aspectos à sexualidade, planeamento familiar, divórcio, objectivos do casamento, filhos desejados, trabalho feminino, aspectos importantes da vida e educação pré-escolar.

Na área dos valores face à sexualidade pré-matrimonial, que se observam maiores descontinuidades geracionais. No que concerne a vida sexual pré-matrimonial dos rapazes, vemos que os progenitores consideram-na repreensível e até perigosa enquanto que os jovens acham-na útil e sem gravidade. O mesmo se passa em relação à vida sexual pré-matrimonial das raparigas. Os progenitores são de opinião que é algo repreensível e perigoso enquanto que os jovens não vêm na de grave no facto de as raparigas começarem a ter uma sexualidade activa, antes do casamento. Os mais velhos, colocam-se numa postura marcadamente repressora da sexualidade pré-matrimonial, sendo mais insistentes no caso das raparigas. Estes valores contrastam com uma postura mais liberal assumida pela geração de mais novos.

Quanto ao planeamento familiar, vemos que não existem quaisquer diferenças de opiniões entre gerações, uma vez que ambas concordam que é

²³ partimos do pressuposto que existem tensões entre gerações ou/e entre sexos, sempre que os resultados do teste de significâncias sejam altamente significativos.

que é algo sempre lícito tendo em conta as condições de procriação e educação. Aliás, os jovens são de opinião que os casais devem ter apenas um filho, pelo que se impõe o recurso a uma planificação da maternidade. Por sua vez, os progenitores desejariam ter 4 ou mais filhos.

O modo como o casamento é encarado, marca também uma diferença entre as duas gerações. O casamento é, para os jovens, uma de entre outras formas de união que possibilitam a inter-ajuda entre duas pessoas. Este dado vem ao encontro dos resultados obtidos por Vasconcelos (1998), no seu estudo sobre novas formas de conjugalidade. O laço formal poderá estar a perder um pouco os seus contornos tradicionais. Os jovens saem da sua família de origem com o objectivo de construir a sua própria família, mas essa construção assenta no princípio da reversibilidade. O casamento está incluído nos planos, apenas se constituir um fim desejável para uma relação de amor, não fazendo já parte de uma imposição social. A nova geração também não espera pelo casamento para só aí dar início à vida sexual, nem para ter filhos, como os mais velhos advogam. Já Fernandes (1994) tinha afirmado anteriormente que as mudanças que ocorrem actualmente nas sociedades ocidentais, a estrutura da família também tem vindo a alterar-se. A família já não é entendida da mesma forma como nas gerações anteriores, sem que isso implique uma desvalorização do seu papel no sistema de valores dos jovens.

O casamento e a constituição de uma família continuam a ser importantes mas, acima de tudo, pretendem construir um projecto de vida que lhes proporcionem um equilíbrio emocional (o bem-estar consigo próprios), independentemente da estrutura relacional por que optem. Estes resultados coincidem com a opinião de Machado Pais (1998) isto é, para o autor, os jovens de hoje valorizam a dimensão erótico-hedonista da sexualidade, mas isso não exclui a afectividade pois a maior parte casa por amor e porque encara o

casamento como um projecto de vida a dois. A grande finalidade do casamento é facilitar a ajuda-mútua, pelo que se em algum momento deixar de cumprir essa função, i.e. se a desarmonia entre o casal não permitir o bem-estar interior, optarão sem reservas pelo divórcio.

O casamento surge desligado do projecto de procriação, o que por si só constitui um novo valor da família. Não podemos desligar estas duas questões – sexualidade e casamento – das crenças religiosas. É importante acentuar o facto de os progenitores serem bastante mais religiosos que os jovens, o que em parte explica os diferentes valores assumidos pelas duas gerações.

Ao mesmo tempo, a mulher parece ter conquistado definitivamente o seu lugar como elemento activo no mundo do trabalho. Assim, a geração ulterior acentua a importância da carreira profissional das mulheres, mostrando-se favorável a que exista um emprego durante toda a vida, mesmo que isso implique uma redução no número de filhos e que tenham de colocar mais precocemente as crianças no infantário. Os progenitores por seu turno, valorizam a faceta maternal feminina. A carreira é deslocada para segundo plano, existindo lugar para ela apenas se não implicar uma colisão com a educação das crianças e os afazeres domésticos.

Como afirma Sedas Nunes (1998), o modelo da mulher activa está a impor-se ao da mulher doméstica, mas esse envolvimento com a carreira não implica uma desvinculação das tarefas domésticas. Assim, a mulher tem assim, não um duplo (como nos dizia Machado Pais, 1985), mas sim um triplo papel – mãe, profissional e mulher. O referido autor, chamou a atenção para que apesar de nos valores estar presente a igualdade ao nível da distribuição dos papéis, na prática tal não acontecia. Em regra, era à mulher que cabiam as tarefas domésticas, surgindo a par do trabalho profissional, o que dificultaria bastante a progressão na carreira. No presente estudo, não temos informação

papéis, na prática tal não acontecia. Em regra, era à mulher que cabiam as tarefas domésticas, surgindo a par do trabalho profissional, o que dificultaria bastante a progressão na carreira. No presente estudo, não temos informação que nos permita dizer se existe alguma discrepância entre os valores e as práticas sociais contudo, podemos observar que existem diferenças significativas entre os rapazes e as raparigas no que respeita à postura face ao trabalho da mulher. Os rapazes posicionam-se mais a favor de que a mulher só trabalhe caso exista um horário compatível que lhe permita desempenhar o seu papel de mãe e dona-de-casa, enquanto que as raparigas desejam trabalhar toda a vida. Mas, em contrapartida, são as raparigas que mais valorizam o meio familiar nos primeiros anos da vida de uma criança, enquanto que os rapazes são de opinião que as crianças devem ir o mais cedo possível para o Infantário. Parece, então, que as raparigas assumem à partida essa múltipla tarefa.

O trabalho feminino, para alguns autores como Almeida (1985), não é encarado como reflexo do desejo da emancipação por parte das mulheres, mas sim como uma necessidade do casal de forma a fazer face às despesas. Neste estudo também não podemos perceber se são os desejos de emancipação que motivam as mulheres para o emprego vitalício, se a necessidade a nível económico.

No grande capítulo reservado aos valores políticos incluímos aspectos como: posição política, proximidade a um partido político, valor da democracia, evolução/revolução, Portugal na União Europeia e evolução da União Europeia.

Nesta área, poderíamos esperar encontrar maiores divergências, uma vez que os progenitores testemunharam directamente a grande mudança ocorrida na revolução do 25 de Abril, por sua vez, os jovens já nasceram e cresceram numa época caracterizada pelo crescimento económico, pela entrada na União

Europeia e pela abertura ao exterior. Apesar de tudo isso, o aspecto que mais sobressai é o pouco interesse demonstrado nas duas gerações pelas questões políticas. Estes dados confirmam o que Villaverde Cabral (1998) conclui no seu trabalho, pois este autor é de opinião que «a maior parte dos jovens partidariamente identificados mantém com a política uma relação de débil empenhamento» (p.375). Para Braga da cruz (1985), esta passividade e pouco empenhamento é um fenómeno uma escala mais global e que tem a ver com uma tradição política de não empenhamento, existente no nosso país. A testemunhar isso mesmo, vemos a enorme percentagem de abstenções e não comparências na altura de eleições. Além disso, também aqui podemos encontrar indícios que apontam para que os jovens defendam valores mais individualistas, que seriam incompatíveis com preocupações mais abrangentes, de ordem social ou política.

Quando questionados sobre uma direcção a dar às suas preferências partidárias vemos que as posturas se extremam, os jovens situam-se mais à Direita e os progenitores à Esquerda. Os mais novos optam mais pelos partidos à direita e os mais velhos, pelos partidos à esquerda. Apesar deste desinteresse político, os jovens têm esperança de virem a ter uma participação activa no progresso do país, só que essa participação será, eventualmente, a nível mais técnico e científico, interesses que estão muito marcados.

Para além disso e apesar dos progenitores pertencerem à geração revolucionária, estão em sintonia com os mais novos ao afirmarem que a sociedade deve transformar-se de um modo gradual, recusando o modelo revolucionário. Depositam maiores esperanças numa renovação espiritual ajudada pelos avanços científicos, que na política e economia.

A hipótese de abandono da UE não é bem acolhida pelos jovens e progenitores (ainda que os jovens se manifestem mais fortemente contra) e a

existência de um só Parlamento, constitui uma opção também a colocar de parte.

Nos valores associados às Instituições e problemas sociais, incluímos aspectos ligados à avaliação da eficácia da polícia e sistema prisional, atitude face à marginalidade (criminalidade, uso de drogas, prostituição), liberalização do consumo de drogas e educação escolar.

Constatamos da parte dos progenitores, uma maior benevolência na avaliação que fazem das instituições, sobretudo da instituição policial. Consideram que a polícia desempenha o seu papel o melhor possível e presta um serviço indispensável ao bem-estar da população. Os jovens, por sua vez, são fortemente críticos ao afirmarem que a polícia funciona mal e o sistema prisional está mal estruturado.

No grande tema da marginalidade, vemos que nos sub-temas: criminalidade, droga e alcoolismo, existem conflitos intergeracionais, não os existindo a nível da prostituição, em que ambas gerações consideram ser a prevenção a atitude mais adaptada a esta problemática. Assim, a criminalidade deverá ser combatida, na opinião dos jovens, com o recurso à repressão enquanto que os progenitores consideram que a melhor atitude será a prevenção. No que respeita ao alcoolismo vemos que é também a atitude terapêutica a mais adequada segundo os progenitores e, para os jovens é a repressiva que lhes parece adaptada a esta situação. A atitude terapêutica é também a escolha dos progenitores para o combate à droga, sendo esta uma opinião que não encontra eco nos jovens.

A liberalização do consumo de drogas também não encontra perfeita sintonia entre gerações. Os progenitores são de opinião que todas as drogas legais e ilegais devem ser proibidas, enquanto que os jovens são mais

defensores da ideia que todas as drogas ilegais devem poder ser consumidas mas o tráfico proibido. Vemos então que os jovens se inclinam mais para a liberalização e os mais velhos para o proibicionismo total.

Na área do ensino, tanto progenitores como jovens, concordam que se deve prolongar ao máximo a escolaridade obrigatória.

No que respeita os valores ligados ao Progresso e Civilização (o que desejaria que o progresso tornasse possível em 2010? Objectivos para os próximos 10 a 15 anos; felicidade no ano 2010; visão mais realista; de que modo pode influenciar o progresso?; como vencer a crise da civilização), podemos constatar a existência de alguns focos de tensão.

Os objectivos para o 2010 são bastante diferentes para os progenitores e jovens. O fim das guerras e exércitos é mais valorizado pelos progenitores que pelos jovens. Os jovens, por sua vez, encaram de um modo mais sério que os progenitores, a problemática do ambiente e da poluição.

A diminuição das desigualdades sociais é mais importante para os progenitores que para os jovens.

A crise da civilização passa, para ambas as gerações, por uma renovação espiritual e moral, havendo total consenso nesse ponto.

A geração dos 30 aos 40 anos é, para os jovens, aquela que tem uma visão mais clara do mundo, opinião que não é partilhada pelos progenitores, já que estes apostam em gerações mais velhas (acima dos 40).

Quanto à felicidade no futuro, ambas as gerações consideram que tudo será semelhante ao que é hoje, i.e. as pessoas serão tão felizes como o são neste momento. Ainda assim, os jovens têm esperança de serem capazes de influenciar um pouco o progresso do país, apoiados nos conhecimentos entretanto adquiridos na formação académica. Os progenitores mostram

possuir uma fraca auto-estima, já que se consideram improvável que venham a ser responsáveis por algum tipo de modificação no país.

Por fim, no que respeita os valores ligados às Causas e Religião, incluímos aspectos que se prendem com as Causas por que vale a pena sacrifícios, os Centros de Interesse e Religião.

Respeitante às Causas, vemos que a luta contra a miséria não é um objectivo partilhado pelas duas gerações. Os mais velhos preocupam-se mais com este aspecto que os jovens.

Os jovens admitem poder fazer sacrifícios pela liberdade, enquanto que os progenitores se sacrificariam por conquistar uma melhor qualidade de vida, acabando de vez com a miséria e com as desigualdades sociais. No entanto, são os progenitores que encaram o fim das guerras e dos exércitos, como objectivo prioritário dentro de uma década. Parece assim, que de um modo ou de outro, tanto os mais novos como os mais velhos se aproximam em termos de valores. Temáticas como o ambiente e a poluição, constituem sensibilidades demonstradas pela geração dos mais novos (talvez fruto das campanhas disseminadas na televisão, na imprensa escrita e Internet), o que mostra claramente a presença de valores típicos do pós-materialismo.

Como já referimos, existem algumas diferenças intergeracionais no que respeita os interesses. A geração mais nova sublinha o seu interesse pelas ciências, desporto e artes, enquanto que os mais velhos estão mais interessados nos aspectos sociais e na religião. Face à religião, a geração mais velha assume uma posição passiva (amar e servir Deus), enquanto que os jovens, ainda que não se mostrem tão religiosos como os pais, pretendem encontrar na religião uma forma de obterem tranquilidade espiritual. Mais uma vez, assistimos por parte dos jovens, a uma tendência para valores pessoais, ligados ao corpo e ao

bem-estar, enquanto que os mais velhos assumem valores de ordem social, ligados ao bem-estar comum e não do próprio. Como refere Ferreira (1998-b), os jovens de hoje actuam segundo um individualismo expressivo, preocupam-se com o corpo, o que os leva a praticar um leque muito variado de desportos.

Podemos afirmar que, à semelhança do trabalho de Figueiredo (1988), também agora constatamos a existência de áreas consensuais e outras áreas de tensão.²⁴ Os jovens defendem mais valores pessoais enquanto que os progenitores optam pelos valores sociais. O aumento da tendência para os valores pessoais começa a fazer-se sentir na década de 80, o que leva Vala (1986) a chamar a atenção para a emergência de um neo-individualismo na sociedade portuguesa. Na altura, como actualmente, os jovens orientavam-se mais para os valores pessoais e menos para os sociais. A presença deste tipo de valores na camada mais jovem, está possivelmente à fase de vida em que se encontram e as exigências inerentes. Os jovens estão na recta final de um longo processo de escolarização e, por isso mesmo, estão ávidos de novas experiências, «mais virados para a experimentação das suas capacidades no mundo dos adultos, e logo, mais virados para si próprios» (Blos, 1962/1985 citado por Silva Freire, 1998). Os progenitores, já plenamente instalados na vida activa, focalizam as suas atenções na família. É chegado o momento de operarem mudanças a nível familiar, perante a eminência da saída de casa por parte dos filhos. O casal tem de reordenar as suas vidas, já que os filhos deixam de constituir o foco da sua existência (Gammer, 1999). Vemos, então, que para os mais velhos, a relação com a família é sobrevalorizada, ao passo que, comparativamente, os mais novos investem mais nos amigos (ainda que a família seja igualmente importante).

Os mais velhos mostram a sua preocupação em relação às condições de vida, assumindo-se capazes de sacrifícios de forma a combater a miséria e diminuir as desigualdades pois, na opinião destes, este constituiria um modo de o país progredir. Curiosamente, estas preocupações contrastam com um aparente desinteresse, ou falta de respostas, por parte dos jovens (a opção «não sabe» ou «não responde» assume pontuações estatisticamente relevantes).

Enquanto que os progenitores se preocupam com os aspectos sociais, os jovens acentuam a sensibilidade relativamente às questões ambientais, o que os leva a eleger como prioridade dentro de uma década, o combate à poluição.

Estamos perante uma clara descontinuidade no sentido do modelo de mudança cultural sugerido por Inglehart (1990) Assim, os jovens encontram-se a meio caminho entre as atitudes materialistas e pós-materialistas. Apesar de ser tarefa difícil, identificar grandes mudanças de valores em gerações próximas, podemos detectar alguns domínios onde os valores se alteraram – família, sexualidade e trabalho. Assim, enquanto que os progenitores continuam a defender valores essencialmente materialistas, os jovens defendem valores materialista mas também pos-materialistas. A manutenção dos valores materialistas surge como necessidade de, uma estratégia que lhes permita ter alguma segurança profissional e económica. Os valores pós-materialistas descortinam-se por detrás de preocupações ligadas à preservação do ambiente, tolerância e multiculturalismo, mas estes valores não são completamente partilhados pelos mais velhos, o que poderia conduzir a descontinuidades geracionais. No entanto, os focos de tensão que estão patentes no presente estudo, não implicam uma ruptura entre as duas gerações pois, se assim fosse, os jovens não se manteriam até agora coabitando com os pais. Parece, então, haver da parte das duas gerações uma maior abertura ao diálogo, propiciada

²⁴ Referimo-nos aos resultados altamente significativos, que podem facilmente ser consultados em anexo.

Rapazes regionais / Raparigas Regionais

		RPZ	RAPGAS	343	139	1,645		1,960		2,580		Sig	Sinal
	natureza	17,9	17,2	0,179	0,172	-0,056	0,070	-0,068	0,082	-0,091	0,105		=
	paz	26,5	25,3	0,265	0,253	-0,060	0,084	-0,074	0,098	-0,101	0,125		=
CAUSAS	miséria	14,1	17,2	0,141	0,172	-0,092	0,030	-0,104	0,042	-0,127	0,065		=
FOR QUE	defesa	2,9	2,4	0,029	0,024	-0,021	0,031	-0,026	0,036	-0,036	0,046		=
VALE A PENA	liberdade	12,3	11,6	0,123	0,116	-0,046	0,060	-0,057	0,071	-0,077	0,091		=
SACRIFÍCIOS	direitos do H.	25,4	25,7	0,254	0,257	-0,075	0,069	-0,089	0,083	-0,116	0,110		=
	nenhuma	0,8	0,5	0,008	0,005	-0,010	0,016	-0,012	0,018	-0,017	0,023		=
	Sem resp.	9,8	9,4	0,098	0,094	-0,045	0,053	-0,054	0,062	-0,072	0,080		=
PROGRESSO	ordem	5,0	5,0	0,050	0,050	-0,036	0,036	-0,043	0,043	-0,057	0,057		=
DO	facilitar	10,2	8,6	0,102	0,086	-0,031	0,063	-0,041	0,073	-0,058	0,090		=
PAÍS	diminuir desig	77,8	78,4	0,778	0,784	-0,074	0,062	-0,087	0,075	-0,113	0,101		=
	Sem resp.	7,1	7,9	0,071	0,079	-0,052	0,036	-0,060	0,044	-0,077	0,061		=
PROGRESSO	cura doenças	32,2	30,6	0,322	0,306	-0,061	0,093	-0,075	0,107	-0,104	0,136		=
TORNASSE	fim guerras	17,5	18,6	0,175	0,186	-0,075	0,053	-0,087	0,065	-0,111	0,089		=
POSSÍVEL	metereologia	0,2	0,8	0,002	0,008	-0,019	0,007	-0,022	0,010	-0,026	0,014		=
EM	vida ET	1,7	0,8	0,017	0,008	-0,008	0,026	-0,011	0,029	-0,018	0,036		=
2010	fim fome	24,1	21,7	0,241	0,217	-0,045	0,093	-0,058	0,106	-0,084	0,132		=
	igualdade	11,5	18,2	0,115	0,182	-0,128	-0,006	-0,139	0,005	-0,162	0,028	.	<
	idioma	0,9	0,0	0,009	0,000	0,001	0,017	-0,001	0,019	-0,004	0,022	.	>
	comb. Poluição	11,8	9,3	0,118	0,093	-0,025	0,075	-0,034	0,084	-0,053	0,103		=
	Sem resp.	7,1	7,2	0,071	0,072	-0,044	0,042	-0,052	0,050	-0,068	0,066		=
CRISE	ciência e técn	17,2	7,9	0,172	0,079	0,043	0,143	0,033	0,153	0,014	0,172	**	>
DA	econ. e polít.	12,8	11,5	0,128	0,115	-0,040	0,066	-0,051	0,077	-0,071	0,097		=
CIVILIZAÇÃO	ren. Espir	52,8	64,0	0,528	0,640	-0,192	-0,032	-0,208	-0,016	-0,238	0,014	*	<
	não pode	7,3	2,2	0,073	0,022	0,020	0,082	0,014	0,088	0,003	0,099	**	>
	Sem resp.	9,9	14,4	0,099	0,144	-0,101	0,011	-0,111	0,021	-0,132	0,042		=
FELICIDADE	mais	14,0	7,2	0,140	0,072	0,021	0,115	0,011	0,125	-0,006	0,142	*	>
NO ANO	menos	19,8	25,9	0,198	0,259	-0,132	0,010	-0,145	0,023	-0,172	0,050		=
2010	igual	58,8	53,2	0,588	0,532	-0,026	0,138	-0,042	0,154	-0,073	0,185		=
	Sem resp.	8,2	13,7	0,082	0,137	-0,109	-0,001	-0,119	0,009	-0,139	0,029	.	<
CONTRIBUIÇÃO	sim	57,1	56,1	0,571	0,561	-0,072	0,092	-0,088	0,108	-0,119	0,139		=
PARA O	talvez	40,8	35,3	0,408	0,353	-0,025	0,135	-0,040	0,150	-0,070	0,180		=
PROGRESSO	não	1,2	4,3	0,012	0,043	-0,061	-0,001	-0,067	0,005	-0,078	0,016	.	<
	Sem resp.	0,9	4,3	0,009	0,043	-0,064	-0,004	-0,069	0,001	-0,080	0,012	.	<
VISÃO MAIS	menos 20	1,2	0,0	0,012	0,000	0,002	0,022	0,000	0,024	-0,003	0,027	*	>
REALISTA	20-25	14,6	7,2	0,146	0,072	0,026	0,122	0,017	0,131	-0,001	0,149	*	>
DO MUNDO	25-30	22,4	21,6	0,224	0,216	-0,060	0,076	-0,073	0,089	-0,099	0,115		=
	30-40	28,6	28,8	0,286	0,288	-0,077	0,073	-0,091	0,087	-0,119	0,115		=
	40-50	17,5	17,3	0,175	0,173	-0,061	0,065	-0,073	0,077	-0,096	0,100		=
	mais de 50	4,7	8,6	0,047	0,086	-0,082	0,004	-0,091	0,013	-0,107	0,029		=
	Sem resp.	11,1	16,5	0,111	0,165	-0,113	0,005	-0,124	0,016	-0,146	0,038		=
SE PORTUGAL	pena	67,9	64,7	0,679	0,647	-0,047	0,111	-0,062	0,126	-0,091	0,155		=
ABANDONASSE	indiferença	9,3	12,2	0,093	0,122	-0,081	0,023	-0,091	0,033	-0,111	0,053		=
A UE?	alvíio	8,7	7,2	0,087	0,072	-0,029	0,059	-0,037	0,067	-0,054	0,084		=
	Sem resp.	14,0	15,8	0,140	0,158	-0,077	0,041	-0,089	0,053	-0,111	0,075		=
CONCEPÇÃO	part único	8,2	0,0	0,082	0,000	0,058	0,106	0,053	0,111	0,044	0,120	**	>
UE	varios part	83,4	72,7	0,834	0,727	0,037	0,177	0,023	0,191	-0,003	0,217	*	>
	Sem resp.	8,5	27,3	0,085	0,273	-0,255	-0,121	-0,268	-0,108	-0,293	-0,083	**	<
ASPECTOS	ciências	27,6	14,9	0,276	0,149	0,063	0,191	0,051	0,203	0,027	0,227	**	>
DA	poli. Nac	8,1	5,9	0,081	0,059	-0,019	0,063	-0,027	0,071	-0,042	0,086		=
VIDA	desporto	14,6	4,0	0,146	0,040	0,064	0,148	0,056	0,156	0,041	0,171	**	>
QUE	probl socied	12,6	22,6	0,126	0,226	-0,165	-0,035	-0,178	-0,022	-0,203	0,003	*	<
INTERESSAM	artes	8,7	12,3	0,087	0,123	-0,088	0,016	-0,098	0,026	-0,118	0,046		=
	povos	2,7	4,4	0,027	0,044	-0,049	0,015	-0,055	0,021	-0,067	0,033		=
	religiões	2,7	5,2	0,027	0,052	-0,059	0,009	-0,066	0,016	-0,079	0,029		=
	ambiente	14,5	16,9	0,145	0,169	-0,085	0,037	-0,097	0,049	-0,120	0,072		=
	terc mundo	3,8	9,6	0,038	0,096	-0,102	-0,014	-0,111	-0,005	-0,128	0,012	*	<
	pol. Int	3,2	1,6	0,032	0,016	-0,007	0,039	-0,012	0,044	-0,021	0,053		=
	religião	1,6	2,5	0,016	0,025	-0,033	0,015	-0,038	0,020	-0,047	0,029		=
	Sem resp.	1,7	2,9	0,017	0,029	-0,038	0,014	-0,043	0,019	-0,053	0,029		=

Rapazes regionais / Raparigas Regionais

EDUCAÇÃO	prolongar	56,3	66,9	0,563	0,669	-0,185	-0,027	-0,200	-0,012	-0,230	0,018	*	<
ESCOLAR	reduzir	1,5	0,7	0,015	0,007	-0,008	0,024	-0,011	0,027	-0,017	0,033		=
	não interessa	35,6	24,5	0,356	0,245	0,037	0,185	0,023	0,199	-0,004	0,226	*	>
	Sem resp.	6,7	7,9	0,067	0,079	-0,056	0,032	-0,064	0,040	-0,081	0,057		=
TRIBUNAIS	mãos próprias	10,5	12,9	0,105	0,129	-0,078	0,030	-0,088	0,040	-0,109	0,061		=
ELEIS	comp aos trib	77,6	65,5	0,776	0,655	0,045	0,197	0,030	0,212	0,002	0,240	**	>
	Sem resp.	12,0	21,6	0,120	0,216	-0,160	-0,032	-0,173	-0,019	-0,197	0,005	*	<
POLÍCIA	faz o melhor	24,8	25,2	0,248	0,252	-0,076	0,068	-0,089	0,081	-0,116	0,108		=
	func mal	69,4	70,5	0,694	0,705	-0,087	0,065	-0,101	0,079	-0,130	0,108		=
	não serve	1,7	1,4	0,017	0,014	-0,017	0,023	-0,021	0,027	-0,028	0,034		=
	é o que vale	1,2	0,0	0,012	0,000	0,002	0,022	0,000	0,024	-0,003	0,027	*	>
	Sem resp.	2,9	2,9	0,029	0,029	-0,028	0,028	-0,033	0,033	-0,044	0,044		=
SISTEMA	faz o melhor	23,3	19,4	0,233	0,194	-0,028	0,106	-0,041	0,119	-0,066	0,144		=
PRISIONAL	func mal	67,6	68,3	0,676	0,683	-0,084	0,070	-0,099	0,085	-0,128	0,114		=
	não serve	2,3	2,9	0,023	0,029	-0,033	0,021	-0,038	0,026	-0,048	0,036		=
	é o que vale	1,2	0,0	0,012	0,000	0,002	0,022	0,000	0,024	-0,003	0,027	*	>
	Sem resp.	5,5	9,4	0,055	0,094	-0,084	0,006	-0,093	0,015	-0,110	0,032		=
CRIMINALIDADE	preventiva	43,4	54,7	0,434	0,547	-0,195	-0,031	-0,211	-0,015	-0,242	0,016	*	<
	terapeutica	3,5	2,9	0,035	0,029	-0,023	0,035	-0,028	0,040	-0,039	0,051		=
	repressiva	42,2	30,9	0,422	0,309	0,035	0,191	0,020	0,206	-0,009	0,235	*	>
	Sem resp.	11,1	11,5	0,111	0,115	-0,057	0,049	-0,067	0,059	-0,086	0,078		=
ALCOOLISMO	preventiva	51,3	60,4	0,513	0,604	-0,172	-0,010	-0,188	0,006	-0,219	0,037	.	<
	terapeutica	35,6	27,3	0,356	0,273	0,008	0,158	-0,007	0,173	-0,035	0,201	.	>
	repressiva	2,3	0,7	0,023	0,007	-0,002	0,034	-0,005	0,037	-0,012	0,044		=
	Sem resp.	10,8	11,5	0,108	0,115	-0,059	0,045	-0,069	0,055	-0,089	0,075		=
CONSUMO	preventiva	65,0	77,0	0,650	0,770	-0,192	-0,048	-0,206	-0,034	-0,234	-0,006	**	<
DE	terapeutica	10,5	4,3	0,105	0,043	0,023	0,101	0,015	0,109	0,000	0,124	**	>
DROGAS	repressiva	10,8	4,3	0,108	0,043	0,025	0,105	0,018	0,112	0,003	0,127	**	>
	Sem resp.	13,7	14,4	0,137	0,144	-0,065	0,051	-0,076	0,062	-0,098	0,084		=
PROSTITUIÇÃO	preventiva	66,2	72,7	0,662	0,727	-0,140	0,010	-0,154	0,024	-0,183	0,053		=
	terapeutica	9,9	6,5	0,099	0,065	-0,009	0,077	-0,018	0,086	-0,034	0,102		=
	repressiva	9,9	8,6	0,099	0,086	-0,034	0,060	-0,043	0,069	-0,061	0,087		=
	Sem resp.	14,0	12,2	0,140	0,122	-0,037	0,073	-0,048	0,084	-0,068	0,104		=
RELIGIOSIDADE	religioso	63,8	66,9	0,638	0,669	-0,109	0,047	-0,124	0,062	-0,154	0,092		=
	não religioso	22,4	18,0	0,224	0,180	-0,021	0,109	-0,034	0,122	-0,058	0,146		=
	ateu	9,3	7,2	0,093	0,072	-0,023	0,065	-0,032	0,074	-0,049	0,091		=
	Sem resp.	4,4	7,9	0,044	0,079	-0,077	0,007	-0,085	0,015	-0,101	0,031		=
O QUE	amar e servir	8,5	14,4	0,085	0,144	-0,114	-0,004	-0,124	0,006	-0,145	0,027	.	<
PROCURA	nec espir	59,2	61,9	0,592	0,619	-0,108	0,054	-0,123	0,069	-0,153	0,099		=
NA RELIGIÃO	probls morais	7,0	8,6	0,070	0,086	-0,061	0,029	-0,070	0,038	-0,087	0,055		=
	fuga	16,3	4,3	0,163	0,043	0,077	0,163	0,068	0,172	0,052	0,188	**	>
	salvação	3,6	2,9	0,038	0,029	-0,020	0,038	-0,025	0,043	-0,036	0,054		=
	Sem resp.	5,2	7,9	0,052	0,079	-0,069	0,015	-0,078	0,024	-0,094	0,040		=
POSIÇÃO	extrema-esq	1,7	1,4	0,017	0,014	-0,017	0,023	-0,021	0,027	-0,028	0,034		=
	extrema-esq	4,7	2,9	0,047	0,029	-0,012	0,048	-0,018	0,054	-0,029	0,065		=
	esquerda	7,6	14,4	0,076	0,144	-0,122	-0,014	-0,133	-0,003	-0,153	0,017	*	<
	esquerda	7,6	14,4	0,076	0,144	-0,122	-0,014	-0,133	-0,003	-0,153	0,017	*	<
	centro	6,4	4,3	0,064	0,043	-0,015	0,057	-0,022	0,064	-0,035	0,077		=
POLÍTICA	centro	9,3	4,3	0,093	0,043	0,012	0,088	0,004	0,096	-0,010	0,110	*	>
	direita	13,4	12,9	0,134	0,129	-0,051	0,061	-0,061	0,071	-0,082	0,092		=
	direita	17,5	11,5	0,175	0,115	0,004	0,116	-0,007	0,127	-0,028	0,148	.	>
	extrema-dir	4,7	2,9	0,047	0,029	-0,012	0,048	-0,018	0,054	-0,029	0,065		=
	extrema-dir	0,0	0,0	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000		=
Sem resp.	27,1	30,9	0,271	0,309	-0,114	0,038	-0,128	0,052	-0,157	0,081		=	
LIGAÇÃO	muito	3,5	0,0	0,035	0,000	0,019	0,051	0,016	0,054	0,009	0,061	**	>
A UMPARTIDO	bastante	4,7	8,6	0,047	0,086	-0,082	0,004	-0,091	0,013	-0,107	0,029		=
	simpatizante	64,7	60,4	0,647	0,604	-0,037	0,123	-0,053	0,139	-0,083	0,169		=
	sem prox	27,1	30,9	0,271	0,309	-0,114	0,038	-0,128	0,052	-0,157	0,081		=
	Sem resp.	0,0	0,0	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000		=
DEMOCRACIA	único parl	4,1	4,3	0,041	0,043	-0,035	0,031	-0,042	0,038	-0,054	0,050		=
	governos	90,1	77,7	0,901	0,777	0,060	0,188	0,048	0,200	0,024	0,224	**	>
	Sem resp.	5,8	18,0	0,058	0,180	-0,179	-0,065	-0,190	-0,054	-0,212	-0,032	**	<

Rapazes regionais / Raparigas Regionais

EVOLUÇÃO	concordo	56,0	59,7	0,560	0,597	-0,118	0,044	-0,134	0,060	-0,165	0,091		=
REVOLUÇÃO	rad errado	4,4	3,6	0,044	0,036	-0,024	0,040	-0,030	0,046	-0,042	0,058		=
	violencia	30,6	25,2	0,306	0,252	-0,019	0,127	-0,033	0,141	-0,061	0,169		=
	Sem resp.	9,0	11,5	0,090	0,115	-0,076	0,026	-0,086	0,036	-0,105	0,055		=
SEXUALIDADE	repreensível	5,0	3,6	0,050	0,036	-0,018	0,046	-0,025	0,053	-0,037	0,065		=
DO RAPAZ	sem grav	28,9	38,1	0,289	0,381	-0,171	-0,013	-0,186	0,002	-0,216	0,032	.	<
	perigosa	11,1	10,8	0,111	0,108	-0,049	0,055	-0,058	0,064	-0,078	0,084		=
	útil	49,9	34,5	0,499	0,345	0,074	0,234	0,059	0,249	0,029	0,279	**	>
	Sem resp.	5,2	12,9	0,052	0,129	-0,128	-0,026	-0,137	-0,017	-0,157	0,003	*	<
SEXUALIDADE	repreensível	6,1	5,0	0,061	0,050	-0,026	0,048	-0,033	0,055	-0,047	0,069		=
DA	sem grav	27,1	43,9	0,271	0,439	-0,248	-0,088	-0,263	-0,073	-0,293	-0,043	**	<
RAPARIGA	perigosa	14,9	14,4	0,149	0,144	-0,053	0,063	-0,064	0,074	-0,086	0,096		=
	útil	37,0	28,8	0,370	0,288	0,006	0,158	-0,009	0,173	-0,038	0,202	.	>
	Sem resp.	14,9	7,9	0,149	0,079	0,021	0,119	0,011	0,129	-0,007	0,147	*	>
O QUE	rel familia	7,3	6,5	0,073	0,065	-0,033	0,049	-0,041	0,057	-0,057	0,073		=
È MAIS	rel amigos	2,3	0,0	0,023	0,000	0,010	0,036	0,007	0,039	0,002	0,044	**	>
IMPORTANTE	o amor	7,0	11,5	0,070	0,115	-0,095	0,005	-0,105	0,015	-0,123	0,033		=
NA VIDA	trabalho	2,3	2,9	0,023	0,029	-0,033	0,021	-0,038	0,026	-0,048	0,036		=
	bem estar	74,6	77,0	0,746	0,770	-0,094	0,046	-0,108	0,060	-0,134	0,086		=
	Sem resp.	5,2	3,6	0,052	0,036	-0,017	0,049	-0,023	0,055	-0,035	0,067		=
FINS	sexualidade	1,5	3,6	0,015	0,036	-0,049	0,007	-0,055	0,013	-0,065	0,023		=
DO CASAMENTO	procriação	6,1	6,5	0,061	0,065	-0,044	0,036	-0,052	0,044	-0,067	0,059		=
	realização	36,7	39,6	0,367	0,396	-0,110	0,052	-0,125	0,067	-0,155	0,097		=
	aux mútuo	46,9	40,3	0,469	0,403	-0,016	0,148	-0,031	0,163	-0,062	0,194		=
	Sem resp.	8,7	9,4	0,087	0,094	-0,055	0,041	-0,064	0,050	-0,082	0,058		=
	liberdade	13,7	10,1	0,137	0,101	-0,016	0,088	-0,026	0,098	-0,046	0,118		=
	desarmonia	45,8	44,6	0,458	0,446	-0,070	0,094	-0,086	0,110	-0,117	0,141		=
	verdade	7,0	10,8	0,070	0,108	-0,087	0,011	-0,096	0,020	-0,115	0,039		=
DIVÓRCIO	indissolúvel	4,1	1,4	0,041	0,014	0,003	0,051	-0,002	0,056	-0,011	0,065	.	>
	fidelidade	0,0	0,0	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000		=
	união temp	6,7	6,5	0,067	0,065	-0,039	0,043	-0,047	0,051	-0,062	0,066		=
	imp educ	0,9	0,7	0,009	0,007	-0,012	0,016	-0,015	0,019	-0,020	0,024		=
	Sem resp.	21,9	25,9	0,219	0,259	-0,111	0,031	-0,125	0,045	-0,152	0,072		=
TRABALHO	toda a vida	70,8	85,6	0,708	0,856	-0,211	-0,085	-0,224	-0,072	-0,248	-0,048	**	<
DA	até casar	0,3	0,7	0,003	0,007	-0,017	0,009	-0,019	0,011	-0,024	0,016		=
MULHER	extr necess	1,2	0,0	0,012	0,000	0,002	0,022	0,000	0,024	-0,003	0,027	*	>
	até ao 1º filho	1,7	0,0	0,017	0,000	0,006	0,028	0,003	0,031	-0,001	0,035	*	>
	em caso nenh	0,0	1,4	0,000	0,014	-0,030	0,002	-0,034	0,006	-0,040	0,012		=
	hor comp	20,4	10,1	0,204	0,101	0,048	0,158	0,037	0,169	0,016	0,190	**	>
	Sem resp.	5,5	2,2	0,055	0,022	0,004	0,062	-0,001	0,067	-0,012	0,078	.	>
PLANEAMENTO	necessário	17,8	17,3	0,178	0,173	-0,058	0,068	-0,070	0,080	-0,093	0,103		=
FAMILIAR	cond saude	8,7	4,3	0,087	0,043	0,006	0,082	-0,001	0,089	-0,015	0,103	.	>
	conj de acordo	20,7	19,4	0,207	0,194	-0,053	0,079	-0,065	0,091	-0,090	0,116		=
	egofsmo	1,5	0,7	0,015	0,007	-0,008	0,024	-0,011	0,027	-0,017	0,033		=
	planificação	49,6	52,5	0,496	0,525	-0,112	0,054	-0,127	0,069	-0,159	0,101		=
	Sem resp.	1,7	5,8	0,017	0,058	-0,076	-0,006	-0,082	0,000	-0,095	0,013	.	<
NÚMERO	nenhum	2,0	2,2	0,020	0,022	-0,026	0,022	-0,031	0,027	-0,040	0,036		=
DE	1 filho	12,5	12,9	0,125	0,129	-0,059	0,051	-0,070	0,062	-0,091	0,083		=
FILHOS	2-3 filhos	74,6	72,7	0,746	0,727	-0,054	0,092	-0,068	0,106	-0,096	0,134		=
	4 ou mais	5,5	9,4	0,055	0,094	-0,084	0,006	-0,093	0,015	-0,110	0,032		=
	Sem resp.	5,2	2,9	0,052	0,029	-0,008	0,054	-0,013	0,059	-0,025	0,071		=
EDUCAÇÃO	3 anos - infant	60,9	67,6	0,609	0,676	-0,145	0,011	-0,160	0,026	-0,190	0,056		=
PRÉ-ESCOLAR	familia	8,5	9,4	0,085	0,094	-0,057	0,039	-0,066	0,048	-0,084	0,066		=
	infantario	28,9	21,6	0,289	0,216	0,003	0,143	-0,011	0,157	-0,037	0,183	.	>
	Sem resp.	1,7	1,4	0,017	0,014	-0,017	0,023	-0,021	0,027	-0,028	0,034		=
LIBERALIZAÇÃO	proib consumo	5,2	7,2	0,052	0,072	-0,061	0,021	-0,069	0,029	-0,084	0,044		=
DO	ilegais	46,4	44,6	0,464	0,446	-0,064	0,100	-0,080	0,116	-0,111	0,147		=
CONSUMO	traf proib	24,8	23,0	0,248	0,230	-0,052	0,088	-0,066	0,102	-0,092	0,128		=
DE DROGAS	maléficos	17,2	12,7	0,172	0,127	-0,012	0,102	-0,023	0,113	-0,045	0,135		=
	Sem resp.	6,4	11,5	0,064	0,115	-0,101	-0,001	-0,110	0,008	-0,129	0,027	.	<

Anexo 2

Tabelas de significâncias das amostras de autóctones e não autóctones

Jovens autóctones/ Jovens não autóctones

		Porto	n/Porto	266	216	1,645		1,960		2,580		Sig	Sinal
	natureza	17,9	18,0	0,179	0,180	-0,059	0,057	-0,070	0,068	-0,092	0,090		=
	paz	27,0	25,9	0,270	0,259	-0,055	0,077	-0,068	0,090	-0,093	0,115		=
CAUSAS	miséria	13,5	14,8	0,135	0,148	-0,066	0,040	-0,076	0,050	-0,096	0,070		=
POR QUE	defesa	2,5	3,4	0,025	0,034	-0,035	0,017	-0,040	0,022	-0,049	0,031		=
VALE A PENA	liberdade	12,0	12,9	0,120	0,129	-0,059	0,041	-0,068	0,050	-0,087	0,069		=
SACRIFÍCIOS	direitos do H.	26,2	24,5	0,262	0,245	-0,048	0,082	-0,061	0,095	-0,086	0,120		=
	nenhuma	0,9	0,5	0,009	0,005	-0,008	0,016	-0,011	0,019	-0,015	0,023		=
	Sem resp.	9,0	10,6	0,090	0,106	-0,061	0,029	-0,070	0,038	-0,086	0,054		=
PROGRESSO	ordem	3,8	6,5	0,038	0,065	-0,061	0,007	-0,067	0,013	-0,080	0,026		=
DO	facilitar	9,0	11,6	0,090	0,116	-0,072	0,020	-0,081	0,029	-0,098	0,046		=
PAÍS	diminuir desig	80,8	74,1	0,808	0,741	0,004	0,130	-0,008	0,142	-0,032	0,166	.	>
	Sem resp.	6,4	7,9	0,064	0,079	-0,054	0,024	-0,061	0,031	-0,076	0,046		=
	cura doenças	29,6	35,6	0,296	0,356	-0,131	0,011	-0,144	0,024	-0,171	0,051		=
	fim guerras	20,4	13,9	0,204	0,139	0,009	0,121	-0,002	0,132	-0,023	0,153	.	>
PROGRESSO	metereologia	0,0	0,5	0,000	0,005	-0,013	0,003	-0,014	0,004	-0,017	0,007		=
TORNASSE	vida ET	1,6	1,8	0,016	0,018	-0,022	0,018	-0,025	0,021	-0,033	0,029		=
POSSÍVEL	fim fome	23,6	24,7	0,236	0,247	-0,076	0,054	-0,088	0,066	-0,112	0,090		=
EM	igualdade	11,6	11,4	0,116	0,114	-0,046	0,050	-0,055	0,059	-0,073	0,077		=
2010	idioma	0,0	2,0	0,000	0,020	-0,036	-0,004	-0,039	-0,001	-0,045	0,005	*	<
	comb. Poluição	13,2	10,1	0,132	0,101	-0,017	0,079	-0,026	0,088	-0,044	0,106		=
	Sem resp.	6,0	8,3	0,060	0,083	-0,062	0,016	-0,070	0,024	-0,084	0,038		=
CRISE	ciência e técn	13,9	15,3	0,139	0,153	-0,067	0,039	-0,078	0,050	-0,098	0,070		=
DA	econ. e polit.	9,0	16,7	0,090	0,167	-0,128	-0,026	-0,137	-0,017	-0,157	0,003	*	<
CIVILIZAÇÃO	ren. Espir	59,0	52,3	0,590	0,523	-0,008	0,142	-0,022	0,156	-0,050	0,184		=
	não pode	7,1	4,2	0,071	0,042	-0,005	0,063	-0,012	0,070	-0,025	0,083		=
	Sem resp.	10,9	11,6	0,109	0,116	-0,055	0,041	-0,064	0,050	-0,082	0,068		=
FELICIDADE	mais	9,8	14,8	0,098	0,148	-0,100	0,000	-0,109	0,009	-0,128	0,028	.	<
NO ANO	menos	22,6	20,4	0,226	0,204	-0,040	0,084	-0,052	0,096	-0,075	0,119		=
2010	igual	55,6	57,9	0,556	0,579	-0,098	0,052	-0,112	0,066	-0,140	0,094		=
	Sem resp.	12,0	6,9	0,120	0,069	0,008	0,094	-0,001	0,103	-0,017	0,119	.	>
CONTRIBUIÇÃO	sim	55,6	58,3	0,556	0,583	-0,102	0,048	-0,116	0,062	-0,144	0,090		=
PARA O	talvez	40,6	37,5	0,406	0,375	-0,042	0,104	-0,056	0,118	-0,084	0,146		=
PROGRESSO	não	3,0	0,9	0,030	0,009	0,001	0,041	-0,003	0,045	-0,011	0,053	.	>
	Sem resp.	0,8	3,2	0,008	0,032	-0,046	-0,002	-0,050	0,002	-0,058	0,010	.	<
VISÃO MAIS	menos 20	1,5	0,0	0,015	0,000	0,003	0,027	0,000	0,030	-0,004	0,034	*	>
REALISTA	20-25	11,3	13,9	0,113	0,139	-0,076	0,024	-0,086	0,034	-0,105	0,053		=
DO MUNDO	25-30	18,0	27,3	0,180	0,273	-0,156	-0,030	-0,168	-0,018	-0,192	0,006	*	<
	30-40	30,1	26,9	0,301	0,269	-0,036	0,100	-0,049	0,113	-0,074	0,138		=
	40-50	18,0	16,7	0,180	0,167	-0,044	0,070	-0,055	0,081	-0,076	0,102		=
	mais de 50	4,5	7,4	0,045	0,074	-0,065	0,007	-0,072	0,014	-0,085	0,027		=
	Sem resp.	16,5	7,9	0,165	0,079	0,038	0,134	0,029	0,143	0,011	0,161	**	>
SE PORTUGAL	pena	66,2	68,1	0,662	0,681	-0,090	0,052	-0,103	0,065	-0,130	0,092		=
ABANDONASSE	indiferença	9,8	10,6	0,098	0,106	-0,054	0,038	-0,062	0,046	-0,080	0,064		=
A UE?	alívio	7,9	8,8	0,079	0,088	-0,051	0,033	-0,059	0,041	-0,075	0,057		=
	Sem resp.	16,2	12,5	0,162	0,125	-0,015	0,089	-0,025	0,099	-0,045	0,119		=
CONCEPÇÃO	part único	6,0	5,6	0,060	0,056	-0,031	0,039	-0,038	0,046	-0,051	0,059		=
UE	varios part	80,5	80,1	0,805	0,801	-0,056	0,064	-0,067	0,075	-0,090	0,098		=
	Sem resp.	13,5	14,4	0,135	0,144	-0,061	0,043	-0,071	0,053	-0,091	0,073		=
ASPECTOS	ciências	22,1	26,4	0,221	0,264	-0,108	0,022	-0,120	0,034	-0,144	0,058		=
DA	poli. Nac	8,3	6,6	0,083	0,066	-0,022	0,056	-0,030	0,064	-0,045	0,079		=
VIDA	desporto	11,7	11,3	0,117	0,113	-0,044	0,052	-0,053	0,061	-0,071	0,079		=
QUE	probl socied	15,3	15,5	0,153	0,155	-0,056	0,052	-0,067	0,063	-0,087	0,083		=
INTERESSAM	artes	11,5	7,4	0,115	0,074	-0,003	0,085	-0,011	0,093	-0,027	0,109		=
	povos	2,7	3,9	0,027	0,039	-0,039	0,015	-0,044	0,020	-0,055	0,031		=
	religiões	3,5	3,5	0,035	0,035	-0,028	0,028	-0,033	0,033	-0,043	0,043		=
	ambiente	14,5	16,0	0,145	0,160	-0,069	0,039	-0,080	0,050	-0,100	0,070		=
	terc mundo	4,7	6,4	0,047	0,064	-0,052	0,018	-0,058	0,024	-0,071	0,037		=
	pol. Int	3,5	1,6	0,035	0,016	-0,004	0,042	-0,009	0,047	-0,017	0,055		=
	religião	2,2	1,3	0,022	0,013	-0,010	0,028	-0,014	0,032	-0,022	0,040		=
	Sem resp.	0,0	4,6	0,000	0,046	-0,069	-0,023	-0,074	-0,018	-0,083	-0,009	**	<

Jovens autóctones/ Jovens não autóctones

EDUCAÇÃO	prolongar	58,3	60,6	0,583	0,606	-0,097	0,051	-0,111	0,065	-0,139	0,093		=
ESCOLAR	reduzir	1,5	0,9	0,015	0,009	-0,010	0,022	-0,013	0,025	-0,019	0,031		=
	não interessa	32,3	32,4	0,323	0,324	-0,071	0,069	-0,085	0,083	-0,112	0,110		=
	Sem resp.	7,9	6,0	0,079	0,060	-0,019	0,057	-0,026	0,064	-0,041	0,079		=
TRIBUNAIS	mãos próprias	13,5	8,3	0,135	0,083	0,006	0,098	-0,003	0,107	-0,021	0,125	.	>
ELES	comp aos trib	69,2	80,1	0,692	0,801	-0,174	-0,044	-0,186	-0,032	-0,210	-0,008	**	<
	Sem resp.	17,3	11,6	0,173	0,116	0,005	0,109	-0,005	0,119	-0,025	0,139	.	>
POLÍCIA	faz o melhor	21,8	28,7	0,218	0,287	-0,135	-0,003	-0,147	0,009	-0,172	0,034	.	<
	func mal	71,4	67,6	0,714	0,676	-0,031	0,107	-0,045	0,121	-0,071	0,147		=
	não serve	2,3	0,9	0,023	0,009	-0,004	0,032	-0,008	0,036	-0,015	0,043		=
	é o que vale	0,8	0,9	0,008	0,009	-0,015	0,013	-0,018	0,016	-0,023	0,021		=
	Sem resp.	3,8	1,9	0,038	0,019	-0,006	0,044	-0,010	0,048	-0,020	0,058		=
SISTEMA	faz o melhor	22,9	21,3	0,229	0,213	-0,046	0,078	-0,058	0,090	-0,082	0,114		=
PRISIONAL	func mal	66,9	69,0	0,669	0,690	-0,091	0,049	-0,105	0,063	-0,131	0,089		=
	não serve	2,6	2,3	0,026	0,023	-0,020	0,026	-0,025	0,031	-0,033	0,039		=
	é o que vale	1,1	0,5	0,011	0,005	-0,007	0,019	-0,010	0,022	-0,015	0,027		=
	Sem resp.	6,4	6,9	0,064	0,069	-0,043	0,033	-0,050	0,040	-0,064	0,054		=
CRIMINALIDADE	preventiva	49,6	43,1	0,496	0,431	-0,010	0,140	-0,024	0,154	-0,053	0,183		=
	terapeutica	3,8	2,8	0,038	0,028	-0,017	0,037	-0,022	0,042	-0,032	0,052		=
	repressiva	36,8	41,2	0,368	0,412	-0,117	0,029	-0,132	0,044	-0,159	0,071		=
	Sem resp.	9,8	13,0	0,098	0,130	-0,080	0,016	-0,089	0,025	-0,107	0,043		=
ALCOOLISMO	preventiva	57,9	49,1	0,579	0,491	0,013	0,163	-0,001	0,177	-0,029	0,205	.	>
	terapeutica	29,7	37,5	0,297	0,375	-0,149	-0,007	-0,163	0,007	-0,190	0,034	.	<
	repressiva	1,5	2,3	0,015	0,023	-0,029	0,013	-0,033	0,017	-0,041	0,025		=
	Sem resp.	10,9	11,1	0,109	0,111	-0,049	0,045	-0,058	0,054	-0,076	0,072		=
CONSUMO	preventiva	69,9	66,7	0,699	0,667	-0,038	0,102	-0,052	0,116	-0,078	0,142		=
	DE	terapeutica	10,2	6,9	0,102	0,069	-0,009	0,075	-0,017	0,083	-0,032	0,098	
DROGAS	repressiva	7,9	10,2	0,079	0,102	-0,066	0,020	-0,075	0,029	-0,091	0,045		=
	Sem resp.	12,0	16,2	0,120	0,162	-0,095	0,011	-0,105	0,021	-0,125	0,041		=
PROSTITUIÇÃO	preventiva	71,4	63,9	0,714	0,639	0,005	0,145	-0,009	0,159	-0,036	0,186	.	>
	terapeutica	7,9	10,2	0,079	0,102	-0,066	0,020	-0,075	0,029	-0,091	0,045		=
	repressiva	9,4	9,7	0,094	0,097	-0,047	0,041	-0,056	0,050	-0,073	0,067		=
	Sem resp.	11,3	16,2	0,113	0,162	-0,101	0,003	-0,111	0,013	-0,131	0,033		=
RELIGIOSIDADE	religioso	63,9	65,7	0,639	0,657	-0,090	0,054	-0,104	0,068	-0,131	0,095		=
	não religioso	19,2	23,6	0,192	0,236	-0,106	0,018	-0,118	0,030	-0,141	0,053		=
	ateu	11,7	5,1	0,117	0,051	0,025	0,107	0,017	0,115	0,002	0,130	**	>
	Sem resp.	5,3	5,6	0,053	0,056	-0,037	0,031	-0,044	0,038	-0,057	0,051		=
O QUE	amar e servir	10,9	9,3	0,109	0,093	-0,029	0,061	-0,038	0,070	-0,055	0,087		=
PROCURA	nec aspir	59,4	60,6	0,594	0,606	-0,086	0,062	-0,100	0,076	-0,128	0,104		=
NA RELIGIÃO	probls morais	7,5	7,4	0,075	0,074	-0,039	0,041	-0,046	0,048	-0,061	0,063		=
	fuga	14,3	11,1	0,143	0,111	-0,018	0,082	-0,027	0,091	-0,046	0,110		=
	salvação	3,0	4,2	0,030	0,042	-0,040	0,016	-0,046	0,022	-0,056	0,032		=
	Sem resp.	4,9	7,4	0,049	0,074	-0,062	0,012	-0,068	0,018	-0,082	0,032		=
POSIÇÃO	extrema-esq	2,3	0,9	0,023	0,009	-0,004	0,032	-0,008	0,036	-0,015	0,043		=
POLÍTICA	extrema-esq	3,8	4,6	0,038	0,046	-0,038	0,022	-0,044	0,028	-0,056	0,040		=
	esquerda	8,3	11,1	0,083	0,111	-0,073	0,017	-0,081	0,025	-0,098	0,042		=
	esquerda	13,5	4,6	0,135	0,046	0,047	0,131	0,039	0,139	0,024	0,154	**	>
	centro	4,5	7,4	0,045	0,074	-0,065	0,007	-0,072	0,014	-0,085	0,027		=
	centro	9,8	5,6	0,098	0,056	0,002	0,082	-0,005	0,089	-0,020	0,104	.	>
	direita	9,0	18,5	0,090	0,185	-0,147	-0,043	-0,157	-0,033	-0,177	-0,013	**	<
	direita	15,0	16,7	0,150	0,167	-0,072	0,038	-0,083	0,049	-0,103	0,069		=
	extrema-dir	3,0	5,6	0,030	0,056	-0,057	0,005	-0,063	0,011	-0,075	0,023		=
	extrema-dir	0,0	0,0	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000		=
	Sem resp.	30,8	25,0	0,308	0,250	-0,009	0,125	-0,022	0,138	-0,047	0,163		=
LIGAÇÃO	muito	2,3	2,8	0,023	0,028	-0,029	0,019	-0,033	0,023	-0,042	0,032		=
A UM PARTIDO	bastante	6,0	5,6	0,060	0,056	-0,031	0,039	-0,038	0,046	-0,051	0,059		=
	simpatizante	60,9	66,7	0,609	0,667	-0,130	0,014	-0,144	0,028	-0,171	0,055		=
	sem prox	30,8	25,0	0,308	0,250	-0,009	0,125	-0,022	0,138	-0,047	0,163		=
	Sem resp.	0,0	0,0	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000		=
DEMOCRACIA	único pari	4,5	3,7	0,045	0,037	-0,022	0,038	-0,027	0,043	-0,039	0,055		=
	governos	88,0	84,7	0,880	0,847	-0,019	0,085	-0,029	0,095	-0,048	0,114		=
	Sem resp.	7,5	11,6	0,075	0,116	-0,086	0,004	-0,094	0,012	-0,111	0,029		=

Jovens autóctones/ Jovens não autóctones

EVOLUÇÃO	concordo	53,4	61,6	0,534	0,616	-0,156	-0,008	-0,170	0,006	-0,198	0,034	.	<
REVOLUÇÃO	rad errado	4,9	3,2	0,049	0,032	-0,012	0,046	-0,018	0,052	-0,029	0,063	.	=
	violencia	30,8	26,9	0,308	0,269	-0,029	0,107	-0,042	0,120	-0,068	0,146	.	=
	Sem resp.	10,9	8,3	0,109	0,083	-0,018	0,070	-0,027	0,079	-0,043	0,095	.	=
SEXUALIDADE	repreensível	5,3	3,7	0,053	0,037	-0,015	0,047	-0,021	0,053	-0,033	0,065	.	=
DO RAPAZ	sem grav	34,2	28,2	0,342	0,282	-0,009	0,129	-0,023	0,143	-0,049	0,169	.	=
	perigosa	12,4	9,3	0,124	0,093	-0,015	0,077	-0,024	0,086	-0,042	0,104	.	=
	útil	41,0	50,9	0,410	0,509	-0,174	-0,024	-0,188	-0,010	-0,216	0,018	*	<
	Sem resp.	7,1	7,9	0,071	0,079	-0,048	0,032	-0,055	0,039	-0,070	0,054	.	=
SEXUALIDADE	repreensível	6,0	5,6	0,060	0,056	-0,031	0,039	-0,038	0,046	-0,051	0,059	.	=
DA	sem grav	33,5	30,1	0,335	0,301	-0,036	0,104	-0,049	0,117	-0,076	0,144	.	=
RAPARIGA	perigosa	15,4	13,9	0,154	0,139	-0,038	0,068	-0,048	0,078	-0,068	0,098	.	=
	útil	31,6	38,4	0,316	0,384	-0,140	0,004	-0,154	0,018	-0,181	0,045	.	=
	Sem resp.	13,5	12,0	0,135	0,120	-0,035	0,065	-0,045	0,075	-0,064	0,094	.	=
O QUE	rel familia	5,3	9,3	0,053	0,093	-0,080	0,000	-0,087	0,007	-0,102	0,022	.	<
É MAIS	rel amigos	1,9	1,4	0,019	0,014	-0,014	0,024	-0,018	0,028	-0,025	0,035	.	=
IMPORTANTE	o amor	7,1	9,7	0,071	0,097	-0,068	0,016	-0,076	0,024	-0,092	0,040	.	=
NA VIDA	trabalho	3,4	1,4	0,034	0,014	-0,003	0,043	-0,007	0,047	-0,015	0,055	.	=
	bem estar	78,6	71,3	0,786	0,713	0,008	0,138	-0,005	0,151	-0,030	0,176	.	>
	Sem resp.	3,8	6,0	0,038	0,060	-0,055	0,011	-0,061	0,017	-0,074	0,030	.	=
FINS	sexualidade	1,9	2,3	0,019	0,023	-0,026	0,018	-0,030	0,022	-0,038	0,030	.	=
DO CASAMENTO	procriação	7,9	4,2	0,079	0,042	0,002	0,072	-0,005	0,079	-0,018	0,092	.	>
	realização	38,7	36,1	0,387	0,361	-0,047	0,099	-0,061	0,113	-0,088	0,140	.	=
	aux mútuo	43,2	47,2	0,432	0,472	-0,115	0,035	-0,129	0,049	-0,158	0,078	.	=
	Sem resp.	8,6	9,3	0,086	0,093	-0,050	0,036	-0,058	0,044	-0,075	0,061	.	=
DIVÓRCIO	liberdade	12,8	12,5	0,128	0,125	-0,047	0,053	-0,057	0,063	-0,076	0,082	.	=
	desarmonia	45,1	45,8	0,451	0,458	-0,082	0,068	-0,096	0,082	-0,125	0,111	.	=
	verdade	8,3	7,9	0,083	0,079	-0,037	0,045	-0,045	0,053	-0,060	0,068	.	=
	indissolúvel	3,4	3,2	0,034	0,032	-0,025	0,029	-0,030	0,034	-0,040	0,044	.	=
	fidelidade	0,0	0,0	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	.	=
	união temp	7,1	6,0	0,071	0,060	-0,026	0,048	-0,033	0,055	-0,047	0,069	.	=
	imp educ	1,1	0,5	0,011	0,005	-0,007	0,019	-0,010	0,022	-0,015	0,027	.	=
	Sem resp.	22,2	24,1	0,222	0,241	-0,083	0,045	-0,095	0,057	-0,119	0,081	.	=
TRABALHO	toda a vida	78,2	75,3	0,782	0,753	-0,035	0,093	-0,047	0,105	-0,071	0,129	.	=
DA	até casar	0,4	0,5	0,004	0,005	-0,011	0,009	-0,013	0,011	-0,017	0,015	.	=
MULHER	extr necess	0,4	1,4	0,004	0,014	-0,025	0,005	-0,027	0,007	-0,033	0,013	.	=
	até ao 1º filho	1,5	0,9	0,015	0,009	-0,010	0,022	-0,013	0,025	-0,019	0,031	.	=
	em caso nenh	0,0	0,9	0,000	0,009	-0,020	0,002	-0,022	0,004	-0,026	0,008	.	=
	hor comp	14,3	21,3	0,143	0,213	-0,128	-0,012	-0,139	-0,001	-0,161	0,021	*	<
	Sem resp.	5,3	3,7	0,053	0,037	-0,015	0,047	-0,021	0,053	-0,033	0,065	.	=
PLANEAMENTO	necessário	19,2	15,7	0,192	0,157	-0,022	0,092	-0,033	0,103	-0,054	0,124	.	=
FAMILIAR	cond saude	6,8	8,3	0,068	0,083	-0,055	0,025	-0,063	0,033	-0,078	0,048	.	=
	conj de acordo	21,1	19,4	0,211	0,194	-0,043	0,077	-0,055	0,089	-0,078	0,112	.	=
	egoísmo	1,5	0,9	0,015	0,009	-0,010	0,022	-0,013	0,025	-0,019	0,031	.	=
	planificação	49,6	51,4	0,496	0,514	-0,093	0,057	-0,108	0,072	-0,136	0,100	.	=
	Sem resp.	1,9	4,2	0,019	0,042	-0,049	0,003	-0,054	0,008	-0,064	0,018	.	=
NÚMERO	nenhum	3,0	0,9	0,030	0,009	0,001	0,041	-0,003	0,045	-0,011	0,053	.	>
DE	1 filho	12,2	12,0	0,122	0,120	-0,047	0,051	-0,057	0,061	-0,075	0,079	.	=
FILHOS	2-3 filhos	70,7	78,2	0,707	0,782	-0,140	-0,010	-0,153	0,003	-0,177	0,027	.	<
	4 ou mais	8,3	4,6	0,083	0,046	0,001	0,073	-0,006	0,080	-0,020	0,094	.	>
	Sem resp.	4,9	4,2	0,049	0,042	-0,024	0,038	-0,030	0,044	-0,042	0,056	.	=
EDUCAÇÃO	3 anos - infant	68,8	55,6	0,688	0,556	0,059	0,205	0,045	0,219	0,018	0,246	**	>
PRÉ-ESCOLAR	familia	7,9	9,7	0,079	0,097	-0,061	0,025	-0,069	0,033	-0,085	0,049	.	=
	infantario	21,8	32,9	0,218	0,329	-0,178	-0,044	-0,191	-0,031	-0,216	-0,006	**	<
	Sem resp.	1,5	1,9	0,015	0,019	-0,024	0,016	-0,027	0,019	-0,035	0,027	.	=
LIBERALIZAÇÃO	proib consumo	8,6	2,3	0,086	0,023	0,030	0,096	0,024	0,102	0,011	0,115	**	>
DO	ilegais	44,4	47,7	0,444	0,477	-0,108	0,042	-0,122	0,056	-0,151	0,085	.	=
CONSUMO	traf proib	25,2	23,1	0,252	0,231	-0,043	0,085	-0,056	0,098	-0,080	0,122	.	=
DE DROGAS	malefícios	13,9	19	0,139	0,190	-0,107	0,005	-0,118	0,016	-0,139	0,037	.	=
	Sem resp.	7,9	7,9	0,079	0,079	-0,041	0,041	-0,048	0,048	-0,064	0,064	.	=

Progenitores autóctones / Progenitores não autóctones

		Porto	n/Porto	142	230	1,645		1,960		2,580		Sig	Sinal
	natureza	13,2	18,8	0,132	0,188	-0,119	0,007	-0,131	0,019	-0,155	0,043		=
	paz	28,6	29,8	0,286	0,298	-0,092	0,068	-0,107	0,083	-0,137	0,113		=
CAUSAS	miséria	25,2	21,5	0,252	0,215	-0,038	0,112	-0,052	0,126	-0,080	0,154		=
FOR QUE	defesa	1,6	2,0	0,016	0,020	-0,027	0,019	-0,031	0,023	-0,040	0,032		=
VALE A PENA	liberdade	8,0	7,2	0,080	0,072	-0,039	0,055	-0,048	0,064	-0,065	0,081		=
SACRIFÍCIOS	direitos do H.	22,6	20,7	0,226	0,207	-0,054	0,092	-0,067	0,105	-0,095	0,133		=
	nenhuma	0,6	0,0	0,006	0,000	-0,005	0,017	-0,007	0,019	-0,011	0,023		=
	Sem resp.	14,8	13,0	0,148	0,130	-0,043	0,079	-0,055	0,091	-0,078	0,114		=
PROGRESSO	ordem	4,9	6,1	0,049	0,061	-0,052	0,028	-0,059	0,035	-0,074	0,050		=
DO	facilitar	7,0	7,8	0,070	0,078	-0,054	0,038	-0,062	0,046	-0,080	0,064		=
PAÍS	diminuir desig	88,0	84,3	0,880	0,843	-0,023	0,097	-0,034	0,108	-0,057	0,131		=
	Sem resp.	0,0	1,7	0,000	0,017	-0,031	-0,003	-0,034	0,000	-0,039	0,005	*	<
PROGRESSO	cura doenças	29,1	37,8	0,291	0,378	-0,169	-0,005	-0,185	0,011	-0,215	0,041	.	<
TORNASSE	fin guerras	28,4	18,6	0,284	0,186	0,023	0,173	0,008	0,188	-0,020	0,216	*	>
POSSÍVEL	meteorologia	0,0	0,0	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000		=
EM	vida ET	0,7	1,0	0,007	0,010	-0,019	0,013	-0,022	0,016	-0,028	0,022		=
2010	fim fome	32,6	30,6	0,326	0,306	-0,062	0,102	-0,077	0,117	-0,108	0,148		=
	igualdade	5,7	9,8	0,057	0,098	-0,086	0,004	-0,095	0,013	-0,112	0,030		=
	idioma	0,0	0,0	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000		=
	comb. Poluição	2,1	2,1	0,021	0,021	-0,025	0,025	-0,030	0,030	-0,039	0,039		=
	Sem resp.	10,9	8,3	0,109	0,083	-0,026	0,078	-0,036	0,088	-0,056	0,108		=
CRISE	ciência e técn	12,0	17,4	0,120	0,174	-0,115	0,007	-0,127	0,019	-0,149	0,041		=
DA	econ. e polít.	12,0	9,1	0,120	0,091	-0,026	0,084	-0,036	0,094	-0,057	0,115		=
CIVILIZAÇÃO	ren. Espir	67,6	57,8	0,676	0,578	0,014	0,182	-0,002	0,198	-0,034	0,230	.	>
	não pode	3,5	3,9	0,035	0,039	-0,037	0,029	-0,043	0,035	-0,056	0,048		=
	Sem resp.	4,9	11,7	0,049	0,117	-0,114	-0,022	-0,123	-0,013	-0,140	0,004	*	<
FELICIDADE	mais	11,3	15,7	0,113	0,157	-0,103	0,015	-0,114	0,026	-0,136	0,048		=
NO ANO	menos	32,4	21,7	0,324	0,217	0,028	0,186	0,013	0,201	-0,016	0,230	*	>
2010	igual	47,9	56,1	0,479	0,561	-0,169	0,005	-0,186	0,022	-0,219	0,055		=
	Sem resp.	8,5	6,5	0,085	0,065	-0,027	0,067	-0,036	0,076	-0,054	0,094		=
CONTRIBUIÇÃO	sim	34,5	43,5	0,345	0,435	-0,175	-0,005	-0,191	0,011	-0,223	0,043	.	<
PARA O	talvez	42,3	43,0	0,423	0,430	-0,094	0,080	-0,110	0,096	-0,143	0,129		=
PROGRESSO	não	14,8	9,1	0,148	0,091	-0,001	0,115	-0,012	0,126	-0,034	0,148		=
	Sem resp.	8,5	4,3	0,085	0,043	-0,002	0,086	-0,011	0,095	-0,028	0,112		=
VISÃO MAIS	menos 20	2,8	0,0	0,028	0,000	0,005	0,051	0,001	0,055	-0,008	0,064	*	>
REALISTA	20-25	2,8	4,3	0,028	0,043	-0,047	0,017	-0,053	0,023	-0,065	0,035		=
DO MUNDO	25-30	7,0	10,9	0,070	0,109	-0,088	0,010	-0,097	0,019	-0,116	0,038		=
	30-40	21,8	19,6	0,218	0,196	-0,049	0,093	-0,063	0,107	-0,090	0,134		=
	40-50	40,1	33,0	0,401	0,330	-0,014	0,156	-0,030	0,172	-0,062	0,204		=
	mais de 50	12,7	25,7	0,127	0,257	-0,196	-0,064	-0,209	-0,051	-0,234	-0,026	**	<
	Sem resp.	12,7	6,5	0,127	0,065	0,009	0,115	-0,001	0,125	-0,021	0,145	.	>
SE PORTUGAL	pena	55,6	59,6	0,556	0,596	-0,127	0,047	-0,143	0,063	-0,176	0,096		=
ABANDONASSE	indiferença	19,7	23,0	0,197	0,230	-0,104	0,038	-0,118	0,052	-0,145	0,079		=
A UE ?	alívio	10,6	9,6	0,106	0,096	-0,043	0,063	-0,053	0,073	-0,073	0,093		=
	Sem resp.	14,1	7,8	0,141	0,078	0,007	0,119	-0,004	0,130	-0,025	0,151	.	>
CONCEPÇÃO	part único	7,0	6,1	0,070	0,061	-0,035	0,053	-0,043	0,061	-0,060	0,078		=
UE	varios part	79,6	83,9	0,796	0,839	-0,111	0,025	-0,125	0,039	-0,150	0,064		=
	Sem resp.	13,4	10,0	0,134	0,100	-0,023	0,091	-0,034	0,102	-0,056	0,124		=
ASPECTOS	ciências	8,0	11,8	0,080	0,118	-0,089	0,013	-0,099	0,023	-0,118	0,042		=
DA	pol. Nac	11,1	12,7	0,111	0,127	-0,072	0,040	-0,083	0,051	-0,105	0,073		=
VIDA	desporto	3,0	3,3	0,030	0,033	-0,033	0,027	-0,039	0,033	-0,051	0,045		=
QUE	probi socied	27,5	25,2	0,275	0,252	-0,055	0,101	-0,069	0,115	-0,099	0,145		=
INTERESSAM	artes	4,6	3,0	0,046	0,030	-0,018	0,050	-0,025	0,057	-0,038	0,070		=
	povos	3,3	2,3	0,033	0,023	-0,020	0,040	-0,025	0,045	-0,036	0,056		=
	religiões	4,1	2,4	0,041	0,024	-0,015	0,049	-0,021	0,055	-0,033	0,067		=
	ambiente	19,7	20,9	0,197	0,209	-0,082	0,058	-0,096	0,072	-0,122	0,098		=
	terc mundo	8,6	7,7	0,086	0,077	-0,039	0,057	-0,049	0,067	-0,067	0,085		=
	pol. Int	2,8	3,5	0,028	0,035	-0,037	0,023	-0,043	0,029	-0,054	0,040		=
	religião	7,3	7,1	0,073	0,071	-0,043	0,047	-0,052	0,056	-0,069	0,073		=
	Sem resp.	7,0	4,3	0,070	0,043	-0,015	0,069	-0,022	0,076	-0,038	0,092		=

Progenitores autóctones / Progenitores não autóctones

EDUCAÇÃO	prolongar	72,5	63,5	0,725	0,635	0,009	0,171	-0,006	0,186	-0,037	0,217	.	>
ESCOLAR	reduzir	2,8	1,7	0,028	0,017	-0,016	0,038	-0,021	0,043	-0,031	0,053		=
	não interessa	21,1	33,0	0,211	0,330	-0,195	-0,043	-0,210	-0,028	-0,238	0,000	*	<
	Sem resp.	3,5	1,7	0,035	0,017	-0,011	0,047	-0,017	0,053	-0,027	0,063		=
TRIBUNAIS	mãos próprias	9,2	7,4	0,092	0,074	-0,031	0,067	-0,040	0,076	-0,059	0,095		=
ELES	comp aos trib	86,6	88,3	0,866	0,883	-0,076	0,042	-0,087	0,053	-0,109	0,075		=
	Sem resp.	4,2	4,3	0,042	0,043	-0,036	0,034	-0,043	0,041	-0,056	0,054		=
POLÍCIA	faz o melhor	39,4	35,7	0,394	0,357	-0,048	0,122	-0,064	0,138	-0,097	0,171		=
	func mal	46,5	58,3	0,465	0,583	-0,205	-0,031	-0,222	-0,014	-0,255	0,019	*	<
	não serve	0,0	0,0	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000		=
	é o que vale	2,8	4,3	0,028	0,043	-0,047	0,017	-0,053	0,023	-0,065	0,035		=
	Sem resp.	11,3	1,7	0,113	0,017	0,050	0,142	0,041	0,151	0,024	0,168	**	>
SISTEMA	faz o melhor	33,1	31,3	0,331	0,313	-0,064	0,100	-0,080	0,116	-0,111	0,147		=
PRISIONAL	func mal	51,4	57,0	0,514	0,570	-0,143	0,031	-0,160	0,048	-0,193	0,081		=
	não serve	0,0	2,6	0,000	0,026	-0,043	-0,009	-0,047	-0,005	-0,053	0,001	*	<
	é o que vale	4,2	5,2	0,042	0,052	-0,047	0,027	-0,054	0,034	-0,068	0,048		=
	Sem resp.	11,3	3,9	0,113	0,039	0,026	0,122	0,016	0,132	-0,002	0,150	*	>
CRIMINALIDADE	preventiva	60,6	71,3	0,606	0,713	-0,190	-0,024	-0,206	-0,008	-0,238	0,024	*	<
	terapeutica	5,6	4,3	0,056	0,043	-0,026	0,052	-0,033	0,059	-0,048	0,074		=
	repressiva	29,6	18,3	0,296	0,183	0,037	0,189	0,023	0,203	-0,006	0,232	*	>
	Sem resp.	4,2	6,1	0,042	0,061	-0,057	0,019	-0,064	0,026	-0,079	0,041		=
ALCOOLISMO	preventiva	46,5	50,0	0,465	0,500	-0,123	0,053	-0,139	0,069	-0,172	0,102		=
	terapeutica	50,7	39,6	0,507	0,396	0,024	0,198	0,007	0,215	-0,026	0,248	*	>
	repressiva	0,0	0,0	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000		=
	Sem resp.	2,8	10,4	0,028	0,104	-0,116	-0,036	-0,124	-0,028	-0,139	-0,013	**	<
CONSUMO DE DROGAS	preventiva	73,2	69,1	0,732	0,691	-0,038	0,120	-0,053	0,135	-0,083	0,165		=
	terapeutica	16,9	13,5	0,169	0,135	-0,030	0,098	-0,042	0,110	-0,066	0,134		=
	repressiva	4,2	7,8	0,042	0,078	-0,076	0,004	-0,084	0,012	-0,099	0,027		=
	Sem resp.	5,6	9,6	0,056	0,096	-0,085	0,005	-0,094	0,014	-0,111	0,031		=
PROSTITUIÇÃO	preventiva	76,8	71,7	0,768	0,717	-0,025	0,127	-0,040	0,142	-0,068	0,170		=
	terapeutica	7,0	5,2	0,070	0,052	-0,025	0,061	-0,033	0,069	-0,049	0,085		=
	repressiva	9,2	9,1	0,092	0,091	-0,050	0,052	-0,059	0,061	-0,078	0,080		=
	Sem resp.	7,0	13,9	0,070	0,139	-0,120	-0,018	-0,130	-0,008	-0,150	0,012	*	<
RELIGIOSIDADE	religioso	83,8	83,0	0,838	0,830	-0,057	0,073	-0,070	0,086	-0,094	0,110		=
	não religioso	12,0	10,4	0,120	0,104	-0,040	0,072	-0,050	0,082	-0,071	0,103		=
	ateu	4,2	2,2	0,042	0,022	-0,012	0,052	-0,018	0,058	-0,030	0,070		=
	Sem resp.	0,0	4,3	0,000	0,043	-0,065	-0,021	-0,069	-0,017	-0,078	-0,008	**	<
O QUE	amar e servir	40,8	26,1	0,408	0,261	0,064	0,230	0,048	0,246	0,017	0,277	**	>
PROCURA	nec espir	41,5	48,7	0,415	0,487	-0,159	0,015	-0,176	0,032	-0,208	0,064		=
NA RELIGIÃO	probls morais	6,3	7,4	0,063	0,074	-0,055	0,033	-0,063	0,041	-0,080	0,058		=
	fuga	8,5	5,7	0,085	0,057	-0,018	0,074	-0,027	0,083	-0,044	0,100		=
	salvação	1,4	7,8	0,014	0,078	-0,097	-0,031	-0,104	-0,024	-0,116	-0,012	**	<
	Sem resp.	1,4	4,3	0,014	0,043	-0,056	-0,002	-0,062	0,004	-0,072	0,014	.	<
	extrema-esq	1,4	1,7	0,014	0,017	-0,024	0,018	-0,029	0,023	-0,037	0,031		=
POLÍTICA	extrema-esq	4,9	0,0	0,049	0,000	0,019	0,079	0,013	0,085	0,002	0,096	**	>
	esquerda	14,1	7,8	0,141	0,078	0,007	0,119	-0,004	0,130	-0,025	0,151	.	>
	esquerda	12,7	19,6	0,127	0,196	-0,132	-0,006	-0,144	0,006	-0,168	0,030	.	<
	centro	9,2	22,2	0,092	0,222	-0,190	-0,070	-0,202	-0,058	-0,224	-0,036	**	<
	centro	7,0	7,8	0,070	0,078	-0,054	0,038	-0,062	0,046	-0,080	0,064		=
	direita	12,7	8,7	0,127	0,087	-0,015	0,095	-0,026	0,106	-0,047	0,127		=
	direita	7,0	3,5	0,070	0,035	-0,005	0,075	-0,013	0,083	-0,028	0,098		=
	extrema-dir	3,5	0,0	0,035	0,000	0,010	0,060	0,005	0,065	-0,005	0,075	*	>
	extrema-dir	2,1	0,9	0,021	0,009	-0,010	0,034	-0,015	0,039	-0,023	0,047		=
	Sem resp.	25,4	27,8	0,254	0,278	-0,101	0,053	-0,116	0,068	-0,145	0,097		=
LIGAÇÃO	muito	3,5	4,3	0,035	0,043	-0,042	0,026	-0,048	0,032	-0,061	0,045		=
A UM PARTIDO	bastante	5,6	2,6	0,056	0,026	-0,006	0,066	-0,013	0,073	-0,027	0,087		=
	simpatizante	65,5	65,2	0,655	0,652	-0,081	0,087	-0,097	0,103	-0,128	0,134		=
	sem prox	25,4	27,8	0,254	0,278	-0,101	0,053	-0,116	0,068	-0,145	0,097		=
	Sem resp.	0,0	0,0	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000		=
DEMOCRACIA	único parl	7,0	3,5	0,070	0,035	-0,005	0,075	-0,013	0,083	-0,028	0,098		=
	governos	87,3	88,7	0,873	0,887	-0,071	0,043	-0,082	0,054	-0,104	0,076		=
	Sem resp.	5,6	7,8	0,056	0,078	-0,065	0,021	-0,073	0,029	-0,090	0,046		=

Progenitores autóctones / Progenitores não autóctones

EVOLUÇÃO	concordo	82,4	73,5	0,824	0,735	0,018	0,160	0,004	0,174	-0,023	0,201	*	>
REVOLUÇÃO	rad errado	1,4	1,7	0,014	0,017	-0,024	0,018	-0,029	0,023	-0,037	0,031		=
	violencia	10,6	21,3	0,106	0,213	-0,168	-0,046	-0,180	-0,034	-0,203	-0,011	**	<
	Sem resp.	5,6	3,5	0,056	0,035	-0,016	0,058	-0,024	0,066	-0,038	0,080		=
SEXUALIDADE	repreensível	18,3	18,7	0,183	0,187	-0,072	0,064	-0,085	0,077	-0,111	0,103		=
DO RAPAZ	sem grav	21,1	28,7	0,211	0,287	-0,151	-0,001	-0,165	0,013	-0,193	0,041	.	<
	perigosa	32,4	24,3	0,324	0,243	0,001	0,161	-0,014	0,176	-0,044	0,206	.	>
	útil	19,0	22,6	0,190	0,226	-0,107	0,035	-0,120	0,048	-0,147	0,075		=
	Sem resp.	9,2	5,7	0,092	0,057	-0,012	0,082	-0,021	0,091	-0,039	0,109		=
SEXUALIDADE	repreensível	25,4	20,4	0,254	0,204	-0,024	0,124	-0,039	0,139	-0,067	0,167		=
DA	sem grav	10,6	20,9	0,106	0,209	-0,164	-0,042	-0,176	-0,030	-0,199	-0,007	**	<
RAPARIGA	perigosa	45,8	41,3	0,458	0,413	-0,042	0,132	-0,059	0,149	-0,092	0,182		=
	útil	14,1	12,2	0,141	0,122	-0,041	0,079	-0,052	0,090	-0,075	0,113		=
	Sem resp.	4,2	5,2	0,042	0,052	-0,047	0,027	-0,054	0,034	-0,068	0,048		=
O QUE	rel familia	31,7	38,7	0,317	0,387	-0,153	0,013	-0,169	0,029	-0,200	0,060		=
É MAIS	rel amigos	0,0	0,9	0,000	0,009	-0,019	0,001	-0,021	0,003	-0,025	0,007		=
IMPORTANTE	o amor	19,7	10,4	0,197	0,104	0,029	0,157	0,017	0,169	-0,008	0,194	*	>
NA VIDA	trabalho	1,4	0,9	0,014	0,009	-0,014	0,024	-0,018	0,028	-0,025	0,035		=
	bem estar	45,8	45,2	0,458	0,452	-0,081	0,093	-0,098	0,110	-0,131	0,143		=
	Sem resp.	1,4	3,9	0,014	0,039	-0,052	0,002	-0,057	0,007	-0,067	0,017		=
FINS	sexualidade	1,4	9,6	0,014	0,096	-0,118	-0,046	-0,125	-0,039	-0,138	-0,026	**	<
DO CASAMENTO	procriação	16,2	17,0	0,162	0,170	-0,073	0,057	-0,086	0,070	-0,110	0,094		=
	realização	50,7	30,4	0,507	0,304	0,118	0,288	0,102	0,304	0,069	0,337	**	>
	aux mútuo	20,4	29,6	0,204	0,296	-0,166	-0,018	-0,181	-0,003	-0,209	0,025	*	<
	Sem resp.	9,9	12,6	0,099	0,126	-0,082	0,028	-0,092	0,038	-0,113	0,059		=
DIVÓRCIO	liberdade	7,0	7,4	0,070	0,074	-0,049	0,041	-0,058	0,050	-0,075	0,067		=
	desarmonia	43,7	43,0	0,437	0,430	-0,080	0,094	-0,097	0,111	-0,129	0,143		=
	verdade	1,4	2,6	0,014	0,026	-0,036	0,012	-0,040	0,016	-0,049	0,025		=
	indissolúvel	9,2	10,9	0,092	0,109	-0,069	0,035	-0,079	0,045	-0,099	0,065		=
	fidelidade	0,7	1,3	0,007	0,013	-0,023	0,011	-0,026	0,014	-0,032	0,020		=
	união temp	1,4	0,4	0,014	0,004	-0,008	0,028	-0,011	0,031	-0,018	0,038		=
	imp educ	2,8	2,6	0,028	0,026	-0,027	0,031	-0,032	0,036	-0,043	0,047		=
	Sem resp.	33,8	31,7	0,338	0,317	-0,062	0,104	-0,077	0,119	-0,108	0,150		=
TRABALHO	toda a vida	50,7	53,0	0,507	0,530	-0,111	0,065	-0,128	0,082	-0,161	0,115		=
DA	até casar	0,0	1,7	0,000	0,017	-0,031	-0,003	-0,034	0,000	-0,039	0,005	*	<
MULHER	extr necess	12,0	9,1	0,120	0,091	-0,026	0,084	-0,036	0,094	-0,057	0,115		=
	até ao 1º filho	1,4	2,6	0,014	0,026	-0,036	0,012	-0,040	0,016	-0,049	0,025		=
	em caso nenh	0,0	0,9	0,000	0,009	-0,019	0,001	-0,021	0,003	-0,025	0,007		=
	hor comp	33,1	29,1	0,331	0,291	-0,042	0,122	-0,057	0,137	-0,088	0,168		=
	Sem resp.	2,8	3,5	0,028	0,035	-0,037	0,023	-0,043	0,029	-0,054	0,040		=
PLANEAMENTO	necessário	13,4	13,0	0,134	0,130	-0,056	0,064	-0,067	0,075	-0,089	0,097		=
FAMILIAR	cond saude	14,1	7,0	0,141	0,070	0,016	0,126	0,005	0,137	-0,016	0,158	*	>
	conj de acordo	16,9	26,5	0,169	0,265	-0,166	-0,026	-0,180	-0,012	-0,207	0,015	*	<
	egofsmo	0,0	4,8	0,000	0,048	-0,071	-0,025	-0,076	-0,020	-0,084	-0,012	**	<
	planificação	54,2	48,7	0,542	0,487	-0,033	0,143	-0,049	0,159	-0,082	0,192		=
	Sem resp.	1,4	0,0	0,014	0,000	-0,002	0,030	-0,005	0,033	-0,011	0,039		=
NÚMERO	nenhum	0,0	3,9	0,000	0,039	-0,060	-0,018	-0,064	-0,014	-0,072	-0,006	**	<
DE	1 filho	5,6	4,3	0,056	0,043	-0,026	0,052	-0,033	0,059	-0,048	0,074		=
FILHOS	2-3 filhos	71,1	69,1	0,711	0,691	-0,060	0,100	-0,076	0,116	-0,106	0,146		=
	4 ou mais	19,7	20,4	0,197	0,204	-0,077	0,063	-0,091	0,077	-0,117	0,103		=
	Sem resp.	3,5	2,2	0,035	0,022	-0,017	0,043	-0,023	0,049	-0,034	0,060		=
EDUCAÇÃO	3 anos - infanti	81,7	67,0	0,817	0,670	0,073	0,221	0,059	0,235	0,031	0,263	**	>
PRÉ-ESCOLAR	familia	4,2	12,6	0,042	0,126	-0,129	-0,039	-0,138	-0,030	-0,155	-0,013	**	<
	infantario	14,1	19,6	0,141	0,196	-0,120	0,010	-0,132	0,022	-0,156	0,046		=
	Sem resp.	0,0	0,9	0,000	0,009	-0,019	0,001	-0,021	0,003	-0,025	0,007		=
LIBERALIZAÇÃO	proib consumo	19,0	17,8	0,190	0,178	-0,056	0,080	-0,069	0,093	-0,095	0,119		=
DO	ilegais	47,2	49,1	0,472	0,491	-0,107	0,069	-0,123	0,085	-0,157	0,119		=
CONSUMO	traf proib	19,7	13,0	0,197	0,130	0,001	0,133	-0,012	0,146	-0,036	0,170	.	>
DE DROGAS	malefcios	11,3	9,6	0,113	0,096	-0,037	0,071	-0,048	0,082	-0,068	0,102		=
	Sem resp.	2,8	10,4	0,028	0,104	-0,116	-0,036	-0,124	-0,028	-0,139	-0,013	**	<

Anexo 3

Tabelas de significâncias das amostras regionais e nacionais

Anexo 4

Instrumento

Leia atentamente cada pergunta e as hipóteses de resposta. Circunde a letra que corresponde à resposta que escolhe.

Ex:

97.

- A. aseg zert yuio
- B. pqsd fgui llot
- C. waze assm carl
- D. capt relm sita
- O. ?

No caso de não concordar exactamente com nenhuma das respostas que pode escolher, procure aquela que se aproxima mais da sua opinião.

Só em último caso é que deve usar a resposta O ?, que significa que não sabe ou não quer responder.

1. Qual das frases seguintes exprime melhor a sua opinião sobre educação escolar ?

- A. a escolaridade obrigatória deve ser prolongada pois os jovens só têm a lucrar com a aprendizagem escolar.
- B. a escolaridade obrigatória deve ser reduzida pois para quem não seguir estudos só interessa aprender a ler e a escrever.
- C. a frequência obrigatória da escola só devia ser obrigatória se o ensino fosse organizado de uma forma mais útil. Tal como está interessa a poucos.
- O. ?

2. No que respeita à educação das crianças pequenas, qual destas opiniões lhe parece mais certa ?

- A. até à idade dos três anos, o melhor meio educativo é a família, mas entre os 3 e os 6 anos é bom que frequentem um jardim de infância.
- B. até à idade de irem para a escola primária as crianças devem ficar em casa com a mãe ou alguém da família.
- C. as crianças desenvolvem-se mais e melhor se começarem desde muito cedo (pelo menos a idade de um ano) a conviver com outras crianças numa instituição pré-escolar.
- O. ?

3. Na sua opinião o que é mais importante na vida de uma pessoa ?
(Ordene as respostas hierarquicamente por ordem de preferência).

- A. as relações com a família
- B. as relações com colegas e pessoas amigas
- C. o amor
- D. a satisfação com o trabalho profissional
- E. o bem estar interior consigo próprio

1ª

2ª

3ª

4ª

5ª

O. ?

4. Se a escolha pudesse ser inteiramente livre, acha que os jovens a partir dos 17-18 anos escolheriam mais naturalmente:

- A. viver em casa dos pais
- B. viver sós
- C. viver com outros jovens
- O. ?

5. Actualmente a falta de emprego afecta muitas pessoas. Qual acha que é a razão principal que motiva as pessoas a procurar trabalho ? (assinale uma das frases).

- A. as pessoas querem trabalhar porque só quem trabalha é que se sente realizado.
- B. as pessoas preferiam não trabalhar se tivessem asseguradas as necessidades económicas.
- O. ?

6. Qual das frases define a sua posição sobre o trabalho da mulher ?

- A. a mulher deve ter um emprego durante toda a vida, tal como o homem.
- B. a mulher deve ter um emprego até casar.
- C. a mulher casada só deve empregar-se em caso de extrema necessidade.
- D. a mulher pode ter um emprego até o nascimento do 1º filho.
- E. a mulher casada não deve empregar-se em caso algum.
- F. a mulher casada só deve empregar-se se conseguir um horário de trabalho compatível com as exigências da vida familiar.
- O. ?

7. Para um bom entendimento de um casal quais os dois factores mais importantes de entre os que se seguem (escolha dois):

- A. os cônjuges terem um nível de instrução semelhante
- B. terem sido educados no mesmo meio
- C. terem os mesmos ideais
- D. terem as mesmas atitudes religiosas
- E. terem feitios e gostos semelhantes
- O. ?

8. Entre os seguintes fins do casamento, indique por ordem de preferência a importância que lhes atribui:

- A. meio legítimo de satisfação de necessidades sexuais
- B. procriação e educação dos filhos
- C. meio de realização dos cônjuges
- D. auxílio mútuo entre esposos
- 1ª
- 2ª
- 3ª
- 4ª
- O. ?

9. Indique a frase que melhor se identifica com a sua opinião sobre o divórcio.

Concordo com o divórcio

- A. porque é uma expressão natural da liberdade humana
- B. porque é uma solução para situações muito graves de desarmonia conjugal
- C. porque possibilita a verdade total do amor

Não concordo

- D. porque o casamento é por natureza indissolúvel
- E. porque é uma tentação contra a fidelidade conjugal
- F. porque pode transformar o casamento numa união natural, temporária e de ensaio
- G. porque impossibilita a educação dos filhos
- O. ?

É conhecido que certos jovens têm por vontade própria experiências sexuais antes do casamento. Essa conduta parece-lhe:

10. No caso do rapaz (escolha uma resposta)

- A. repreensível
- B. sem gravidade
- C. perigosa
- D. útil
- O. ?

11. No caso da rapariga (escolha uma resposta)

- A. repreensível
- B. sem gravidade
- C. perigosa
- D. útil
- O. ?

12. Qual o número de filhos que gostaria de ter ?

- A. nenhum
- B. 1 filho
- C. 2-3 filhos
- D. 4 ou mais
- O. ?

13. Que pensa do planeamento familiar ?

- A. é uma prática absolutamente justificada e mesmo necessária dado o crescente povoamento do mundo
- B. é uma prática lícita mas só quando tem em conta certas condições de saúde ou circunstâncias económicas e sociais da família
- C. é uma prática sempre lícita desde que os cônjuges estejam de acordo
- D. é a tradução de um egoísmo social e de uma falta de responsabilidade dos cônjuges perante a sua missão dos filhos
- E. é um meio lícito de planificação da família, tendo em conta as condições mais favoráveis à procriação e educação dos filhos
- O. ?

Entre pessoas que se estimam, acontece por vezes que se zangam por causa de opiniões ou atitudes diferentes. Isso acontece também no grupo familiar. (Em relação às frases nº 14, 15 e 16, assinala em cada uma delas a frase mais próxima da sua opinião)

14. «Os pais que querem educar bem os filhos não podem passar sem os castigar fisicamente»

- A. não concordo
- B. concordo que por vezes é necessário bater mas devem evitar fazê-lo
- C. uma boa tarefa não faz mal às crianças mas a partir dos 13-14 anos já os pais não devem bater nos filhos
- D. os pais têm o direito de bater nos filhos desde que considerem necessário
- O. ?

15. «Entre o casal há questões que só se resolvem com uma sova na mulher»

- A. não concordo
- B. concordo que o homem bata na mulher mas só em situações excepcionais
- C. bater na mulher é a forma mais indicada para resolver muitos problemas
- D. o homem tem direito de bater na mulher desde que considere que tem razão para o fazer
- O. ?

16. «Num casal, a mulher nunca deve levantar a mão para o marido».

- A. não concordo
- B. acho que em raras exceções se pode justificar que a mulher bata no marido
- C. há homens que merecem bem que a mulher lhes bata frequentemente
- D. a mulher tem todo o direito de bater no marido desde que considere ter razões para isso
- O. ?

17. Os tribunais e as leis existem devido a haver problemas em que as pessoas implicadas não são capazes de chegar a um acordo (diga com qual destas frases concorda mais).

- A. nos casos graves em que está em causa a honra de uma pessoa, o problema tem de ser logo resolvido, a bem ou a mal, sem esperar por uma decisão do tribunal.
- B. é aos tribunais que compete dizer quem tem razão e por isso nunca se justifica que alguém faça justiça por mãos próprias.
- O. ?

18. Qual destas frases exprime melhor a sua opinião sobre a polícia:

- A. faz o melhor que pode
- B. funciona mal
- C. não serve para nada
- D. é o que nos vai
- O. ?

19. Com qual das frases seguintes está mais de acordo relativamente ao sistema prisional (cadeias e prisões):

- A. fazem o melhor que podem
- B. funcionam mal
- C. não servem para nada
- D. são o que nos vale
- O. ?

20. Nos assuntos que se seguem, qual acha que deve ser a atitude da sociedade (assinale com (x) para cada assunto de A a D.)

	Atitude Preventiva (prevenir, evitar)	Atitude Terapêutica (tratar, curar)	Atitude Repressiva (proibir, prender)	O
A. Criminalidade				
B. Alcoolismo				
C. Consumo Droga				
D. Prostituição				

21. Várias substâncias podem provocar toxicod dependência (drogas), umas legais (álcool, caféina, nicotina, etc) outras ilegais (heroína, cannabis, etc), com qual das opiniões concorda (assinale uma só):

- A. todas as drogas legais e ilegais devem ser proibidas
- B. todas as drogas ilegais devem continuar ilegais
- C. todas as drogas ilegais devem poder ser consumidas (segundo o princípio da liberdade individual) mas o tráfico proibido
- D. todas substâncias que provocam toxicod dependência devem poder ser consumidas e apenas proibidos e punidos os malefícios que provocam nos outros (ex: fumador passivo, conduzir sob efeito de álcool ou cocaína, etc)
- O. ?

22. No que respeita ao progresso do país com qual das opiniões concorda mais (assinale uma só):

- A. o mais importante é que os governantes sejam capazes de manter a ordem social
- B. a sociedade deve facilitar a vida às pessoas mais capazes e com espírito de iniciativa
- C. acima de tudo deve-se procurar diminuir as desigualdades sociais e criar oportunidades semelhantes para todos
- O. ?

23. «Não é na revolução que reside a salvação e a justiça, mas sim na evolução bem orientada». Qual a sua opinião sobre esta frase:

- A. concordo inteiramente
- B. acho que é radicalmente errada
- C. acho que nem sempre é exacta porque há circunstâncias em que só a violência se torna remédio adequado
- O. ?

24. Nos jornais, rádio e TV, fala-se muitas vezes na União Europeia (UE). Se Portugal abandonasse a União Europeia, que sentiria você:

- A. sentia que era uma pena
- B. era indiferente
- C. sentia alívio
- O. ?

25. Ouvem-se várias opiniões sobre os objectivos que o país se deveria esforçar por atingir nos próximos 10 a 15 anos. Na lista que se segue são mencionados os principais objectivos que algumas pessoas queriam ver alcançados. Numere-os pela ordem de importância que pessoalmente lhes atribui.

- A. manter a ordem no país
- B. aumentar a participação dos cidadãos nas decisões do governo
- C. combater a alta dos preços
- D. garantir a liberdade de expressão
- E. garantir o emprego pleno

1ª.

2ª.

3ª.

4ª.

5ª.

O. ?

6. Fala-se hoje muito em crise de civilização. Como lhe parece que essa crise pode ser vencida (assinale uma só frase de A a D)

- . principalmente por meio da ciência e da técnica
- . principalmente por meio da economia e da política
- . principalmente por meio da renovação espiritual e moral do homem
- . julgo que essa crise não pode ser vencida
- . ?

7. No seu entender quais são as grandes causas por que vale a pena aceitar sacrifícios (escolha três):

- . proteção da natureza
- . paz
- . luta contra a miséria
- . defesa nacional
- . liberdade do indivíduo
- . direitos do homem
- . nenhuma
- . ?

8. Para o progresso do país, qual destas opiniões deve ser defendida em relação ao meio rural.

- . deve-se melhorar as condições de vida dos trabalhadores rurais
- . deve-se facilitar aos trabalhadores rurais que mudem para a cidade
- . ?

9. E de entre as seguintes opiniões, com qual concorda mais:

- . deve-se sobretudo desenvolver a indústria
- . deve-se aumentar a produtividade da agricultura
- . ?

10. E escolha ainda uma das seguintes:

- . deve-se desenvolver cada vez mais as cidades importantes
- . deve-se desenvolver as pequenas cidades
- . ?

11. Indique de entre as seguintes qualidades as três que mais admira: (assinale três)

- | | |
|--------------------------|-------------------|
| - honradez | I - audácia |
| - humildade | J - prudência |
| - inteligência | L - caridade |
| - espírito de sacrifício | M - paciência |
| - pureza | N - dinamismo |
| - eficácia | O - lealdade |
| - perseverança | P - descontracção |
| - sinceridade | Q - fidelidade |
| - ? | |

12. Independentemente de frequentar ou não a igreja, considera-se:

- . uma pessoa religiosa
- . uma pessoa não religiosa
- . um ateu convicto
- . ?

13. O que pensa que se procura fundamentalmente na religião: (assinale apenas uma frase de A a E)

- . uma forma de amar e servir a Deus
- . a satisfação daquilo que se considera uma necessidade espiritual própria de todos os indivíduos
- . uma resposta aos problemas morais e familiares
- . uma fuga à resolução dos problemas graves da vida
- . a salvação da alma
- . ?

34. Com que frequência costuma ler um jornal (não desportivo)

- A. todos os dias ou quase
- B. uma ou duas vezes por semana
- C. quase nunca
- O. ?

35. Que secções dos jornais lhe interessam mais (escolha 5)

- A. vida nacional
- B. vida internacional
- C. artigos de fundo, reportagens
- D. desporto
- E. artes e letras
- F. crítica de espectáculos
- G. crimes e outros acontecimentos sensacionais
- H. folhetins, contos
- I. páginas de economia
- J. páginas de divulgação científica
- L. curiosidades
- M. passatempos (palavras cruzadas, testes, signos)
- O. ?

36. De entre as seguintes "novas" tecnologias assinale quais delas utiliza regularmente

- A. computador pessoal () / Internet ()
- B. telemóvel
- C. bip
- D. fax
- E. máquina de calcular
- O. ?

37. Indique das actividades seguintes as que praticou há menos de uma semana:

- A. leitura de um livro
- B. ir ao cinema
- C. ir ao teatro
- D. ir a concertos
- E. praticar desporto
- F. assistir a uma conferência
- G. ouvir rádio
- H. ver TV
- O. ?

38. A propósito de política, as pessoas falam de «direita» e de «esquerda». Quer situar a sua posição na escala que se segue:

Esquerda | -1- | -2- | -3- | -4- | -5- | -6- | -7- | -8- | -9- | -10- | Direita

39. Há algum partido político de que se sinta mais próximo do que de outros ? Se SIM indique o seu grau de ligação a esse partido:

- A. muito ligado
- B. bastante ligado
- C. sobretudo simpatizante
- D. sem proximidade a nenhum partido

40. Há duas maneiras de conceber a longo prazo a União Europeia. Qual é a opinião mais próxima da sua ?

- A. a UE deveria ter não só um único parlamento (Assembleia) eleito por sufrágio universal, mas também um único governo que tivesse a última palavra em certos domínios importantes.
- B. a última palavra deverá pertencer aos governos dos estados membros.
- O. ?

41. O que desejaria que o progresso tornasse possível no ano 2010 (escolha 2 frases)

- A. tornar possível a cura de doenças graves como o cancro, SIDA, hepatite, etc
- B. tornar possível que o mundo se organize de tal maneira que desapareçam as guerras e os exércitos
- C. decidir com antecedência o tempo (meteorológico) que vai fazer
- D. provar se há ou não vida noutros planetas
- E. tornar possível o fim da fome e da pobreza
- F. tornar possível a efectiva igualdade de direitos entre povos e raças
- G. existência de um idioma universal
- H. tornar possível um combate eficiente à poluição
- O. ?

42. Acha que as pessoas como você podem contribuir em alguma coisa para influenciarem o progresso ?

- A. sim
- B. talvez
- C. não
- O. ?

43. Tente imaginar-se no Ano 2010. Na sua ideia as pessoas serão:

- A. mais felizes que hoje
- B. menos felizes que hoje
- C. semelhantes a hoje
- O. ?

44. Por quais dos seguintes aspectos da vida se interessa você verdadeiramente ? (escolha três)

- A. ciências e tecnologias
- B. política nacional
- C. desporto
- D. grandes problemas da sociedade (por exemplo: direitos do homem, pobreza, igualdade entre sexos.)
- E. artes e espectáculos (teatro, cinema, música, etc.)
- F. como vivem os outros povos nos outros países da Europa
- G. a vida das regiões, as línguas e a cultura regional
- H. o meio ambiente, a protecção da natureza, a ecologia
- I. o terceiro mundo, os problemas de subdesenvolvimento
- J. a vida política internacional
- L. religião
- O. ?

45. A propósito de democracia, qual o sistema político para que se deveriam orientar as nações.

- A. sistema de partido único
- B. sistema de vários partidos
- O. ?

46. Na sua opinião, quem tem uma visão mais realista do mundo actual, é....

- A. a geração com menos de 20 anos
- B. a geração dos 20-25 anos
- C. a geração dos 25-30 anos
- D. a geração dos que têm entre 30 e 40 anos
- E. a geração dos que têm entre 40 e 50 anos
- F. a geração que tem mais de 50 anos
- O. ?

47. Respondeu a este questionário:

- A. com total sinceridade
- B. com alguma sinceridade
- C. sem sinceridade
- O. ?

48. Responder ao inquérito foi:

- A. agradável
- B. indiferente
- C. desagradável

Finalmente precisamos que nos forneça dados sobre a sua situação de vida. Circunde a resposta que corresponde à sua situação ou inscreva a sua informação no espaço em branco.

10. Idade _____ (anos completos)

11. Sexo 1. masculino 2. feminino

12. Estudante do _____º Ano

13. Distrito de Nascimento _____

14. Curso de _____

15. Universidade _____

16. Religião _____

17. Estado civil

- 1. Solteiro (a)
- 2. casado (a)
- 3. vivendo com companheiro (a)
- 4. divorciado (a)
- 5. separado (a)
- 0. ?

18. Participa em algum Movimento? Se sim, de que tipo?

- 1. ambiental
- 2. científico
- 3. desportivo
- 4. cultural
- 0. ? / outros (_____)

19. Pratica desporto? Se sim, qual? _____

20. As últimas férias, viajou para o estrangeiro (_____), ou ficou em Portugal (_____)?

21. O que é que comprou de significativo na última semana? _____

22. Responda

- 1. tem pai e mãe vivos
- 2. só tem pai vivo
- 3. só tem mãe viva
- 4. não tem pai nem mãe vivos
- 0. ?

23. Se tem pai e mãe vivos

- 1. Os seus pais vivem juntos
- 2. Os seus pais vivem separados
- 0. ?

24. Com quem vive (a maior parte do tempo)

- 1. só
- 2. com companheiro (a)
- 3. com outros jovens (lar, residência, etc.)
- 4. com os pais (pai e/ou mãe)
- 5. com outros familiares
- 0. ?

25. Qual a sua situação financeira:

1. tem ordenado fixo
 2. faz alguns trabalhos que lhe rendem dinheiro
 3. recebe uma mesada (quantia fixa) dada por pais ou outros
 4. recebe bolsa de estudo de um organismo oficial ou particular
 5. não recebe nenhuma quantia fixa para fazer face a despesas próprias
- O. ?

26. Com quem viveu a maior parte da sua infância (até aos 10 anos de idade):

1. com os pais (com ou sem outras pessoas)
 2. com outros familiares (sem os pais)
 3. em internato
- O. ?

Nas cinco perguntas que se seguem, pretendemos que classifique a posição da sua família de origem (pais).

Refira-se nas cinco perguntas à pessoa (pai ou mãe) que exerça (exerceu no caso de ter morrido) a profissão de nível mais elevado.

27. Profissão

1. quadro superior da Administração Pública ou privada; Especialistas das profissões científicas ou técnicas, liberais ou similares; proprietário agrícola de grandes dimensões.
2. empregado de escritório em posição de chefia; operário altamente qualificado; trabalhador especializado; proprietário de propriedade agrícola de que não é proprietário; proprietário agrícola de propriedade de dimensão média empregando outros trabalhadores.
3. profissional artista trabalhando por conta própria em oficina de dimensões reduzidas; agricultor proprietário de exploração de dimensão familiar.
4. empregado de escritório; operário; funcionário (subordinados em geral); trabalhador agrícola por conta de outrem
5. pessoal auxiliar; ajudante; jornaleiro

28. Nível de instrução

1. diploma de ensino universitário ou equivalente (curso superior)
 2. diploma de curso técnico ou profissional (curso médio)
 3. diploma de ensino secundário, liceal, comercial ou industrial
 4. ensino primário completo
 5. ensino primário incompleto ou nulo
- O. ?

29. Fontes de rendimento

1. vive principalmente de rendimentos de bens que possui ou do rendimento da actividade liberal exercida
 2. vive principalmente de vencimento mensal tipo funcionário
 3. vive de vencimento mensal de pessoas com quem vive: não tem rendimentos próprios
 4. vive principalmente de salários irregulares, remuneração semanal; à tarefa ou à hora
 5. é principalmente sustentado pela segurança social (pensões de reforma, invalidez, etc.)
- O. ?

30. Conforto do alojamento

1. casas ou andares luxuosos e muito grandes oferecendo aos seus moradores o máximo de conforto
 2. categoria intermédia: casas ou andares que, sem serem tão luxuosos como os da categoria precedente, são, no obstante, espaçosos e confortáveis
 3. casas ou andares modestos, bem construídos e em razoável estado de conservação, bem iluminados e aquecidos, com cozinha e casa de banho (ex: Bairro Camarário)
 4. categoria intermédia entre 3 a 5 (casa em bom estado de conservação mas sem quarto de banho dentro da casa, ou de construção clandestina)
 5. Alojamentos impróprios para uma vida decente, choças, barracas ou andares desprovidos de todo o conforto, ventilação, iluminação ou também aqueles onde moram demasiadas pessoas em promiscuidade, nomeadamente qualquer habitação em que o quarto de banho não sirva só o agregado familiar
- O. ?

por um tipo de atitude educativa do estilo democrático. É possível que Calvão Borges (1998) tenha razão e que estejamos perante um fenómeno inovador na história das sociedades – a socialização em duplo sentido e que os mais velhos estejam também a aprender com os mais novos.

5.4.1 Impacto do género e geração

Já vimos anteriormente, os maiores focos de tensão existentes entre as duas gerações, sem separação por sexos. Ainda que muito sumariamente (para não correremos o risco de nos tornarmos repetitivos), faremos agora a comparação entre as raparigas e as mães, por um lado, e os rapazes e pais, por outro. Será que as discontinuidades estão mais presentes quando se trata de duas gerações do mesmo sexo?

A sexualidade pré-matrimonial, quer seja masculina ou feminina é, para as mães, repreensível e perigosa, enquanto que as mais novas a consideram útil e sem gravidade.

A família constitui, para as mais velhas, o centro de suas vidas, talvez por isso mesmo, gostassem de ter 4 ou mais filhos e considerem que a mulher só deve trabalhar quando for estritamente necessário ou, em último caso, se o horário for compatível com as exigências de esposa e mãe. Por sua vez, as jovens planeiam ter apenas um filho, paralelamente com a construção de uma carreira profissional. Estes resultados podem estar associados ao facto de as raparigas se encontrarem numa fase de vida muito diferente da das mães. Inicia-se agora uma nova etapa profissional que está fortemente investida, talvez por isso o desejo de aumentar a família não seja prioritário. No caso das mães a situação coloca-se de outro modo, quase que oposto. É chegado o momento em que os filhos vão sair de casa (a totalidade da amostra de jovens é

finalista de um curso superior) e gostavam de ter mais filhos, para que não houvesse tão cedo a necessidade de uma reestruturação familiar.

No que respeita os valores políticos, apenas há a assinalar que as mães se situam politicamente mais ao Centro que as raparigas. Nos restantes aspectos há consenso.

As raparigas desejariam que o progresso permitisse a igualdade entre os povos e consideram que poderão constituir elementos activos de forma a atingir esse objectivo. Depositam também grandes expectativas na geração a que pertencem (25-30), enquanto que as mães apostam mais nas gerações mais velhas, acreditando que existe da parte destas uma visão mais clara.

Os interesses diferem bastante, sendo que a geração de mais velhas se interessa pela religião e as mais novas pelas artes.

Analisamos agora, com maior cuidado, as diferenças de valores entre as duas gerações do sexo masculino.

Os pais são de opinião que é repreensível e perigoso que os jovens tenham uma sexualidade activa antes do casamento. Por sua vez, os rapazes, consideram-na útil, tanto para o sexo feminino como para o masculino. Neste mesmo sentido, os pais consideram que o casamento tem como objectivo principal, o exercício da sexualidade, enquanto que os rapazes o encaram mais como uma união que facilita o auxílio mútuo. Os pais valorizam também mais as relações familiares que os rapazes, sendo que estes estão mais interessados que aqueles, nos amigos e no seu bem-estar interior.

O divórcio é, para os rapazes, uma entre outras formas de expressão da liberdade, enquanto que os pais receiam que este facilite as rupturas, transformando o casamento numa união temporária ou de ensaio.

Os mais velhos são de opinião que o ideal é ter muitos filhos (4 ou mais), constituindo este mais um dos focos de tensão entre as duas gerações do sexo masculino.

Politicamente, os rapazes situam-se mais à Direita e os pais mais à Esquerda e ao Centro, mas ambos demonstram pouco envolvimento político. Apesar de os pais pertencerem a uma geração que foi motor de algumas mudanças, são eles que defendem que as mudanças devem ser progressivas,, rejeitando a ideia da revolução. A indiferença é o sentimento que reflecte mais o que pensam/sentem os progenitores, quando lhes é colocada a hipótese de Portugal abandonar a União Europeia.

As Instituições são mais fortemente criticadas pela geração de mais novos. As atitudes face à droga, prostituição e alcoolismo são coincidentes, mas divergem em relação à criminalidade. Os pais defendem mais fortemente a atitude terapêutica, enquanto que os rapazes acham preferível a atitude repressiva. Por sua vez, os pais são mais proibicionistas que os rapazes, no que respeita ao consumo de drogas.

Os pais são de opinião que se deva prolongar a escolaridade obrigatória, enquanto que os rapazes assumem uma postura fortemente crítica e consideram que esse prolongamento deve acontecer se existir uma reestruturação da Ensino, pois tal e qual ele está não é satisfatório.

No que respeita os valores associados ao Progresso e Civilização, vemos que os rapazes apostam mais que os pais, na economia como forma de ultrapassar a crise civilizacional, enquanto que os mais velhos são de opinião que tudo tem de passar por uma renovação espiritual e moral. Existe, também, da parte dos jovens um maior optimismo face ao futuro, sedimentado na esperança nas gerações mais novas, o que contraria frontalmente com os pais. Os mais novos têm mais preocupações ambientais que os pais.

Ao nível dos Centros de interesse, vemos que existem também divergências. As ciências, os desportos e as artes, são áreas muito investidas pelos jovens rapazes, enquanto que os problemas sociais chamam mais a atenção dos mais velhos.

Sobressaem, de novo, as diferenças de valores na área da família, aspecto este que constitui o principal foco de tensão entre as duas gerações e também entre gerações e sexos. Podemos afirmar que existem também pequenas divergências nos restantes domínios de valores (Política, Instituições, Causas, Progresso e Civilização, Interesses), mas em nenhuma área esta tensão está tão marcada. Estamos, gradualmente, a aproximarmo-nos de uma maneira alternativa de encarar a família e a sexualidade. Após a permissão do divórcio, houve em todo o mundo e, especialmente em Portugal, um crescimento em flecha dos números de divórcios. A família tradicional assume agora diferentes estruturas, entre as quais podemos referir as famílias mono parentais e as famílias reconstruídas. As uniões de facto impõem-se cada vez mais, como alternativa ao casamento, sendo que muitos jovens optam por coabitar e só depois, mais tarde (por vezes depois de nascerem os filhos), legalizam a união. As estatísticas do INE dão-nos conta disso mesmo, ao observarem que os portugueses casam cada vez mais tarde. Contudo, estes números referem-se ao casamento no sentido legal, pelo que ficam de fora todos os casos em que existem uniões de facto.

A possibilidade de controlar a natalidade, a par da luta pela igualdade de direitos das mulheres, foi factores por certo decisivos, no que concerne as atitudes face à sexualidade feminina. O fantasma da de uma gravidez indesejada e precoce, deixou de estar presente (foi substituído, em parte, pelo receio de doenças como a SIDA). Restaram os tabus da virgindade que

sucessivamente têm sido ultrapassados, tendendo os nossos jovens a encarar esta questão de uma maneira mais liberal.

A mulher saiu definitivamente de casa e reclama, cada vez mais, o seu espaço no mundo do trabalho. As universidades estão cheias de alunas e move-as uma vontade férrea de construírem uma carreira profissional de sucesso. Ainda assim, não pretendem colocar de lado o projecto de maternidade, mas remetem-no para mais tarde. As condições de vida não permitem que desejem ter muitos filhos. A instrução é valorizada e os colégios ficam caros, pelo que consideram preferível virem a ter unicamente um filho e proporcionar-lhe uma vida confortável.

5.5 Focos de tensão entre as amostras da região Norte e o resto do país

Os resultados obtidos na nossa amostra, podem também ser comparados (ainda que não exaustivamente), com os resultados da amostra regional, de forma a encontrarmos pontos de tensão que sejam devidos, não às variáveis sexo ou geração mas sim à zona geográfica.

Teria sido fundamental termos conseguido obter maiores dados sobre o perfil dos Nortenhos, porque assim conseguiríamos compreender melhor os valores que defendem e, sobretudo, o que os distingue dos restantes portugueses. Pode ser que este seja um tema que suscite a atenção de outro colega psicólogo, ou até sociólogo, pois o material actualmente escasseia.

Começaremos, de novo, pelos valores da família. Constatamos que os jovens nortenhos acentuam bastante mais que os seus pares nacionais, a utilidade das experiências sexuais antes do matrimónio, no caso dos rapazes, enquanto que entre as amostras de progenitores acontece exactamente o

movimento oposto. A nível nacional os mais velhos são mais liberais quando comparados com os seus pares regionais.

No que diz respeito à sexualidade feminina, tanto jovens regionais como nacionais assumem uma postura liberal, ainda que os motivos apontados sejam distintos. Os nortenhos são mais de opinião que será eventualmente útil que as raparigas tenham, também elas, experiências sexuais antes do casamento. Os jovens nacionais não vão tão longe, e consideram que no caso de isso suceder não há é grave. Embora no geral, e respeitante a esta área, os valores a Norte coincidam com o resto do país, se observarmos mais atentamente, vemos que a nível nacional a sexualidade pré-matrimonial, tanto masculina como feminina, é mais condenada que regionalmente.

Os progenitores, nortenhos e nacionais estão de acordo ao considerar perigosas as experiências pré-matrimoniais femininas, embora exista, neste caso, ligeiramente um maior conservadorismo a Norte.

O planeamento familiar é uma prática consensualmente aceite pelos jovens, quer nortenhos, quer nacionais, ainda que a Norte seja mais valorizado o facto de a existência de menor número de filhos ser propício a melhores condições de educação. Há, ainda assim, da parte dos nortenhos, uma preocupação acrescida, que os cônjuges estejam de acordo quanto a esta prática. Os progenitores nortenhos valorizam mais que os seus pares nacionais, o papel do planeamento familiar como meio facilitador das condições necessárias à procriação e educação das crianças.

O divórcio é aceite tanto pelos jovens nortenhos como pelos nacionais, ainda assim, a nível nacional persiste o receio de que o divórcio venha a transformar-se numa tentação contra a fidelidade, preocupação essa que não encontra qualquer eco por parte dos jovens do Norte.

Face a esta problemática, os progenitores nacionais mostram também algumas preocupações (não partilhadas pelos seus pares regionais) uma vez que, na opinião destes o divórcio facilita, por um lado, a verdade numa relação, mas pode fazer com que as ligações afectivas sejam mais frágeis.

Embora, globalmente, tanto os jovens regionais como os nacionais, apoiem a ideia de que as mulheres devam ter acesso a uma carreira profissional, nacionalmente existe uma maior tendência para o impedir (opções – só até casar; só em extrema necessidade; em caso nenhum) que regionalmente, enquanto que os Nortenhos colocam a ressalva de ser importante conciliar os horários, de forma a assegurar as lides domésticas e a educação dos filhos. Existe nos nortenhos uma maior tendência para a aceitação do trabalho feminino após casamento, que a nível nacional.

Tanto para os jovens regionais como para os nacionais, o casamento surge como uma necessidade de estimular a ajuda-mútua entre duas pessoas mas, para os nortenhos, essa necessidade está bastante mais acentuada.

Já foi referida a maior tendência para o conservadorismo a Norte, no que respeita a sexualidade feminina. Este valor está de novo presente no modo como os progenitores encaram o casamento. Para os nortenhos da geração mais velha, o casamento surge como meio de legitimar a manutenção de uma sexualidade activa, cujo objectivo final é a procriação. Os progenitores nacionais têm uma visão um pouco diferente do casamento já que, para eles, trata-se de uma união que permite a ajuda-mútua entre os cônjuges.

Os jovens nacionais desejam ter menos filhos que os nortenhos. São relevantes as diferenças nas percentagens de respostas à opção “nenhum filho”, sendo que os jovens nacionais acentuam mais esse desejo, contrastando com a expectativa nortenha de virem a ter 2 ou 3 filhos. Por sua vez, os progenitores nacionais gostariam de ter mais filhos que os regionais.

Os jovens nortenhos valorizam acima de tudo o bem-estar interior, enquanto que, comparativamente, os nacionais optam significativamente mais pelas relações familiares, relações com os amigos, pelo amor e também pelo trabalho.

Para os progenitores nacionais, há uma maior valorização das relações de amizade e do trabalho, enquanto que regionalmente é o bem-estar interior a prioridade máxima.

Face à educação pré-escolar, os valores são consensuais, tanto para os jovens (nacionais e regionais) como para os progenitores (nacionais e regionais).

Passamos agora para os valores políticos. Os jovens nacionais optam mais pelos partidos ao Centro e na Extrema-Direita, que os jovens nortenhos. Na geração mais velha, a nível nacional, acontece sensivelmente o mesmo. Os progenitores nacionais optam significativamente mais pelos partidos ao Centro e à Direita. Respeitante ao envolvimento político, existe da parte dos jovens nacionais, um maior interesse, ainda que não seja muito relevante.

A Democracia é um valor mais caro aos nortenhos (jovens e progenitores), que para os resto do país. Curiosamente, apesar de ser conhecido o carácter empreendedor dos nortenhos no que respeita à luta pelas causas que acreditam, vemos que são eles que mais rejeitam a hipótese de recurso à violência como forma de operar mudanças sociais e políticas.

Ambas as gerações (a Norte e no resto do país) revelam-se indiscutivelmente europeístas, e mais a favor de uma Europa das Pátrias do que de uma Europa Federal, segundo o modelo de Estado Europeu.

Passaremos de seguida, aos valores referentes às Instituições e Problemas Sociais.

Relativamente ao desempenho e função da Instituição policial, existe da parte dos jovens nortenhos uma crítica mais acentuada (funciona mal). Por sua

vez, as gerações mais velhas mantêm a atitude crítica, mas sob diferentes argumentos. Os progenitores nacionais são de opinião que a organização policial funciona mal por desleixo, enquanto que os progenitores nortenhos vão mais longe e consideram que não serve para nada.

Estando em análise a função e desempenho do sistema prisional vigente, vemos que são os jovens nacionais que consideram que o sistema não serve mas, também são eles que afirmam ser, apesar de disfuncional, o que vale aos portugueses. Comparativamente, os progenitores nacionais são mais críticos neste ponto (não serve para nada) que os nortenhos.

No estudo da atitude geral face à marginalidade, vemos que, a nível nacional, os jovens defendem mais a adopção de uma atitude terapêutica face ao consumo de drogas e à prostituição, enquanto que perante a criminalidade preferem optar pela prevenção. Neste último ponto, as opiniões divergem nos nortenhos da geração mais velha, já que estes preferem apostar na atitude repressiva no combate à criminalidade. Tratando-se da problemática do alcoolismo, jovens nortenhos e nacionais, estão em consenso que a atitude preventiva é a mais adaptada.

Na geração de progenitores, existem maiores divergências. A Norte, a prevenção é mais pontuada que nacionalmente, quer para combater a criminalidade, quer para eliminar a toxicod dependência, quer para fazer face à prostituição. Nacionalmente, as atitudes repressiva e terapêutica são consideradas preferíveis, quando falamos de criminalidade. Em relação à toxicod dependência, e à prostituição, os mais velhos colocam a hipótese de recurso à repressão. É de acentuar a diferença existente na atitude nortenha em relação ao alcoolismo. Em hipótese alguma (0%) colocam a repressão como alternativa. Este pode ser um dado importante, se tivermos em conta que o

norte é uma zona privilegiada de produção de vinho. Talvez por isso, o consumo elevado de bebidas alcoólicas seja mais bem tolerado.

A liberalização do consumo de drogas, é um valor mais bem aceite pelos nortenhos (progenitores e jovens).

Para os jovens e progenitores nacionais, a redução da escolaridade obrigatória é uma hipótese a ter em conta, ideia esta que não encontra eco por parte das duas gerações de nortenhos.

Ao nível dos valores referentes ao Progresso e civilização, vemos que os jovens nacionais se preocupam bastante mais que os seus pares do Norte, com a igualdade de direitos entre os povos, tanto que elegem esse ponto como um dos maiores objectivos que gostariam que o progresso tornasse possível. Em relação aos mais velhos, existe alguma preocupação da parte dos progenitores nacionais, no que respeita ao encontrar um idioma universal, mas este objectivo não é minimamente partilhado (0%) com os progenitores do Norte.

Falando-se do progresso do país, jovens e progenitores nacionais, consideram prioritária a manutenção da ordem, enquanto que as duas gerações do Norte, valorizam mais a diminuição das desigualdades sociais, a par da criação de iguais oportunidades para todos.

A crise civilizacional poderá ser ultrapassada se houver uma renovação espiritual e moral, na opinião dos jovens nortenhos. Por seu turno, os jovens nacionais, mostram-se mais cépticos (não pode ser ultrapassada) ainda que apostem na economia e política. Existe, da parte dos progenitores (nacionais e nortenhos), a mesma atitude que foi atrás referida a propósito dos mais novos.

Quanto ao futuro, os jovens nortenhos não esperam grandes alterações ao nível da felicidade, enquanto que os seus pares nacionais se mostram, comparativamente, bastante mais optimistas. Este optimismo não é partilhado

pela geração de progenitores, havendo da parte destes, algumas reservas quanto ao futuro do país.

A visão que os teenagers (idades inferiores aos 20 anos) têm do mundo, é mais levada em conta pelas duas gerações nacionais.

Ao nível dos interesses, vemos que os jovens nortenhos se inclinam mais para a área científica.

Por fim, ainda dentro da vasta área do progresso e Civilização, constatamos que os jovens nacionais (apesar de mais optimistas quanto ao futuro), não se consideram tão capazes como os seus pares nacionais, de vir a influenciar o progresso do país.

No capítulo das grandes Causas, encontramos uma total coincidência de valores entre o Norte e o resto do país. Quer jovens, quer progenitores, elegem a paz como valor pelo qual seriam capazes de fazer sacrifícios.

Ao nível dos valores religiosos, vemos que os valores dos jovens são consensuais, ainda que nacionalmente exista uma maior sobrecarga de respostas “não sabe” e “não responde”. Entre as duas gerações mais velhas acontece exactamente o mesmo.

A religião ocupa diferentes lugares na vida dos nossos jovens. Para os nortenhos, os valores religiosos preenchem uma necessidade espiritual, enquanto que para os jovens nacionais, possuir uma crença religiosa, antes de mais, uma forma de amar e servir Deus. Para os mais velhos, a nível nacional, a religião resulta de um apelo espiritual, enquanto que os nortenhos procuram encontrar nela a salvação para a alma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aberastury, A. (1983). *Adolescência*. Artes Médicas. São Paulo
- Adams, G.R., Montemayor, R., Gullota, T. (1996). *Psychosocial Development During Adolescence. Progress in Developmental Contextualism*. London: Sage Publications
- Alberoni, F.(1995). *Valores*. Lisboa. Bertrand Editora
- Allison, S.& Beggan, J. (1994). *Social Values*. Encyclopedia of Human Behavior, vol 4, 253-262
- Alves, N. (1998). Escola e trabalho: atitudes, projectos e trajectórias. In *Jovens Portugueses de Hoje*, Villaverde Cabral, M., Machado Pais, J. (coord). Edições Celta. p. 53-132
- American Psychological Association (1994). *Publication Manual* (4ª ed). Washington, DC: Autor
- Andrade, J. (1992). *Os valores na formação pessoal e social*. Lisboa: Texto Editora
- Andringa, D. (1992). Isso julgas tu. Um exemplo de construção de valores em televisão. *Sociedade Portuguesa de Ciências Educação*, 147-150
- Araújo,L.(1992). *A ética como pensar fundamental- Elementos para uma problemática da moralidade*. Lisboa: Imprensa Nacional
- Azevedo,M.(2001). *Teses, relatórios e trabalhos escolares. Sugestões para estruturação da escrita*. Lisboa: Universidade Católica Editora
- Azpitarte, E.(1995). La educacion moral en la familia. *Revista Augustina sobre los valores*, vol XXXVI, 110, 503-536
- Barata, G. (2001). *A narrativa como meio de transmissão de valores: ser mãe e ser avó, quais as diferenças?* Monografia de licenciatura em Psicologia Educacional. Instituto Superior de Psicologia Aplicada
- Barreto, A. (1996). *A situação social em Portugal 1960-1999*. Lisboa. Instituto de Ciências Sociais
- Barreto, A. (1996). Três décadas de mudança social. ICS. Lisboa.
- Barreto, A. (1995). Portugal na periferia do Centro. *Análise Social*, vol. 841-855
- Baumrind, D.(1968).Authoritharism vs. Authoritative Parental Control.*Adolescence*, 3, 255-272
- Benavente, A. (1993). Educação, Participação e Democracia: Valores e Práticas na Instituição Escolar, *Análise Psicológica*, 3 (XI): 325-333

- Bloom, A. (1987). *A cultura inculta*. Lisboa: Edições Europa-América
- Blos, P. (1962/1985). *Adolescência. Uma interpretação psicanalítica*. São Paulo. Editora Martins Fontes
- Braga da Cruz, M (1992) A participação política da juventude em Portugal - as *élites* políticas juvenis. *Análise Social*, XXI (87-88-89), 1067-1088
- Braithwaite, V. A., Law, H.G. (1985). Structure of human value: testing the adequacy of the Rockeach Value Survey. *Journal of Personality and Social Psychology*, 49 (1), 250-263
- Braula Reis, L., Dias, M. (1993). Grupos e valores de referência socio-políticos in Portugal, Valores Europeus Identidade Cultural. Instituto Estudos Desenvolvimento. Cap. 8
- Brezinka, W. (1992). Educacion de los valores?. *Revista de Ciências de la Educacion*, 367-389.
- Caldas Abreu, P.C. (1998). Contributos dos Contos Tradicionais Maravilhosos na Educação para os Valores. *Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, área de Formação Pessoal e Social*. Universidade Católica Portuguesa
- Cardoso Torres, A.M. (2000). Trajectórias, dinâmicas e formas de conjugalidade: assimetrias sociais e de género no casamento. Lisboa. ISCTE
- Casanova, J.L. (1993). *Estudantes universitários: composição social, representações e valores*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais; Instituto da Juventude
- Castro Jover, A. (coord). (1995). *Educacion como transmission de valores*. The Oñati International Institute for the Sociology of Law
- Cenbranos, C. & Bartolomé, M. (1981). *Estudios y Experiencias sobre Educacion en Valores*. Madrid. Narcea, S.A. Ediciones
- Comissão para o Ano Internacional da Família (1994). *Relatório: situação actual da familia portuguesa*. Lisboa: Direcção Geral da Família
- Conde, I. (1990). Identidade nacional e social dos jovens. *Análise Social*, XXV (108-109), 675-693
- Costa, A. (1992) *Representações sociais de homens e de mulheres – Portugal 1991*, Lisboa: Ministério de Emprego e da Segurança Social: Comissão para a igualdade e para os direitos das mulheres
- Cruz, V., Pinto, R.J. (1998-a, 31 de Outubro). Outra cidade. *Revista do Jornal Expresso*. P. 32-40
- Cruz, V. (1998-b, 31 de Outubro). A outra pronúncia. *Revista do Jornal Expresso*, 54

- Dias, M. (1996). PortusPorto. *Revista do Jornal público*, nº2559, 4-6
- Dias Cordeiro, J. (1988). *Os adolescentes por dentro*. Lisboa. Edições Salamandra
- Direcções Gerais da Juventude Universitária Católica (1967). *Situação e opinião dos universitários*". Lisboa
- Devereux, E.C. (1970). The role of peer-group experience in moral development. In J. Hill (Ed.) *Minnesota Symposia on Child Psychology*, vol 4, Minneapolis: The University of Minnesota Press, 94 -141.
- Desaulniers, M-P (1991). O lugar dos valores em educação sexual. *Rev Educ*, II, 1, 3-9
- D'Orey da Cunha, P. (1997). *Educação em debate*. Universidade Católica Portuguesa
- Dolto, F., Dolto-Tolitch, C. (1989). *Palabras para adolescentes ou o complexo da lagosta*. Lisboa. Bertrand Editora
- Duncan, S., Flaherty, C.(s.d) Is There a Generation Gap ? Purdue University, Department of Health and Human Development [em linha] disponível em www.montana.edu/www.pb/home/gap.html
- Erickson, E. (1968). *Adolescence et crise: la quête de l'identité*. Paris : Flammerion
- Etxebarria, I.(1992). Sentimientos de culpa y abandono de los valores paternos. *Infancia y aprendizaje*, 57, 67 - 88
- Fernandes, A. (1998). Identidade Nacional e Cidadania Europeia. In *Jovens Portugueses de hoje*, Edições Celta. 307-357
- Ferreira, P.A, Machado Pais, J. (coord). (1993). *Valores dos jovens portugueses nos anos 80*. Cadernos do Instituto de Ciências Sociais. Estudos da Juventude. Lisboa, Instituto de Ciências Sociais. Quinta série, 3
- Ferreira, P.A. (1993-a). *Valores e atitudes dos jovens nos anos 80*. Lisboa: Cadernos da Juventude do instituto de Ciências Sociais, quinta série, número 3
- Ferreira de Almeida, J. (1990). *Portugal os próximos 20 anos. Valores e representações sociais*. Vol VIII, Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ferreira, S.V. (1998). Atitudes perante a sociedade in Machado Pais, J. (coord.), Calvão Borges, G. et al. *Gerações e Valores na Sociedade Portuguesa Contemporânea*. Lisboa. Instituto de Ciências Sociais, 149-243
- Ferreira, P.A. (1998). Atitudes perante a vida, moralidades e éticas de vida. in Machado Pais, J. (coord.), Calvão Borges, G. et al. *Gerações e Valores na Sociedade Portuguesa Contemporânea*. Lisboa. Instituto de Ciências Sociais, 61-145
- Figueiredo, E. (2001). *Valores e Gerações anos 80 anos 90*. Lisboa. ISPA

- Figueiredo, E.(1988). *Portugal: os Próximos 20 anos. Conflito de gerações conflito de valores*, vol II, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Figueiredo, E.(1985). Mudança, Valores e conflito de gerações em Portugal, *Análise Social*, XXI, 105-120
- Figueiredo, E. (1985-a). *No Reino de Xantum - Os Jovens e o Conflito de Gerações*. Porto: Edições Afrontamento
- Figueiredo, E., Ferreira da Silva, L.(1992). As gerações e os valores nos Universitários e respectivos pais. *Psicologia*. VIII, 3, 339-352
- Figueiredo, E., Fleming, M. & Paúl, C. (1983). Psicanálise e conflito de gerações. *Análise Psicológica*, 4 (III), 505 -520
- Fleming, M. (1992). Autonomia adolescente e atitudes dos pais. *Psicologia*, VIII, 3, 301 - 315
- Fleming, M. (1983). A separação Adolescente-Progenitores. *Análise Psicológica*, 4 (III), 521-542
- Fleming, M. , Aguiar, A.I. (1992). A saída de casa e o processo de autonomia em jovens Universitários e seus pais. *Psicologia*, VIII, 3, 329 - 337
- França, L. (1990). Europa 1992: que valores? *Revista do Instituto de Inovação Educacional*, Vol 3, nº 1-2, 63 - 65
- Félix da Costa, N. (1992). Axiologia e Psicopatologia: estudo das relações da psicopatologia com as cognições e o juízo ético. Tese de Doutoramento não publicada. Universidade de Lisboa. Faculdade de Medicina de Lisboa. Lisboa
- Fraga, G. (1992). Valor. In *Logos Enciclopedia Luso-Brasileira de Filosofia*. Vol. V. Lisboa/São Paulo: Verbo
- Fundação Calouste Gulbenkian (1994). *Guia de Portugal: Entre Douro e Minho. I - Douro Litoral*. 3ª Edição. 4º Volume. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian
- Fukuyama, F. (2000). *A grande ruptura*. Lisboa. Quetzal Editores
- Fernandes, L. (1998). Aspectos sociais e culturais do Porto. [em linha] Acessível em www.tese/internet/valores/Porto.htm
- Gama, N. (1998, 31 de Outubro). Blusão de couro e vanguardismo. *Revista do Jornal Expresso*, 56
- Gomes, F. (1996). Porto-património Mundial. *Revista do Jornal público*, nº2559, 1
- Gammer, C., Cabié, M-C (1992). *Adolescência e crise familiar*. Lisboa. Climepsi

- Gonçalves de Sousa, V. M. (1993). Filmes Portugueses da década de quarenta e valores da Nacionalidade. *Dissertação final apresentada à Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa.*
- Gouveia Pereira, M. (1995). Percepção do papel do grupo de pares nas tarefas de desenvolvimento em adolescentes e pais. *Dissertação de Mestrado em Psicopatologia e Psicologia Clínica.* ISPA. Lisboa
- Gouveia Pereira, O., Jesuíno, J.C. et al. (1985). *Psicologia Social do Desenvolvimento.* Lisboa: livros Horizonte
- Halman, L. (2001). *The European values study: a third wave: source book of the 1999 european values study surveys.* EVS Worc
- Hérmendez, M., Rodríguez, G., Zamora, A. (1998). La construcción de valores en la familia. Alianza Editorial. Madrid, 201-221
- INE. *Censos 1991* [em linha] disponível em www.ine.pt
- INE. *Censos 2001* [em linha] disponível em www.ine.pt
- Inglehart, R. (1997). *Modernization and postmodernization: cultural, economic, and political change in 43 societies.* Princeton: University Press
- Inglehart, R. (1990). *Culture shift in advanced industrial society.* Princeton University Press
- Instituto de Estudos para o Desenvolvimento (Ed) (1983). *Situação, problemas e perspectivas da juventude em Portugal.* Lisboa. Instituto de Estudos para o Desenvolvimento
- Instituto de Estudos para o Desenvolvimento (Ed) (1983). *Valores, Representações sobre a sociedade portuguesa e Identidade psico-social dos jovens.* Conferência, Comunicações e Conclusões. Instituto de Estudos para o Desenvolvimento
- Instituto da Juventude, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (1987). *Juventude Portuguesa, situações, problemas, aspirações.* Lisboa. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa
- Instituto de História Contemporânea (1998). *Portugal na transição do milénio.* Lisboa: Fim de Século
- Jordan Sierra, J.A. (1980). Una perspectiva antropológico-pedagógica de la crisis de valores *Rev. Cien Educ*, 393-401
- Jesuíno, C. (1983). "Valores finais na juventude portuguesa em 1983", Comunicações e conclusões da Conferência sobre Situação, Problemas e Perspectivas da Juventude em Portugal, in *Cadernos da Juventude*, VIII, Lisboa, Instituto de Estudos para o Desenvolvimento

- Kerruish, A. (1995). Basic Human Values: The Ethos for Methodology. *Journal of Community & Applied Social Psychology*. Vol. 5, 121-143
- Kolberg, L. (1981). *Essays on a moral education. The philosophy of moral development*. São Francisco: Harper & Row Publishers
- Lopes, L. (1996). O futuro da nação. *Notícias Magazine*, nº938, 37
- Lourenço, O. (1998-a). Educação, desenvolvimento e valores. *Psicologia, Educação e Cultura*, II, 11- 25
- Lourenço, O. (1998-b). *Psicologia de desenvolvimento moral*. Coimbra: Livraria Almedina
- Lourenço, L. , Matos, M. (1996, 14 de Setembro). Retracto demográfico. *Guia Expresso das Cidades e Vilas históricas de Portugal*, 8-9
- Lima dos Santos, M. L. (1992). Mudança social: novos valores, modos de vida, identidades, *Sociologia*, 11, 210 - 213
- Machado Pais, J.(coord.), Calvão Borges, G. et al. (1998). *Gerações e Valores na Sociedade Portuguesa Contemporânea*. Lisboa. Instituto de Ciências Sociais
- Machado Pais, J. (1993). *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda
- Machado Pais, J. (1990). A construção sociológica da juventude: alguns contributos. *Análise Social*, vol.25, nº 105/106, 139-165
- Machado Pais, J.(coord), Chisholm, L. (1997). Actas do Congresso Internacional Growing up between centre and periphery (1996). *Jovens em mudança*. Lisboa. ISCTE
- Machado Pais, J. (1998). Grupos juvenis e modelos de comportamento em relação à escola e ao trabalho: resultados de análises factoriais. In *Jovens Portugueses de Hoje*, Villaverde Cabral, M., Machado Pais, J. (coord). Edições Celta, 135-180
- Machado Pais, J (s.d). Valores, Gerações e modos de vida: ambivalências [em linha] Acessível em www.tese/internet/valores.htm
- Martin Lopez, J.C. (1992). Educar los jovenes de hoy en la ética de los valores. *Religion et cultura*, XXXVIII, 219-250
- Marques, R. (1998). *Ensinar Valores : Teorias e Modelos*. Porto Editora
- Marques, P., Santamaria, J.V. (2002). Demografia do Porto. [em linha]. Acessível em <http://www.geocities.com/cidadeinvicta/demograf.htm>
- Macfarlane, A. & McPherson, A. (2001). Pais: valores e conflitos diferentes. In *adolescentes: da agonia ao ecstasy*. Lisboa. Pub. Europa-América

- Menezes, I., Costa, M.E. & Campos, B.P. (1989). Valores de estudantes Universitários. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 5, 53-68
- Meyer, R. (1988). Une approche des valeurs personnelles des adolescents, *Revue de Psychologie Appliquée*, vol. 37, n°4, 75-86
- Minc, A. et al , coord. de Patrício Gouveia, T. (1993). *Sociedade, valores culturais e desenvolvimento*. Lisboa: Publicações Dom Quixote
- Ministério de Planeamento e Administração do Território (1993). *Preparar Portugal para o Século XXI - análise económica e social*. Lisboa: Autor
- Morin, E.& Prigogine, I. (1998). *A sociedade em busca de novos valores, para fugir à alternativa entre o cepticismo e o dogmatismo*. Lisboa. Instituto Piaget
- Moore,D.(1987). Parent-adolescent separation: the construction of adulthood by late adolescents. *Developmental Psychology*, 23(2), 298-307
- Naime,S.A.(2002). Pais, filhos adolescentes e professores. *Revista Catharsis*. [publicação periodica em linha] disponível em [http:// www.revistapsicologia.com.br](http://www.revistapsicologia.com.br)
- Nodin,N.(2001). *Os jovens Portugueses e a sexualidade em finais do século XX*. Lisboa. Associação para o Paneamento da Família
- Pacheco, H. (1987). *Rostos da gente*. Lisboa: Caminho.
- Pacheco, H. (1987). *Nós, Portugueses*. Lisboa: Bial.
- Pereira Pinto, A. (1997). *Educação, Valores e Prática Pedagógica: um estudo de caso*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação. Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Ciências Humanas.
- Perron, R. (1971). *Modeles d'Enfants, Enfants Modeles*, Paris : Press Universitaire de France
- Pinto, C. A. (1986) *A escola: valores e aspirações dos jovens*, X, I.E.D.
- Praça, A. (1998, 31 de Outubro). O Porto é uma nação. *Revista do Jornal Expresso*. 66-70
- Pinto, A. (coord). (2000). *Portugal contemporâneo*. Madrid: Ediciones Sequitur
- Redclift, M. (1995). Values and Global Environmental Change: a Social Perspective in Guerrier, Y., Alexander, N. and O'Brien, J.C. (Edts.).
- Reis, B., Dias, M. (1993). Grupos e valores de referência socio-políticos *in Portugal valores Europeus identidade cultural*, Capítulo 6, Instituto de Estudos Desenvolvimento, 221-257

- Reimão, C. (1994). A relação escola-família. In *Brotéria*, 139 (4), Lisboa. Ed. P.P. Companhia de Jesus
- Renaud, M. (1994). Os valores num mundo em mutação. In *Brotéria*, 139 (6). Lisboa. Ed. P.P. Companhia de Jesus
- Robin, A.L., Foster, S. L. (1989). *Negotiating Parent - Adolescent Conflit : A Behavioral-Family Sístems Approach*. New York : The Guilford Press.
- Rokeach, M. (1973), " *The nature of human values* ", NY, Free Press
- Sampaio, D. (1994). *Inventem-se novos pais*. Lisboa : Editorial Caminho S.A
- Santos, J. (1998). *Os valores e a mudança*. ISPA.Lisboa,55-65
- Schwartz, S. (1990). The creation and destruction of value. *American Psychologist*, 45(1), 7-15
- Schwartz, S. (1992-a). Universals in the content and structure of values: theoretical advances and empirical tests in 20 countries. *Advances in Experimental Psychology*, vol 25, 1- 63
- Schwartz, S. (1992-b). Beyond Individualism/Collectivism: New Cultural Dimension of Values. *Journal of Cross-Cultural Rechearch and Methodology*, Vol 18, 139-157
- Sedas Nunes, J. (1998) Perfis Sociais Juvenis. In *Jovens Portugueses de Hoje*, Villaverde Cabral, M., Machado Pais, J. (coord). Edições Celta.1-50
- Sequeira, F. (1992). A propósito da síntese da identidade na adolescência. *Psicologia*, VIII, 3 , 317-322
- Seligman, C., Olson, J. et al. (1996). *The psychology of values*. New Jersey : Laurence Erlbaum
- Silva, G. (1996, 9 Dezembro nº extra). Uma cidade para o mundo. *Revista Visão*, 7
- Simões, C. (1997). *Relações de amizade e processos de grupo em adolescentes: um estudo exploratório de quatro turmas de alunos do 9º ano de escolaridade*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Educacional. Instituto Superior de Psicologia Aplicada
- Simões, E. et al. (1986). Os valores e a escola. *O professor*, nº 90, 40-48
- Skarzynska, K. (1993). Determinants of values accepted by youth. *Polish Psychological Bulletin*. Vol 24 (3), 195-207
- Silva Freire, A.S. (1998). *Valores sociais dos estudantes da universidade do Algarve e dos respectivos progenitores*. Tese de Mestrado em Psicopatologia e Psicologia Clínica. Instituto Superior de Psicologia Aplicada

Sigel, I.E. et al (1992). Parental belief systems : the psychological consequences for children. Hillsdale: Lawrence Erlbaum

Sprinthall, N. e Collins, W. (1994). *Psicologia do Adolescente*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian

Tapscott, D. (s.d). Chegou a Geração Net [em linha] Acessível em http://www.tese/internet/chegou_geracao_net.htm

Tapadas, S. (1997). *Violência doméstica contra as mulheres. Quais os valores dos estudantes de Psicologia Clínica?* Monografia de fim de Curso Apresentada na Área de Psicologia Clínica. Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

Tê, C. (1996, 9 de Dezembro nº extra). Falando de carácter. *Visão*, 35

Tê, C. (1998, 31 de Outubro). Outra cidade. *Revista do Jornal Expresso*. 32-40

Teixeira Fernandes, A. (2001). *Estudantes do ensino superior no Porto: representações e práticas culturais*. Porto: Edições Afrontamento

Tierno, B. (2000). *Guia para educar em valores Humanos*. Taller de Editores, S.A

Torga, M. (s/data). *Portugal*. 6ª Edição. Coimbra

Trindade Santos, J. (1998). *Os valores e a mudança*. Actas do Colóquio Europeu de Psicologia e Ética, 55-65

Turkle, S. (1995). *A vida no ecrã: a identidade na era da Internet*. Lisboa: Sociedade digital

Weil, P. (1993). *A quoi rêvent les années 90*. Paris : Éditions do Seuil

Vala, J. (1993). Identidades Sociais e adesão a valores sócio-políticos, in Gouveia Pereira, O. et al. *Psicologia Social em Portugal e Espanha nos anos 80*

Vala, J. (1993-a). Valores sócio-políticos. in Luis França (ed.) *Portugal, valores Europeus Identidade Cultural*. Lisboa. Instituto Estudos Desenvolvimento. Cap. 5

Vala, J. (1986-b). Valores, atitudes sociais e grandes preocupações da juventude. I.E.D, *Representações sociais dos jovens: valores, identidade e imagens da sociedade Portuguesa, Capítulo I, XI, 11-72*.

Vala, J. (1986-a). *Representações sociais dos jovens: valores, identidade e imagens na sociedade portuguesa* in Cadernos da Juventude, XI. Instituto de Estudos para o Desenvolvimento

Vala, J. (1983). Identidade psico-social dos jovens. In Instituto Estudos Desenvolvimento (Ed). *Situação, problemas e perspectivas da juventude em Portugal*. Lisboa. Autor.

- Van Deth, J.W. (1995). *The impact of values*. Oxford: University Press
- Vasconcelos, P. (1998) Práticas e discursos da conjugalidade e de sexualidade dos jovens portugueses. In *Jovens Portugueses de Hoje*, Villaverde Cabral, M., Machado Pais, J. (coord). Edições Celta, 215-304
- Vasquez, B.I. (1992). Crescimento urbano e suburbano no grande Porto: Uma perspectiva relacional. *Análise Social*. 115. 4ª Série, vol XXVII, 1º, 191-205
- Vegar, J., Marcelino, V. (1999-a). Conflito de gerações em crise. [em linha] Acessível em http://expresso\conflitos_ficheiro
- Vegar, J., Marcelino, V. (1999-b). Conflito de gerações acabou. [em linha] Acessível em <http://primeirasedicoes.expresso.pt>
- Vegar, J., Marcelino, V. (1999-c). Pai autoritário passou à história. [em linha] Acessível em <http://primeirasedicoes.expresso.pt>
- Villaverde Cabral, M., Machado Pais, J. (coord), Alves, N. et al (1998). *Jovens Portugueses de Hoje*. Lisboa. Edições Celta
- Villaverde Cabral, M., Freitas, E., Rodríguez, M.L. (1991). Atitudes da População Portuguesa perante o desenvolvimento – principais conclusões da sondagem de Janeiro de 1991. In Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (Ed). *Sociedade, Valores Culturais e Desenvolvimento*. Lisboa. Publicações Dom Quixote
- Vokell (1983-a). *Educational Research*. N.Y: MacMillan Publishing Co. Inc.
- Zimerman, D., (1996). Conflito e violência - Dimensão Intra e Intersubjectiva. In *Séculos XX e XXI - o que permanece e o que se transforma*, O novo paradigma, nº VI. Instituto de Psicoterapia Analítica de Grupo. São Paulo. [publicação periódica em linha] Acessível em <http://www.celpsyro.org.br/folders/revista2/conflito.htm>

ANEXOS

Anexo 1

Tabelas de significâncias das amostras regionais₁

₁ sublinhámos em todas as tabelas, os resultados altamente significativos (**), com exceção das respostas “Não responde” ou “não sabe”

Jovens regionais / Progenitores regionais

	JOV	PROG	482	372	1,645		1,960		2,580		Sig	Sinal	
CAUSAS POR QUE VALE A PENA SACRIFÍCIOS	natureza	17,9	16,7	0,179	0,167	-0,031	0,055	-0,039	0,063	-0,055	0,079	=	
	paz	26,5	29,4	0,265	0,294	-0,080	0,022	-0,090	0,032	-0,109	0,051	=	
	miséria	14,1	22,9	0,141	0,229	-0,132	-0,044	-0,141	-0,035	-0,158	-0,018	**	<
	defesa	2,9	1,9	0,029	0,019	-0,007	0,027	-0,010	0,030	-0,017	0,037	=	
	liberdade	12,3	7,5	0,123	0,075	0,015	0,081	0,008	0,088	-0,004	0,100	*	>
	direitos do H.	25,4	21,4	0,254	0,214	-0,008	0,088	-0,017	0,097	-0,035	0,115	=	
	nenhuma	0,8	0,2	0,008	0,002	-0,002	0,014	-0,003	0,015	-0,006	0,018	=	
	Sem resp.	9,8	13,7	0,098	0,137	-0,076	-0,002	-0,083	0,005	-0,097	0,019	.	<
PROGRESSO DO PAÍS	ordem	5,0	5,6	0,050	0,056	-0,032	0,020	-0,036	0,024	-0,046	0,034	=	
	facilitar	10,2	7,5	0,102	0,075	-0,005	0,059	-0,011	0,065	-0,023	0,077	=	
	diminuir desig	77,8	85,8	0,778	0,858	-0,123	-0,037	-0,131	-0,029	-0,148	-0,012	**	<
	Sem resp.	7,1	1,1	0,071	0,011	0,039	0,081	0,035	0,085	0,027	0,093	**	>
PROGRESSO TORNASSE POSSÍVEL EM 2010	cura doenças	32,2	34,4	0,322	0,344	-0,076	0,032	-0,086	0,042	-0,106	0,062	=	
	fim guerras	17,5	22,5	0,175	0,225	-0,096	-0,004	-0,104	0,004	-0,122	0,022	.	<
	meteorologia	0,2	0,0	0,002	0,000	-0,001	0,005	-0,002	0,006	-0,003	0,007	=	
	vida ET	1,7	0,9	0,017	0,009	-0,005	0,021	-0,007	0,023	-0,012	0,028	=	
	fim fome	24,1	31,3	0,241	0,313	-0,123	-0,021	-0,133	-0,011	-0,152	0,008	*	<
	igualdade	11,5	8,2	0,115	0,082	0,000	0,066	-0,007	0,073	-0,019	0,085	=	
	idioma	0,9	0,0	0,009	0,000	0,002	0,016	0,001	0,017	-0,002	0,020	*	>
	comb. Poluição	11,8	2,6	0,118	0,026	0,064	0,120	0,059	0,125	0,049	0,135	**	>
	Sem resp.	7,1	8,6	0,071	0,086	-0,046	0,016	-0,052	0,022	-0,063	0,033	=	
CRISE DA CIVILIZAÇÃO	ciência e técn	14,5	15,3	0,145	0,153	-0,048	0,032	-0,056	0,040	-0,071	0,055	=	
	econ. e polit.	12,4	10,2	0,124	0,102	-0,014	0,058	-0,021	0,065	-0,034	0,078	=	
	ren. Espir	56,0	61,6	0,560	0,616	-0,112	0,000	-0,122	0,010	-0,143	0,031	.	<
	não pode	5,8	3,8	0,058	0,038	-0,004	0,044	-0,009	0,049	-0,018	0,058	=	
	Sem resp.	11,2	9,1	0,112	0,091	-0,013	0,055	-0,020	0,062	-0,032	0,074	=	
FELICIDADE NO ANO 2010	mais	12,0	14,0	0,120	0,140	-0,058	0,018	-0,066	0,026	-0,080	0,040	=	
	menos	21,6	25,8	0,216	0,258	-0,090	0,006	-0,100	0,016	-0,118	0,034	=	
	igual	56,6	53,0	0,566	0,530	-0,020	0,092	-0,031	0,103	-0,053	0,125	=	
	Sem resp.	9,8	7,3	0,098	0,073	-0,006	0,056	-0,012	0,062	-0,024	0,074	=	
CONTRIBUIÇÃO PARA O PROGRESSO	sim	56,8	40,1	0,568	0,401	0,111	0,223	0,100	0,234	0,079	0,255	**	>
	talvez	39,2	42,7	0,392	0,427	-0,091	0,021	-0,102	0,032	-0,123	0,053	=	
	não	2,1	11,3	0,021	0,113	-0,121	-0,063	-0,127	-0,057	-0,138	-0,046	**	<
	Sem resp.	1,9	5,9	0,019	0,059	-0,063	-0,017	-0,067	-0,013	-0,075	-0,005	**	<
VISÃO MAIS REALISTA DO MUNDO	menos 20	0,8	1,1	0,008	0,011	-0,014	0,008	-0,016	0,010	-0,020	0,014	=	
	20-25	12,4	3,8	0,124	0,038	0,056	0,116	0,051	0,121	0,040	0,132	**	>
	25-30	22,2	9,4	0,222	0,094	0,088	0,168	0,081	0,175	0,065	0,191	**	>
	30-40	28,6	20,4	0,286	0,204	0,034	0,130	0,025	0,139	0,006	0,158	**	>
	40-50	17,4	35,8	0,174	0,358	-0,234	-0,134	-0,243	-0,125	-0,262	-0,106	**	<
	mais de 50	5,8	20,7	0,058	0,207	-0,188	-0,110	-0,195	-0,103	-0,210	-0,088	**	<
	Sem resp.	12,7	8,9	0,127	0,089	0,003	0,073	-0,003	0,079	-0,017	0,093	.	>
SE PORTUGAL ABANDONASSE A UE?	pena	67,0	58,1	0,670	0,581	0,034	0,144	0,024	0,154	0,003	0,175	**	>
	indiferença	10,2	21,8	0,102	0,218	-0,158	-0,074	-0,166	-0,066	-0,182	-0,050	**	<
	alívio	8,3	9,9	0,083	0,099	-0,049	0,017	-0,055	0,023	-0,067	0,035	=	
	Sem resp.	14,5	10,2	0,145	0,102	0,006	0,080	-0,001	0,087	-0,015	0,101	.	>
CONCEPÇÃO DA EU	part único	5,8	6,5	0,058	0,065	-0,034	0,020	-0,040	0,026	-0,050	0,036	=	
	varios part	80,3	82,3	0,803	0,823	-0,064	0,024	-0,073	0,033	-0,089	0,049	=	
	Sem resp.	13,9	11,3	0,139	0,113	-0,011	0,063	-0,019	0,071	-0,033	0,085	=	
ASPECTOS DA VIDA QUE INTERESSAM	ciências	23,9	10,4	0,239	0,104	0,094	0,176	0,086	0,184	0,070	0,200	**	>
	poli. Nac	7,5	12,1	0,075	0,121	-0,080	-0,012	-0,087	-0,005	-0,099	0,007	*	<
	desporto	11,6	3,2	0,116	0,032	0,056	0,112	0,050	0,118	0,040	0,128	**	>
	probl sociad	15,4	26,1	0,154	0,261	-0,153	-0,061	-0,162	-0,052	-0,179	-0,035	**	<
	artes	9,7	3,6	0,097	0,036	0,034	0,088	0,028	0,094	0,018	0,104	**	>
	povos	3,2	2,6	0,032	0,026	-0,013	0,025	-0,017	0,029	-0,024	0,036	=	
	religiões	3,5	3,0	0,035	0,030	-0,015	0,025	-0,019	0,029	-0,026	0,036	=	
	ambiente	15,2	20,6	0,152	0,206	-0,098	-0,010	-0,106	-0,002	-0,123	0,015	*	<
	terc mundo	5,4	8,0	0,054	0,080	-0,055	0,003	-0,060	0,008	-0,071	0,019	=	
	pol. Int	2,7	3,2	0,027	0,032	-0,024	0,014	-0,028	0,018	-0,035	0,025	=	
	religião	1,8	7,2	0,018	0,072	-0,078	-0,030	-0,083	-0,025	-0,092	-0,016	**	<
	Sem resp.	2,1	5,4	0,021	0,054	-0,055	-0,011	-0,059	-0,007	-0,068	0,002	*	<

Jovens regionais / Progenitores regionais

EVOLUÇÃO REVOLUÇÃO	concordo	57,1	76,9	0,571	0,769	-0,250	-0,146	-0,260	-0,136	-0,279	-0,117	**	<
	rad errado	4,1	1,6	0,041	0,016	0,007	0,043	0,003	0,047	-0,004	0,054	*	>
	violencia	29,0	17,2	0,290	0,172	0,071	0,165	0,062	0,174	0,045	0,191	**	>
	Sem resp.	9,8	4,3	0,098	0,043	0,027	0,083	0,021	0,089	0,011	0,099	**	>
SEXUALIDADE DO RAPAZ	repreensível	4,6	18,5	0,046	0,185	-0,176	-0,102	-0,183	-0,095	-0,196	-0,082	**	<
	sem grav	31,5	25,8	0,315	0,258	0,006	0,108	-0,004	0,118	-0,023	0,137	.	>
	perigosa	11,0	27,4	0,110	0,274	-0,209	-0,119	-0,217	-0,111	-0,234	-0,094	**	<
	útil	45,4	21,2	0,454	0,212	0,191	0,293	0,181	0,303	0,162	0,322	**	>
	Sem resp.	7,5	7,0	0,075	0,070	-0,024	0,034	-0,030	0,040	-0,041	0,051	.	=
SEXUALIDADE DA RAPARIGA	repreensível	5,8	22,3	0,058	0,223	-0,205	-0,125	-0,212	-0,118	-0,227	-0,103	**	<
	sem grav	32,0	16,9	0,320	0,169	0,104	0,198	0,095	0,207	0,077	0,225	**	>
	perigosa	14,7	43,0	0,147	0,430	-0,333	-0,233	-0,342	-0,224	-0,361	-0,205	**	<
	útil	34,6	12,9	0,346	0,129	0,171	0,263	0,163	0,271	0,145	0,289	**	>
	Sem resp.	12,9	4,8	0,129	0,048	0,050	0,112	0,044	0,118	0,032	0,130	**	>
O QUE É MAIS IMPORTANTE NA VIDA	rel família	7,1	36,0	0,071	0,360	-0,334	-0,244	-0,343	-0,235	-0,360	-0,218	**	<
	rel amigos	1,7	0,5	0,017	0,005	0,001	0,023	-0,002	0,026	-0,006	0,030	.	>
	o amor	8,3	14,0	0,083	0,140	-0,093	-0,021	-0,100	-0,014	-0,114	0,000	**	<
	trabalho	2,5	1,1	0,025	0,011	-0,001	0,029	-0,004	0,032	-0,009	0,037	.	=
	bem estar	75,3	45,4	0,753	0,454	0,246	0,352	0,235	0,363	0,215	0,383	**	>
Sem resp.	4,8	3,0	0,048	0,030	-0,004	0,040	-0,008	0,044	-0,016	0,052	.	=	
FINS DO CASAMENTO	sexualidade	2,1	6,5	0,021	0,065	-0,068	-0,020	-0,072	-0,016	-0,081	-0,007	**	<
	procriação	6,2	16,7	0,062	0,167	-0,142	-0,068	-0,149	-0,061	-0,162	-0,048	**	<
	realização	37,6	38,2	0,376	0,382	-0,061	0,049	-0,072	0,060	-0,092	0,080	.	=
	aux mútuo	45,0	26,1	0,450	0,261	0,136	0,242	0,126	0,252	0,106	0,272	**	>
	Sem resp.	8,9	12,1	0,089	0,121	-0,067	0,003	-0,074	0,010	-0,087	0,023	.	=
DIVÓRCIO	liberdade	12,7	7,3	0,127	0,073	0,021	0,087	0,014	0,094	0,002	0,106	**	>
	desarmonia	45,4	43,3	0,454	0,433	-0,035	0,077	-0,046	0,088	-0,067	0,109	**	>
	verdade	8,1	2,2	0,081	0,022	0,035	0,083	0,030	0,088	0,021	0,097	**	>
	indissolúvel	3,3	10,2	0,033	0,102	-0,098	-0,040	-0,104	-0,034	-0,115	-0,023	**	<
	fidelidade	0,0	1,1	0,000	0,011	-0,020	-0,002	-0,022	0,000	-0,025	0,003	*	<
	união temp	6,6	0,8	0,066	0,008	0,038	0,078	0,034	0,082	0,026	0,090	**	>
	imp educ	0,8	2,7	0,008	0,027	-0,034	-0,004	-0,037	-0,001	-0,043	0,005	*	<
	Sem resp.	23,0	32,5	0,230	0,325	-0,146	-0,044	-0,156	-0,034	-0,175	-0,015	**	<
TRABALHO DA MULHER	toda a vida	75,1	52,2	0,751	0,522	0,175	0,283	0,165	0,293	0,145	0,313	**	>
	até casar	0,4	1,1	0,004	0,011	-0,017	0,003	-0,019	0,005	-0,023	0,009	.	=
	extr necess	0,8	10,2	0,008	0,102	-0,121	-0,067	-0,126	-0,062	-0,136	-0,052	**	<
	até ao 1º filho	1,2	2,2	0,012	0,022	-0,025	0,005	-0,028	0,008	-0,033	0,013	.	=
	em caso nenh	0,4	0,5	0,004	0,005	-0,009	0,007	-0,010	0,008	-0,013	0,011	.	=
	hor comp	17,4	30,6	0,174	0,306	-0,180	-0,084	-0,190	-0,074	-0,208	-0,056	**	<
	Sem resp.	4,6	3,2	0,046	0,032	-0,008	0,036	-0,012	0,040	-0,020	0,048	.	=
PLANEAMENTO FAMILIAR	necessário	17,6	13,2	0,176	0,132	0,003	0,085	-0,004	0,092	-0,020	0,108	.	>
	cond saude	7,5	9,7	0,075	0,097	-0,054	0,010	-0,060	0,016	-0,072	0,028	.	=
	conj de acordo	20,3	22,8	0,203	0,228	-0,072	0,022	-0,081	0,031	-0,098	0,048	.	=
	egoísmo	1,2	3,0	0,012	0,030	-0,035	-0,001	-0,038	0,002	-0,044	0,008	.	<
	planificação	50,4	50,8	0,504	0,508	-0,061	0,053	-0,072	0,064	-0,093	0,085	.	=
	Sem resp.	2,9	0,5	0,029	0,005	0,010	0,038	0,007	0,041	0,002	0,046	**	>
NÚMERO DE FILHOS	nenhum	2,1	2,4	0,021	0,024	-0,020	0,014	-0,023	0,017	-0,030	0,024	.	=
	1 filho	12,7	4,8	0,127	0,048	0,048	0,110	0,042	0,116	0,031	0,127	**	>
	2-3 filhos	74,1	69,9	0,741	0,699	-0,009	0,093	-0,019	0,103	-0,038	0,122	.	=
	4 ou mais	6,6	20,2	0,066	0,202	-0,175	-0,097	-0,182	-0,090	-0,197	-0,075	**	<
	Sem resp.	4,6	2,7	0,046	0,027	-0,002	0,040	-0,006	0,044	-0,014	0,052	.	=
EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR	3 anos - infant	62,9	72,6	0,629	0,726	-0,150	-0,044	-0,160	-0,034	-0,179	-0,015	**	<
	família	8,7	9,4	0,087	0,094	-0,040	0,026	-0,046	0,032	-0,058	0,044	.	=
	infantário	26,8	17,5	0,268	0,175	0,047	0,139	0,038	0,148	0,020	0,166	**	>
	Sem resp.	1,7	0,5	0,017	0,005	0,001	0,023	-0,002	0,026	-0,006	0,030	.	>
LIBERALIZAÇÃO DO CONSUMO DE DROGAS	proib consumo	5,8	18,3	0,058	0,183	-0,162	-0,088	-0,169	-0,081	-0,184	-0,066	**	<
	ilegais	45,9	48,4	0,459	0,484	-0,082	0,032	-0,093	0,043	-0,114	0,064	.	=
	traf proib	24,3	15,6	0,243	0,156	0,042	0,132	0,034	0,140	0,017	0,157	**	>
	malefícios	16,2	10,2	0,162	0,102	0,022	0,098	0,015	0,105	0,001	0,119	**	>
	Sem resp.	7,9	7,5	0,079	0,075	-0,026	0,034	-0,032	0,040	-0,043	0,051	.	=

Jovens regionais / Progenitores regionais

EDUCAÇÃO ESCOLAR	prolongar	59,3	66,9	0,593	0,669	-0,130	-0,022	-0,141	-0,011	-0,161	0,009	*	<
	reduzir	1,2	2,2	0,012	0,022	-0,025	0,005	-0,028	0,008	-0,033	0,013		=
	não interessa	32,4	28,5	0,324	0,285	-0,013	0,091	-0,023	0,101	-0,043	0,121		=
	Sem resp.	7,1	2,4	0,071	0,024	0,024	0,070	0,019	0,075	0,011	0,083	**	>
TRIBUNAIS E LEIS	mãos próprias	11,2	8,1	0,112	0,081	-0,002	0,064	-0,009	0,071	-0,021	0,083		=
	comp aos trib	74,1	87,6	0,741	0,876	-0,178	-0,092	-0,186	-0,084	-0,203	-0,067	**	<
	Sem resp.	14,7	4,3	0,147	0,043	0,072	0,136	0,066	0,142	0,054	0,154	**	>
POLÍCIA	faz o melhor	24,9	37,1	0,249	0,371	-0,174	-0,070	-0,184	-0,060	-0,204	-0,040	**	<
	func mal	69,7	53,8	0,697	0,538	0,104	0,214	0,094	0,224	0,073	0,245	**	>
	não serve	1,7	0,0	0,017	0,000	0,007	0,027	0,005	0,029	0,002	0,032	**	>
	é o que vale	0,8	3,8	0,008	0,038	-0,048	-0,012	-0,051	-0,009	-0,058	-0,002	**	<
	Sem resp.	2,9	5,4	0,029	0,054	-0,048	-0,002	-0,052	0,002	-0,061	0,011	.	<
SISTEMA PRISIONAL	faz o melhor	22,2	32,0	0,222	0,320	-0,149	-0,047	-0,158	-0,038	-0,177	-0,019	**	<
	func mal	67,8	54,8	0,678	0,548	0,075	0,185	0,064	0,196	0,044	0,216	**	>
	não serve	2,5	1,6	0,025	0,016	-0,007	0,025	-0,010	0,028	-0,016	0,034		=
	é o que vale	0,8	4,8	0,008	0,048	-0,059	-0,021	-0,063	-0,017	-0,070	-0,010	**	<
	Sem resp.	6,6	6,7	0,066	0,067	-0,029	0,027	-0,035	0,033	-0,045	0,043		=
CRIMINALIDADE	preventiva	46,7	67,2	0,467	0,672	-0,260	-0,150	-0,270	-0,140	-0,291	-0,119	**	<
	terapeutica	3,3	4,8	0,033	0,048	-0,038	0,008	-0,042	0,012	-0,050	0,020		=
	repressiva	38,8	22,6	0,388	0,226	0,111	0,213	0,101	0,223	0,082	0,242	**	>
	Sem resp.	11,2	5,4	0,112	0,054	0,028	0,088	0,022	0,094	0,010	0,106	**	>
ALCOOLISMO	preventiva	53,9	48,7	0,539	0,487	-0,005	0,109	-0,016	0,120	-0,037	0,141		=
	terapeutica	33,2	43,8	0,332	0,438	-0,161	-0,051	-0,172	-0,040	-0,192	-0,020	**	<
	repressiva	1,9	0,0	0,019	0,000	0,009	0,029	0,007	0,031	0,003	0,035	**	>
	Sem resp.	11,0	7,5	0,110	0,075	0,003	0,067	-0,004	0,074	-0,016	0,086	.	>
CONSUMO DE DROGAS	preventiva	68,5	70,7	0,685	0,707	-0,074	0,030	-0,084	0,040	-0,104	0,060		=
	terapeutica	8,7	14,8	0,087	0,148	-0,098	-0,024	-0,105	-0,017	-0,119	-0,003	**	<
	repressiva	8,9	6,5	0,089	0,065	-0,006	0,054	-0,012	0,060	-0,023	0,071		=
	Sem resp.	13,9	8,1	0,139	0,081	0,023	0,093	0,016	0,100	0,003	0,113	**	>
PROSTITUIÇÃO	preventiva	68,0	73,7	0,680	0,737	-0,108	-0,006	-0,118	0,004	-0,137	0,023	.	<
	terapeutica	8,9	5,9	0,089	0,059	0,001	0,059	-0,005	0,065	-0,016	0,076	.	>
	repressiva	9,5	9,1	0,095	0,091	-0,029	0,037	-0,035	0,043	-0,048	0,056		=
	Sem resp.	13,5	11,3	0,135	0,113	-0,015	0,059	-0,022	0,066	-0,036	0,080		=
RELIGIOSIDADE	religioso	64,7	83,3	0,647	0,833	-0,234	-0,138	-0,243	-0,129	-0,261	-0,111	**	<
	não religioso	21,2	11,0	0,212	0,110	0,061	0,143	0,054	0,150	0,038	0,166	**	>
	ateu	8,7	3,0	0,087	0,030	0,031	0,083	0,026	0,088	0,017	0,097	**	>
	Sem resp.	5,4	2,7	0,054	0,027	0,005	0,049	0,001	0,053	-0,007	0,061	*	>
O QUE PROCURA NA RELIGIÃO	amar e servir	10,2	31,7	0,102	0,317	-0,261	-0,169	-0,269	-0,161	-0,287	-0,143	**	<
	nec espir	60,0	46,0	0,600	0,460	0,084	0,196	0,073	0,207	0,052	0,228	**	>
	probls morais	7,5	7,0	0,075	0,070	-0,024	0,034	-0,030	0,040	-0,041	0,051		=
	fuga	12,9	6,7	0,129	0,067	0,029	0,095	0,023	0,101	0,010	0,114	**	>
	salvação	3,5	5,4	0,035	0,054	-0,043	0,005	-0,047	0,009	-0,056	0,018		=
	Sem resp.	6,0	3,2	0,060	0,032	0,005	0,051	0,000	0,056	-0,009	0,065	*	>
POSIÇÃO POLÍTICA	extrema-esq	1,7	1,6	0,017	0,016	-0,013	0,015	-0,016	0,018	-0,022	0,024		=
	extrema-esq	4,1	1,9	0,041	0,019	0,003	0,041	0,000	0,044	-0,008	0,052	.	>
	esquerda	9,5	10,2	0,095	0,102	-0,041	0,027	-0,047	0,033	-0,060	0,046		=
	esquerda	9,5	16,9	0,095	0,169	-0,113	-0,035	-0,120	-0,028	-0,135	-0,013	**	<
	centro	5,8	17,2	0,058	0,172	-0,151	-0,077	-0,158	-0,070	-0,171	-0,057	**	<
	centro	7,9	7,5	0,079	0,075	-0,026	0,034	-0,032	0,040	-0,043	0,051		=
	direita	13,3	10,2	0,133	0,102	-0,005	0,067	-0,012	0,074	-0,026	0,088		=
	direita	15,8	4,8	0,158	0,048	0,077	0,143	0,071	0,149	0,058	0,162	**	>
	extrema-dir	4,1	1,3	0,041	0,013	-0,010	0,046	0,007	0,049	0,000	0,056	**	>
	extrema-dir	0,0	1,3	0,000	0,013	-0,023	-0,003	-0,025	-0,001	-0,028	0,002	*	<
	Sem resp.	28,2	26,9	0,282	0,269	-0,038	0,064	-0,047	0,073	-0,066	0,092		=
LIGAÇÃO A UM PARTIDO	muito	2,5	4,0	0,025	0,040	-0,035	0,005	-0,039	0,009	-0,047	0,017		=
	bastante	5,8	3,8	0,058	0,038	-0,004	0,044	-0,009	0,049	-0,018	0,058		=
	simpatizante	63,5	65,3	0,635	0,653	-0,072	0,036	-0,083	0,047	-0,103	0,067		=
	sem prox	28,2	26,9	0,282	0,269	-0,038	0,064	-0,047	0,073	-0,066	0,092		=
	Sem resp.	0,0	0,0	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000		=
DEMOCRACIA	único parl	4,1	4,8	0,041	0,048	-0,031	0,017	-0,035	0,021	-0,044	0,030		=
	governos	86,5	88,2	0,865	0,882	-0,055	0,021	-0,062	0,028	-0,076	0,042		=
	Sem resp.	9,3	7,0	0,093	0,070	-0,008	0,054	-0,014	0,060	-0,025	0,071		=

Mães regionais / Raparigas regionais

		MÃES	FILHAS	198	139	1,645		1,960		2,580		Sig	Sinal
	natureza	17,8	17,2	0,178	0,172	-0,063	0,075	-0,076	0,088	-0,102	0,114		=
	paz	29,0	25,3	0,290	0,253	-0,044	0,118	-0,059	0,133	-0,089	0,163		=
CAUSAS	miséria	22,9	17,2	0,229	0,172	-0,015	0,129	-0,029	0,143	-0,056	0,170		=
FOR QUE	defesa	1,6	2,4	0,016	0,024	-0,034	0,018	-0,039	0,023	-0,049	0,033		=
VALE A PENA	liberdade	7,1	11,6	0,071	0,116	-0,099	0,009	-0,109	0,019	-0,129	0,039		=
SACRIFÍCIOS	direitos do H.	21,6	25,7	0,216	0,257	-0,119	0,037	-0,134	0,052	-0,163	0,081		=
	nenhuma	0,0	0,5	0,000	0,005	-0,015	0,005	-0,017	0,007	-0,020	0,010		=
	Sem resp.	14,1	9,4	0,141	0,094	-0,011	0,105	-0,022	0,116	-0,043	0,137		=
PROGRESSO	ordem	5,6	5,0	0,056	0,050	-0,035	0,047	-0,042	0,054	-0,058	0,070		=
DO	facilitar	7,1	8,6	0,071	0,086	-0,064	0,034	-0,074	0,044	-0,092	0,062		=
PAÍS	diminuir desig	85,4	78,4	0,854	0,784	-0,001	0,141	-0,014	0,154	-0,041	0,181		=
	Sem resp.	2,0	7,9	0,020	0,079	-0,100	-0,018	-0,108	-0,010	-0,123	0,005	*	<
PROGRESSO	cura doenças	33,3	30,6	0,333	0,306	-0,058	0,112	-0,074	0,128	-0,106	0,160		=
TORNASSE	fim guerras	25,7	18,6	0,257	0,186	-0,004	0,146	-0,018	0,160	-0,046	0,188		=
POSSÍVEL	metereologia	0,0	0,8	0,000	0,008	-0,020	0,004	-0,023	0,007	-0,027	0,011		=
EM	vida ET	0,0	0,8	0,000	0,008	-0,020	0,004	-0,023	0,007	-0,027	0,011		=
2010	fim fome	31,9	21,7	0,319	0,217	0,023	0,181	0,008	0,196	-0,022	0,226	*	>
	igualdade	5,6	18,2	0,056	0,182	-0,186	-0,066	-0,198	-0,054	-0,220	-0,032	**	<
	idioma	0,0	0,0	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000		=
	comb. Poluição	3,4	9,3	0,034	0,093	-0,105	-0,013	-0,113	-0,005	-0,131	0,013	*	<
	Sem resp.	10,6	7,2	0,106	0,072	-0,017	0,085	-0,027	0,095	-0,046	0,114		=
CRISE	ciência e técn	14,6	7,9	0,146	0,079	0,011	0,123	0,000	0,134	-0,021	0,155	*	>
DA	econ. e polit.	16,2	11,5	0,162	0,115	-0,015	0,109	-0,027	0,121	-0,050	0,144		=
CIVILIZAÇÃO	ren. Espir	54,0	64,0	0,540	0,640	-0,189	-0,011	-0,206	0,006	-0,239	0,039	.	<
	não pode	3,0	2,2	0,030	0,022	-0,021	0,037	-0,026	0,042	-0,037	0,053		=
	Sem resp.	12,1	14,4	0,121	0,144	-0,085	0,039	-0,097	0,051	-0,120	0,074		=
FELICIDADE	mais	11,6	7,2	0,116	0,072	-0,008	0,096	-0,018	0,106	-0,038	0,126		=
NO ANO	menos	21,2	25,9	0,212	0,259	-0,125	0,031	-0,139	0,045	-0,169	0,075		=
2010	igual	60,1	53,2	0,601	0,532	-0,021	0,159	-0,038	0,176	-0,072	0,210		=
	Sem resp.	7,1	13,7	0,071	0,137	-0,123	-0,009	-0,133	0,001	-0,155	0,023	.	<
CONTRIBUIÇÃO	sim	38,4	56,1	0,384	0,561	-0,267	-0,087	-0,284	-0,070	-0,318	-0,036	**	<
PARA O	talvez	39,9	35,3	0,399	0,353	-0,042	0,134	-0,059	0,151	-0,092	0,184		=
PROGRESSO	não	15,2	4,3	0,152	0,043	0,058	0,160	0,049	0,169	0,030	0,188	**	>
	Sem resp.	6,6	4,3	0,066	0,043	-0,018	0,064	-0,025	0,071	-0,041	0,087		=
VISÃO MAIS	menos 20	0,0	0,0	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000		=
REALISTA	20-25	3,0	7,2	0,030	0,072	-0,083	-0,001	-0,091	0,007	-0,107	0,023	.	<
DO MUNDO	25-30	9,6	21,6	0,096	0,216	-0,187	-0,053	-0,200	-0,040	-0,225	-0,015	**	<
	30-40	22,2	28,8	0,222	0,288	-0,146	0,014	-0,161	0,029	-0,191	0,059		=
	40-50	31,8	17,3	0,318	0,173	0,069	0,221	0,055	0,235	0,026	0,264	**	>
	mais de 50	21,7	8,6	0,217	0,086	0,069	0,193	0,057	0,205	0,034	0,228	**	>
	Sem resp.	11,6	16,5	0,116	0,165	-0,113	0,015	-0,125	0,027	-0,149	0,051		=
SE PORTUGAL	pena	53,5	64,7	0,535	0,647	-0,201	-0,023	-0,218	-0,006	-0,251	0,027	*	<
ABANDONASSE	indiferença	21,7	12,2	0,217	0,122	0,029	0,161	0,016	0,174	-0,009	0,199	*	>
A UE ?	alívio	11,6	7,2	0,116	0,072	-0,008	0,096	-0,018	0,106	-0,038	0,126		=
	Sem resp.	13,1	15,8	0,131	0,158	-0,091	0,037	-0,104	0,050	-0,128	0,074		=
CONCEPÇÃO	part único	8,1	0,0	0,081	0,000	0,049	0,113	0,043	0,119	0,031	0,131	**	>
UE	varios part	78,3	72,7	0,783	0,727	-0,023	0,135	-0,038	0,150	-0,067	0,179		=
	Sem resp.	13,6	27,3	0,136	0,273	-0,211	-0,063	-0,225	-0,049	-0,253	-0,021	**	<
ASPECTOS	ciências	7,1	14,9	0,071	0,149	-0,136	-0,020	-0,147	-0,009	-0,169	0,013	*	<
DA	poli. Nac	9,8	5,9	0,098	0,059	-0,009	0,087	-0,018	0,096	-0,036	0,114		=
VIDA	desporto	1,3	4,0	0,013	0,040	-0,057	0,003	-0,063	0,009	-0,075	0,021		=
QUE	probl sociad	27,0	22,6	0,270	0,226	-0,034	0,122	-0,049	0,137	-0,078	0,166		=
INTERESSAM	artes	4,2	12,3	0,042	0,123	-0,132	-0,030	-0,142	-0,020	-0,162	0,000	**	<
	povos	4,0	4,4	0,040	0,044	-0,041	0,033	-0,048	0,040	-0,061	0,053		=
	religiões	3,1	5,2	0,031	0,052	-0,058	0,016	-0,065	0,023	-0,079	0,037		=
	ambiente	21,5	16,9	0,215	0,169	-0,025	0,117	-0,039	0,131	-0,065	0,157		=
	terc mundo	8,7	9,6	0,087	0,096	-0,062	0,044	-0,072	0,054	-0,092	0,074		=
	pol. Int	2,9	1,6	0,029	0,016	-0,013	0,039	-0,018	0,044	-0,028	0,054		=
	religião	10,4	2,5	0,104	0,025	0,037	0,121	0,029	0,129	0,013	0,145	**	>
	Sem resp.	7,6	2,9	0,076	0,029	0,008	0,086	0,001	0,093	-0,014	0,108	*	>

Mães regionais / Raparigas regionais

EDUCAÇÃO	prolongar	61,1	66,9	0,611	0,669	-0,145	0,029	-0,162	0,046	-0,194	0,078		=
ESCOLAR	reduzir	1,0	0,7	0,010	0,007	-0,013	0,019	-0,017	0,023	-0,023	0,029		=
	não interessa	34,3	24,5	0,343	0,245	0,016	0,180	0,001	0,195	-0,030	0,226	*	>
	Sem resp.	3,5	7,9	0,035	0,079	-0,087	-0,001	-0,096	0,008	-0,112	0,024	.	<
TRIBUNAIS	mãos próprias	6,1	12,9	0,061	0,129	-0,122	-0,014	-0,133	-0,003	-0,153	0,017	*	<
ELES	comp aos trib	88,9	65,5	0,889	0,655	0,158	0,310	0,144	0,324	0,115	0,353	**	>
	Sem resp.	5,1	21,6	0,051	0,216	-0,228	-0,102	-0,240	-0,090	-0,264	-0,066	**	<
POLÍCIA	faz o melhor	34,3	25,2	0,343	0,252	0,009	0,173	-0,007	0,189	-0,038	0,220	.	>
	func mal	57,6	70,5	0,576	0,705	-0,215	-0,043	-0,231	-0,027	-0,264	0,006	*	<
	não serve	0,0	1,4	0,000	0,014	-0,030	0,002	-0,034	0,006	-0,040	0,012		=
	é o que vale	2,0	0,0	0,020	0,000	0,004	0,036	0,000	0,040	-0,006	0,046	*	>
	Sem resp.	6,1	2,9	0,061	0,029	-0,004	0,068	-0,011	0,075	-0,025	0,089		=
SISTEMA	faz o melhor	30,8	19,4	0,308	0,194	0,037	0,191	0,022	0,206	-0,007	0,235	*	>
PRISIONAL	func mal	54,5	68,3	0,545	0,683	-0,225	-0,051	-0,242	-0,034	-0,275	-0,001	**	<
	não serve	1,0	2,9	0,010	0,029	-0,045	0,007	-0,050	0,012	-0,060	0,022		=
	é o que vale	6,1	0,0	0,061	0,000	0,033	0,089	0,028	0,094	0,017	0,105	**	>
	Sem resp.	7,6	9,4	0,076	0,094	-0,069	0,033	-0,079	0,043	-0,098	0,062		=
CRIMINALIDADE	preventiva	68,7	54,7	0,687	0,547	0,052	0,228	0,035	0,245	0,002	0,278	**	>
	terapeutica	8,1	2,9	0,081	0,029	0,012	0,092	0,005	0,099	-0,010	0,114	*	>
	repressiva	16,2	30,9	0,162	0,309	-0,225	-0,069	-0,239	-0,055	-0,269	-0,025	**	<
	Sem resp.	7,1	11,5	0,071	0,115	-0,098	0,010	-0,108	0,020	-0,128	0,040		=
ALCOOLISMO	preventiva	44,4	60,4	0,444	0,604	-0,250	-0,070	-0,267	-0,053	-0,301	-0,019	**	<
	terapeutica	44,4	27,3	0,444	0,273	0,086	0,256	0,070	0,272	0,038	0,304	**	>
	repressiva	0,0	0,7	0,000	0,007	-0,019	0,005	-0,021	0,007	-0,025	0,011		=
	Sem resp.	11,1	11,5	0,111	0,115	-0,062	0,054	-0,073	0,065	-0,095	0,087		=
CONSUMO	preventiva	66,2	77,0	0,662	0,770	-0,189	-0,027	-0,204	-0,012	-0,235	0,019	*	<
DE	terapeutica	17,7	4,3	0,177	0,043	0,081	0,187	0,071	0,197	0,051	0,217	**	>
DROGAS	repressiva	6,1	4,3	0,061	0,043	-0,022	0,058	-0,029	0,065	-0,044	0,080		=
	Sem resp.	10,1	14,4	0,101	0,144	-0,103	0,017	-0,115	0,029	-0,138	0,052		=
PROSTITUIÇÃO	preventiva	74,7	72,7	0,747	0,727	-0,060	0,100	-0,076	0,116	-0,106	0,146		=
	terapeutica	6,1	6,5	0,061	0,065	-0,048	0,040	-0,057	0,049	-0,074	0,066		=
	repressiva	7,1	8,6	0,071	0,086	-0,064	0,034	-0,074	0,044	-0,092	0,062		=
	Sem resp.	12,1	12,2	0,121	0,122	-0,060	0,058	-0,072	0,070	-0,094	0,092		=
RELIGIOSIDADE	religioso	82,8	66,9	0,828	0,669	0,080	0,238	0,065	0,253	0,035	0,283	**	>
	não religioso	10,1	18,0	0,101	0,180	-0,143	-0,015	-0,155	-0,003	-0,180	0,022	*	<
	ateu	3,0	7,2	0,030	0,072	-0,083	-0,001	-0,091	0,007	-0,107	0,023	.	<
	Sem resp.	4,0	7,9	0,040	0,079	-0,083	0,005	-0,091	0,013	-0,108	0,030		=
O QUE	amar e servir	30,8	14,4	0,308	0,144	0,091	0,237	0,077	0,251	0,050	0,278	**	>
PROCURA	nec espir	42,9	61,9	0,429	0,619	-0,279	-0,101	-0,296	-0,084	-0,330	-0,050	**	<
NA RELIGIÃO	probls morais	9,1	8,6	0,091	0,086	-0,047	0,057	-0,056	0,066	-0,076	0,086		=
	fuga	7,1	4,3	0,071	0,043	-0,013	0,069	-0,021	0,077	-0,037	0,093		=
	salvação	6,1	2,9	0,061	0,029	-0,004	0,068	-0,011	0,075	-0,025	0,089		=
	Sem resp.	4,0	7,9	0,040	0,079	-0,083	0,005	-0,091	0,013	-0,108	0,030		=
	extrema -esq	1,0	1,4	0,010	0,014	-0,024	0,016	-0,028	0,020	-0,036	0,028		=
	extrema-esq	2,0	2,9	0,020	0,029	-0,038	0,020	-0,043	0,025	-0,054	0,036		=
	esquerda	9,1	14,4	0,091	0,144	-0,112	0,006	-0,124	0,018	-0,146	0,040		=
	esquerda	15,7	14,4	0,157	0,144	-0,052	0,078	-0,064	0,090	-0,089	0,115		=
POSIÇÃO	centro	16,2	4,3	0,162	0,043	0,067	0,171	0,058	0,180	0,038	0,200	**	>
POLITICA	centro	7,1	4,3	0,071	0,043	-0,013	0,069	-0,021	0,077	-0,037	0,093		=
	direita	14,1	12,9	0,141	0,129	-0,050	0,074	-0,062	0,086	-0,085	0,109		=
	direita	5,1	11,5	0,051	0,115	-0,115	-0,013	-0,125	-0,003	-0,145	0,017	*	<
	extrema-dir	0,0	2,9	0,000	0,029	-0,052	-0,006	-0,057	-0,001	-0,066	0,008	*	<
	extrema-dir	1,5	0,0	0,015	0,000	0,001	0,029	-0,002	0,032	-0,007	0,037	.	>
	Sem resp.	28,3	30,9	0,283	0,309	-0,109	0,057	-0,125	0,073	-0,157	0,105		=
	muito	3,0	0,0	0,030	0,000	0,010	0,050	0,006	0,054	-0,001	0,061	*	>
LIGAÇÃO	bastante	4,0	8,6	0,040	0,086	-0,091	-0,001	-0,100	0,008	-0,117	0,025	.	<
A UM	simpatizante	64,6	60,4	0,646	0,604	-0,046	0,130	-0,063	0,147	-0,096	0,180		=
PARTIDO	sem prox	28,3	30,9	0,283	0,309	-0,109	0,057	-0,125	0,073	-0,157	0,105		=
	Sem resp.	0,0	0,0	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000		=
	único parl	6,1	4,3	0,061	0,043	-0,022	0,058	-0,029	0,065	-0,044	0,080		=
DEMOCRACIA	governos	86,9	77,7	0,869	0,777	0,022	0,162	0,008	0,176	-0,018	0,202	*	>
	Sem resp.	7,1	18,0	0,071	0,180	-0,170	-0,048	-0,182	-0,036	-0,205	-0,013	**	<

Mães regionais / Raparigas regionais

	concordo	75,3	59,7	0,733	0,597	0,071	0,241	0,055	0,257	0,023	0,289	**	>
EVOLUÇÃO	rad errado	3,0	3,6	0,030	0,036	-0,039	0,027	-0,045	0,033	-0,057	0,045	.	=
REVOLUÇÃO	violência	16,7	25,2	0,167	0,252	-0,160	-0,010	-0,174	0,004	-0,202	0,032	*	<
	Sem resp.	5,1	11,5	0,051	0,115	-0,115	-0,013	-0,125	-0,003	-0,145	0,017	*	<
	repreensível	21,2	3,6	0,212	0,036	0,122	0,230	0,111	0,241	0,091	0,261	**	>
SEXUALIDADE	sem grav	22,2	38,1	0,222	0,381	-0,242	-0,076	-0,258	-0,060	-0,290	-0,028	**	<
DO RAFAZ	perigosa	28,8	10,8	0,288	0,108	0,112	0,248	0,099	0,261	0,073	0,287	**	>
	útil	19,7	34,5	0,197	0,345	-0,229	-0,067	-0,245	-0,051	-0,275	-0,021	**	<
	Sem resp.	8,1	12,9	0,081	0,129	-0,105	0,009	-0,115	0,019	-0,137	0,041	.	=
SEXUALIDADE	repreensível	25,3	5,0	0,253	0,050	0,144	0,262	0,132	0,274	0,110	0,296	**	>
DA	sem grav	14,6	43,9	0,146	0,439	-0,374	-0,212	-0,389	-0,197	-0,419	-0,167	**	<
RAPARIGA	perigosa	43,9	14,4	0,439	0,144	0,219	0,371	0,205	0,385	0,176	0,414	**	>
	útil	11,1	28,8	0,111	0,288	-0,250	-0,104	-0,264	-0,090	-0,292	-0,062	**	<
	Sem resp.	5,1	7,9	0,051	0,079	-0,074	0,018	-0,082	0,026	-0,099	0,043	.	=
O QUE	rel família	39,4	6,5	0,394	0,065	0,262	0,396	0,250	0,408	0,224	0,434	**	>
É MAIS	rel amigos	1,0	0,0	0,010	0,000	-0,002	0,022	-0,004	0,024	-0,008	0,028	.	=
IMPORTANTE	o amor	15,2	11,5	0,152	0,115	-0,024	0,098	-0,036	0,110	-0,059	0,133	.	=
NA VIDA	trabalho	0,0	2,9	0,000	0,029	-0,052	-0,006	-0,057	-0,001	-0,066	0,008	*	<
	bem estar	41,9	77,0	0,419	0,770	-0,433	-0,269	-0,449	-0,253	-0,480	-0,222	**	<
	Sem resp.	2,5	3,6	0,025	0,036	-0,043	0,021	-0,049	0,027	-0,061	0,039	.	=
FINS	sexualidade	5,1	3,6	0,051	0,036	-0,022	0,052	-0,029	0,059	-0,042	0,072	.	=
DO CASAMENTO	procriação	15,2	6,5	0,152	0,065	0,033	0,141	0,022	0,152	0,002	0,172	**	>
	realização	33,8	39,5	0,338	0,395	-0,145	0,031	-0,162	0,048	-0,195	0,081	.	=
	aux mútuo	29,8	40,3	0,298	0,403	-0,192	-0,018	-0,208	-0,002	-0,241	0,031	*	<
	Sem resp.	16,2	9,4	0,162	0,094	0,009	0,127	-0,003	0,139	-0,025	0,161	.	>
	liberdade	8,1	10,1	0,081	0,101	-0,073	0,033	-0,083	0,043	-0,103	0,063	.	=
	desarmonia	43,9	44,6	0,439	0,446	-0,097	0,083	-0,115	0,101	-0,149	0,135	.	=
	verdade	1,0	10,8	0,010	0,108	-0,143	-0,053	-0,151	-0,045	-0,168	-0,028	**	<
DIVÓRCIO	indissolúvel	12,6	1,4	0,126	0,014	0,070	0,154	0,062	0,162	0,046	0,178	**	>
	fidelidade	2,0	0,0	0,020	0,000	0,004	0,036	0,000	0,040	-0,006	0,046	*	>
	união temp	1,0	6,5	0,010	0,065	-0,091	-0,019	-0,098	-0,012	-0,112	0,002	*	<
	imp educ	3,0	0,7	0,030	0,007	0,000	0,046	-0,005	0,051	-0,013	0,059	.	=
	Sem resp.	28,3	25,9	0,283	0,259	-0,057	0,105	-0,072	0,120	-0,103	0,151	.	=
TRABALHO	toda a vida	51,5	85,6	0,515	0,856	-0,417	-0,265	-0,432	-0,250	-0,461	-0,221	**	<
DA	até casar	0,0	0,7	0,000	0,007	-0,019	0,005	-0,021	0,007	-0,025	0,011	.	=
MULHER	extr necess	8,6	0,0	0,086	0,000	0,053	0,119	0,047	0,125	0,035	0,137	**	>
	até ao 1º filho	2,0	0,0	0,020	0,000	0,004	0,036	0,000	0,040	-0,006	0,046	*	>
	em caso nenh	1,0	1,4	0,010	0,014	-0,024	0,016	-0,028	0,020	-0,036	0,028	.	=
	hor comp	32,8	10,1	0,328	0,101	0,158	0,296	0,145	0,309	0,119	0,335	**	>
	Sem resp.	4,0	2,2	0,040	0,022	-0,013	0,049	-0,019	0,055	-0,030	0,066	.	=
PLANEAMENTO	necessário	15,2	17,3	0,152	0,173	-0,088	0,046	-0,101	0,059	-0,127	0,085	.	>
FAMILIAR	cond saúde	9,1	4,3	0,091	0,043	0,004	0,092	-0,004	0,100	-0,021	0,117	.	>
	conj de acordo	25,8	19,4	0,258	0,194	-0,011	0,139	-0,026	0,154	-0,054	0,182	.	=
	egoísmo	3,5	0,7	0,035	0,007	0,004	0,052	-0,001	0,057	-0,010	0,066	.	>
	planificação	46,5	52,5	0,465	0,525	-0,151	0,031	-0,168	0,048	-0,202	0,082	.	=
	Sem resp.	0,0	5,8	0,000	0,058	-0,091	-0,025	-0,097	-0,019	-0,109	-0,007	**	<
NÚMERO	nenhum	1,5	2,2	0,015	0,022	-0,032	0,018	-0,037	0,023	-0,046	0,032	.	=
DE	1 filho	2,0	12,9	0,020	0,129	-0,159	-0,059	-0,168	-0,050	-0,187	-0,031	**	<
FILHOS	2-3 filhos	74,7	72,7	0,747	0,727	-0,060	0,100	-0,076	0,116	-0,106	0,146	.	=
	4 ou mais	19,7	9,4	0,197	0,094	0,041	0,165	0,029	0,177	0,006	0,200	**	>
	Sem resp.	2,0	2,9	0,020	0,029	-0,038	0,020	-0,043	0,025	-0,054	0,036	.	=
EDUCAÇÃO	3 anos - infant	76,3	67,6	0,763	0,676	0,005	0,169	-0,011	0,185	-0,042	0,216	.	>
PRÉ-ESCOLAR	família	7,1	9,4	0,071	0,094	-0,074	0,028	-0,083	0,037	-0,102	0,056	.	=
	infantário	15,7	21,6	0,157	0,216	-0,130	0,012	-0,144	0,026	-0,171	0,053	.	=
	Sem resp.	1,0	1,4	0,010	0,014	-0,024	0,016	-0,028	0,020	-0,036	0,028	.	=
LIBERALIZAÇÃO	proib consumo	20,2	7,2	0,202	0,072	0,071	0,189	0,059	0,201	0,037	0,223	**	>
DO	ilegais	51,5	44,6	0,515	0,446	-0,022	0,160	-0,039	0,177	-0,073	0,211	.	=
CONSUMO	traf proib	11,6	23	0,116	0,230	-0,184	-0,044	-0,197	-0,031	-0,223	-0,005	**	<
DE DROGAS	malefícios	8,6	13,7	0,086	0,137	-0,109	0,007	-0,120	0,018	-0,142	0,040	.	=
	Sem resp.	8,1	11,5	0,081	0,115	-0,089	0,021	-0,099	0,031	-0,120	0,052	.	=

Mães regionais / Pais regionais

		MÃES	PAIS	198	174	1,645		1,960		2,580		Sig	Sinal
	natureza	17,8	15,4	0,178	0,154	-0,039	0,087	-0,052	0,100	-0,076	0,124		=
	paz	29,0	29,8	0,290	0,298	-0,086	0,070	-0,101	0,085	-0,130	0,114		=
CAUSAS	miséria	22,9	23,0	0,229	0,230	-0,073	0,071	-0,087	0,085	-0,114	0,112		=
POR QUE	defesa	1,6	2,2	0,016	0,022	-0,029	0,017	-0,034	0,022	-0,043	0,031		=
VALE A PENA	liberdade	7,1	7,9	0,071	0,079	-0,053	0,037	-0,062	0,046	-0,079	0,063		=
SACRIFÍCIOS	direitos do H.	21,6	21,2	0,216	0,212	-0,066	0,074	-0,080	0,088	-0,106	0,114		=
	nenhuma	0,0	0,4	0,000	0,004	-0,012	0,004	-0,013	0,005	-0,016	0,008		=
	Sem resp.	14,1	13,2	0,141	0,132	-0,050	0,068	-0,061	0,079	-0,083	0,101		=
PROGRESSO	ordem	5,6	5,7	0,056	0,057	-0,040	0,038	-0,048	0,046	-0,063	0,061		=
DO	facilitar	7,1	8,0	0,071	0,080	-0,054	0,036	-0,063	0,045	-0,080	0,062		=
PAIS	diminuir desig	85,4	86,2	0,854	0,862	-0,068	0,052	-0,079	0,063	-0,102	0,086		=
	Sem resp.	2,0	0,0	0,020	0,000	0,004	0,036	0,000	0,040	-0,006	0,046	*	>
	cura doenças	33,3	35,6	0,333	0,356	-0,104	0,058	-0,120	0,074	-0,150	0,104		=
PROGRESSO	fim guerras	25,7	19,0	0,257	0,190	-0,004	0,138	-0,017	0,151	-0,044	0,178		=
TORNASSE	meteorologia	0,0	0,0	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000		=
POSSIVEL	vida ET	0,0	1,8	0,000	0,018	-0,035	-0,001	-0,038	0,002	-0,044	0,008	.	<
EM 2010	fim fome	31,9	30,7	0,319	0,307	-0,067	0,091	-0,082	0,106	-0,112	0,136		=
	igualdade	5,6	11,0	0,056	0,110	-0,101	-0,007	-0,110	0,002	-0,128	0,020	.	<
	idioma	0,0	0,0	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000		=
	comb. Poluição	3,4	1,8	0,034	0,018	-0,011	0,043	-0,016	0,048	-0,026	0,058		=
	Sem resp.	10,6	6,3	0,106	0,063	-0,004	0,090	-0,013	0,099	-0,031	0,117		=
CRISE	ciência e técn	14,6	16,1	0,146	0,161	-0,077	0,047	-0,088	0,058	-0,112	0,082		=
DA	acon. e polít.	16,2	3,4	0,162	0,034	0,079	0,177	0,070	0,186	0,052	0,204	**	>
CIVILIZAÇÃO	ren. Espir	54,0	70,1	0,540	0,701	-0,243	-0,079	-0,258	-0,064	-0,289	-0,033	**	<
	não pode	3,0	4,6	0,030	0,046	-0,049	0,017	-0,055	0,023	-0,068	0,036		=
	Sem resp.	12,1	5,7	0,121	0,057	0,016	0,112	0,007	0,121	-0,011	0,139	*	>
FELICIDADE	mais	11,6	16,7	0,116	0,167	-0,111	0,009	-0,122	0,020	-0,145	0,043		=
NO ANO	menos	21,2	31,0	0,212	0,310	-0,173	-0,023	-0,187	-0,009	-0,215	0,019	*	<
2010	igual	60,1	44,8	0,601	0,448	0,069	0,237	0,052	0,254	0,021	0,285	**	>
	Sem resp.	7,1	7,5	0,071	0,075	-0,049	0,041	-0,057	0,049	-0,074	0,066		=
CONTRIBUIÇÃO	sim	38,4	42,0	0,384	0,420	-0,120	0,048	-0,136	0,064	-0,167	0,095		=
PARA O	talvez	39,9	46,0	0,399	0,460	-0,146	0,024	-0,162	0,040	-0,194	0,072		=
PROGRESSO	não	15,2	6,9	0,152	0,069	0,030	0,136	0,020	0,146	0,001	0,165	**	>
	Sem resp.	6,6	5,2	0,066	0,052	-0,026	0,054	-0,034	0,062	-0,049	0,077		=
	menos 20	0,0	2,3	0,000	0,023	-0,042	-0,004	-0,045	-0,001	-0,052	0,006	*	<
	20-25	3,0	4,6	0,030	0,046	-0,049	0,017	-0,055	0,023	-0,068	0,036		=
VISÃO	25-30	9,6	9,2	0,096	0,092	-0,046	0,054	-0,055	0,063	-0,074	0,082		=
MAIS REALISTA	30-40	22,2	18,4	0,222	0,184	-0,031	0,107	-0,044	0,120	-0,069	0,145		=
DO MUNDO	40-50	31,8	40,2	0,318	0,402	-0,166	-0,002	-0,182	0,014	-0,212	0,044	.	<
	mais de 50	21,7	19,5	0,217	0,195	-0,047	0,091	-0,060	0,104	-0,086	0,130		=
	Sem resp.	11,6	5,7	0,116	0,057	0,012	0,106	0,003	0,115	-0,015	0,133	*	>
SE PORTUGAL	pena	53,5	63,2	0,535	0,632	-0,181	-0,013	-0,197	0,003	-0,228	0,034	.	<
ABANDONASSE	indiferença	21,7	21,8	0,217	0,218	-0,072	0,070	-0,085	0,083	-0,112	0,110		=
A UE?	alívio	11,6	8,0	0,116	0,080	-0,014	0,086	-0,024	0,096	-0,043	0,115		=
	Sem resp.	13,1	6,9	0,131	0,069	0,011	0,113	0,002	0,122	-0,017	0,141	*	>
CONCEPÇÃO	part único	8,1	4,6	0,081	0,046	-0,006	0,076	-0,014	0,084	-0,030	0,100		=
UE	varios part	78,3	86,8	0,783	0,868	-0,149	-0,021	-0,161	-0,009	-0,185	0,015	*	<
	Sem resp.	13,6	8,6	0,136	0,086	-0,003	0,103	-0,013	0,113	-0,033	0,133		=
	ciencias	7,1	14,0	0,071	0,140	-0,122	-0,016	-0,132	-0,006	-0,152	0,014	*	<
	pol. Nac	9,8	14,6	0,098	0,146	-0,104	0,008	-0,115	0,019	-0,136	0,040		=
	desporto	1,3	5,3	0,013	0,053	-0,071	-0,009	-0,077	-0,003	-0,088	0,008	*	<
	probl socied	27,0	25,0	0,270	0,250	-0,055	0,095	-0,069	0,109	-0,097	0,137		=
ASPECTOS DA	artes	4,2	3,0	0,042	0,030	-0,020	0,044	-0,026	0,050	-0,038	0,062		=
VIDA QUE	povos	4,0	1,2	0,040	0,012	0,001	0,055	-0,004	0,060	-0,014	0,070	.	>
INTERESSAM	religibes	3,1	3,0	0,031	0,030	-0,028	0,030	-0,034	0,036	-0,045	0,047		=
	ambiente	21,5	19,3	0,215	0,193	-0,047	0,091	-0,060	0,104	-0,086	0,130		=
	terc mundo	8,7	7,3	0,087	0,073	-0,032	0,060	-0,041	0,069	-0,059	0,087		=
	pol. Int	2,9	3,6	0,029	0,036	-0,037	0,023	-0,043	0,029	-0,055	0,041		=
	religião	10,4	3,7	0,104	0,037	0,024	0,110	0,016	0,118	0,000	0,134	*	>
	Sem resp.	7,6	2,9	0,076	0,029	0,010	0,084	0,002	0,092	-0,012	0,106	*	>

Mães regionais / Pais regionais

EDUCAÇÃO	prolongar	61,1	73,6	0,611	0,736	-0,204	-0,046	-0,219	-0,031	-0,249	-0,001	**	<
ESCOLAR	reduzir	1,0	3,4	0,010	0,034	-0,049	0,001	-0,054	0,006	-0,064	0,016		=
	não interessa	34,3	21,8	0,343	0,218	0,049	0,201	0,035	0,215	0,006	0,244	**	>
	Sem resp.	3,5	1,1	0,035	0,011	-0,001	0,049	-0,006	0,054	-0,015	0,063		=
TRIBUNAIS	mãos próprias	6,1	10,3	0,061	0,103	-0,089	0,005	-0,098	0,014	-0,116	0,032		=
ELFIS	comp aos trib	88,9	86,2	0,889	0,862	-0,030	0,084	-0,040	0,094	-0,062	0,116		=
	Sem resp.	5,1	3,4	0,051	0,034	-0,017	0,051	-0,024	0,058	-0,037	0,071		=
	faz o melhor	34,3	40,2	0,343	0,402	-0,142	0,024	-0,157	0,039	-0,189	0,071		=
	func mal	57,6	49,4	0,576	0,494	-0,003	0,167	-0,019	0,183	-0,051	0,215		=
POLÍCIA	não serve	0,0	0,0	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000		=
	é o que vale	2,0	5,7	0,020	0,057	-0,070	-0,004	-0,077	0,003	-0,089	0,015	.	<
	Sem resp.	6,1	4,6	0,061	0,046	-0,023	0,053	-0,031	0,061	-0,045	0,075		=
SISTEMA	faz o melhor	30,8	33,3	0,308	0,333	-0,105	0,055	-0,120	0,070	-0,150	0,100		=
PRISIONAL	func mal	54,5	55,2	0,545	0,552	-0,092	0,078	-0,108	0,094	-0,140	0,126		=
	não serve	1,0	2,3	0,010	0,023	-0,035	0,009	-0,039	0,013	-0,048	0,022		=
	é o que vale	6,1	3,4	0,061	0,034	-0,009	0,063	-0,016	0,070	-0,029	0,083		=
	Sem resp.	7,6	5,7	0,076	0,057	-0,023	0,061	-0,031	0,069	-0,047	0,085		=
CRIMINALIDADE	preventiva	68,7	65,5	0,687	0,655	-0,048	0,112	-0,064	0,128	-0,094	0,158		=
	terapeutica	8,1	1,1	0,081	0,011	0,036	0,104	0,029	0,111	0,016	0,124	**	>
	repressiva	16,2	29,9	0,162	0,299	-0,209	-0,065	-0,222	-0,052	-0,249	-0,025	**	<
	Sem resp.	7,1	3,4	0,071	0,034	-0,001	0,075	-0,008	0,082	-0,022	0,096		=
ALCOOLISMO	preventiva	44,4	53,4	0,444	0,534	-0,175	-0,005	-0,191	0,011	-0,223	0,043	.	<
	terapeutica	44,4	43,1	0,444	0,431	-0,072	0,098	-0,088	0,114	-0,120	0,146		=
	repressiva	0,0	0,0	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000		=
	Sem resp.	11,1	3,4	0,111	0,034	0,034	0,120	0,026	0,128	0,009	0,145	**	>
CONSUMO	preventiva	66,2	75,9	0,662	0,759	-0,174	-0,020	-0,189	-0,005	-0,217	0,023	*	<
DE	terapeutica	17,7	11,5	0,177	0,115	0,002	0,122	-0,009	0,133	-0,032	0,156	.	>
DROGAS	repressiva	6,1	6,9	0,061	0,069	-0,050	0,034	-0,058	0,042	-0,074	0,058		=
	Sem resp.	10,1	5,7	0,101	0,057	-0,002	0,090	-0,010	0,098	-0,027	0,115		=
PROSTITUIÇÃO	preventiva	74,7	72,4	0,747	0,724	-0,052	0,098	-0,067	0,113	-0,095	0,141		=
	terapeutica	6,1	5,7	0,061	0,057	-0,036	0,044	-0,044	0,052	-0,059	0,067		=
	repressiva	7,1	11,5	0,071	0,115	-0,094	0,006	-0,103	0,015	-0,122	0,034		=
	Sem resp.	12,1	10,3	0,121	0,103	-0,036	0,072	-0,046	0,082	-0,066	0,102		=
RELIGIOSIDADE	religioso	82,8	83,9	0,828	0,839	-0,075	0,053	-0,087	0,065	-0,111	0,089		=
	não religioso	10,1	12,1	0,101	0,121	-0,074	0,034	-0,084	0,044	-0,104	0,064		=
	ateu	3,0	2,9	0,030	0,029	-0,028	0,030	-0,033	0,035	-0,044	0,046		=
	Sem resp.	4,0	1,1	0,040	0,011	0,003	0,055	-0,002	0,060	-0,012	0,070	.	>
O QUE	amar e servir	30,8	32,8	0,308	0,328	-0,100	0,060	-0,115	0,075	-0,145	0,105		=
PROCURA	nec espir	42,9	49,4	0,429	0,494	-0,150	0,020	-0,166	0,036	-0,198	0,068		=
NA RELIGIÃO	probls morais	9,1	4,6	0,091	0,046	0,002	0,088	-0,006	0,096	-0,022	0,112	.	>
	fuga	7,1	6,3	0,071	0,063	-0,035	0,051	-0,043	0,059	-0,059	0,075		=
	salvação	6,1	4,6	0,061	0,046	-0,023	0,053	-0,031	0,061	-0,045	0,075		=
	Sem resp.	4,0	2,3	0,040	0,023	-0,013	0,047	-0,018	0,052	-0,029	0,063		=
	extrema-esq	1,0	2,3	0,010	0,023	-0,035	0,009	-0,039	0,013	-0,048	0,022		=
	extrema-esq	2,0	1,7	0,020	0,017	-0,020	0,026	-0,024	0,030	-0,033	0,039		=
	esquerda	9,1	11,5	0,091	0,115	-0,076	0,028	-0,086	0,038	-0,106	0,058		=
POSIÇÃO	esquerda	15,7	18,4	0,157	0,184	-0,091	0,037	-0,104	0,050	-0,128	0,074		=
POLITICA	centro	16,2	18,4	0,162	0,184	-0,087	0,043	-0,099	0,055	-0,124	0,080		=
	centro	7,1	8,0	0,071	0,080	-0,054	0,036	-0,063	0,045	-0,080	0,062		=
	direita	14,1	5,7	0,141	0,057	0,034	0,134	0,025	0,143	0,006	0,162	**	>
	direita	5,1	4,6	0,051	0,046	-0,032	0,042	-0,039	0,049	-0,052	0,062		=
	extrema-dir	0,0	2,9	0,000	0,029	-0,050	-0,008	-0,054	-0,004	-0,062	0,004	*	<
	extrema-dir	1,5	1,1	0,015	0,011	-0,015	0,023	-0,019	0,027	-0,026	0,034		=
	Sem resp.	28,3	25,3	0,283	0,253	-0,046	0,106	-0,060	0,120	-0,089	0,149		=
LIGAÇÃO	muito	3,0	5,2	0,030	0,052	-0,056	0,012	-0,063	0,019	-0,076	0,032		=
A UM PARTIDO	bastante	4,0	3,4	0,040	0,034	-0,026	0,038	-0,032	0,044	-0,044	0,056		=
	simpatizante	64,6	66,1	0,646	0,661	-0,096	0,066	-0,112	0,082	-0,143	0,113		=
	sem prox	28,3	25,3	0,283	0,253	-0,046	0,106	-0,060	0,120	-0,089	0,149		=
	Sem resp.	0,0	0,0	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000		=
DEMOCRACIA	único parl	6,1	3,4	0,061	0,034	-0,009	0,063	-0,016	0,070	-0,029	0,083		=
	governos	86,9	89,7	0,869	0,897	-0,083	0,027	-0,093	0,037	-0,114	0,058		=
	Sem resp.	7,1	6,9	0,071	0,069	-0,042	0,046	-0,050	0,054	-0,066	0,070		=

Mães regionais / Pais regionais

EVOLUÇÃO	concordo	75,3	78,7	0,753	0,787	-0,106	0,038	-0,119	0,051	-0,147	0,079		=
REVOLUÇÃO	rad errado	3,0	0,0	0,030	0,000	0,010	0,050	0,006	0,054	-0,001	0,061	*	>
	violencia	16,7	17,8	0,167	0,178	-0,076	0,054	-0,088	0,066	-0,112	0,090		=
	Sem resp.	5,1	3,4	0,051	0,034	-0,017	0,051	-0,024	0,058	-0,037	0,071		=
SEXUALIDADE	repreensível	21,2	15,5	0,212	0,155	-0,009	0,123	-0,021	0,135	-0,046	0,160		=
DO RAPAZ	sem grav	22,2	29,9	0,222	0,299	-0,152	-0,002	-0,166	0,012	-0,195	0,041	.	<
	perigosa	28,8	25,9	0,288	0,259	-0,047	0,105	-0,062	0,120	-0,090	0,148		=
	útil	19,7	23,0	0,197	0,230	-0,103	0,037	-0,117	0,051	-0,143	0,077		=
	Sem resp.	8,1	5,7	0,081	0,057	-0,019	0,067	-0,027	0,075	-0,044	0,092		=
SEXUALIDADE	repreensível	25,3	19,0	0,253	0,190	-0,008	0,134	-0,021	0,147	-0,048	0,174		=
DA	sem grav	14,6	19,5	0,146	0,195	-0,113	0,015	-0,126	0,028	-0,150	0,052		=
RAPARIGA	perigosa	43,9	42,0	0,439	0,420	-0,066	0,104	-0,082	0,120	-0,114	0,152		=
	útil	11,1	14,9	0,111	0,149	-0,096	0,020	-0,107	0,031	-0,128	0,052		=
	Sem resp.	5,1	4,6	0,051	0,046	-0,032	0,042	-0,039	0,049	-0,052	0,062		=
O QUE	rel familia	39,4	32,2	0,394	0,322	-0,010	0,154	-0,025	0,169	-0,056	0,200		=
É MAIS	rel amigos	1,0	0,0	0,010	0,000	-0,002	0,022	-0,004	0,024	-0,008	0,028		=
IMPORTANTE	o amor	15,2	12,6	0,152	0,126	-0,033	0,085	-0,044	0,096	-0,066	0,118		=
NA VIDA	trabalho	0,0	2,3	0,000	0,023	-0,042	-0,004	-0,045	-0,001	-0,052	0,006	*	<
	bem estar	41,9	49,4	0,419	0,494	-0,160	0,010	-0,176	0,026	-0,208	0,058		=
	Sem resp.	2,5	3,4	0,025	0,034	-0,038	0,020	-0,044	0,026	-0,055	0,037		=
FINS	sexualidade	5,1	8,0	0,051	0,080	-0,071	0,013	-0,080	0,022	-0,096	0,038		=
DO CASAMENTO	procriação	15,2	18,4	0,152	0,184	-0,096	0,032	-0,108	0,044	-0,132	0,068		=
	realização	33,8	43,1	0,338	0,431	-0,176	-0,010	-0,192	0,006	-0,223	0,037	.	<
	aux inútuo	29,8	21,8	0,298	0,218	0,006	0,154	-0,008	0,168	-0,036	0,196	.	>
	Sem resp.	16,2	7,5	0,162	0,075	0,033	0,141	0,022	0,152	0,002	0,172	**	>
	liberdade	8,1	6,3	0,081	0,063	-0,026	0,062	-0,034	0,070	-0,051	0,087		=
	desarmonia	43,9	42,5	0,439	0,425	-0,071	0,099	-0,087	0,115	-0,119	0,147		=
	verdade	1,0	3,4	0,010	0,034	-0,049	0,001	-0,054	0,006	-0,064	0,016		=
DIVÓRCIO	indissolúvel	12,6	7,5	0,126	0,075	0,000	0,102	-0,010	0,112	-0,029	0,131	.	>
	fidelidade	2,0	0,0	0,020	0,000	0,004	0,036	0,000	0,040	-0,006	0,046	*	>
	união temp	1,0	0,6	0,010	0,006	-0,011	0,019	-0,014	0,022	-0,020	0,028		=
	imp educ	3,0	2,3	0,030	0,023	-0,020	0,034	-0,026	0,040	-0,036	0,050		=
	Sem resp.	28,3	37,4	0,283	0,374	-0,171	-0,011	-0,186	0,004	-0,217	0,035	.	<
TRABALHO	toda a vida	51,5	52,9	0,515	0,529	-0,099	0,071	-0,116	0,088	-0,148	0,120		=
DA	até casar	0,0	2,3	0,000	0,023	-0,042	-0,004	-0,045	-0,001	-0,052	0,006	*	<
MULHER	extr necess	8,6	12,1	0,086	0,121	-0,087	0,017	-0,097	0,027	-0,117	0,047		=
	até ao 1º filho	2,0	2,3	0,020	0,023	-0,028	0,022	-0,033	0,027	-0,042	0,036		=
	em caso nerd	1,0	0,0	0,010	0,000	-0,002	0,022	-0,004	0,024	-0,008	0,028		=
	hor comp	32,8	28,2	0,328	0,282	-0,032	0,124	-0,048	0,140	-0,077	0,169		=
	Sem resp.	4,0	2,3	0,040	0,023	-0,013	0,047	-0,018	0,052	-0,029	0,063		=
PLANEAMENTO	necessário	15,2	10,9	0,152	0,109	-0,014	0,100	-0,025	0,111	-0,047	0,133		=
FAMILIAR	cond saude	9,1	10,3	0,091	0,103	-0,063	0,039	-0,072	0,048	-0,091	0,067		=
	conj de acordo	25,8	19,5	0,258	0,195	-0,008	0,134	-0,022	0,148	-0,049	0,175		=
	egoísmo	3,5	2,3	0,035	0,023	-0,016	0,040	-0,022	0,046	-0,033	0,057		=
	planificação	46,5	55,7	0,465	0,557	-0,177	-0,007	-0,193	0,009	-0,225	0,041	.	<
	Sem resp.	0,0	1,1	0,000	0,011	-0,024	0,002	-0,026	0,004	-0,031	0,009		=
NÚMERO	nenhum	1,5	3,4	0,015	0,034	-0,046	0,008	-0,051	0,013	-0,061	0,023		=
DE	1 filho	2,0	8,0	0,020	0,080	-0,098	-0,022	-0,105	-0,015	-0,119	-0,001	**	<
FILHOS	2-3 filhos	74,7	64,4	0,747	0,644	0,025	0,181	0,010	0,196	-0,020	0,226	*	>
	4 ou mais	19,7	20,7	0,197	0,207	-0,079	0,059	-0,092	0,072	-0,118	0,098		=
	Sem resp.	2,0	3,4	0,020	0,034	-0,042	0,014	-0,047	0,019	-0,058	0,030		=
EDUCAÇÃO	3 anos - infant	76,3	68,4	0,763	0,684	0,003	0,155	-0,012	0,170	-0,041	0,199	.	>
PRÉ-ESCOLAR	família	7,1	12,1	0,071	0,121	-0,101	0,001	-0,110	0,010	-0,129	0,029		=
	infantario	15,7	19,5	0,157	0,195	-0,103	0,027	-0,116	0,040	-0,140	0,064		=
	Sem resp.	1,0	0,0	0,010	0,000	-0,002	0,022	-0,004	0,024	-0,008	0,028		=
LIBERALIZAÇÃO	proib consumo	20,2	16,1	0,202	0,161	-0,025	0,107	-0,037	0,119	-0,062	0,144		=
DO	ilegais	51,5	44,8	0,515	0,448	-0,018	0,152	-0,035	0,169	-0,067	0,201		=
CONSUMO	traf proib	11,6	20,1	0,116	0,201	-0,147	-0,023	-0,159	-0,011	-0,183	0,013	*	<
DE DROGAS	malefcios	8,6	12,1	0,086	0,121	-0,087	0,017	-0,097	0,027	-0,117	0,047		=
	Sem resp.	8,1	6,9	0,081	0,069	-0,033	0,057	-0,042	0,066	-0,058	0,082		=

Pais regionais / Rapazes regionais

EVOLUÇÃO	concordo	78,7	56,0	0,787	0,560	0,160	0,294	0,147	0,307	0,121	0,333	**	>
REVOLUÇÃO	rad errado	0,0	4,4	0,000	0,044	-0,062	-0,026	-0,066	-0,022	-0,073	-0,015	**	<
	violencia	17,8	30,6	0,178	0,306	-0,191	-0,065	-0,203	-0,053	-0,227	-0,029	**	<
	Sem resp.	3,4	9,0	0,034	0,090	-0,090	-0,022	-0,097	-0,015	-0,109	-0,003	**	<
SEXUALIDADE	repreensível	15,5	5,0	0,155	0,050	0,056	0,154	0,046	0,164	0,028	0,182	**	>
DO RAPAZ	sem grav	29,9	28,9	0,299	0,289	-0,060	0,080	-0,073	0,093	-0,100	0,120		=
	perigosa	25,9	11,1	0,259	0,111	0,087	0,209	0,075	0,221	0,052	0,244	**	>
	útil	23,0	49,9	0,230	0,499	-0,338	-0,200	-0,351	-0,187	-0,377	-0,161	**	<
	Sem resp.	5,7	5,2	0,057	0,052	-0,030	0,040	-0,037	0,047	-0,050	0,060		=
SEXUALIDADE	repreensível	19,0	6,1	0,190	0,061	0,076	0,182	0,065	0,193	0,045	0,213	**	>
DA	sem grav	19,5	27,1	0,195	0,271	-0,139	-0,013	-0,151	-0,001	-0,175	0,023	*	<
RAPARIGA	perigosa	42,0	14,9	0,420	0,149	0,202	0,340	0,189	0,353	0,162	0,380	**	>
	útil	14,9	37,0	0,149	0,370	-0,283	-0,159	-0,295	-0,147	-0,318	-0,124	**	<
	Sem resp.	4,6	14,9	0,046	0,149	-0,144	-0,062	-0,152	-0,054	-0,167	-0,039	**	<
O QUE	rel familia	32,2	7,3	0,322	0,073	0,186	0,312	0,174	0,324	0,151	0,347	**	>
É MAIS	rel amigos	0,0	2,3	0,000	0,023	-0,036	-0,010	-0,039	-0,007	-0,044	-0,002	**	<
IMPORTANTE	o amor	12,6	7,0	0,126	0,070	0,009	0,103	0,000	0,112	-0,018	0,130	.	>
NA VIDA	trabalho	2,3	2,3	0,023	0,023	-0,023	0,023	-0,027	0,027	-0,036	0,036		=
	bem estar	49,4	74,6	0,494	0,746	-0,325	-0,179	-0,339	-0,165	-0,367	-0,137	**	<
	Sem resp.	3,4	5,2	0,034	0,052	-0,048	0,012	-0,054	0,018	-0,065	0,029		=
FINS	sexualidade	8,0	3,6	0,080	0,036	0,006	0,082	-0,001	0,089	-0,015	0,103	.	>
DO CASAMENTO	procriação	18,4	6,5	0,184	0,065	0,066	0,172	0,056	0,182	0,036	0,202	**	>
	realização	43,1	39,6	0,431	0,396	-0,041	0,111	-0,055	0,125	-0,083	0,153		=
	aux mútuo	21,8	40,3	0,218	0,403	-0,252	-0,118	-0,265	-0,105	-0,291	-0,079	**	<
	Sem resp.	7,5	9,4	0,075	0,094	-0,061	0,023	-0,069	0,031	-0,085	0,047		=
DIVÓRCIO	liberdade	6,3	13,7	0,063	0,137	-0,117	-0,031	-0,125	-0,023	-0,141	-0,007	**	<
	desarmonia	42,5	45,8	0,425	0,458	-0,109	0,043	-0,123	0,057	-0,152	0,086		=
	verdade	3,4	7,0	0,034	0,070	-0,068	-0,004	-0,074	0,002	-0,086	0,014	.	<
	indissolúvel	7,5	4,1	0,075	0,041	-0,003	0,071	-0,010	0,078	-0,024	0,092		=
	fidelidade	0,0	0,0	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000		=
	união temp	0,6	6,7	0,006	0,067	-0,085	-0,037	-0,090	-0,032	-0,099	-0,023	**	<
	imp educ	2,3	0,9	0,023	0,009	-0,006	0,034	-0,010	0,038	-0,018	0,046		=
	Sem resp.	37,4	21,9	0,374	0,219	0,084	0,226	0,071	0,239	0,044	0,266	**	>
TRABALHO	toda a vida	52,9	70,8	0,529	0,708	-0,253	-0,105	-0,267	-0,091	-0,295	-0,063	**	<
DA	até casar	2,3	0,3	0,023	0,003	0,001	0,039	-0,003	0,043	-0,010	0,050	.	>
MULHER	extr necess	12,1	1,2	0,121	0,012	0,067	0,151	0,059	0,159	0,043	0,175	**	>
	até ao 1º filho	2,3	1,7	0,023	0,017	-0,016	0,028	-0,020	0,032	-0,028	0,040		=
	em caso nenh	0,0	0,0	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000		=
	hor comp	28,2	20,4	0,282	0,204	0,011	0,145	-0,001	0,157	-0,026	0,182	.	>
	Sem resp.	2,3	5,5	0,023	0,055	-0,060	-0,004	-0,065	0,001	-0,075	0,011	.	<
PLANEAMENTO	necessário	10,9	17,8	0,109	0,178	-0,121	-0,017	-0,131	-0,007	-0,150	0,012	*	<
FAMILIAR	cond saude	10,3	8,7	0,103	0,087	-0,029	0,061	-0,038	0,070	-0,055	0,087		=
	conj de acordo	19,5	20,7	0,195	0,207	-0,073	0,049	-0,085	0,061	-0,108	0,084		=
	egoísmo	2,3	1,5	0,023	0,015	-0,014	0,030	-0,018	0,034	-0,026	0,042		=
	planificação	55,7	49,6	0,557	0,496	-0,015	0,137	-0,030	0,152	-0,059	0,181		=
	Sem resp.	1,1	1,7	0,011	0,017	-0,023	0,011	-0,027	0,015	-0,033	0,021		=
NÚMERO	nenhum	3,4	2,0	0,034	0,020	-0,012	0,040	-0,017	0,045	-0,026	0,054		=
DE	1 filho	8,0	12,5	0,080	0,125	-0,090	0,000	-0,098	0,008	-0,115	0,025	.	<
FILHOS	2-3 filhos	64,4	74,6	0,644	0,746	-0,173	-0,031	-0,187	-0,017	-0,214	0,010	*	<
	4 ou mais	20,7	5,5	0,207	0,055	0,098	0,206	0,087	0,217	0,067	0,237	**	>
	Sem resp.	3,4	5,2	0,034	0,052	-0,048	0,012	-0,054	0,018	-0,065	0,029		=
EDUCAÇÃO	3 anos - infant	68,4	60,9	0,684	0,609	0,003	0,147	-0,011	0,161	-0,039	0,189	.	>
PRÉ-ESCOLAR	familia	12,1	8,5	0,121	0,085	-0,012	0,084	-0,021	0,093	-0,039	0,111		=
	infantario	19,5	28,9	0,195	0,289	-0,158	-0,030	-0,170	-0,018	-0,194	0,006	*	<
	Sem resp.	0,0	1,7	0,000	0,017	-0,028	-0,006	-0,031	-0,003	-0,035	0,001	*	<
LIBERALIZAÇÃO	proib consumo	16,1	5,2	0,161	0,052	0,059	0,159	0,050	0,168	0,031	0,187	**	>
DO	ilegais	44,8	46,4	0,448	0,464	-0,092	0,060	-0,107	0,075	-0,136	0,104		=
CONSUMO	traf proib	20,1	24,8	0,201	0,248	-0,110	0,016	-0,122	0,028	-0,146	0,052		=
DE DROGAS	maleficios	12,1	17,2	0,121	0,172	-0,104	0,002	-0,114	0,012	-0,134	0,032		=
	Sem resp.	6,9	6,4	0,069	0,064	-0,033	0,043	-0,041	0,051	-0,055	0,065		=

Pais regionais / Rapazes regionais

EDUCAÇÃO	prolongar	73,6	56,3	0,736	0,563	0,103	0,243	0,089	0,257	0,063	0,283	**	>
ESCOLAR	reduzir	3,4	1,5	0,034	0,015	-0,006	0,044	-0,011	0,049	-0,020	0,058		=
	não interessa	21,8	35,6	0,218	0,356	-0,205	-0,071	-0,218	-0,058	-0,243	-0,033	**	<
	Sem resp.	1,1	6,7	0,011	0,067	-0,082	-0,030	-0,087	-0,025	-0,096	-0,016	**	<
TRIBUNAIS	mãos próprias	10,3	10,5	0,103	0,105	-0,049	0,045	-0,058	0,054	-0,075	0,071		=
ELIÉS	comp aos trib	86,2	77,6	0,862	0,776	0,029	0,143	0,018	0,154	-0,003	0,175	*	>
	Sem resp.	3,4	12,0	0,034	0,120	-0,123	-0,049	-0,130	-0,042	-0,143	-0,029	**	<
POLÍCIA	faz o melhor	40,2	24,8	0,402	0,248	0,082	0,226	0,068	0,240	0,041	0,267	**	>
	func mal	49,4	69,4	0,494	0,694	-0,275	-0,125	-0,289	-0,111	-0,317	-0,083	**	<
	não serve	0,0	1,7	0,000	0,017	-0,028	-0,006	-0,031	-0,003	-0,035	0,001	*	<
	é o que vale	5,7	1,2	0,057	0,012	0,015	0,075	0,009	0,081	-0,003	0,093	*	>
	Sem resp.	4,6	2,9	0,046	0,029	-0,013	0,047	-0,019	0,053	-0,030	0,064		=
SISTEMA	faz o melhor	33,3	23,3	0,333	0,233	0,030	0,170	0,017	0,183	-0,009	0,209	*	>
PRISIONAL	func mal	55,2	67,6	0,552	0,676	-0,199	-0,049	-0,213	-0,035	-0,241	-0,007	**	<
	não serve	2,3	2,3	0,023	0,023	-0,023	0,023	-0,027	0,027	-0,036	0,036		=
	é o que vale	3,4	1,2	0,034	0,012	-0,003	0,047	-0,007	0,051	-0,017	0,061		=
	Sem resp.	5,7	5,5	0,057	0,055	-0,033	0,037	-0,040	0,044	-0,053	0,057		=
CRIMINALIDADE	preventiva	65,5	43,4	0,655	0,434	0,147	0,295	0,133	0,309	0,105	0,337	**	>
	terapeutica	1,1	3,5	0,011	0,035	-0,045	-0,003	-0,049	0,001	-0,057	0,009	.	<
	repressiva	29,9	42,2	0,299	0,422	-0,195	-0,051	-0,209	-0,037	-0,236	-0,010	**	<
	Sem resp.	3,4	11,1	0,034	0,111	-0,113	-0,041	-0,120	-0,034	-0,133	-0,021	**	<
ALCOOLISMO	preventiva	53,4	51,3	0,534	0,513	-0,055	0,097	-0,070	0,112	-0,099	0,141		=
	terapeutica	43,1	35,6	0,431	0,356	0,000	0,150	-0,014	0,164	-0,043	0,193	.	>
	repressiva	0,0	2,3	0,000	0,023	-0,036	-0,010	-0,039	-0,007	-0,044	-0,002	**	<
	Sem resp.	3,4	10,8	0,034	0,108	-0,110	-0,038	-0,116	-0,032	-0,130	-0,018	**	<
CONSUMO	preventiva	75,9	65,0	0,759	0,650	0,041	0,177	0,028	0,190	0,002	0,216	**	>
DE	terapeutica	11,5	10,5	0,115	0,105	-0,038	0,058	-0,047	0,067	-0,066	0,086		=
DROGAS	repressiva	6,9	10,8	0,069	0,108	-0,081	0,003	-0,089	0,011	-0,105	0,027		=
	Sem resp.	5,7	13,7	0,057	0,137	-0,122	-0,038	-0,130	-0,030	-0,146	-0,014	**	<
PROSTITUIÇÃO	preventiva	72,4	66,2	0,724	0,662	-0,008	0,132	-0,021	0,145	-0,047	0,171		=
	terapeutica	5,7	9,9	0,057	0,099	-0,081	-0,003	-0,089	0,005	-0,104	0,020	.	<
	repressiva	11,5	9,9	0,115	0,099	-0,032	0,064	-0,041	0,073	-0,059	0,091		=
	Sem resp.	10,3	14,0	0,103	0,140	-0,086	0,012	-0,095	0,021	-0,114	0,040		=
RELIGIOSIDADE	religioso	83,9	63,8	0,839	0,638	0,138	0,264	0,126	0,276	0,103	0,299	**	>
	não religioso	12,1	22,4	0,121	0,224	-0,158	-0,048	-0,169	-0,037	-0,189	-0,017	**	<
	ateu	2,9	9,3	0,029	0,093	-0,097	-0,031	-0,104	-0,024	-0,116	-0,012	**	<
	Sem resp.	1,1	4,4	0,011	0,044	-0,055	-0,011	-0,060	-0,006	-0,068	0,002	*	<
O QUE	amar e servir	32,8	8,5	0,328	0,085	0,179	0,307	0,167	0,319	0,143	0,343	**	>
PROCURA	nec espir	49,4	59,2	0,494	0,592	-0,174	-0,022	-0,189	-0,007	-0,217	0,021	*	<
NA RELIGIÃO	probls morais	4,6	7,0	0,046	0,070	-0,059	0,011	-0,065	0,017	-0,078	0,030		=
	fuga	6,3	16,3	0,063	0,163	-0,145	-0,055	-0,153	-0,047	-0,170	-0,030	**	<
	salvação	4,6	3,8	0,046	0,038	-0,023	0,039	-0,029	0,045	-0,041	0,057		=
	Sem resp.	2,3	5,2	0,023	0,052	-0,056	-0,002	-0,061	0,003	-0,072	0,014	.	<
POSIÇÃO	extrema -esq	2,3	1,7	0,023	0,017	-0,016	0,028	-0,020	0,032	-0,028	0,040		=
POLÍTICA	extrema-esq	1,7	4,7	0,017	0,047	-0,055	-0,005	-0,060	0,000	-0,069	0,009	*	<
	esquerda	11,5	7,6	0,115	0,076	-0,007	0,085	-0,016	0,094	-0,033	0,111		=
	esquerda	18,4	7,6	0,184	0,076	0,054	0,162	0,044	0,172	0,024	0,192	**	>
	centro	18,4	6,4	0,184	0,064	0,067	0,173	0,057	0,183	0,037	0,203	**	>
	centro	8,0	9,3	0,080	0,093	-0,056	0,030	-0,064	0,038	-0,080	0,054		=
	direita	5,7	13,4	0,057	0,134	-0,119	-0,035	-0,127	-0,027	-0,143	-0,011	**	<
	direita	4,6	17,5	0,046	0,175	-0,172	-0,086	-0,180	-0,078	-0,196	-0,062	**	<
	extrema-dir	2,9	4,7	0,029	0,047	-0,046	0,010	-0,052	0,016	-0,062	0,026		=
	extrema-dir	1,1	0,0	0,011	0,000	-0,002	0,024	-0,004	0,026	-0,009	0,031		=
	Sem resp.	25,3	27,1	0,253	0,271	-0,085	0,049	-0,098	0,062	-0,123	0,087		=
LIGAÇÃO	muito	5,2	3,5	0,052	0,035	-0,015	0,049	-0,021	0,055	-0,033	0,067		=
A UM PARTIDO	bastante	3,4	4,7	0,034	0,047	-0,042	0,016	-0,048	0,022	-0,059	0,033		=
	simpatizante	66,1	64,7	0,661	0,647	-0,059	0,087	-0,073	0,101	-0,100	0,128		=
	sem prox	25,3	27,1	0,253	0,271	-0,085	0,049	-0,098	0,062	-0,123	0,087		=
	Sem resp.	0,0	0,0	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000		=
DEMOCRACIA	único parl	3,4	4,1	0,034	0,041	-0,036	0,022	-0,041	0,027	-0,052	0,038		=
	governos	89,7	90,1	0,897	0,901	-0,050	0,042	-0,059	0,051	-0,077	0,069		=
	Sem resp.	6,9	5,8	0,069	0,058	-0,027	0,049	-0,034	0,056	-0,048	0,070		=

Pais regionais / Rapazes regionais

		PAIS	RPZ	174	343	1,645		1,960		2,580		Sig	Sinal
	natureza	15,4	17,9	0,154	0,179	-0,081	0,031	-0,092	0,042	-0,114	0,064		=
	paz	29,8	26,5	0,298	0,265	-0,036	0,102	-0,049	0,115	-0,076	0,142		=
CAUSAS	múséria	23,0	14,1	0,230	0,141	0,028	0,150	0,016	0,162	-0,007	0,185	*	>
FOR QUE	defesa	2,2	2,9	0,022	0,029	-0,031	0,017	-0,035	0,021	-0,044	0,030		=
VALE A PENA	liberdade	7,9	12,3	0,079	0,123	-0,089	0,001	-0,097	0,009	-0,114	0,026		=
SACRIFÍCIOS	direitos do H.	21,2	25,4	0,212	0,254	-0,106	0,022	-0,118	0,034	-0,142	0,058		=
	nenhuma	0,4	0,8	0,004	0,008	-0,015	0,007	-0,017	0,009	-0,022	0,014		=
	Sem resp.	13,2	9,8	0,132	0,098	-0,016	0,084	-0,025	0,093	-0,044	0,112		=
PROGRESSO	ordem	5,7	5,0	0,057	0,050	-0,028	0,042	-0,034	0,048	-0,048	0,062		=
DO	facilitar	8,0	10,2	0,080	0,102	-0,065	0,021	-0,073	0,029	-0,090	0,046		=
PAIS	diminuir desig	86,2	77,8	0,862	0,778	0,027	0,141	0,016	0,152	-0,005	0,173	*	>
	Sem resp.	0,0	7,1	0,000	0,071	-0,094	-0,048	-0,098	-0,044	-0,107	-0,035	**	<
PROGRESSO	cura doenças	35,6	32,2	0,356	0,322	-0,039	0,107	-0,053	0,121	-0,080	0,148		=
TORNASSE	fim guerras	19,0	17,5	0,190	0,175	-0,044	0,074	-0,056	0,086	-0,078	0,108		=
POSSÍVEL	metereologia	0,0	0,2	0,000	0,002	-0,006	0,002	-0,007	0,003	-0,008	0,004		=
EM	vida ET	1,8	1,7	0,018	0,017	-0,019	0,021	-0,023	0,025	-0,031	0,033		=
2010	fim fome	30,7	24,1	0,307	0,241	-0,003	0,135	-0,016	0,148	-0,042	0,174		=
	igualdade	11,0	11,5	0,110	0,115	-0,053	0,043	-0,062	0,052	-0,081	0,071		=
	idioma	0,0	0,9	0,000	0,009	-0,017	-0,001	-0,019	0,001	-0,022	0,004	.	<
	comb. Poluição	1,8	11,8	0,018	0,118	-0,133	-0,067	-0,139	-0,061	-0,152	-0,048	**	<
	Sem resp.	6,3	7,1	0,063	0,071	-0,046	0,030	-0,053	0,037	-0,067	0,051		=
CRISE	ciência e técn	16,1	17,2	0,161	0,172	-0,068	0,046	-0,079	0,057	-0,100	0,078		=
DA	econ. e polit.	3,4	12,8	0,034	0,128	-0,131	-0,057	-0,138	-0,050	-0,153	-0,035	**	<
CIVILIZAÇÃO	ren. Espir	70,1	52,8	0,701	0,528	0,101	0,245	0,087	0,259	0,060	0,286	**	>
	não pode	4,6	7,3	0,046	0,073	-0,062	0,008	-0,069	0,015	-0,082	0,028		=
	Sem resp.	5,7	9,9	0,057	0,099	-0,081	-0,003	-0,089	0,005	-0,104	0,020	.	<
FELICIDADE	mais	16,7	14,0	0,167	0,140	-0,029	0,083	-0,039	0,093	-0,061	0,115		=
NO ANO	menos	31,0	19,8	0,310	0,198	0,044	0,180	0,031	0,193	0,006	0,218	**	>
2010	igual	44,8	58,8	0,448	0,588	-0,216	-0,064	-0,230	-0,050	-0,259	-0,021	**	<
	Sem resp.	7,5	8,2	0,075	0,082	-0,048	0,034	-0,056	0,042	-0,071	0,057		=
CONTRIBUIÇÃO	sim	42,0	57,1	0,420	0,571	-0,227	-0,075	-0,241	-0,061	-0,270	-0,032	**	<
PARA O	talvez	46,0	40,8	0,460	0,408	-0,024	0,128	-0,038	0,142	-0,067	0,171		=
PROGRESSO	não	6,9	1,2	0,069	0,012	0,024	0,090	0,018	0,096	0,005	0,109	**	>
	Sem resp.	5,2	0,9	0,052	0,009	0,014	0,072	0,009	0,077	-0,002	0,088	*	>
VISÃO MAIS	menos 20	2,3	1,2	0,023	0,012	-0,010	0,032	-0,014	0,036	-0,022	0,044		=
REALISTA	20-25	4,6	14,6	0,046	0,146	-0,141	-0,059	-0,149	-0,051	-0,164	-0,036	**	<
DO MUNDO	25-30	9,2	22,4	0,092	0,224	-0,184	-0,080	-0,194	-0,070	-0,213	-0,051	**	<
	30-40	18,4	28,6	0,184	0,286	-0,165	-0,039	-0,177	-0,027	-0,201	-0,003	**	<
	40-50	40,2	17,5	0,402	0,175	0,157	0,297	0,144	0,310	0,117	0,337	**	>
	mais de 50	19,5	4,7	0,195	0,047	0,095	0,201	0,085	0,211	0,065	0,231	**	>
	Sem resp.	5,7	11,1	0,057	0,111	-0,094	-0,014	-0,102	-0,006	-0,117	0,009	*	<
SE PORTUGAL	pena	63,2	67,9	0,632	0,679	-0,120	0,026	-0,134	0,040	-0,162	0,068		=
ABANDONASSE	indiferença	21,8	9,3	0,218	0,093	0,067	0,183	0,056	0,194	0,035	0,215	**	>
A UE?	alívio	8,0	8,7	0,080	0,087	-0,049	0,035	-0,057	0,043	-0,073	0,059		=
	Sem resp.	6,9	14,0	0,069	0,140	-0,115	-0,027	-0,124	-0,018	-0,140	-0,002	**	<
CONCEPÇÃO	part único	4,6	8,2	0,046	0,082	-0,072	0,000	-0,079	0,007	-0,092	0,020	.	<
UE	varios part	86,8	83,4	0,868	0,834	-0,020	0,088	-0,030	0,098	-0,050	0,118		=
	Sem resp.	8,6	8,5	0,086	0,085	-0,042	0,044	-0,050	0,052	-0,066	0,068		=
ASPECTOS	ciências	14,0	27,6	0,140	0,276	-0,195	-0,077	-0,206	-0,066	-0,228	-0,044	**	<
DA	poli. Nac	14,6	8,1	0,146	0,081	0,015	0,115	0,005	0,125	-0,014	0,144	*	>
VIDA	desporto	5,3	14,6	0,053	0,146	-0,135	-0,051	-0,143	-0,043	-0,159	-0,027	**	<
QUE	probl sociad	25,0	12,6	0,250	0,126	0,062	0,186	0,051	0,197	0,028	0,220	**	>
INTERESSAM	artes	3,0	8,7	0,030	0,087	-0,090	-0,024	-0,096	-0,018	-0,109	-0,005	**	<
	povos	1,2	2,7	0,012	0,027	-0,035	0,005	-0,039	0,009	-0,046	0,016		=
	religiões	3,0	2,7	0,030	0,027	-0,023	0,029	-0,028	0,034	-0,037	0,043		=
	ambiente	19,3	14,5	0,193	0,145	-0,010	0,106	-0,021	0,117	-0,043	0,139		=
	terc mundo	7,3	3,8	0,073	0,038	-0,002	0,072	-0,029	0,079	-0,022	0,092		=
	pol. Int	3,6	3,2	0,036	0,032	-0,024	0,032	-0,029	0,037	-0,040	0,048		=
	religião	3,7	1,6	0,037	0,016	-0,005	0,047	-0,010	0,052	-0,020	0,062		=
	Sem resp.	2,9	1,7	0,029	0,017	-0,012	0,036	-0,016	0,040	-0,025	0,049		=